53601

SILVA PINTO

COMBATES

CRITICAS

1875 - 1881

1$200 réis

53601

SILVA PINTO

COMBATES E CRITICAS

1875 — 1881

COM UM PROLOGO

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

PORTO

Typographia de Antonio José da Silva Teixeira

62, Cancella Velha, 62

1882

Δ 53601
Δ 53601

A M. Ferdinand Denis

son admirateur

Silvestre

Lisbonne,
1884.

COMBATES

E CRITICAS

OBRAS DE SILVA PINTO

Questões do dia. 1870.
Sciencia e Consciencia. 1870.
Farçadas Contemporaneas. 1870.
Novas Farçadas Contemporaneas. 1871.
A Questão de imprensa. 1871.
Theophilo Braga e os Criticos. 1871.
Á hora da lucta. 1872.
Horas de febre. 1873.
O Espectro de Juvenal. 1873.
Eugenia Grandet (trad.). 1873.
O Padre maldicto. 1873.
Balzac em Portugal. 1873 — 2.ª edição.
Noites de vigilia (edição mensal). 1874.
Noites de vigilia (edição quinzenal). 1875.
Emilia das Neves e o Theatro portuguez. 1875 — 2.ª edição.
Contos Phantasticos. 1875.
Os Homens de Roma (drama). 1875.
A Questão do Oriente. 1876.
Revista Litteraria. 1876.
Os Jesuitas (ao bispo Americo). 1877 — 3.ª edição.
Do Realismo na Arte. 1877 — 3.ª edição.
Nós e a alfandega do Porto. 1877 — 2.ª edição.
O Padre Gabriel (drama). 1877 — 2.ª edição.
Controversias e Estudos Litterarios. 1878.
No Brazil. 1879.
O Emprestimo de D. Miguel. 1880.
Realismos. 1880 — 2.ª edição.
Combates e Criticas. 1882.

A ENTRAR NO PRÉLO:

Novos Combates e Criticas... Um volume.
Os Rebeldes..... Um volume.

As obras acima indicadas — *Os Jesuitas, Do Realismo na Arte* e *O Emprestimo de D. Miguel* vão incluidas no presente livro.

SILVA PINTO

COMBATES E CRITICAS

1875-1881

COM UM PROLOGO

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

PORTO
TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA
62, Cancella Velha, 62
—
1882

A

MEU PAE

Disseste-me um dia: — «Nunca has de ser nada n'este mundo!» Afigurou-se-me que o teu amor paterno exaggerava os dotes de teu filho. *Não ser nada,* meu bom e honrado velho, era realmente muito!

Fui-me aos trabalhos da vida. Tu ficaste, de longe, a vêr... Tive de arrancar o coração: não sabes quanto incommóda esse *musculo!* Depois foi o soffrer que tu viste...

Hoje, debruçado sobre a tua sepultura, venho dizer-te que adivinhaste na creança de ha vinte annos o homem que hoje sou: — «Nunca serás nada n'este mundo!...» Ó meu honrado velho intransigente! Aqui me tens qual me anteviu o teu singular amor: — perpetuamente inutil a mim proprio e, tantas vezes, prejudicial a estranhos! Deixa-me evocar a tua memoria n'este livro de combate, bom velho, que me armaste cavalleiro para as luctas da vida e que me fizeste justiça ao reputares-me incapaz de qualquer coisa n'um tempo em que se é capaz de tudo!

A

Guilherme Braga — Urbano Loureiro

Custodio José Vieira

F. Gomes Moniz — Adriano Villas-Boas

J. J. Pinto Coelho

A. Oliveira Brandão e Miguel de Paiva

Jornalistas do Porto

O seu irmão d'armas

Silva Pinto.

SILVA PINTO E A SUA OBRA

SILVA PINTO E A SUA OBRA

O snr. Silva Pinto não solicitou este preambulo. Offereci-lh'o irreflectidamente quando o escriptor deliberou publicar um livro chamado Combates e Criticas. Depois, como eu lêsse, na collecção dos escriptos reeditados, alguns em meu louvor, com as hyperboles da sua amizade generosissima, senti-me algum tanto arrependido da espontaneidade d'esta collaboração em um livro onde o meu nome e até a minha dignidade de escriptor tão a miude recebem o caloroso testemunho da bemquerença do amigo.

Esquivar-me á contrahida obrigação por suggestões de modestia ou temor da maledi-

cencia pareceu-me falsa ingenuidade e escrupulo excessivo.

Além de quê, o retrahir-me a tão insignificante homenagem aos talentos de Silva Pinto seria malbaratar o excellente lanço de revalidar, com a minha inflexa independencia, o conceito que já formei dos seus meritos, pelo que é da sua litteratura e probidade no processo das nossas relações.

Penalisa-me que em arredadas eras travassemos um recontro de polemistas assanhados em que, ainda assim, não houve derrotas nem triumphos. Se vencedor sahiu algum, foi Silva Pinto vencendo-se a si proprio. Elle podia escolher na panoplia das calumnias, que lhe offereciam, armas para uma nova e mais dilacerante arremettida. Não as acceitou. E, quando as infamias anonymas corriam impressas com a suspeita da sua auctoridade, calou o nome do diffamador e soffreu em silencio a retaliação. Pois que não pude duvidar d'este bizarro lance de cavalheirismo, admirei o homem na edade menos reflexiva, e deplorei que a sorte não désse áquelle moço de vinte e dois annos medianos confortos de vida que lhe permittissem arrancar-se á illaqueação dos Aretinos e dos Clavijos, — boas navalhas de mola, mas despontadas pelo uso, que se recaldeavam ao fogo de um talento novo e inexperiente.

Volvidos annos, vi-o e ouvi-o pela primeira vez. Nenhum de nós soltou palavra

de resentimento, porque ambos tinhamos sido injustos. Dava-se, de mais a mais, uma mysteriosa e poderosa attracção que nos approximava: era a injustiça dos outros. Haviamos soffrido o embate do mesmo colosso — a Idiotia, o Moloch das victimas covardes, e reagiramos com uns fracos pulsos, endurecidos e acerados depois pela tenacidade da defeza. Elle tem trinta e tres annos, e não descançou ainda. Nem descançará. Eu, no inverno da vida, distanciei-me, com o meu patrimonio de ironias, sem me esconder, dos fundibularios das encruzilhadas; e, hoje, quando as pedradas granizam n'estas carvalheiras, ainda me não demitto de ir á janella vêr a jovialidade cruel dos scelerados de carnaval.

*

Este livro dos Combates são as paginas mais serenas, as treguas mais remançosas das suas pelejas, e as actas dos seus triumphos.

Quantos livros vagarosamente pensados teria escripto Silva Pinto, se a sua juventude houvesse derivado na soledade de uma aldeia, longe das nossas babylonias de cartonagem onde, a cada passo, o metallico patear pomposo dos urcos nos convida a en-

carar de esguelha uns Nababos de redenho e inscripções, duros e frios como o corno da abundancia, que refestelam em frouxeis flaccidos a sua arrogante brutalidade espapaçada? Ahi é que se azedam as coleras dos Vermersch e dos Vermorel, uns epilepticos que, na placidez reportada das suas provincias, viveriam vegetalisados em socegada obscuridade.

As comparações são a desgraça do talento. Nas varzeas, nas chans largas de ineffavel melancolia, nas montanhas, os enormes rochedos, as grandes arvores — as filhas mais queridas do sol, ruborisadas pelos seus primeiros beijos, e as primeiras a saudal-o ataviadas com as perolas do orvalho — não nos assoberbam como nas cidades os monstruosos abôrtos de felicidade, que surdem dos bestiaes connubios do acaso com a velhacaria. As arvores que só uma vez deram o feio exemplo de avançarem contra o regicida Macbeth, são um cordão sanitario contra a peste das coisas e das pessoas. *Tout notre mal vient de ne pouvoir être seuls* — diz La Bruyère.

Silva Pinto luctou bravamente. A divisa d'este seu livro Combates e Criticas, deveria ser de Voltaire: *Ma vie est un combat.* Combate de quinze annos, nos reductos mais perigosos das tremendas batalhas em que um homem sósinho, indefezo, se arrosta aos esquadrões cerrados da ignorancia, e

ás insidias ainda mais formidaveis dos seus camaradas na lucta. Ora, como os deuses nem sempre defendem os innocentes, elle foi obrigado a defender-se de inimigos possantes que tinham na sua hoste *Basilios* varios, uns para a intriga engenhosa, outros para a calumnia clandestina e alguns para a diffamação descarada. Afóra isso, elles sabem todos os tramites d'um processo de exterminio que principia no descredito e, quando vinga, acaba na fome e no hospital. Não sei se o meu amigo teve de luctar com tantos *Basilios;* eu por mim, que venho de muito mais longe, conto varios de que me desfiz e se acham nomeados nas minhas MEMORIAS D'ALÉM TUMULO, no capitulo *Insecticidios.* Foi Seneca, acho eu, quem fallou d'uns vermes ephemeros que nascem, mordem e apodrecem. Eram os meus.

Mas Silva Pinto não é lugubre nos seus despiques. Antigos e modernos jornaes archivam galhofas suas que inculcam regular digestão de osmazoma, e desfecham remoques de quem não faz a sua cerebração com vegetaes baratos. As mercearias não comprehendem isto. O beocio raiva contra o absurdo de que haja gaudio n'estes remadores das galés das lettras. *Quem te deu uma philosophia tão alegre?* — perguntava o conde Almaviva a Figaro. *Foi o habito da desgraça;* — respondeu o barbeiro andaluz — *com receio de chorar, principio logo por me rir de tudo.*

Silva Pinto irritava-se de mais em vez de orientar-se no rasto dos felizes, e tecer com as suas mais setinosas phrases um capacho para os dadores mais ou menos immortaes das Cartas de corso na Coisa-publica. Se elle, um pouco saturado do pessimismo de Schopenhauer e Hartmann, confrontasse, com a sua immaculada pobreza, a ignominia latente e consciente dos anthropoides cheios de moral... em acções, não trocaria o seu latego de epithetos esquinados pelo desgosto de esmoer em silencio as trufas de director d'uma alfandega, com o seu Juvenal interior amarrado ao estomago pelo calabre das conveniencias. Os seus nervosismos — os seus infortunios aliás abençoados, porque dão ala ao espirito e sagrados direitos á vingança — eram a falta do santissimo, quando não é infamissimo condão da paciencia, o arnez diamantino que rebate os dardos das contrariedades. É que elle via esfervilhar em volta de si muita somma de philistino ditoso, repleto de boi, impando na sua plethorica hemorrhoidaria, soprando por todas as cornetas de Oberon, — posições bonitas a fazerem-se de consciencias e cerebros sujos, flôres a abrirem-se na côdea das esterqueiras.

*

Quanto á sua litteratura, Silva Pinto não se tem gasto em leituras aturadas de in-folios, e até dos livros manuaes faz pequeno cabedal quando lhes conjectura a intenção ou prevê o remate. São assim os raros espiritos preoccupados da originalidade e febris de idéas fluctuantes que ainda não estão estampilhadas nos armazens da sciencia. Se é romance ou drama que se lhes offerece inculcado pela tradição, dado que os ideaes novos lá estejam embryonarios, faz-se mister que o artista, ás primeiras paginas, preluza uma refundição da prata das velhas formulas e nos dê casquinha, para que elles — os superciliosos — se deixem engodar e esquecer, no encanto da novidade, de que o livro tem 300 paginas. Era assim o intrepido talento de Vieira de Castro. Se tinha de discorrer sobre materia condensada em dez volumes, lia uma pagina do terceiro, duas do oitavo, e assimilava em seu espirito a fina essencia de todos; e d'ahi resultava para os que o liam e ouviam a rara ventura de não se entediarem. Em S. Miguel de Seide tive ensejo de verificar que Silva Pinto lia como Vieira de Castro. De manhã repunha nas estantes a dezena de livros que levava á noite para o seu quarto; e todavia não lhe seria difficil demonstrar que os lêra e commentára... com um sorriso desdenhoso e com dez horas de um dormir puro de escrupulos.

Entremos na analyse succinta da sua obra.

No complexo das theorias e applicações que formam o primoroso trabalho *Do Realismo na Arte* predomina como feição de elevada esthesia o alvitre de não derimir no culto do positivismo o sacerdocio do Ideal. Refugam-se as minudencias e os lados triviaes da realidade, pois que o artista descura na escureza inconsciente os lances de vista, as perspectivas em que a natureza das coisas é accessivel a olhos intelligentes. D'ahi o daltonismo psychologico — a doentia ignorancia das côres, á custa de querer materialisar, colorir tudo — as palavras vermelhas, os sorrisos azues, os desejos brancos. Descrevia-se hontem a paixão; hoje escalpellisam-na como um musculo pôdre; sopesam-se os actos da mentalidade, calculando-se a porção de phosphoro que arde no cerebro. Se é preciso empégar no lameiral dos vicios inveterados e deshonrar a época em que se escreve, pouco importa a repulsão dos olhos e ouvidos honestos. Cuida-se que os tempos são outros, a humanidade diversa e o pudor um substantivo obsoleto bom para metrificar. Do Pudor e da Justiça já dizia Juvenal que ambos se tinham safado fraternalmente:

Atque duæ pariter fugere sorores.

Figuram-se alvorecidos os evolucionistas em uma aurora de originalidade, e despeitoram a velha arte com trajos de loureira de ruins baldas, capaz de perverter os velhos abbades do seu culto. As demasias do descriptivo são a chlorose senil do genio. Escassez de acção, de dramatisação, do pathetico substituida ou contrafeita pela analyse despropositada é o crepusculo vespertino da Arte. O Romantismo e o Realismo podem symbolisar-se na personalidade psychologica de Homero. A Iliada é a mocidade, a Odyssea é a velhice do poeta. Na primeira, as frementes paixões, tragedias de cyclopes iracundos, a eloquencia olympica das arengas, as implacaveis e terriveis Fatalidades das raças. Na segunda, o atonismo das enormes forças, as fabulas infantis, as descripções ronceiras, estafadoras — os ventos ensaccados nos ôdres de Eolo, as metamorphoses suinas operadas por Circe, Jupiter alimentado por pombinhos, as narrativas necrologicas e infinitas dos amantes de Penélope, emfim, a vasante do genio. *Os grandes poetas,* diz Quintiliano, o legislador do «sublime», *quando lhes fallece a pujança para o pathetico, descambam, pelo ordinario, em discursadores de costumeiras.*

Retrocedemos ao berço da esthetica e cuida-se que inauguramos um cyclo novo. Sophocles esmerára-se na expressão da materia atormentada. Hercules empeçonhado pela

*

tunica do centauro, e Philoctetes estorcendo-se em arquejos de morte pelas flechas hervadas fazem o assombro e o terror delicioso dos theatros. O sensualismo hellenico via as dôres da alma nas vibrações da carne como a belleza ideal na perfeição das linhas esculpturaes. Era assim aquelle mundo que convergira em si os esplendores de todas as civilisações. A idolatria da materia, a materia palpitando a nota carnal do sentimento. Exultação e terror, vida e morte pulsavam na musculatura. Depois, no seculo de Cicero, as pinturas realistas de Sophocles anojavam os romanos. Predominava já a sensibilidade moral. O grande orador, traduzindo a horrida scena da agonia de Hercules, expungiu-a da descripção vagarosa, repugnante e repellente dos soffrimentos corporaes. Era o progresso.

Nas moções dos actos humanos, se não partimos da escóla dos tragicos gregos, chegamos á mesma conclusão — á ausencia do livre arbitrio, aos movimentos reflexos, aos phenomenos mechanicos, á irresponsabilidade. Elles tinham a Fatalidade dos destinos inappellaveis. Œdipo matava o pae e casava com a mãe, Dejanira matava o marido inconscientemente e suicidava-se, Orestes matava a mãe que matára o esposo; este esposo matava a filha. Todos estes parricidios, filicidios e incestos se faziam com o mais puro coração e a mais tranquilla consciencia.

Era o destino decretado pelos deuses. Nós temos a raça, a transmissão hereditaria, a nutrição, o sólo, o meio, os phenomenos naturaes, as influencias indeclinaveis que correspondem á Fatalidade antiga. O criminoso é um automato — um instincto sem vontade; ou, se ella existe, é «a expressão indispensavel d'um estado de cerebro determinado por acções exteriores» (*Moleschott*, Circulação da vida). «A bebedeira, a paixão do jogo, a tendencia ao roubo, ao homicidio, são predisposições hereditarias» (*Lewes*). «Transmittem-se como a cegueira, como a surdez, como a tisica, como o albinismo, como o cretinismo» (*Büchner*). «Mais procedem os crimes da doença que da culpabilidade positiva. A sociedade que persegue um crime dura e inexoravelmente andaria melhor se puzesse a mão na consciencia e cuidasse de averiguar por quaes circumstancias e culpas é causadora do crime contra ella perpetrado» (*Th. Buckle*). «A sociedade prepara o crime, e o criminoso é apenas o instrumento que o executa» (*Quetelet*). Portanto, a justiça que o condemna é um abuso escandaloso em que medram os bachareis e os mais officios correlativos que tem as cadeias, problematicamente confortaveis, repletas de victimas do feitio da sua propria massa encephalica, da sua medulla espinhal, dos seus centros hemisphericos e rachidianos, e do seu figado derrancado. Seja como fôr, a sciencia e a arte chegaram

aos resultados do velho oriente dos átridas. Principiamos agora a ser gregos; mas fogenos a lingua algumas vezes para moiros.

Tudo é velho. O ideal novo póde dizer com Victor Hugo:

Je suis venu trop tard dans un monde trop vieux.

Tudo é velho, gasto e carcomido, excepto a Sciencia positiva — esta perpetua virgindade da natureza. Ella sómente liberalisa fibras intactas a cada novo amante que a requesta. Sempre amada e sempre vestal. O genero humano deve-lhe ineffaveis alegrias doidas pelo destino que a Sciencia querida lhe assegura. Devemos-lhe a certeza de que, em se nos apagando nos olhos a luz d'este mundo phenomenal, quando tombarmos do infinito do tempo ao infinito do espaço, cada um de nós contribuirá para a manutenção da ordem planetaria com um pouco de ammoniaco, outro pouco de gaz acido carbonico e alguma agua. Um galante destino de gazes! E, em obsequio á nossa limpeza posthuma, a amada chimica não nos impõe o tributo do gaz sulphydrico. Ó Beatrice, ó Francesca de Rimini, ó Ophelia, em que roliças ancas de aforçurada taverneira estará hoje em dia o vosso acido carbonico? Ó Julieta — ó eterna e trivial *coquette* da varanda! —

quantas rebelliões de vinhos capitosos se tem aplacado com o teu ammoniaco! Como é triste pensar-se, ó loura confidente do luar de Verona, que o teu gaz é menos oloroso que os jasmineiros da tua varanda! Ah! que prismaticas immortalidades creou a Poesia d'uma tragedia, e que fetidas sordicias a Chimica fez com uma retorta!

Mas, se ha temeridade sandía, é querer homem pôr hombros de supporte ao desabar das velhas coisas. Esta canceração do espirito decadente, entende-se com Silva Pinto, com o leitor, commigo, com todos quantos lêem e escrevem, com todos os que meditam ou se burrificam encharcados na madraçaria. Está no ar.

C'est le Diable qui tient les fils qui nous remuent!
Aux objets répugnants nous trouvons des appas;
Chaque jour vers l'Enfer nous descendons d'un pas,
Sans horreur, à travers des ténèbres qui puent [1].

O cancro está na ideologia, na ethica, na sub e objectividade, no consciente e no inconsciente, no immanente e no transcendente, na grammatica, e até na propria rhetorica parlamentar — na infame rhetorica que os ideaes novos detestam.

[1] Baudelaire.

Ha vinte annos, um deputado bem portuguez, se quizesse significar que o ministerio cahido tinha as suas horas contadas desde que praticou uma certa irregularidade sanguinea contra a Carta, declamaria, bebendo em fonte grega: *Ajax injuriou os deuses. O blasphemo estava condemnado. Na lamina da propria espada espirrou o sangue do impio. Elle cahiu no orco!* E, um d'estes dias, um deputado por Barcellos, muito azedo, para exprimir rubramente que o partido progressista começára em ancias de morte desde certa occasião de pancadaria, citou a NANA, sem a nomear, com um resto de candura assás pudenda e minhota. E, expluindo, disse: *Eu li, já o disse uma vez* (elle já o tinha dito uma vez, de mais a mais!), *Emilio Zola, e vi lá uma mulher impudica que fez com que um seu amante derramasse por ella o seu sangue suicidando-se. Essa nodoa de sangue á porta do quarto d'essa mulher foi o ponto de partida para a sua decadencia.* Depois, applicando a ventosa, explica: *E a nodoa de sangue nas pastas d'esses ministros foi quem os intimou a sahir do poder.* E a camara, n'uma grande explosão de cretinismo: *Muito bem! muito bem!* O ex-ministro do reino, o snr. José Luciano de Castro, instrumento sinistro da sangria aberta nas massas, vendo-se comparado á *Nana*, á *margoton*, á *lolo*, á *punaise*, á *boulevardière piereuse du quartier Notre-Dame-de-Lorette* de-

via sentir-se bisexualmente vexado entre o masculino e o feminino n'aquelle hermaphrodismo que lhe dava a lubrica rhetorica do Cávado. Que incendios de rubor ameaçam o impolluto snr. conselheiro Adriano d'Abreu Machado, no dia em que o mesmo praxista de Zola e Daudet o tratar de *cocodéte,* de *biche,* de *paillasse de corps de garde!* Ó Ferreira Borges, ó Fernandes Thomaz, ó Rodrigo da Fonseca, ó Garrett, ó José Estevão! Vejam vossês! A *Nana* no parlamento com escala por Barcellos! *Zut!*

Não se resiste, pois. O mais que podemos e devemos, ó grandes relaxados, é afivelar a mascara hypocrita da decencia.

*

O artigo do *Estado do Theatro em Portugal,* como preliminar de criticas dramaticas, realça em luminosas e amarissimas verdades de bom criterio. É um repto enviado ás reputações panicas dos defuntos perdoados porque estão defuntissimos, e aos vivos na efflorescencia da gloria e na petulancia do *lorgnon,* — ás celebridades juvenis e luxuriantes que afôfam cadeiras nas Academias

e vão desde o *Pote-das-Almas* ao templo dos immortaes com a *moustache en croc et l'esprit en pointe*. A luva levou sumiço entre a papelada dos escriptorios em que se fabricam as nossas immortalidades de tres semanas; mas a Arte foi vingada no protesto abafado pelo silencio — um ficticio menospreço que devêra chamar-se pusillanimidade calaceira, se não fosse antes uma ignorancia primitiva. O protesto de Silva Pinto é unico; e a historia incorruptivel da litteratura dramatica portugueza n'esta ultima dezena de annos não tem outras paginas que fiquem.

Nas criticas theatraes, Silva Pinto passa de justo a severo e intransigente como o seu dilecto G. Planche. Resente-se da leitura apaixonada d'este iconoclasta; mas nunca desatrema de uma singular integridade, tanto ou quanto mareada pelos mordentes beliscões da sua adjectivação. Revela esclarecido discernimento na expressão plastica e não menor alcance psychologico e selecto juizo quando invectiva a contextura romanesca, de pacotilha, as phantasias em terceira mão, as pompas do palanfrorio, os epithetos parasitas e os *tours surannés* do Saltimbanco. E poucas paginas ávante aquilata sem hyperbole o merecimento progressivo do mesmo dramaturgo, no Luxo. Este honrado dever cumprido com as duas obras do mesmo auctor, raro se exemplifica. Por via de regra, duvida-se da pontualidade da critica austera

que permitte a um dramaturgo, desastrado em hora esquerda, aragem de inspiração que o regenere.

Charles Monselet criticou causticamente um drama de E. Augier. O poeta exigiu satisfação a tiro. Duas balas discretas assustaram apenas uns pintarôxos que teciam os seus ninhos, em abril, no bosque de Saint-Germain. *Il importe d'ajouter,* diz Monselet, *qu'on ne déjeunat point.* Não almoçaram, nem sequer se comprimentaram. E d'ahi por diante, se Augier fazia acaso um bom drama como Maitre Guerin, o critico desentranhava-se em louvores; se o drama era ordinario como Philiberte, todos os raios e coriscos da glottica franceza.

Talvez pareçam desatadas por extemporaneas n'este livro as apreciações da italiana Paladini. É facil defender o encadeamento d'esses artigos n'esta lavra de omnimodo criticismo. A individualidade da actriz pouco monta: ella passou com os seus meritos e demeritos; o que subsiste é a Arte dando um vitalismo duradouro á obra do critico. J. Janin não incensou sempre com lisonjarias a encomiada Rachel, cujas imperfeições lhe punham ditos destoantes em sua condicional admiração. Os folhetins do integerrimo analysta abespinhavam *les chevaliers du lustre* — a claque da empresa, — e os cavalleiros do camarim, a claque da sentimentalidade. Janin, todavia, já pela sua indepen-

dencia, já pela sua gordura, era alheio a ambas as cavallarias, e pugnava devotamente pela arte scenica, pela expressão genial do sentimento; e das jaças d'aquelle brilhante da rampa fez em obsequio á Arte o codigo com que se educaram a Victoria, a Rosa Chéri, a Anaïs Fergueil e as duas Brohan.

Na apreciação do caracter de Izabel de Inglaterra, mal comprehendido ou nem sequer estudado por Paladini, o snr. Silva Pinto inflora a memoria da filha de Henrique VIII com as grinaldas cultivadas por Hume e Prescott; é, porém, cruel com Maria Stuart, quando a capitula de *barregã* e *dissoluta*. As modernas explorações dos archivos, trezentos annos cerrados á averiguação de mais luminosa exegese, espancaram a escuridade que se embasteceu á volta de um nome execrado. Para a sua condemnação leram-se as cartas apocryphas que o falsario Buchanan forjou ao tempo que a viuva de Francisco II, na masmorra de Lochleven, não podia refutal-as. Essa correspondencia entre a rainha e Bothwell, era o adulterio, o conjugicidio pelo incendio, a protervia superior ao barbarismo do seculo. Depois, ha annos, um professor de historia, Wiesener escreveu uma longa e quasi cansativa Historia de M. Stuart, que, em compensação do fastio, nos infunde a certeza de que a victima, longos annos espiada, da filha de Anna Boleyn, era uma desgraçada, com todas as impru-

dencias de rapariga da côrte de França, sangue dos Guises, escóla de Medicis, irrequieta, ardente, vingativa sem persistencia na vingança — mas nem adultera, nem barregã, nem cumplice na morte do segundo marido, nem voluntaria na ignobil alliança com o terceiro. A justiça rehabilitadora da má rainha que expiou com vinte annos de carcere e com a decapitação a sua incapacidade para reinar e a sua caprichosa pertinacia catholica, ella ahi está sem impugnação na corrente da historia, com direito a uma grande piedade [1].

N'estas criticas de theatro ha uma de menos relêvo e mais moderna que entende com a comedia do snr. Teixeira de Queiroz, intitulada O Grande Homem. A parte sisuda e substancial da critica é justa, porque a comedia, sem embargo de filiar-se em um grande talento de observação, nem é boa, nem eu sei se, nas condições ideaes em que foi gerada, poderia ser melhor. A quem architecta uma comedia «politica» urge a necessidade de gizar o enredo com personagens mais ou menos comicos, jogralescos até; por quanto, a politica, transferida tal qual é dos parlamentos, dos escrutinios e dos seus la-

[1] *Marie Stuart et le Comte de Bothwell,* par L. Wiesener, professeur d'histoire au Lycée Louis-le-Grand. Paris, 1863.

tibulos de intriga para o palco, perde a sua caracteristica de grutesco convencional entre as opposições. Os elementos da politica podem ser ruinosos, ineptos e deploraveis; mas nunca são irrisorios na accepção genuina do vocabulo. A politica d'um circulo rural póde dar pabulo ao riso pela casaca do regedor e pelo cabrito assado do candidato; mas a politica geral é séria porque é a historia militante das nações. Ora o «ridiculo» do proscenio reclama que os personagens da comedia sejam elementos de farça hilariante á custa da verosimilhança. Se os trasladarem da vida real, com os enxovalhos do *humour* follicularío, no theatro com certeza não fazem rir. E a sala ficará vazia, pelo idoneo motivo de que em dois jornaes de 10 reis, de politica entre-hostil, o publico acha quotidianamente a revidação reciproca das injurias, e a delação dos desatinos, dilapidações e ladroeiras em que a franqueza briosa, com uma honesta galhardia digna de Grecia e Roma, chega a escrever em versalêtes os nomes dos ladrões. E é isto o que a comedia do snr. Teixeira de Queiroz não ousa fazer com o desplante de Aristophanes, e com o administrador no camarote e o rei na tribuna e a policia na geral. Os Petronios, os Tigellinos e os Verres, todos em cuecas, da politica portugueza são sempre anonymos na ribalta. O publico assim não se entretem, não desopila o figado, nem

aprende coisa que preste. Na França, onde se fazem dramas d'alta politica trovejante de objurgatorias como nos Effrontés, no Fils de Giboyer e no Gendre de M. Poirier, as platéas espreguiçam-se, bocejam. *Je regrette,* diz o illustre critico de um d'esses dramas, *d'être obligé de me desaccoutumer à regarder le théâtre comme un lieu de refuge, comme un asile de distraction et de plaisir. C'est me donner un vernis bien burgeois, mais enfin j'avais l'habitude d'y aller, — comment dirai-je cela? — pour m'amuser; faut-il donc que j'y aille à present pour entretenir mes ressentiments ou raviver mes sympathies politiques?* Com certeza. O algibebe da Baixa não quer ir enfuriar-se ao theatro contra o snr. Barros e Sá, porque elle judaizou na Lusitania, quando foi rabbi no governo, e espalhou a sua tribu, fazendo d'este paiz catholico uma synagoga, cheia de judeusinhos prolificos — e da patria d'el-rei D. Henrique, o *Inquisidor,* um restaurado reino de Israel. Que elle por pouco não convertia a propriedade do senhor D. Luiz I em monarchia de Saul. Em parenthesis: A christandade portugueza, incluindo os theatros, apenas consente que, em homenagem ao seu rei, se admitta do reino d'Israel um simile rhetoricamente lisonjeiro, permittindo que se chame a Portugal a «Monarchia de Salomão» no sentido de sabedoria, entende-se; mas, pelo que respeita ao orientalismo das setecentas mulheres do ou-

tro real sabio, os sete ceus e as onze mil virgens defendam a casa de Bragança, como todos havemos mister.

Engenhou pois o meu amigo Teixeira de Queiroz uma comedia de um monomaniaco grutesco e não de caracter com individualidade. Depois, o desnaturalismo nacional. Um jornalista que faça discursos para o deputado declamar no parlamento não é refractario aos bons costumes. No Fils de Giboyer, *Maréchal,* o deputado ridiculo, recíta os discursos que lhe escreve o jornalista *Gerard;* — tal qual como *Alberto de Cerveira* ao *conselheiro Pontino.* Mas *Maréchal* não é um palerma goliardo como *Pontino:* é uma enxertia de *M. Prud'homme,* que sahiu do mesmo garfo, tão explorado e tão fertil, do *conselheiro Acacio,* do snr. Eça. É inverosimil que o idiota *Pontino* em Portugal fosse tolerado a pensar e a conversar fóra de uma botica desacreditada do Bairro-Alto.

A comedia, para sahir boa e prestante como correctivo, deve ser um espelho em que o espectador veja os seus ridiculos. *On ne peut corriger les hommes qu'en les faisant voir tels qu'ils sont,* diz Beaumarchais. Nos camarotes de *D. Maria,* no espectaculo d'O Grande Homem apenas se presume que estivesse o *visconde da Carregueira* protestando com um sorriso velhacaz contra a aleivosia do auctor que o punha debaixo da mesa, tendo elle *Carregueira* a certeza de que, se

houve escondedoiro, foi debaixo da cama do *conselheiro*.

Não obstante, a peça de T. de Queiroz tem logar distincto n'uma secção da nossa historia politica. Assim como as comedias de Aristophanes, juntamente com as tragedias de Eschylo, Sophocles e Euripedes completam as Historias de Xenophonte e Thucydides, não será desacerto assentar que O Grande Homem é um documento complementar da historia contemporanea *tintamarresque*, como ella se professa nos periodicos illustrados de caricaturas.

Relevem-se-me tamanhas delongas no juizo pessoal de um drama sobejamente aquilatado por Silva Pinto.

*

Os doutrinarios no assumpto *propriedade litteraria* usam argumentar com a pacata serenidade syllogistica de academicos bem enroupados e fibrinosamente nutridos. Em Silva Pinto o mesmo assumpto dá umas paginas tristes e sombrias como a fatalidade, ferem-se ahi as cordas dolentes da elegia e até as ironias tem uma plangencia tragica. As angustias do genio esvaído na penuria, no desprezo e na insulação vasquejam no

commovente naturalismo que falta ao drama romantico de A. de Vigny e ás dilacerações um pouco phantasticas de Gilbert e Malfilatre. Sublime apostrophe ao destino surdo e cego!

Como é bem de vêr, Silva Pinto tem pouco de seraphico, e quasi nada de mystico. Nas theses que discute nervosamente sobre pertenças theocraticas (JESUITAS, PADRE GABRIEL, HOMENS DE ROMA, etc.) dedilha um teclado forte que eu temo grandemente pelas desharmonias tympanicidas que é costume dar de si a questão. O desenvolvimento de similhantes desavenças com o clero lusitano é perigoso para quem tem inimigos intimos, dependencias, coisas. A meia volta, chamam impio a um homem que não possue a felicidade da fé e da candura de Pascal, como se a impiedade não fosse a transgressão dos preceitos do Deus que se confessa por dogma. Desde o momento que um sincero discipulo de Comte disser que Deus é uma phantasia creada pelos homens, esse tal não é *impio* — é simplesmente *incredulo*. Lord Brougham esclarece o ponto: . . . *If a deist, one who disbelieves in our Saviour being either the Son of God as his prophet upon earth, shall argue against his miracles, or ridicule his mission or his person, he commits no blasphemy;*

for he firmly believes that Christ was a man like himself, and that he derived no authority from te Deity. (Lives). Voltaire, em arrancos de morte, ouvia os brados asperrimos d'um cura: *Confesse que Jesus Christo era Deus.* E o philosopho agonisante: *Em nome de Deus, peço que me não fallem n'esse homem.* «E morreu como um impio!» exclama a sacristia. Ah! não. Morreu puro deista, confessando Deus, em nome de quem pedia ao cura que o não comparassem com um homem. E, concedido ainda que negasse a divindade de Jesus de Nazareth — a divindade do Filho — logo que reconheceu a do Pae amantissimo e misericordioso, o seu erro devia ser uma venialidade no supremo juizo.

E aqui me estou eu enviscando na esparrella que me armaram as peças theologicas do meu amigo Silva Pinto! A meu vêr, é melhor deixar a cleresia á acção dissolvente do tempo. Ella sustenta a anarchia moral e intellectual do mundo catholico que principiou a desabar ha quatro seculos. Tão vagarosas são as jornadas da Civilisação pelas amplas avenidas que lhe abriram o protestantismo religioso de Luther e o protestantismo philosophico de Descartes! Assumiram um peso de responsabilidade com que não podem, os padres, de mais a mais com a sobrecarga da sciencia intransigente. Entretanto, procuremos o que quer que seja nas absconditas profundezas do mundo moral. O *Grand Être*

da religião positiva de Littré é uma porção selecta da Humanidade — são os espiritos de eleição. Com o ouvido attento, suspendamos o nosso labio maravilhado no labio verboso dos grandes espiritos.

Perpasso outros contingentes do livro, quer litterarios, quer de historia que não se discriminam nem pospõe por inferioridade de merito. Pelo que respeita ao *Emprestimo de D. Miguel*, o snr. Silva Pinto leva o amor de filho a não consentir que a sua mãe-patria viva de calotes. E ella, a Patria, a dôce mãe babada de gozo:

— Querido, amado filho, senta-te á mesa do Orçamento, que eu vou mandar que te sirvam o caldo negro de Sparta para te fazer um duro spartano!

Como republicano radical, Silva Pinto rejeita a questão dos monarchas e ventila sómente a probidade dos contractos representados pelas nações. Tem razão. D. Miguel não digeriu ceitil dos 40 milhões de francos emprestados a Portugal. O meu querido amigo Thomaz Ribeiro em um livro de jurisprudencia analoga defende a massa fallida com o seu victorioso talento de causidico. Cada um no seu ponto de vista. O grande poeta, como monarchista, demonstra que D. Miguel de Bragança era apenas insoluvel, um calo-

teiro involuntario. D'est'arte salva o pundonor da dynastia. E, descrevendo tragicamente a baixeza a que nos tem descido os Migueis e os Pedros, incute o appetite de, n'uma explosão de polvora bombardeira, com um pouco do odio rabido e inflammatorio do monarcóphago snr. Gomes Leal — diante de quem e do javali de Alvito tremeu espavorida a Magestade —, fazer estilhaçar este alfôbre dos Joões e dos Affonsos — uns sujeitos que se conservam na lembrança da nação para haver sempre um razoavel pretexto de escrever Historias de Portugal para uso dos lyceus. Elles fazem-se notaveis pelas antonomasias de *piedosos,* de *perfeitos,* de *castos,* de *formosos.* E tambem ha *gordos.* « Gordos » é que elles deviam chamar-se todos.

O leitor começa a enfastiar-se d'este aranzel em que, a espaços, basofeam uns ares pedagogos, certo preponderantismo, a pitada erudita. Queira desculpar. Ha poucas semanas que um reverendo snr. padre Coisa de Braga — producto de uma *cellula primordial* (veja *Beaumgärtner*), lá escreveu e decidiu que eu não tenho alguma auctoridade litteraria. Que não vá elle agora commetter a iniqua bestialidade de escrever que eu me estou impondo auctoritariamente.

Direi mais duas palavras que abranjam

em resumo o juizo que fórmo da litteratura do auctor dos COMBATES. O seu estylo tem, de par com a elevação eloquentissima, uma nitida clareza — o *verniz dos mestres,* como disse não sei quem. Usa phrases compostas de sarcasmos e pontas de agulhas, e bom peculio de antiphrases ironicas. É muito bilioso na polemica, arrebatado, critico de rija tempera, subtil na analyse, muito perspicaz de relance, pouquissimo caroavel de periphrases e circumloquios, com uma temeridade sempre bem sorteada de viajar largos estadios de litteratura sem grande bagagem de expositores, e com as melhores armas de combate, muitas vezes ao serviço da verdade, e algumas vezes, com rara dexteridade, ao serviço do paradoxo. Tem ditos originaes, finos botes de esgrima faceta que se vão generalisando em outros escriptores. Ainda não conquistou a *popularité populacière.* Para isso falta-lhe escrever mal. A sua correcção ataviada a primor, e os donaires não espaventosos da locução resabem a uma fidalguia suspeita á ralé. De Edgard Poe dizia T. Gautier: *Il avait le malheur de bien écrire, ce qui a le don d'horripiler les sots de tous les pays.*

Finalmente, em uma nacionalidade grande, capaz de antagonismos e tempestades de idéas, onde as instituições perigosas e os homens nocivos devessem ser derruidos a catapultas de estylo bem hervado de escar-

neos e ironias, Silva Pinto seria um pamphletario como o conde de Chesterfield (Letters of Junius), como Paul-Louis Courier, como H. Heine, como Cormenin. Mas em Portugal, onde tudo vae apodrecendo pacificamente, a satyra não deve passar de bisnagas com agua de Labarraque.

Camillo Castello Branco.

S. Miguel de Seide 27 de fevereiro de 1882.

DO REALISMO NA ARTE

DO REALISMO NA ARTE

I

O CRIME DO PADRE AMARO, por Eça de Queiroz. COMEDIA NO CAMPO, por Bento Moreno.

Em um estudo alevantado e seguro, que revelou á Europa pensadora o formidavel vulto de Stendhal, estabeleceu H. de Balzac uma engenhosa definição das escólas litterarias, não circumscripta, a nosso vêr, á geração litteraria de 1830, mas abrangendo o seculo XIX, emancipado do jugo das theocracias. As tres faces da definição alludida correspondem a sympathias geraes, que, em harmonia com a diffusão das luzes, tinham de declarar-se na razão directa do augmento dos espiritos e da authoridade d'estes ultimos.

Assim, temos que no seio de todos os povos existem espiritos meditativos, elegiacos, contemplativos, para os quaes as grandes imagens e os vastos espe-

ctaculos da Natureza possuem attractivos irresistiveis. Litterariamente, a epopêa, o lyrismo e todas as fórmas dependentes d'estes prismas, filiam-se na *litteratura das imagens.*

Ao lado dos sectarios e dos cultores d'essa litteratura, agitam-se os espiritos activos, refractarios á meditação, ávidos de movimento, rapidez, concisão, choques, acção, drama e resultados immediatos e positivos. Á forma litteraria adoptada por esses taes chamou *litteratura das idéas* o author do *Père Goriot.*

Afóra esses dous grupos, incompletos nas suas individualidades, existe outro, composto de intelligencias bifrontes, que reclamam e abrangem, a um tempo, o lyrismo e a acção, a ode e o drama, e para os quaes a perfeição exige um como exame total das cousas. A escóla d'esse grupo — especie de eclectismo litterario — reproduz o mundo real: as imagens e as idéas; a idéa na imagem, a imagem na idéa: o movimento e o sonho.

Walter Scott, Balzac e Cooper são os mais poderosos creadores d'essa litteratura. Citaremos como specimens: *Ivanhoé, O Lirio no valle* e *O Lago Ontario.*

Na litteratura das imagens collocou Balzac os seguintes nomes: Lamartine, Hugo, De Vigny, Gautier, etc. Os nomes de Stendhal, Planche, Mérimée e Karr filiam-se evidentemente na litteratura das idéas.

O leitor medianamente lido nos monumentos da litteratura franceza contemporanea encontrará na exemplificação, que ahi deixamos, a base das definições.

Entre nós, da geração moderna, affirma-se recentemente, isolado, tranquillo e vigoroso na sua apparente sobre-excitação, um representante, unico, a nosso vêr, da litteratura eclectica, a dos espiritos de lei, que na Escocia produziu Scott, na America Fenimore Cooper e Honoré de Balzac em França.

Chama-se Eça de Queiroz.

*

A engenhosa definição de Balzac não abasta ás reclamações do leitor culto em face do movimento contemporaneo, dos pruídos de escóla, dos reciprocos apódos e condemnações. No terreno do romance social pleiteiam fóros as escólas psychologica (Balzac e Stendhal) e physiologica (Flaubert e Zola). Tomámos d'entre os luctadores os mais proeminentes vultos, entende-se. A escóla psychologica, obedecendo a um espirito metaphysico, procede por syntheses: a *Comedia humana,* o primeiro monumento litterario d'este seculo, é a glorificação d'essa escóla e do omnipotente anatomista que a dirige. A escóla physiologica, apoiada em A. Comte, nega a verdade dos resultados da observação *interior;* observa exteriormente o homem, busca surprehendel-o em flagrante nas suas expressões externas e lança á conta de *arbitrariedade* o processo dos psychologistas.

Ora, é evidente que, de um exame cuidadoso applicado aos vultos syntheticos da *Comedia humana,* resalta, não a regularidade methodica, que lhe

attribuem os discipulos de Flaubert, e que, a existir, bastaria a desauthorisar o *observador,* transformando-o em simples *idealista,* mas sim as contradicções e as fraquezas que constituem o *homem,* no campo da verdade absoluta. Citaremos um exemplo: a *Esther Gobseck:* nada mais surprehendente de *verdade* do que as transformações successivas a que obedece a regeneração *apparente* da cortezã.

O Realismo não é a reproducção da Natureza: é a sua interpretação: esta definição poderosa, do gigante da Critica moderna, o illustre Gustavo Planche, é a condemnação da escóla physiologica. A debilidade dos caracteres de Flaubert e Zola (adiante diremos d'este ultimo); a sua inferioridade em face dos vultos da escóla psychologica — e é evidente que o menos notavel dos vultos da *Comedia humana* ha de sobreviver a todos os esboços da Physiologia — tal inferioridade, dizemos, não deve fascinar-nos, não nos fascina. Simplesmente, negamos á observação *exterior* a força indispensavel para attingir a verdade.

É um subsidio e não um ponto de apoio.

Como subsidio a encarou, é força crêl-o, o snr. Eça de Queiroz. O romancista lisbonense é discipulo directo de Balzac; possue, como o mestre, a comprehensão, a intuição do homem interior; mas — poderosa alliança — assimila de Flaubert a sciencia dos temperamentos, surprehende, em flagrante, como o author da *Bovary,* o *homem exterior.* Se houvesse caminhado nas pisadas de Flaubert, abandonando, por ellas, a senda aberta pelo gigante da *Comedia humana,* vêl-o-hiamos perdido nas aras do

romance physiologista. Uma critica profunda livrou-o de tal desastre e a todos nós, que o admirâmos.

O segredo da Arte, desconhecido por Hugo e outros artistas de primeira plana — a verdade no dialogo — segredo que os authores do *Père Goriot* e do *Ivanhoé* possuiam em enorme grau (citaremos, d'essas duas obras primas, as palestras de Vautrin e seus commensaes na casa Vauquer e o dialogo de Gurth e Wamba e o encontro d'estes heroes com Bois-Guilbert, do primeiro capitulo do *Ivanhoé*), — aquelle segredo, diziamos, é um dos predicados mais salientes de Eça de Queiroz. O leitor menos attento condemnará como absurda a linguagem dos personagens de Hugo. O philosopho Ursus, Grantaire, Valjean depois da redempção, possuem a fórma das epistolas de Hugo, sobre os acontecimentos europeus.

No *Crime do Padre Amaro,* buscaremos em vão no dialogo o estylo do romancista. Em compensação e como complemento, encontral-o-hemos no *descriptivo,* nervoso, brilhante, conciso e vigoroso. Citaremos o cahir da tarde, nos campos que orlam o rio Liz, o desenho do lar da S. Joanneira, e o capitulo final — o epilogo.

O dialogo é poderosamente verdadeiro.

A ironia é impessoal, como a de Rabelais.

Brota espontanea. Sente-se que vem do fundo, da *raiz,* permitta-se-nos o termo. O leitor mal pôde sorrir, invadiu-lhe o espirito um pensamento de tristeza. Alli, n'aquelle desolado e doloroso poema social, tudo é irrequieto e nervoso, d'esta inquietação nervosa do viver moderno. Só ha serenidade e

doçura nas paizagens do primeiro quadro, na Natureza — cerceado, ainda mal, na edição definitiva.

Fóra d'esse quadro, na vida de acção *humana,* é tudo negro. A espaços, ha clarões brandos e amortecidos: as scenas do lar; e relampagos e scintillações: os impulsos da carne febricitante: o amor do padre. Em taes clarões e n'estes relampagos ha as phosphorecencias da Ironia.

O protogonista é o Homem, sem a *pose* do Heroe: livre das vistas do mundo, a sós, no remanso do seu quarto, busca refugio na oração, contra as seducções da carne, contra a visão sensual de Amelia. Mas os estremecimentos da carne protestam vigorosamente contra as preces piedosas, refugio do sacerdote. N'esta lucta prodigiosa, a Natureza vence ainda uma vez. Ó cenobitas d'outra idade! que consciencia era a vossa, que não protestava contra as *poses* do Mysticismo, em nome da materia eterna!?

*

Cabe n'este ponto um largo periodo de defeza, — defeza contra accusações perfidamente formuladas em meio de reticencias, nos conciliabulos da critica verbal: melhor diriamos — da covarde e surda aggressão.

A França revelou-nos, ha pouco, na personalide litteraria de Emilio Zola, um émulo de Gustavo Flaubert, porventura destinado, em que peze a honrosos desvios, a arrancar das mãos d'este ultimo o sceptro do romance physiologista. A galeria dos *Rougon-Macquart* vale bem a *Madame Bova-*

ry. Os pontos de vista e o processo de Zola definem-se nas seguintes palavras:

« Os Rougon-Macquart são, physiologicamente, a successão lenta dos accidentes nervosos e sanguineos que se declaram em uma raça, em seguida a uma primeira lesão organica e que determinam, segundo os meios, em cada um dos individuos d'essa raça, os sentimentos, os desejos, as paixões, todas as manifestações humanas, naturaes e instinctivas, « cujos productos tomam os nomes convencionaes de vicios e de virtudes. . . »

Litterariamente, a *epopêa* dos Rougon-Macquart é a ultima palavra do *descriptivo*. Os caracteres conservam-se, a espaços, indecisos por largo tempo em meio d'aquella vertiginosa vida das cousas. Na *Faute de l'Abbé Mouret,* no *Ventre de Paris,* na descripção dos mercados ha gritos e estremeções, uma vitalidade estupenda, no arvoredo, nas messes, nas pequenas plantas decepadas, na flôr mais modesta e obscura. A Natureza morta galvanisa-se ao sopro potente do artista. O primeiro dos livros que indicámos é um monumento.

Foi alli que a critica dos conciliabulos, a que acima alludimos, descobriu as bases para a accusação. O livro de Zola — profanado livro — cahira, mercê das ironias do Acaso, nas mãos de um dos membros do grupo. Se a originalidade do trabalho passou a coberto de profanadores assombros, não sabemos nós. Importa pouco sabel-o. Mas a assimilação do « abbade Mouret », de Zola, e do « padre

Amaro», de Eça de Queiroz, foi promptamente concebida.

Escasseiam-nos os dados chronologicos, no tocante á elaboração dos dous livros, para dizermos com probidade se o romancista portuguez obtivera conhecimento do livro de Zola antes de offerecer a Portugal o seu admiravel trabalho iniciador. Secundario é o caso no terreno da boa fé. Importa, porém, dizer-se que não existe nos dous livros ponto de contacto, afóra o extraordinario merito de ambos. Os protogonistas, os dous padres *peccadores,* Amaro e Mouret, pertencem á formidavel galeria do desolado periodo contemporaneo; acresce, porém, que o vulto do sacerdote portuguez affirma-se poderosamente sem a base de situações phantasticas, emquanto que o padre de Emilo Zola só vive apoiando-se n'estas ultimas [1].

As accusações firmadas na assimilação das creações artisticas são faceis de estabelecer á má fé impotente: vão ao *Stello,* de Vigny: o doutor negro é uma reproducção de Pantagruel, de Kreisler, de Tristão Shandy e de Jacques o Fatalista: ahi temos Vigny nas pisadas de Rabelais, de Hoffmann, de Sterne e de Diderot. Vão a Schiller, ao Dante e a Petrarcha: a idéa inicial da obra de Vigny lá existe desenhada. Os *Natchez* de Chateaubriand re-

[1] Na ultima edição do *Crime* demonstra-se chronologicamente que o livro de E. Zola fôra publicado após a elaboração do romance portuguez.

sidem em Charlevoix; a *Peregrinação* de Byron nos *Itinerarios* de Richard, as descripções orientaes de Nerval em Swift e Sterne; o *Mateo* de Mérimée em um jornal inglez, de Benson; Aristophanes precede Molière: os personagens dos *Martyres* de Chateaubriand filiam-se em Homero e Virgilio; La Fontaine não possue talvez um só apologo para o qual não hajam contribuido Rabelais e Boccacio, a rainha de Navarra e Luiz XI; o grande Corneille copiou litteralmente no *Cinna* um capitulo de Montaigne; Klopstock, Milton, o Dante e o Tasso exploram a opulencia das tradições hebraicas e Shakspeare é e será eternamente assimilado por quem vê na Psychologia a feição caracteristica da idade moderna. Qual dos creadores indicados foi o iniciador? Planche diz, com o seu profundo senso critico, que para inventar uma idéa, cujo germen não existisse algures, seria mister inventar a humanidade inteira. Ora, a idéa explorada pelos dous romancistas é de todos nós. O lavôr artistico das obras e a inspiração genial são d'elles apenas. Que os senhores criticos de conciliabulo, eunucos do pensamento honrado, hajam por bem perceber.

*

Posteriormente ao *Crime do Padre Amaro,* surge a *Comedia no Campo* do snr. Bento Moreno, um escriptor dotado, como o snr. Eça de Queiroz, dos mais eminentes dotes de observação *exterior,* sem a alliança poderosa a que alludimos. O snr. Bento

Moreno é um physiologista. Á similhança dos seus predecessores, applica a typos banaes e a assumptos sem relevo os seus dotes de observação. Por vezes, os chefes da escóla — Flaubert e Zola — abandonam, pela aberração, a banalidade. Em tal caso, o escandalo sobrepuja no espirito do leitor os meritos do *descriptivo*.

N'este ultimo distinguem-se os membros da escóla: é o seu abrigo e recurso.

Circumscrevendo-nos á *Comedia no Campo* e á contextura das ultimas narrativas, teremos de observar que nem uma só das que constituem o livro do snr. Bento Moreno consegue eximir-se a um declinar em extremo sensivel, a partir das primeiras situações, até á suspensão brusca, inesperada, — melhor diriamos talvez *desesperada* — ultimo recurso do narrador. E possivel que nos dêem como objecção algum dos typos, apparentemente insignificantes, do romancista enorme — de Balzac. Fixemos isto: os personagens da *Comedia humana* são syntheses completas, na sua maioria: citemos o empregado Poiret, o caricaturista Bixiou, os altos estroinas La Palferina e Maxime de Trailles, o formidavel Vautrin, Goriot — *o Christo da Paternidade,* — os irmãos Bridau, os Birotteau, Rastignac; e os vultos femininos — Margarida Claës, Mirouët, Eugenia Grandet, a Marneffe: que esculpturar poderoso! Os personagens do gigante inglez — Ricardo III, a lady Macbeth, Otello, Hamlet e Lear — aferem a estatura pela craveira psychologica de Goriot, de Louis Lambert, e de Z. Marcas.

O critico Taine estabeleceu parallelos similhan-

tes; força era vêl-os. No descriptivo, Balzac dá-nos a habitação do personagem, e entrevemos o homem exterior; enceta a descripção d'esse homem, e adivinhamos a entidade psychologica: este é o segredo dos quatro ou cinco colossos da Arte: Balzac, Dickens, Scott, Cooper e Stendhal. Não o indicamos como craveira, mas como norma e para responder a possiveis objecções...

A observação do snr. Bento Moreno applica-se a typos banaes e assumptos sem relevo: isto dissemos. Importa distinguir: não pedimos ao author da *Comedia no Campo* uma galeria de vultos do cothurno de Vautrin, ou de Valjean: a banalidade, a nosso vêr, consiste na ausencia da vida moral, psychologica, dos typos do snr. Bento Moreno. A exactidão mathematica na observação exterior é o predicado caracteristico da escóla physiologica: nem um gesto, nem um esgar, nem um *tic* especial ficarão esquecidos: imaginemos um naturalista, que, durante alguns annos, applica poderosos dotes de observação ao estudo de um insecto e conclue por um Relatorio dos *costumes* do animal. Ganhou a paciencia humana, mas a sciencia pouco lucrou. É força vêl-o.

A impotencia da escóla physiologica para o estudo do sêr moral leva-a a circumscrever a sua analyse a entidades sem *vida moral,* ou a aberrações que lhe permittem o recurso da phantasia desvairada. A Bovary, aberração torpe, deslocada no meio suave e puro da Normandia, e as dissolutas de Zola, são specimens curiosos do facto. Da convicção firme de tal impotencia resulta — insistimos — a superior

execução do descriptivo das cousas e a fidelidade de observação.

Acanhados limites são talvez para alguem os que a pugna litteraria no campo da Arte franceza póde offerecer-nos. Algures passamos.

A escóla de pintura ingleza é uma derivação da escóla flamenga, — abortada, na phrase de Taine, mas de um modo profundamente original e, a nosso vêr, profundamente *moderno* e significativo. A theoria de Hogarth, que é tambem de Lely, de Reynolds, de Fuseli e de Kneller, consiste em tornar a execução *physica* um accessorio: a téla, no primeiro relancear d'olhos, é simplesmente um *panno de bocca:* por detraz d'elle está o mundo psychologico, moral. O pintor deixou de ser simplesmente um reproductor: a preoccupação da alma, do pensamento, do sêr invisivel, apoderou-se d'elle: a exterioridade passou a occupar na téla um lugar secundario. Em Hogarth, a pintura dá a mão ao romance de Poe e Richardson: é a satyra, a melancolia, a paixão. O artista é poeta e critico — alliança esplendida! A sua obra não é simplesmente *um documento para a Historia,* frio, pallido e *exterior:* é uma synthese [1].

Representará, ou não, este movimento a invasão da Psychologia no mais refractario dos terrenos a conquistar? Dominadora no periodo contemporaneo, como a Esthetica no hellenico, é ella a inspiradora suprema; na Arte, a verdade do *descriptivo* é simplesmente um subsidio: importa derivar da observa-

[1] Vide, sobre o assumpto: Taine, *L'esprit anglais.*

ção serena para a synthese elevada: *interpretar,* emfim: eis a fórmula [1].

Voltêmo-nos para a velha Gallia: algures fallámos de Emilio Zola e do seu monumento, um dos mais notaveis da Arte franceza: *Os Rougon-Macquart.* Zola fizera preceder de um trabalho definidor da sua esthetica [2] o alludido monumento artistico. O trabalho em questão é um grito de colera e tem seu tanto de antecipado grito de triumpho: é a Physiologia *enragée:* « A verdade! sempre a verdade e só ella! — brada o physiologista — mas a verdade visivel, palpavel! » E todavia é uma verdade, senhores physiologistas, a invisivel e imponderavel Consciencia!

Mas o theorico demolidor entra na senda da applicação: ergue o monumento. Quereis vêr como — felizmente para a Arte — olvidou a espaços o Physiologista a sua theoria positiva? Vêde os typos adoraveis de Silverio e de Miette, o melancolico vulto de Florent, as poderosas creações do abbade de Faujas e da velha mãi: perguntai lá pelo systema do theorico! Onde está a transmissão physiologica? Esqueceu-a totalmente o artista: os odios systematicos afundaram-se perante a Psychologia eterna e a Arte triumphou, mau grado a theoria assente!

Terá a escóla physiologica — e é este o terreno da controversia — horisontes vastos e seguros? Negamol-o terminantemente. A doutrina que circum-

---

[1] Planche, Taine, Merlet, etc.

[2] *Mes Haines.* 1874.

screve ao mundo physico o circulo da observação; que substitue as paixões, a Idéa e a Consciencia por as sensações, os instinctos e as combinações plasticas da vida vulgar: essa escóla póde affirmar-se mediante secundarios recursos — o brilhantismo e a fidelidade exterior; — mas, se o Romantismo, na plenitude do absurdo, vingou prostrar os exclusivismos classicos da *fórma,* que será licito esperar, em vida e movimento, de uma escóla, que tem do Classicismo a frieza methodica, sem a magestosa elevação dos monumentos d'este ultimo?

*

O eminente critico inglez J. Ruskin, o author das *Stones of Venice,* sustenta, defendendo a invasão da Psychologia na Pintura, que a mais escrupulosa verdade na reproducção dos detalhes caracteristicos é impotente para produzir o Bello. A verdade é simplesmente um meio; a Arte vai além e o seu fim consiste em despertar sensações de ordem superior. Igualmente não basta que o prazer *sensivel* seja desperto. « Tal prazer póde ser a base da impressão, mas é mister que elle seja acompanhado por um movimento de jubilo, por um sentimento *affectivo* pelo objecto exposto, por uma percepção da bondade e da intelligencia superior e, finalmente, por um impulso de gratidão e veneração pela intelligencia productora... Nenhuma impressão póde ser reputada como *do Bello* se na composição d'ella não collabo-

ram taes sensações; do mesmo modo nos será impossivel formar idéa de uma carta, se nos limitarmos a aspirar-lhe o perfume e admirar a calligraphia, sem lidarmos por comprehender-lhe o conteúdo e a intenção [1] ».

Como responde a tal affirmação de doutrina o critico francez? Mediante dous epithetos, recheiados de espirito parisiense: — a Esthetica de Ruskin é, no fim de tudo, « a esthetica de um homem do Norte, *espiritualista e protestante* ». Todas as affirmações do critico inglez são por igual annotadas com a bonhomia desdenhosa de um *lazzarone* critico. Citaremos algumas, attendendo a que synthetisamos na theoria de Ruskin as nossas opiniões pessoaes e a que o seu contradictor Taine não desdoura os homens do terreno opposto.

Ruskin condemnára como evidente deturpação da Historia o *S. Paulo* de fórmas athleticas, creado pelo semi-deus Raphael. Não é mister recorrer a Taine para conhecer o *laid petit juif* de Renan, que o critico francez cita lealmente, vá-se dizendo. Qual é porém a annotação do contradictor de Ruskin? — « Raphael tinha razão... elle pensava *apenas* em dar-nos homens formosos, de elevada estatura e no-

[1] *L'Esprit anglais*, já cit.

Diremos, de passagem, que na escóla de pintura psychologista cumpre collocar Rembrandt (Vide o Estudo de G. Planche sobre o mestre hollandez: *Études sur les Arts*, ed. M. Lévy, 1856).

bre presença, e M. Ruskin pede á Pintura os effeitos da Litteratura!»

Nada conhecemos mais deploravel do que esta apologia do falseamento historico: imaginemos um Raphael, surgindo em pleno seculo XIX e creando, a sabor da sua phantasia e a coberto da theoria de Taine, um *Marat, reproducção de Ganymedes:* que dizer da profanação?

Uma phrase de Taine, em referencia a Ruskin, representa, porventura, um ponto de apoio do apregoado methodista, para as suas digressões aventurosas: defendendo Raphael, contra a argumentação de Ruskin, escreve: «E facil de condemnar um artista, attribuindo-lhe intenções que elle não teve». Ora, o caso das *intenções* do artista importa medianamente á Critica,—quando ella não arremessa ao leito procusteano de *um methodo* affirmações variaveis e inesperadas.

O ponto de apoio a que alludimos tem precedentes no Estudo sobre Guizot e a *Historia da revolução d'Inglaterra* [1]. O dogmatico historiador parlamentar é defendido *à outrance,* por Taine, contra *os adversarios* de Guizot. A allusão sublinhada tem por alvo o fallecido Planche, de illustre e austera memoria; —mas vamos concluir.

Dissémos, ha pouco, que os homens da nova escóla physiologica teem no critico Taine, salvo ligeiras restricções, um defensor seguro: a appellação do

---

[1] *Essais de Critique,* etc.

critico para o principio de Darwin, sobre a selecção natural — « o ascendente do *meio,* por uma serie de imperceptiveis formações e deformações, avoca os *artistas* capazes de interpretar o pensamento da sua raça ou da sua época [1] » — tal appellação, dizemos, é um grito de guerra, firme, sonoro e de um echo prolongado. Serão por igual firmes os alicerces da nova Fé? Chamem-nos, embora, por honrosa aproximação, *protestante e espiritualista:* crêmos que os seus fundadores, ao passo que rebaixam o Pensamento no esplendor da sua missão, atacam-lhe a austera dignidade pela negação do *livre arbitrio.*

1877.

[1] Ob. cit.

II

O PRIMO BAZILIO, por Eça de Queiroz

As sciencias positivas abriram á litteratura contemporanea uma vereda nova, muito para seducção de espiritos brilhantes e por alguns d'elles trilhada com um ardor que tem seu tanto de desvairamento. A fogosa imaginação dos neophytos incendiou-se de subito, no momento em que os diversos conhecimentos humanos se aproximaram entre si, como que elaborando a sua synthese futura e formando larga serie de capitulos de uma nova e immensa biologia. O *ideal*, que a espaços se occulta — sol acalentador, — cedeu o passo ás affirmações do *real*. A preoccupação do momento deu origem aos axiomas fundamentaes de uma nova esthetica: « O bello é a vida »; — « a suprema expressão do bello reside na maior somma de vida »: — axiomas sacrilegos que produziram a se-

guinte formula intransigente: — « Nada existe fóra dos dominios da vida [1] ».

D'aqui — a lucta vigorosa, desatando-se em aberrações: o creador eliminando-se perante a reproducção: a *irresponsabilidade* como norma: a materialidade, que está para o materialismo scientifico como a crendice popular para o espiritualismo consciente: a psychologia eterna eliminada por uma physiologia-photographica. Reproduziu-se o *vivo*, o *real*: mas a observação encerrou-se no estreito circulo da animalidade: pretendeu-se evitar o *heroe* e supprimiu-se o *homem*. O *homunculo* surge, porém, a espaços: a compensação talvez, mas sem duvida a resultante.

A arte moderna tem de ser espiritualista; póde ser brilhante, correcta, vigorosa; arrebatar no palco, deslumbrar no livro, fascinar na tela: mas o arrebatamento, o deslumbramento e a fascinação extinguem-se n'uma especie de remorso, perante a eliminação da alma humana, e perante a ausencia do *processo*. O artista é poeta e critico: sente e julga; interpreta. Não é Hugo, amortalhando o homem no descriptivo opulento da *Notre Dame*: é a escóla ingleza de Ruskin, dando o sopro vital aos monumentos artisticos de Veneza. A arte é, na phrase de escriptor illustre, o sacramento que confirma a *alliança do Espirito e da Materia*, os indestructiveis. O primeiro domina poderosamente, sob a sua fórma inconsciente. É espiritualista a Natureza.

---

[1] *L'Esthétique Spiritualiste*, par J. Levallois.

Entre nós, a maioria dos luctadores modernos pede á França — a moderna mãi — o exemplo e o incitamento: d'ahi o brilhantismo, o vigor de colorido, as hesitações, as deformidades, e, a espaços, o baquear estrondoso. Em França, a moderna escóla litteraria firma-se n'uma deploravel interpretação do movimento do romantismo. Na phrase severa de um moderno critico « o romantismo francez não vingou definir-se, nem affirmar, sequer, de um modo lucido e seguro as suas pretensões; despontára na Inglaterra e na Allemanha, durante as luctas sociaes da nação franceza e invadira esta ultima, nos trabalhos de Byron, de Scott e de Schiller, *ultimado* por esses obreiros, consoante as reclamações dos dous meios geradores e fecundantes. No dizer de uns, o romantismo era a *verdade* na arte, o real substituindo o abstracto, a palavra antepondo-se á periphrase; segundo outros, era o movimento, a paixão, o *caracter* substituindo o ideal. Para todos representava, é certo, a *liberdade* »: mas d'essa liberdade, antes intuitiva que definida, brotou de um modo irresistivel uma anarchia temerosa: — as demasias jupiterianas de Hugo e os severos correctivos de Gustavo Planche, as deturpações, os abortos, as contradicções — e, no termo das vacillações estranhas, uma physiologia grosseira evangelisada por dissidentes colericos, e aceite por um grupo desnorteado no seu tactear de grosseira emancipação [1].

[1] Vide sobre a introd. do Romant. em França, como ahi o definimos, o Estudo de J. Milsand — *Mort et reveil de l'imagination.*

Balzac representa no cahos o grande protesto da Consciencia: é um eclectico; funde, concilia, assimila, deduz; possue o maravilhoso segredo da phrase synthetica, e passa altivamente sobre a accusação de *arbitrario,* perscrutando com a lucidez dupla do vidente e com a fria precisão do mathematico. O colosso não deixou no seu paiz um continuador, em que peze aos pregoeiros de momentaneas glorias.

*

O Primo Bazilio, creação de Eça de Queiroz, constitue, a nosso vêr, uma affirmação d'este eclectismo opulento e uberrimo, que a breves traços buscámos definir. A forte divergencia, apparente, do *Crime do Padre Amaro* e do *Primo Bazilio,* seu successor, explica-se pela ausencia absoluta, n'este ultimo, da nota pantheista que dá o cunho de serenidade melancolica ao poderoso livro iniciador.

Os personagens de um e outro livro são, por igual, modernos, palpitantes da vida do seu tempo; mas no *Primo Bazilio,* mercê do meio agitado, convulsivo, caminham febrilmente; o espectador attento sente-se por vezes arrastado áquelle espantoso turbilhão; o contagio estabelece-se poderosamente; um vinculo de soffrimento liga-nos áquelles companheiros na vida dolorosa da civilisação de hoje; a vista, inquieta ha pouco, contempla desvairada aquelle abysmo, onde refervem, no cadinho depurante do martyrio, a luxuria, o odio, a vergonha, o desespero,

a imbecilidade criminosa, a infamia consciente, reflectida, e a pallida ignominia irresponsavel: um gargalhar convulso de pygmeus revoltos, embravecidos, cheios de espuma e de lama; temeroso Apocalypse e profunda synthese de um mundo novo em precoce dissolução...

Os recursos do brilhante artista ostentam-se no *Primo Bazilio* com um vigor surprehendente. Phrases de secundario personagem, phrases de apparente vulgaridade são alli clarões subitos que illuminam os penetraes de uma alma: a adjectivação methodica do conselheiro, as imprecações de Juliana — ora estridentes, logo soluçadas, sempre surdamente ameaçadoras, — e os desfallecimentos murmurados de Luiza sobrepujam em lucidez largas tiradas de insidiosa metaphysica de cem mil novellistas prégadores. A critica sentiu-se commovida. Ergueu a voz. Surgiram as divergencias, por vezes em extremo risonhas. Tal critico ameaça com a fogueira a *obra perversa,* em nome do Positivismo. Outro cita o *Paradou,* de Zola, com a opportunidade de uma citação de Milton: — fatal e criminoso fructo da exuberancia de saber...

A obra foi accusada — ouvimol-o — de *pouco nacional:* no dizer de illustrados censores, podera bem dispensar-se o romancista de introduzir no episodio domestico o *debóchado* elemento francez. Distingamos: na pequena cidade de provincia, na aldêa, n'um meio de morosa dissolução, ou de tendencias *conservadoras,* a nota parisiense seria por nós condemnada como dissonante, como intrusa: no viver contemporaneo da capital, a dissoluta cortejada re-

clama a alludida nota como um *chic* na depravação. Na sombra dos nossos *Bazilios* existe, forçosamente, uma *Alphonsine*. A « sensação nova », revelada pelo primo de Luiza a esta ultima e gravada pelo descriptivo do romancista na face da adultera, representa o signal da *molestia galante,* usada pelo conde de Artois e pelos seus inseparaveis em vesperas do importuno cataclysmo. É o cunho da época.

O monumento do snr. Eça de Queiroz é uma consolação e uma esperança: consolação para os espiritos severos enojados pelo thuribular mutuo de uns pygmeus, que ahi pejam bastidores e botiquins: esperança para quem um dia descreu da geração moderna, á qual bastam como garantia de vigorosa vida os poderosos espiritos do author do *Primo Bazilio* e do author da *Morte de D. João* [1].

---

[1] Os nossos pontos de vista synthetisou-os em um poderoso artigo, inserto no *Occidente,* o snr. Guerra Junqueiro. Abaixo damos um excerpto:

« Ha uma cousa ainda mais difficil de photographar do que a natureza: é a humanidade; são os sentimentos e as paixões — o abysmo. Nas consciencias ha oceanos tenebrosos e profundos. Para descer lá abaixo, até ás ultimas camadas, até aos ultimos limites do pensamento, é necessario que os mergulhadores intemeratos, os Colombos da alma, levem na mão essa lanterna de Victor Hugo, de Balzac ou de Shakspeare — o genio.

Para photographar o amor, a colera, o ciume, a perfidia, a avareza, a abnegação, isto é, para fazer a anatomia rigorosa dos espiritos, não bastam os escalpellos da medicina, os reagentes da chimica e as subtilezas investigadoras da policia. Qualquer mediocridade litteraria, intelligente e pacien-

te consegue daguerreotypar *um determinado* individuo, *um certo* individuo, estudando-o, espionando-o, tachygraphando as suas palavras, decorando os seus gestos, os seus *tics*, a sua pronuncia, cohabitando com elle, indagando os seus negocios, a sua intriga, a sua vida intima, finalmente seguindo-o por toda a parte, como a sombra segue o corpo e como Javert seguia Jean Valjean. É por este processo mesquinho e pusillanime que os romancistas de segunda ordem chegam a conhecer os seus personagens, exactamente como a ostra póde chegar a conhecer o seu rochedo. Não é fazer uma obra d'arte: é fazer um inventario.

Da mesma fórma que os grandes genios scientificos pela analyse dos factos chegam á descoberta da lei geral que os domina, assim os grandes poetas, os grandes dramaturgos e os grandes romancistas chegam tambem pela analyse dos individuos á creação dos typos sublimes e immortaes que são a synthese e o resumo de todos os individuos de que se compõe a humanidade. A lei da attracção é na sciencia o que *Romeu e Julieta* é no drama, o que o *Fausto* é na poesia e o que o *Père Goriot* é no romance. Newton está parallelo a Shakspeare.

Ora, d'estas grandes creações geniaes umas são eternas, abstractas, correspondem a todas as épocas e a todos os paizes, e chamam-se Margarida, Prometheu, Hamlet, Julieta, outras synthetisam a vida da humanidade n'um determinado seculo e chamam-se *D. Quixote, Tartufo, Divina Comedia,* e outras, ainda finalmente, representam n'um dado periodo, com todas as crenças, sentimentos e aspirações, a vida perfeita e condensada d'uma nação em especial: *Os Lusiadas,* por exemplo ».

1878.

NOTAS

A

Nas *Farpas* (tomo VII, 2.ª série) occupa-se largamente do *Crime do Padre Amaro* o snr. Ramalho Ortigão. Inexactidões graves e imperdoaveis erros de critica, commettidos pelo redactor das *Farpas,* impõem á critica imparcial e independente o dever de annotar com severidade as paginas do snr. R. Ortigão. Seria deploravel que taes desvios encontrassem apenas entre nós o *recebemos e agradecemos* da ignorancia e o applauso banal da covardia.

Annotemos, pois:

A pag. 82 das *Farpas,* escreve o snr. R. Ortigão:

« Este livro (*O Crime do Padre Amaro*) foi re-
« cebido pela imprensa periodica com um silencio,
« que póde parecer o resultado d'um *mot d'ordre*.
« Crêmos, para honra do jornalismo, que a razão
« do apparente desprezo de que foi objecto este ro-
« mance está no simples facto de que a critica se
« julgou incompetente para o julgar.

« *O Crime do Padre Amaro* é effectivamente
« difficil de sentenciar, porque constitue um caso
« raro, não previsto nas ordenações por que se re-
« gulam as audiencias geraes do folhetim e do no-
« ticiario ».

Indicaremos simplesmente quatro inexactidões nas linhas que deixamos transcriptas:

1.ª — O livro não foi recebido com silencio pela imprensa periodica.

2.ª — Não houve apparente desprezo.

3.ª — A critiça não se julgou incompetente.

4.ª — Não ha ordenações que regulem para *a imprensa periodica* (existam embora para *certos* orgãos) as audiencias geraes do folhetim e do noticiario.

Provas:

« . . . Silva Pinto.

« Só hoje recebo *pelo meu amigo Ramalho Or-*
« *tigão* o seu excellente artigo sobre *O Crime do*

« *Padre Amaro* e estou extremamente penhorado « pela sua apreciação, tão elevada, tão scientifica, « tão finamente escripta... V. classificou admira- « velmente o meu trabalho, filiando-o nos romances « de *realismo psychologico*. Balzac, com effeito, *é o* « *meu mestre*... elle é com Dickens, certamente, o « maior creador na arte moderna: mas é necessa- « rio não ser ingrato para com a influencia que tem « no realismo Gustavo Flaubert; — o seu estylo, a « sua profunda sciencia dos temperamentos tem fei- « to na arte contemporanea uma revolução impor- « tante. Eu procuro filiar-me n'estes dous grandes « artistas: *Balzac* e Flaubert... Isto bastará para « fazer comprehender as minhas intenções e a mi- « nha esthetica... Repito: o artigo de V., cheio de « observações e de sciencia, penhora-me em extre- « mo: a minha tentativa não merecia tanto; acei- « to-o como um estimulo e como um premio.

« Seu etc.

« *Eça de Queiroz* ».

Passemos aos erros de critica:

A pag. 83 escreveu o snr. Ortigão:

« Essencialmente moderno, este romance não é « a narrativa d'uma aventura ou d'uma serie de « aventuras á Lessage, á Dumas, ou á Gaboriot « (nós escrevemos *Gaboriau*)... É uma pintura de « caracteres, mas não uma pintura á Balzac ou á « Flaubert, porque este livro não é exclusivamente « de nenhuma escóla, senão da escóla de si mesmo,

« e é esse cunho profundamente pessoal que lhe dá « o caracter que o distingue como verdadeira obra « d'arte ».

Reatemos o fio das annotações:

5.ª — O livro do snr. Eça de Queiroz não é da escóla de si mesmo: a affirmação é erronea: o escriptor portuguez é discipulo illustre do author da *Comedia humana;* aproveita, porém, de Flaubert o estylo do descriptivo (vide qualquer das paginas do descriptivo de *Madame Bovary*), sem renegar a escóla do grande psychologista: o estudo do homem *interior*. É da escóla de Balzac, como Zola e o snr. Bento Moreno são da escóla de Flaubert — surprehendendo em flagrante o homem exterior e firmando os seus processos litterarios no simples estudo dos temperamentos.

6.ª annotação. — O caracter que distingue como verdadeira obra d'arte *O Crime do Padre Amaro* não reside no « cunho profundamente pessoal » do livro: monumento artistico é o *Paradise Lost,* de Milton, e todavia é uma reconstrucção (superior, embora, ao trabalho primitivo) do poema de Masenius, o jesuita de Colonia: está ausente o cunho profundamente pessoal, que constitue a verdadeira obra d'arte, no dizer do snr. Ortigão.

Fastidiosas seriam as citações que nos estão acudindo contra a affirmação gratuita do redactor das *Farpas*. Dir-nos-ha o snr. Ortigão que o cunho pessoal do escriptor póde ser applicado por este ultimo ao trabalho que plagiou: o trabalho de Mase-

nius receberia de Milton o *cunho profundamente pessoal* do poeta inglez: por outra, o *cunho pessoal* não seria o do author primitivo, mas o do verdadeiro artista.

Concedido! Faremos, porém, observar que o snr. R. Ortigão explica a existencia do alludido *cunho pessoal* pelo facto de ser o livro do snr. Eça de Queiroz um livro *da escóla de si mesmo* (textual). Ora, é justamente essa independencia absoluta que nós recusamos ao *Crime do Padre Amaro;* recusa-lh'a o proprio author (vide a carta do romancista), conceda-lh'a embora a critica do snr. Ortigão.

A pag. 88 das *Farpas* escreve o snr. Ramalho:

« Ao lado do dialogo mais vivamente travado « e das situações dramaticas mais profundamente « sentidas, mais commoventemente narradas, o au- « thor compraz-se habitualmente em pintar com frio « cynismo as ridentes paizagens em que scintillam, « etc. »

E depois?

E depois — « ahi está porque sua filha é muda! » diria Sganarello. O redactor das *Farpas* diz:

« E nada mais profundamente real do que a im- « pressão deduzida d'esse constraste entre a incle- « mente immobilidade das cousas e a devastação « tempestuosa das supremas paixões no fundo da « alma humana ».

7.ª e ultima annotação. — Nós crêmos profunda-

mente nas boas intenções do snr. Ramalho Ortigão para com o author do *Crime do Padre Amaro;* e, todavia, o redactor das *Farpas* attribue ao illustre romancista um crime de lesa-arte! Como explicar o desastre? Pela irreflexão? Por demasia de candura? Mas a candura e a irreflexão em critica litteraria abrem a sepultura do critico: teem com a ignorancia repetidos pontos de contacto.

Vejamos, porém, o desastre:

A critica imparcial notou no livro do snr. Queiroz, afóra a esthetica e os pontos de vista do romancista, grandes dotes de observação, desenho irreprehensivel dos caracteres, verdade no dialogo, profunda realidade na vida psychologica, e um descriptivo admiravel: o que a critica imparcial não viu foi o *frio cynismo* do author. E, todavia, o snr. Ortigão assevera que o snr. Queiroz *se compraz habitualmente* em pintar com o tal *frio cynismo* as paizagens do seu romance...

Faremos observar que o tal *cynismo* não apparece no romance em discussão, ainda bem para o grande artista, que produziu este ultimo. Se tal cynismo apparecesse nas paginas do *Crime,* o livro do snr. Eça de Queiroz não seria uma obra de arte pura: o author seria um critico, ou um pamphletario, ou um escriptor satyrico, ou *humorista: — um artista,* no mais puro e elevado sentido da palavra, sem intenções reformadoras, traduzidas em declamação, isso não vingaria sel-o o snr. Eça de Queiroz apoiado no *frio cynismo.*

Das duas uma: ou o escriptor se compraz (no

dizer do snr. Ramalho) em pintar cynicamente, e o snr. Ramalho, descobrindo-lhe o processo em plena applicação, denunciou a intenção do romancista; ou o *cynismo* do escriptor é por elle involuntariamente revelado, e surprehendido pelo snr. Ortigão.

No primeiro caso, por parte do snr. Eça de Queiroz, um crime de lesa-arte; no segundo — manifesta impotencia.

Cumpre-nos, porém, affirmar que a ironia do romancista é impessoal, como a de todos os artistas eminentes, e que não é licito affirmar se o snr. E. de Queiroz *se compraz,* ou não, em pintar as ridentes paizagens, de par com a devastação das paixões. O romancista não vive no seu trabalho; eclipsou-se perante elle, está ausente: não lhe admiramos o *cynismo,* nem a *commoção.*

B

Posteriormente á publicação d'este estudo — *Do Realismo na Arte,* viram a luz os nossos *Realismos,* uma serie de pequenos esboços cujo intuito se define em uma nota que os acompanha e que abaixo reconstruimos — confirmando-a.

Essa nota provocou reflexões que já corrigimos e que hoje deixariamos no escuro em attenção á inepcia do seu author, se não vissemos na personalidade litteraria do snr. Pinheiro Chagas o responsavel por taes dislates. Se houve excesso de severidade ao tomarmos contas ao alludido escriptor, se não é

positivamente á mão do snr. Chagas que devemos o apontoado de parvoices aggressivas, não é menos certo que a nossa dignidade, vedando-nos a graduação em redondo dos nomes d'alguns idiotas, impunha-nos o dever de chamar á barra um nome representativo de imputação e, aos olhos de certo publico, de largos creditos ornado.

Importa deixar estabelecido que um cretino jornalistico póde filiar-se em *associações de escriptores,* sem por tal motivo adquirir direitos a um correctivo litterario por parte de quem se préza.

Isto posto, transcrevemos a nota que define o intuito dos *Realismos;* depois, a réplica ao snr. Chagas, director espiritual da folha que nos aggrediu.

(*a*) Quando — pela primeira vez — foram publicados os *episodios* que ahi ficam, um leitor assiduo da folha jornalistica que os publicou, apreciador archi-benevolo do que lhe apraz denominar o meu estylo tão caracteristico, entrou nos dominios epistolares e expediu-me d'alli um documento de candura.

— Que os pequeninos episodios poderiam ser-lhe *ainda mais* agradaveis se n'elles apparecesse o estylo tão caracteristico do escriptor que os produziu, em vez do estylo — que se lhe afigura *charge* artistica, — que, em seu juizo, os *desfigura.*

Expliquemo'-nos:

A fórma por mim dada aos episodios insignificantes, a que allude, não encerra um simples intuito

de *charge:* representa uma demonstração para uso da critica: demonstra-se que o applauso da maioria ás producções da nova escóla (?) obedece á fascinação plastica, sem curar de processos scientificos, nem da existencia da vida psychologica, base do romance contemporaneo. É por meio de tal fascinação que um escriptor qualquer, tendo-se apoderado d'um episodio réles, d'um descriptivo insignificante — um cão de gado que ladra ás estrellas, e o effeito dos latidos na amplidão enorme — obtém sorrisos approvadores e um lugar nas fileiras do *modernismo,* lugar obtido sem estudo, sem combate, mediante uma simples exploração do adjectivo e um certo deslocamento, muito facil, na construcção grammatical: exemplifiquemos:

Estylo velho: — « O desconhecido, ao aproximar-se do conde, inclinou-se com um sorriso amavel e disse-lhe: — Tem a bondade de me emprestar o seu lume?

« O conde inclinou-se a seu turno e apresentou-lhe graciosamente o charuto havano, d'uma côr alourada, acompanhando a offerta de um sorriso ».

É natural isto: pois não é? Mas não é saltitante, não é moderno, nem tem o *tic,* o *chic,* um não sei quê dos modernos, *que só elles possuem,* um cunho todo *scientifico,* hein?

Transplantemos a vélharia ao novissimo clima encantador:

Estylo novo: — « Abeirou-se o homem. Tinha um sorriso. O conde esperava tranquillo, com uma grande despreoccupação de consciencia calma, saude e horisontes limpidos. O outro veio, e, inclinado, muito

dôce pediu-lhe lume. Que sim: que lhe dava lume! Muito gracioso. Estendeu o braço, uma curva ligeira, elegante, e offereceu o charuto muito louro, dourado, com uma cinza assucarada. O outro accendeu. Fumo evolava-se azul na amplidão pacifica. Passaros cantavam ».

Melhor! muito melhor, hein? Que pedra de toque de sentimentos! Que dobre funereo na esteira de Balzac, o anatomista medonho! Como se é Zola! Como se é Flaubert! Que a *Comedia humana* tem suas cousas... mas é uma estopada! Qualquer dos modernos faz uma galeria de typos em cincoenta volumes, com muitos *trucs* e *tics,* e surprezas e o grande diabo — como diria Camillo!

Com summa vergonha declaro que tenho ouvido cem, duzentas, mil vezes este raciocinio. De idiotas? Não: de homens lidos e treslidos (sem epigramma): de manuseadores do romance moderno nas suas affirmações mais potentes, desde Balzac e Stendhal, desde Cooper e Dickens, até Flaubert e Zola; desde o apparecimento de Eça de Queiroz até á assombrosa reacção de Camillo Castello Branco contra os *videntes zanagas* do modernismo! Qual é a explicação d'este symptoma deploravel de deslumbramento? É facil: é evidente: é o predominio da *plastica* sobre a *psychologia,* nos escriptos sem criterio definido. Ha muitissimo talento, por ahi, disperso: mas o compulsar dos documentos será sempre indispensavel a um processo que se apoia em factos comparativos, — e a maioria folheou rapidamente os documentos de hoje, porventura os de hontem: mas não confrontou, não deduziu: não *criticou.*

Importa resumir:

Abstrahindo dos intuitos demonstrativos, que deixei indicados, os folhetins em questão podem ser *encarados* como *charge* plastica — de Eça de Queiroz. Mas são só isso. Que os « amadores » lhes não attribuam intuitos que seriam d'um ridiculo igual ao atrevimento. Escrever *á Eça* tornou-se um *tour de force;* gradualmente attingiu uma pretensão um tanto... desaforada: produzir trabalhos aproximadamente iguaes aos do author do *Crime do Padre Amaro:* mas o snr. Eça de Queiroz tem um processo de escóla: considera a psychologia independente e subordina-lhe a acção, como outro escriptor, de menores recursos — o snr. Bento Moreno — considera a psychologia subordinada á physiologia e n'este campo medico-litterario vai procedendo.

Recentemente, Camillo Castello Branco deu-nos o *Euzebio Macario, charge* plastica dos romances de Eça de Queiroz — mas com a poderosa superioridade do *Lexicon* de Camillo, e com o seu processo *individual:* o livre arbitrio alternando com a fatalidade providencial; a idéa inicial marchando sem rodeios ao seu fim, um grande desprendimento das bombas explosivas, de artificio. Na esteira d'estes homens appareceram cem outros, com uma carga de magros folhetins, cheios de *trucs,* de modernismo: de pequeninos diabos saltitantes! Cada um era um Eça, um *reformador,* um algoz de Balzac. A turba applaudia: « Que geração, santo Deus! Que assombro! » E verdade: era um assombro!

N'este ponto cumpre á minha consciencia abrir

uma excepção d'alta estima litteraria, consagrando-a a Fialho d'Almeida. Elle possue, como nenhum outro da moderna pleiade, o poder do descriptivo, n'uma exuberancia que póde assustar, por vezes, a critica mais timida e reservada; mas quando o seu talento altamente progressivo e profundamente observador distrahir um pouco dos seus recursos para a observação psychologica, o snr. Eça de Queiroz terá um émulo — á sua altura.

Convém-me accentuar o meu parecer, attendendo, especialmente, a que o snr. Pinheiro Chagas, imitador de Feuillet, capitúla de *imitadores* os escriptores novos e porque o mesmo snr. Chagas, traductor das *Amigas e Peccadoras* e redactor d'um jornal que consagra duas columnas á *cocotte* Bellune, ataca á ultima hora a immoralidade do romance moderno. Estas escuridades impõem-me muitissima clareza. Ficamos entendidos — todos.

Voltando aos quadros e terminando: elles não querem que os reputem *uns assombros* de *mocidade moça;* vieram ao mundo para demonstrar que a cousa é facil, tão facil que a fiz — eu! Mas facil ainda... não sei se diga... tão facil que o noticiarista M. Pina se aventurou a fazêl-os — parecidos; menos grammatica, é certo: mas, emfim, um tanto similhantes...

Aqui tem o meu caro leitor as razões que me levaram a sahir, por algumas horas, *do meu estylo tão caracteristico* — e por vezes tão pouco amado.

(*b*) O snr. Manoel Joaquim Pinheiro Chagas,

director do *Diario da Manhã,* aggride, por intermedio de um aprendiz anonymo, o meu livro *Realismos.* Eu nada tenho com o aprendiz: vai longe o tempo em que a minha ingenuidade desmamava fedelhos, com açôrdas d'alho e strychnina. Hoje preoccupo-me nos *mestres,* com a serenidade que o snr. Camillo Castello Branco dispensa aos *mestres* — e aos estrumes tambem. O meu caso é com o snr. Manoel Joaquim Pinheiro Chagas. Tanto mais que s. exc.ª adverte-me de que corro os meus perigos ao provocar os *grandes* como elle.

Sériamente, ninguem crê nos meus terrores, quando affronto as coleras de gigantes da craveira do snr. Manoel Joaquim, ou maiores ainda. As minhas temeridades vem de longe, e não me parece que esteja reservada ao melancolico dramaturgo da *morgadinha* a tarefa de me despertar aquelles terrores.

Eu pouco vejo no aranzel do snr. Pinheiro Chagas, que se me afigure digno de annotação. Ólho o aranzel pelo lado litterario e considero-o parvo e revelador d'uma ignorancia — que me não surprehende: ólho-o pelo lado aggressivo e vejo-o parvo outra vez. É muita parvoice junta. Eu não merecia ao excellentissimo um similhante enxurro. Mas tambem não me surprehendem as injustiças. Adoravel convivio dos cafres!

Vamos ao caso: O snr. Manoel Joaquim Pinheiro Chagas, em harmonia com o absoluto desconhecimento, em demasia demonstrado, da moderna evolução litteraria, baralha e confunde os nomes de Eça de Queiroz, Bento Moreno e outros. S. exc.ª ainda

não comprehendeu que entre o psychologista do *Crime do Padre Amaro* e o physiologista do *Amor Divino* ha um abysmo que só um polygrapho sem cothurno pensaria em preencher. Eu tenho aqui uma carta do snr. Eça de Queiroz, na qual o illustre romancista me agradece o ter definido por um modo «tão elevado como scientifico» os seus processos litterarios, antes que qualquer outro escriptor, em Portugal, houvesse manifestado, por mais levemente que fosse, a comprehensão de taes processos. Á beira d'esse documento tenho outro no qual o snr. Bento Moreno, o romancista do *Amor Divino* e dos *Noivos*, agradecendo-me as observações claramente formuladas sobre os seus processos litterarios, defende esses processos, não contra uma falsa comprehensão do critico, mas em nome do fanatismo scientifico — se assim posso exprimir-me — que o filiou na escóla em que se distingue.

O estudo que provocou as cartas dos dous romancistas foi publicado n'um volume intitulado *Controversias e estudos litterarios* (1878). D'este livro disse no *Occidente* o snr. Guilherme d'Azevedo: «A critica tem obrigação de se occupar d'este trabalho»: são estas as palavras aproximadamente. Eu estimaria que o snr. Guilherme d'Azevedo, em vez de se limitar á justa condemnação d'uma critica tão silenciosa como ignorante, analysasse detidamente o meu trabalho, robustecendo por tal modo os seus louvaveis sentimentos de estranheza e indignação. Em todo o caso, s. exc.ª registrou a miseria dos collegas. Beijo as mãos de s. exc.ª

Ora, se o snr. Pinheiro Chagas não vingou até

hoje, á luz dos documentos, já tão numerosos e tão eloquentes, da nossa litteratura moderna, comprehender a evolução artistica do seu tempo, não é a mim que compete dar lições directas a s. exc.ª. Seria o caso narrado pelo grande pamphletario da Restauração, Paulo-Luiz-Courier: «Se tu não o comprehendeste, como hei de eu explicar-t'o?!...» O snr. Pinheiro sabe do caso. Ou não sabe?

Do mencionado livro, indicado pelo snr. Guilherme d'Azevedo, fallaram com a authoridade do estudo e da consciencia os snrs. Alexandre da Conceição e Simões Dias. Isto basta.

No derivar magestoso da prosa do snr. Pinheiro, escoada pelo bestunto do seu digno aprendiz, avultam ainda as seguintes accusações: — Dediquei o meu livro ao snr. Camillo Castello Branco, apesar de antigos aggravos existentes entre o grande escriptor e eu; elogiei o snr. Fialho d'Almeida, apesar de ter sido o brilhante redactor da *Chronica* «insultado» por um collega meu — o distinctissimo poeta portuense Alfredo Carvalhaes: esqueci que Honoré de Balzac foi o primeiro realista, etc.; accuso os pequenos, porque armam ao escandalo e á celebridade, mediante o insulto aos velhos, sem me lembrar de que assim fiz e de que assim faço, ao provocar o snr. Pinheiro. Creio que mais não regouga. Eu já lhe fallo.

O meu livro foi dedicado ao snr. Camillo Castello Branco, porque os antigos aggravos desappareceram de entre nós: a reflexão alevantou-me um dia até onde a mais profunda admiração se tributa, sem calculo e sem hypocrisia, em face do homem illustre, aggravado outr'ora pela impetuosidade leviana. So-

bre as offensas por mim recebidas do snr. Camillo Castello Branco passaram, não ha muito, palavras de benevolencia do grande escriptor, que apagam da minha memoria boa parte dos estendaes miseraveis que na minha carreira me hão sido tributados pelos aprendizes do snr. Chagas e outros quadrumanos da litteratura vádia. Eu não tenho hoje em Camillo Castello Branco um mestre, apenas: tenho um amigo. A dedicatoria do meu pobre trabalho é a millesima parte do que lhe devo.

Eu elogiei Fialho d'Almeida, apesar dos « insultos » de Alfredo Carvalhaes: é que nem Alfredo Carvalhaes carece de consultar-me para emittir as suas opiniões sobre qualquer individualidade, nem eu careço de consultar o meu collega e amigo, para emittir as minhas. Carvalhaes, affrontado por Fialho d'Almeida, a proposito do *Cancioneiro Alegre,* julgou dever retribuir a offensa. Questão de brios litterarios. Manifesta-os quem os tem.

A proposito, tambem, me recordo de um facto recente: um jornalista lisbonense, mui conhecido, escrevia-me ha pouco: « Desejava transcrever a magnifica nota dos *Realismos,* mas tenho sido tão bem tratado pelo Chagas... »

Passemos:

Honoré de Balzac tem tanto que vêr na *léria* indicada pela Nota dos *Realismos* como Milton ou como os poetas cubanos. Trata-se dos *tics* grutescos explorados por uns sujeitos mais grutescos ainda, que

d'um escriptor distincto souberam apenas aproveitar os defeitos, lançando porventura na alma d'aquelle homem a vergonha de similhante camaradagem.

Camaradagem dos chacaes e do leão.

Ultima accusação: — Armei e armo á celebridade, atacando os velhos, os grandes. No caso do snr. Camillo Castello Branco, visto que a elle se allude, já disse tudo, — pelo menos tudo o que é licito imprimir, — aos meus comicos accusadores. Circumscrevendo-me ao caso do snr. Pinheiro, só direi que s. exc.ª não me parece assás velho; menos ainda assás grande, para poder dispensar-me celebridade.

Vá vivendo v. exc.ª com a que tem, ganha *em bons tempos,* snr. P. Chagas; louve-se na admiração dos aprendizes; seja o eterno infante prodigioso que ha dez annos deslumbrou a burguezia; condemne os imitadores, com a authoridade de quem *conhece* o Feuillet; fulmine a immoralidade dos modernos — em homenagem á Bellune, biographada no seu jornal; seja grande no Pará e no Gremio; mas não me obrigue a perder tempo com insignificancias como esta de responder aos seus garôtos; não abrigue os seus rancores por detraz dos pacovios que lhe limpam as pennas ao mesmo passo que lhe sujam de ridiculo a reputação, mercê funesta do contacto; seja v. exc.ª sol entre esses cometas e que elles aprendam a salvar o *rabo* durante as corridas celestes, — ou ficarão sem elle...

N'isto de *rabo* de cometas — modo de dizer — de aprendizes do snr. Chagas, o caso vai derivando á urgencia de exames primarios, na mesa do snr. Epiphanio. Eu, para concluir, delégo n'este erudito

e rábido acolchetador de ignominias escolares o cuidado de se occupar dos cometas supra, emquanto entretenho os meus ocios e me distraio dos rheumatismos, puxando a linha aos bonifrates. Se o snr. Epiphanio houver de aborrecer-se, sim, se elle se aborrecer, entregarei a linha ao erudito e cavalgarei os cometas.

Mais nada.

C

O snr. Alexandre da Conceição accusou recentemente Camillo Castello Branco de guerrear iniquamente os homens novos e, em especial, Eça de Queiroz; no dizer do snr. A. da Conceição, o grande escriptor aggravava a iniquidade dos ataques, — capitaneando os cretinos do jornalismo barato. Deram-me rebates aos brios uns amigos cuidadosos da minha reputação de intolerante em materia de insinuações recebidas. Reflecti; lancei os olhos aos documentos de amavel deferencia e de consideração, exagerada pela bondade, que d'este collega tenho o gosto de possuir — em manuscripto e em redondo — extremamente recentes, e concluí:

que o snr. A. da Conceição não me filiára, aleivosamente e sem meu consentimento, na *Associação dos jornalistas e escriptores* (*e parvos*) *portuguezes*.

Mas, — temos um *mas*, — o snr. A. da Conceição escrevera-me recentemente uma carta... severa, a proposito do livro *Realismos*. O snr. A. da Conceição escrevera-me particularmente, entende-se. Não alludo

á sua carta senão porque ella me torna hoje um tanto solidario com o snr. Camillo Castello Branco perante as accusações publicas do meu correspondente.

Eu não sei que diga ao snr. A. da Conceição a respeito de irreverencias contra o snr. Eça de Queiroz; não fallo da perseguição (sic) levada a exito por Camillo Castello Branco; sobre esse caso lá está o mestre, e nós (todos os que lêem portuguez) cá estamos para ouvir — com a attenção que a nenhum outro se dispensa. Mas, pelo que directamente se refere ao que o snr. A. da Conceição denomina *má acção litteraria,* por mim praticada com os *Realismos,* só me cumpre deplorar que as apprehensões d'este collega lhe cerrassem o entendimento á comprehensão do meu trabalho e da justificação — infelizmente necessaria — que o acompanha e que acima transcrevi.

N'este ponto, afigura-se-me que o snr. A. da Conceição não defende Eça de Queiroz contra os perseguidores: defende os idiotas que se prendem pelo vinculo da imitação burlesca ás individualidades respeitadas: defende os cretinos (cá lhe emprégo o termo) que se fazem admirar no botiquim pelos seus congeneres e que com estes alli estudam e conquistam fóros de escriptor: defende essa ganilhada inscipiente, patétinha, que cóça a elephancia cerebral nos camarins das *cocottes* theatraes e que faz critica, sem possuir miólos: defende os imbecís que espojam a ignorancia crassa e a malevolencia covarde nas columnas jornalisticas abertas aos collaboradores baratos — uns taes que, na phrase de escriptor illustre, dão artigos por meias solas; defende os velhacos que

conspiram na sombra contra um nome glorioso e temido e que não hesitam em bandear-se com a ralé dos litteratiços anonymos, no trabalho de diffamação. É essa corja de miseraveis, torpes até á nausea, que applaude as palavras d'um homem estudioso e de precedentes sérios, na hora em que esse homem lhes defende involuntariamente os interesses. Oxalá que não tenhamos de registrar, com os nomes dos principaes culpados, as minudencias das torpezas.

Eu esperei muito em discussão serena, quando a maxima serenidade transluzia das palavras discordantes do snr. A. da Conceição no vasto campo das idéas. A discussão, hoje, não a espero nem desejo, porque não conto com a serenidade. Mas os documentos do meu respeito pelo trabalho sério ahi ficam nas paginas precedentes. O respeito não é o facciosismo: deriva-se da consciencia esclarecida e só assim póde ser justo.

Nada mais.

1881.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

E

«A CORJA»

CAMILLO CASTELLO BRANCO

E

«A CORJA» [1]

I

Na dolorosa epopêa do genio discutido e calumniado abre uma excepção, que nos consola, este grande nome de Camillo Castello Branco. Os grandes homens insultados pela mediocridade confiaram sempre do futuro o glorioso desaggravo; Camillo encarregou-se da desforra; e os seus insultadores são *homens mortos* para a imputação desde a hora em que o gigante os discutiu, — dado que não vingue purificar-se no arrependimento e honrosamente confessal-o.

Eu insisto ainda agora na expiação que me rehabilita: se ha quem muito deva em lição, mais que

[1] Vide *Bibliographia Portugueza e Estrangeira;* editor Ernesto Chardron. Porto. 1881.

muito salutar, ao mestre de todos nós, sou eu, que lhe aggredi o trabalho colossal, sem resvalar no insulto ignobil ao *homem* que mais tarde me foi mestre e ao *lar* que me recebeu amigo...

Pude assistir, hospede n'esse lar, á formação do ultimo livro de Camillo. Pede-me a consciencia, porventura illudida, um juizo favoravel á consciencia dos insultadores do livro e do seu author; — eu creio que os sentimentos de simples equidade, avocados pela simplicissima vergonha, dariam rebate á confissão do erro no espirito d'esses transviados, se n'esses espiritos pudesse transluzir um clarão tenuissimo d'aquelle viver de sacras amarguras que tem o lenitivo no trabalho, ou que desabafa em palavras de amigavel incitamento quando a provocação dos insensatos o não distrahe para as violencias do correctivo.

Afigure-se ao leitor de boa fé e de claro entendimento que a sorte, raro propicia a entendimentos honrados, o levou em hora de paz ao remanso de S. Miguel de Seide. É hospede na hospitaleira morada. Alta manhã, subiu ao gabinete de trabalho do mestre e achou-o solitario. Sahiu da officina para o lugar do descanço: sobre o leito, presa dos soffrimentos physicos de cada hora, que os soffrimentos moraes vingam suffocar a espaços, o grande homem descança no trabalho. Não ha que hesitar na interrupção: entrai: lá está o sorriso socratico do mestre a receber-vos carinhoso. Ahi tendes *a féra* que se propõem acossar uns taes que mal espulgam a insignificancia nas horas ferozes em que o pulguedo da vaidade parva lhes dá rebate ás furias: ahi tendes o *homem*

feroz que esses pregoeiros de especiarias podres apontam como o algoz de suas industrias d'elles. Não hesiteis na expansão do vosso crêr: elle — *o verdugo* — tem indulgencia e conselho para todas as ignorancias; tem o silencio de favor para as vaidades que o não insultam; o que elle não tem é a resignação criminosa da bondade exagerada, quando os pygmeus chafurdam no pantano fétidissimo da injuria soez, no intuito de lhe salpicarem a formidavel sombra; o que elle não tem é a indulgencia da exagerada caridade quando suspeita que o aggressor ingenuo encobre o vulto de villão cobarde que se agacha na sombra, menos escura que a alma do miseravel.

Então, n'esses momentos em que os profanos imaginam, á luz vermelha da represalia do mestre, uma irritação feroz, o grande homem converte o insultador em titere, prende-lhe o cordel; puxa: as cambalhotas succedem-se; o publico ri perdidamente, ou sente frémitos de espanto: o insolente morde a terra, e, quando o auditorio espera a punhalada final vibrada pelo gigante, o gigante applica no esmurraçado nariz do iconoclasta um misericordioso piparote. E ri.

Riso que seria crudelissimo se a bondade da suprema força o não temperasse...

Ás vezes, quando o feroz inverno da aldêa me fornecia, benevolo, o pretexto para conservar-me á beira de Camillo, o mestre concedia-me a leitura do seu trabalho, e eu lia distrahido: é que eu pensava, em quanto lia, nos esforços de uns miseros parturientes que atrôam os ares com os seus gemidos quando cerradas noites dolorosas de meditação lhes arrancam dez paginas de *original* morto ao nascer,

— uns reformadores sarrafaçaes que põem a tratos de emendas os compositores martyres, quando não preferem — no furor de producção — pôr a tratos a critica misericordiosa que lhes corrige, em que peze a safanões ingratos, as demasias de desaforados absurdos. Confrontava e confronto a espontaneidade uberrima e a ardentissima e vigorosa seiva d'aquelle espirito de luz com a escuridade interior dos eunucos que o doestam lá da acolheita das suas tropelias. É assim que o mister do critico se distrahe, a espaços, avocado pelo dever de amargas retaliações.

A Corja, elaborada ao correr da penna pelo mestre, é um novo documento para o processo da mixordia litteraria. Demonstra-se, uma vez ainda, que o esplendor da *obra nova* é uma illusão d'optica, fascinadora para o gentio zanaga, se os arrebiques não occultam o ouro de lei da concepção genial, ou da observação profunda, de par com os conhecimentos da lingua em que se escreve. E raro occultam esses thesouros. O que por ahi vemos é a saudação aos arrebiques; e, justiça inteira, se á pobre chronica jornalistica não é vedado o ingresso nas sociedades de *geographos* e de *escriptores,* a crassissima ignorancia veda-lhe o uso da palavra em assumptos que demandam estudo. Que ha a esperar em affirmações de tal lote por parte d'esses eternos infantes prodigiosos que trocam por bilhetes de theatro a sua triste collaboração nas gazetas e os seus direitos de litterato no *Martinho* ou na associação risonha?

Eu não posso reproduzir-me no aquilatar da moderna escóla (?), dos modernos artistas, dos modernissimos abortos e das deturpações que o trabalho de

boa fé tem obtido dos censores inconscientes e dos facciosos instrumentos involuntarios de uns tetrarchas burlescos da evolução deturpadissima. Na hora em que estas palavras se formulam, outras se produzem sobre o *caso* [1]; não escasseiam alli minudencias relatadas, nem affirmações novas que á discussão se offerecem — e á injuria tambem. Mas que primores de sanissima linguagem, para lição crudelissima dos abortos e para nossa lição solicitada, não offerece o novo livro de Camillo! Depois, como a espaços transparece, no decorrer da epopêa de miserias, o moralista mordacissimo, e como n'essa mordacidade transluz um raio de suprema piedade que sóem experimentar e conceder os espiritos de lei firmados na base dupla do estudo e da experiencia dolorosa!

Eu pasmo — hoje — quando um espirito culto e de serios precedentes atira a luva, de envolta com a injuria, ao invencivel athleta de mil combates. Comprehendo as aggressões de uns gatunos que pedem a um puxão d'orelhas a *celebridade,* uns pelitrapos de botiquim aceites na Associação dos escriptores portuguezes (sic): mas, que uma entidade pensante, no usofructo da imputação, desça á camaradagem com a suja horda — é o que não se póde comprehender sem derivar, para o triste caso, da allucinação partidaria, tanto monta — do mais triste facciosismo.

---

[1] *Do Realismo na Arte,* por Silva Pinto. 3.ª edição. Porto. 1881.

Elle, o flagellador da *Corja* não é apenas o erudito e paciente investigador da nossa historia, o derradeiro e mais illustre mestre da lingua portugueza, «o gigante que fixou em livros immorredouros toda a comedia portugueza contemporanea» (palavras do snr. A. da Conceição no seu primeiro artigo sobre *A Corja*); mal vai aos tristes aggressores que o consideram immobilisado nos estudos de ha vinte annos: com a authoridade de quem assim levianamente creu e mais tarde corrigiu os seus erros sobre Camillo e *sobre outros,* eu poderia asseverar que o grande escriptor acompanha no seu retiro da aldêa todo o movimento litterario e scientifico do periodo contemporaneo, — poderia asseveral-o, se não visse bater em retirada, após tres dias de *lucta,* a aggressão moderna ao supposto immobilisado... Mas, não será um crime igual ao da aggressão esta apparencia de defeza?

De homens como Camillo é uso dizer-se: «Está ainda mui perto de nós para a justiça; o futuro ha de fazer-lh'a». Quer dizer: — Estabeleçamos como norma o insulto aos mestres, durante a vida; mais tarde, depois da sua morte, nos servirão seus nomes para injuriar os vivos! Ó espiritos sublimados dos homens d'hoje, reformadores do existente, destruidores da torpeza legalisada! se não applicasseis todo o marmore disponivel á construcção das vossas proprias estatuas antecipadas, se não empregasseis o vosso esforço em tentativas de demolição das glorias justificadas, se não desseis guarida aos insignificantes repletos de odio e aos parlapatões repletos de charlatanismo, se abrigasseis o respeito ao genio aureolado pelos cabellos brancos e pelo saber, — não

dariamos o espectaculo permanente de contendas deploraveis entre os apregoados voluntarios do bom senso e da justiça.

SILVA PINTO.

II

... No entanto, irei protestando contra a iniquidade d'este romantico renegado [1], romantico de 1863, esta criança loura que faz dos meus cabellos brancos o seu triumpho. Eu não o malsinaria de lyrico incorrigivel. Póde-se até detestar o romantismo como o americano Hoffman, e, dadas certas condições de lua e de brizas, não reagir, como elle, aos pulos d'um coração sensivel. Isso acontece a todo vate e a todo mercieiro dotado d'aquella viscera ôca. Ha choques de que rebentam os maus versos e outras

Evoluções de erotica milicia,

como dizia ha oitenta annos o Alfeno Cynthio. E o *eu* positivo de 1881, quando mal se precata, é escouceado pelo ignaro *eu* romantico de 1863, porque

[1] Refere-se a Alexandre da Conceição. Vide, sobre esta polemica, a cit. *Bibliographia,* de Ernesto Chardron; anno de 1881.

os 2 *eus* são tão antigos que já frei Heitor Pinto, ha trezentos annos, se queixa de um pelas tolices que obrigava a fazer o outro.

Mas, dizia eu da iniquidade. Segundo elle, quem ultraja a escóla realista sou eu; e lá se dispende n'umas engoiadas maravalhas para mostrar que os romances d'este são influidos por Littré, e os romances d'aquelle são insufflados pelas theorias de Spencer. Com certeza, os romancistas alludidos ignoravam isto: estavam como o Jourdain de Molière, que não sabia que fazia prosa.

Tornando á iniquidade, — Silva Pinto, sem tergiversações nem rebuço, ridiculisou galhardamente a fórma do realismo anguloso e escalavrado como em Portugal o exercitam nos livros. Leia os *Realismos,* e reveja-se n'essa vassoura que varre o esterco das cavalhariças de Augias. A Silva Pinto defendeu-o o seu diamantino escudo, a justa reputação de lingua de prata com uma liga de dynamite; ao passo que a mim, neophyto ingenuo da nova heresia litteraria, exterminam-me do adro do templo, como se eu entrasse no pagode e puzesse fóra o idolo e os sacerdotes a pontapés de rhetorica obsoleta! Manhosas bestas!...

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

III

... Escusa de gritar por soccorro, que Silva Pinto não lhe acode. Dê-se ao trabalho de lêr d'este escriptor o folheto — *Do Realismo na Arte* — e ve-

rá que elle expõe alli com lucidez e consciencia, ácerca de arte realista, justamente as mesmas idéas que eu ainda não consegui fazer perceber a v. exc.ª

Silva Pinto denomina correctamente os dous grupos em que se acha dividida a escóla realista em grupo dos psychologistas e grupo dos physiologistas. V. exc.ª, a seu turno, denomina tudo isto *engoiadas maravalhas,* uma phrase com papeira academica de doutor em canones e pigarro ecclesiastico de conego regrante.

Silva Pinto depois publicou o pequeno volume dos *Realismos,* não para ridicularisar a escóla, mas precisamente para o contrario, para matraquear uns idiotas grutescos que lhe andam arriscando o futuro e a dignidade com umas imitações inscientes, ignaras e servis. Quer dizer: Silva Pinto tem o merecimento de ter sido o primeiro soldado da nova milicia a romper este fogo em que eu ando agora empenhado...

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

IV

Após a referencia que ao meu trabalho dispensou Camillo Castello Branco, o snr. Alexandre da Conceição dirige ao grande escriptor as seguintes palavras:

(Vide as que deixo transcriptas).

.....

Ora no *Realismo na Arte,* 3.ª edição, annotei

nos seguintes termos um juizo do snr. Alexandre da Conceição, desfavoravel aos *Realismos:*

(Vide pag. 45-48 d'este livro — *Combates e Criticas*).

. . . . . .

Em face d'estas annotações, as boas palavras de hontem, do snr. A. da Conceição, significavam apenas — que s. exc.ª concordava commigo á hora em que se lhe tornava urgente um partidario a mais, ou um adversario a menos.

Constituiam-me, pois, as boas palavras do snr. Alexandre da Conceição no dever de commental-as severamente, e a taes severidades me dispunha, quando o author d'essas palavras me communicou (em 22 do corrente):

Que as suas palavras do *Seculo* (de 19 do corrente) importavam a declaração de que « se enganára ao classificar de *má acção litteraria* o meu livro *Realismos* ».

Essa declaração viu a luz quando ao snr. A. da Conceição eram ainda desconhecidas as minhas annotações á sua discordancia — diz s. exc.ª. Effectivamente, o artigo do snr. A. da Conceição foi publicado no dia em que sahiu do prélo o meu trabalho.

Resumindo: Durante uns tres a quatro mezes conservei-me sob o peso d'uma accusação do meu collega. Nada me apressava a destruil-a, porque s. exc.ª não a publicára. Ao cabo d'esses tres ou quatro mezes, quando os artigos do snr. A. da Conceição contra o grande escriptor me chamam implicitamente á barra (a mim, culpado como o mestre, de uma *má acção*) e quando eu refuto a accusação iniquissi-

ma do meu collega, o accusador diz-me que se enganára ao accusar-me e entende que o meu trabalho foi o romper do fogo em que elle hoje se acha empenhado.

Eis o estado da questão.

Agora, cumpre-me desvanecer outros enganos que se manifestam nas boas palavras do meu collega. É dever de consciencia.

Camillo Castello Branco, o colosso que desbarata legiões, não gritou por soccorro (sic), não pediu a Silva Pinto que lhe acudisse (sic) contra o snr. A. da Conceição. Quando este escriptor aggrediu *A Corja* e implicitamente o glorioso romancista, eu manifestei ao mestre o vago intuito de sahir á estacada, por amor da critica. O mestre pediu-me que o deixasse discutir — elle só — o curioso pleito. Elle ignorava que o snr. A. da Conceição me accusava de *uma acção má* a proposito dos *Realismos;* e eu, que posso esquecer uma injustiça dirigida á minha individualidade, não esqueço uma accusação injusta aos meus principios. Portanto, envolvi-me na contenda.

Camillo Castello Branco a pedir-me *soccorro* seria o caso de João de Deus a pedir-me uma rima...

Outro engano do meu collega:

Já demonstrei algures a significação e o alcance do meu trabalho e não careço de reproduzir a demonstração. Não sou um soldado da nova milicia, nem estou disposto a alistar-me n'ella, porque vejo para lá do snr. A. da Conceição uns idiotas e uns gatunos, refugo de botiquins, que me não serviriam para camaradas, nem ao meu calçado para engraxa-

dores. Para noticiaristas, sim: acho que servem, — estão bem.

O meu trabalho não é pois o *romper do fogo* contra o homem illustre de quem o snr. Ramalho Ortigão — um idolo dos modernissimos — escreveu honradamente:

« O segredo da pasmosa fecundidade do snr. Ca-
« millo Castello Branco, com ser este talvez o mais
« imaginoso dos escriptores portuguezes, não está
« ainda assim na facilidade com que observa. O que
« determina a avidez com que todas as obras d'este
« admiravel romancista são lidas e relidas não é a
« trama geral da acção, mas sim, sob o prestigio da
« mais deliciosa linguagem, o perfeitissimo córte dos
« caracteres e a inexcedivel pintura dos costumes [1] ».

Não rompi o fogo contra o mestre; manifesteilhe o vago intuito de defender as minhas crenças em dogmas de criticismo e elle pediu-me que o deixasse só, a defendel-as. Ainda bem que as referencias ao meu nome e ao meu trabalho justificam hoje a minha intervenção.

De resto, eu só vejo motivos para congratular-me: trabalho sem auxilio de compadrio, sem descer á camaradagem de uns idiotas graduados em membros de associação de escriptores e em socios de geographicas; limito-me a demonstrar sem esforço que escrevo um tanto melhor do que o snr. Luciano Cor-

[1] *Litteratura d'hoje,* 1866; por J. D. Ramalho Ortigão.

deiro — um critico que descobriu *Ulurus;* vou annotando á margem (gósto d'aquelle verbo) os partos intellectuaes dos cem mil escriptores meus conterraneos; dispenso a *camaraderie;* ólho compadecido para a mixordia que o *de Noticias* e outros potentados do Bairro Alto apregoam: e, afinal, o primeiro escriptor portuguez aponta ao snr. A. da Conceição o meu trabalho e o meu illustrado collega apregôa esse trabalho como a exposição lucida e consciente da arte realista e (erradamente) como o primeiro fogo da actual campanha.

Se eu precisasse de recompensa para o meu pobre estudo, realisado entre amarguras e no isolamento que não deploro, se eu carecesse de provas contra a insignificancia dos cafres que por ahi me escoucêam a sombra, julgar-me-hia hoje recompensado, e por bem castigados teria os sarrafaçaes se elles não encontrassem o castigo na sua cobardia para a discussão — a que os incito, indicando-lhes o seu posto — no monturo.

SILVA PINTO.

V

... Diz-me elle (A. da Conceição) n'um assomo sarcastico de republicano de ultima hora que eu *sou amigo do throno.* Dir-se-hia que este Harmodius de cutiliquê nunca incensou os reis, lendo-lhe os insultos que a sua moderna politica lhe dardeja. Vejam como elle, ha annos, balanceava o thuribulo diante de D. Luiz I:

. . . . . .

É este o rei que eu hoje aqui saudo;
o homem que nos faz do sceptro escudo
e do throno uma grei;
em quem o pobre encontra sempre um braço,
e que sabe apertar no mesmo laço
a liberdade e a lei.

Salve, pois, digno irmão d'esse monarcha,
Tito no coração, na alma Petrarcha,
que Deus nos quiz levar!...
Este povo, que adora a liberdade,
tambem se curva aos pés da Magestade
que a sabe respeitar.

(ALVORADAS, pag. 77).

E invectiva o meu affecto ao throno este duas vezes apostata do romantismo e da realeza!

Orça pelo mesmo desafôro a sua probidade na critica litteraria. Quando Silva Pinto publicou os seus *Realismos,* e lhe enviou o livrinho, Conceição, em carta particular, taxava-lhe o formosissimo trabalho de *má acção litteraria.* (Veja *Do Realismo na Arte,* 3.ª edição, pag. 55). E essa *má acção litteraria,* consoante a opinião do mesmo critico impressa no *Seculo,* soffre a seguinte transfiguração: *Silva Pinto publicou o pequeno volume dos* REALISMOS *não para ridicularisar a escóla, mas precisamente para o contrario, para matraquear uns idiotas grutescos que lhe andam arriscando o futuro e a dignidade com umas imitações inscientes, ignaras e servis. Quer dizer: Silva Pinto tem o merecimento de ter sido o primei-*

ro soldado da nova milicia a romper este fogo em que eu ando empenhado.

Isto é mais que descarada leviandade — é uma cobardissima subserviencia, uma pifia abjecção, porque temeu levantar contra si o latego como sabe brandil-o o pundonor do talento e da justiça. Envolvo o nome de um amigo, que muito prézo, n'esta contenda depois que elle definiu a sua posição na *Revista do Norte*. O snr. Silva Pinto sabe que eu lhe pedi mais de uma vez que me não prestasse o seu consenso litterario n'este debate com sarrafaçal de tão pequena estatura [1].

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

VI

... Em quanto ao snr. Silva Pinto... Não perturbemos o snr. Silva Pinto no extasi contrito com que se está babando diante do grande genio. Não vá esta *avalanche* da critica esmagar-nos a nós depois

---

[1] Depois de escripto este artigo, li a honrada declaração, mas não solicitada por mim, que o snr. Silva Pinto inseriu no seu vigoroso escripto publicado no n.º 3 da *Bibliographia*. Agora é tempo de confessar a ufania com que vejo a meu lado o pulso do rijo escriptor, na esperança de contendores mais dignos d'elle.

de se ter esmagado a si proprio. Credo, que susto, mana, como dizia o snr. Marianno de Carvalho!

Elles agora arrulham como um casal de pombos nos cios da primavera. Camillo beijoca Silva Pinto e murmura:

—És uma lingua de prata! Silva Pinto derrete-se em puro gozo e suspira:

—És uma boquinha de ouro!

Não estão mausinhos assim, mas só nos parecem um tanto massadores. Quando voltarem a unhar-se e a descompôr-se avisem, que queremos comprar um lugar do sol para os desfrutar.

Ao snr. Silva Pinto diremos apenas que está citando menos correctamente phrases das duas ultimas cartas que lhe dirigimos. Publique essas duas cartas na integra e depois discuta-as á sua vontade, já que está com tanto appetite de assoalhar a sua pessoinha n'esta desgraçada questão. É-nos hoje muito indifferente a seriedade critica de s. exc.ª Não espere que o discutamos. Nós vamos andando e cantarolando aquelle verso do Dante:

Non RAGIONARE *di* LORO... etc.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

VII

Dolorosamente me fere nos calcanhares, ambos vulneraveis, o meu Conceição perdido! Mais feliz do

que a victima de Páris, não morro, — ah! socegue Conceição — o bréjeiro, — nem mato. A «*avalanche* da critica» não o esmagará d'esta vez nos Alpes desolados. Podem morrer as camurças e outros quadrupedes de bojo; o persevejo salva-se. Oh! que os insectos me perdôem as interjeições solemnes e as referencias ao seu fétido, finalmente sobrepujado pelo de Conceição — bréjeiro e aggressivo!...

Eu não me considero, nas argucias da polemica nacional, um perfeito Conceição — modo de dizer um caloiro deploravelmente desastrado: todavia, aceitem-me a declaração solemne os espectadores ávidos de sensações: — reconheço pela primeira vez a existencia d'uma situação falsa: — ha um moribundo que me insulta.

Eu resumo:

Ha quatro ou cinco mezes publiquei um livro — *Realismos*. Enviei o livro ao snr. A. da Conceição, como a um antigo confrade affectuoso. S. exc.ª, agradecendo a offerta, accusou-me de *uma acção má:* — assim classificava o meu trabalho. Não respondi. Decorrem tres ou quatro mezes, e Camillo Castello Branco publíca a sua *Corja;* o snr. A. da Conceição escreve no *Seculo* um artigo recheado de cortezias que o grande escriptor resume nas seguintes linhas enviadas ao snr. Julio de Mattos:

«Como calumnia, a affirmativa de que eu ridicularisava os romancistas portuguezes que fazem realismo;

«como affronta, a especulação mercantil com a ignorancia do publico;

*

«como insinuação vil, o diagnostico de um deploravel phenomeno pathologico no meu cerebro».

Pareceu-me chegado o ensejo de acudir pelos meus *Realismos* — «a acção má» condemnada pelo snr. A. da Conceição. N'um livrito *Do Realismo na Arte* (3.ª edição, pag. 54-56) sahi pela defeza do meu trabalho. A esse tempo, já Camillo Castello Branco empolgára o *critico,* já lhe esfregára o craneo e já as larachas escorriam originalmente do penedo ferido por Moisés. Então, o penedo... digo o *critico*... quero dizer o persevejo... ou, melhor, o snr. Conceição declarava no *Seculo* que os meus *Realismos* eram um trabalho *de lucidez e consciencia e que as minhas idéas eram as suas; que eu fôra o primeiro soldado da nova milicia a romper o fogo* — e outras doçuras que José Gregorio não sonhou para a sua vitrine incomparavel.

A bréjeirada era forte, — se o não era a cobardia litteraria. Eu ia corrigir o descaro quando o snr. A. da Conceição me escreve (em 22 de fevereiro):

«Que as suas palavras do *Seculo* (de 19 do corrente) importavam a declaração de que «se enganára ao classificar de *má acção litteraria* o meu livro *Realismos*».

Decorrem duas semanas.

O snr. A. da Conceição accusa-me de incoherente quando affirmo veneração por Camillo Castello Branco: — *não perturbemos o snr. Silva Pinto no extasi*

contrito com que se está babando diante do grande genio.

Crê que o grande escriptor e eu nos aggrediremos como outr'ora e diz: — «Quando voltarem a unhar-se e a descompôr-se avisem, que queremos comprar um lugar para os desfrutar».

Accusa-me de citar menos correctamente as suas palavras: «Está citando menos correctamente phrases das duas ultimas cartas que lhe dirigimos. Publique essas duas cartas na integra e depois discuta-as á sua vontade, já que está com tanto appetite de assoalhar a sua pessoinha n'esta desgraçada questão. É-nos hoje muito indifferente a seriedade critica de s. exc.ª Não espere que o discutamos. Nós vamos andando e cantarolando aquelle verso do Dante:

Non RAGIONARE *di* LORO... etc.»

Mais não diz e eu hesito...

Concebe-se a hesitação. Durante largos annos considerei esse homem um modêlo de sisudez, uma intelligencia forte — duplamente forte pela serenidade e pelo estudo. Ahi está o homem d'hoje...

Diz que me estou babando diante do grande genio. Eu lhe digo: se algum dos escriptos da actual contenda me provocou escorrencias, foi esse que ha de servir de epitaphio ao snr. A. da Conceição: foi esse artigo latrinario que promettia um gallego facinoroso como appendice ás gallegadas da ignorancia desmascarada e perdida. Escorrencias houve, póde crêl-o. Baba não lhe affirmo que fosse. O snr. Conceição penetra o que terá sido. Cheire o seu indigno artigo...

Abyssus abyssum... Está o snr. Conceição percebendo.

Exulta com um espectaculo provavel: o de nos *unharmos* Camillo Castello Branco e eu. Não creia tal, nem denomine incorrectamente (como diz) os factos de outr'ora. Eu não briguei com Camillo Castello Branco. Aggredi o grande escriptor, a inspirações que teem facil cabida em espiritos de vinte annos, e o mestre aggredido corrigiu-me como agora o fez ao snr. A. da Conceição. Ha uma differença nos nossos casos: eu tinha vinte annos; estudei, aprendi, tenho a consciencia do erro e a coragem de confessal-o. O snr. Conceição commette erros iguaes aos 40 annos de sua idade. Creio que não fará como eu: não se arrependerá! Aos 40 annos é tarde para tomar juizo...

Espera o curioso espectaculo para desfrutal-o. Já viram um desgraçado assim? Anda este pobre homem (ha tres mezes, creio eu) aos tombos, a alimentar de riso velhaco uns amigos desavergonhados que lhe louvam publicamente as desgraças e que lh'as censuram, em *cavaco,* verbalmente; larga em vomitos de injurias os restos do catalogo scientifico para admiração dos quatro parvos fieis que sabem da póda como eu sei de veterinaria: e, afinal, falla-nos de espectaculos desfrutados! É bico retorcido, ou cabeça romba?!

Diz que lhe cito menos correctamente as cartas, e pede-me que as transcreva. Eu lhe fallo: a primeira carta — aquella em que denominava *acção má* os *Realismos* é inutil reproduzil-a, porque, tendo eu alludido ao seu conteudo (veja *Do Realismo na Arte,* pag. 54),

o snr. A. da Conceição annotou na 2.ª carta as allusões, reconhecendo implicitamente a verdade d'ellas. *Todavia, se insistir, hei de transcrevel-a.*

Pelo que toca á segunda carta, como o snr. Conceição responde com uma insinuação de *falsario* á delicadeza com que, *em minha defeza,* me referi apenas a duas phrases d'ella e como s. exc.ª me empraza a publical-a, ahi a tem:

«*Meu amigo.*

«Acabo de receber o elegante volume da 3.ª edição do seu bello folheto *Do Realismo na Arte,* e dou parabens á sorte que permittiu que o apparecimento d'este folheto fosse posterior de alguns dias ao meu ultimo artigo do *Seculo,* na polemica violenta que trago empenhada com o Camillo a proposito da *Corja.* N'este artigo terá visto o Silva Pinto que eu, rectificando voluntaria e espontaneamente a opinião precipitada que formára ao acabar de lêr o seu livro dos *Realismos,* suppondo-o inspirado nas mesmas intenções reveladas pelo Camillo na publicação dos seus ultimos dous romances, faço inteira justiça á sua comprehensão de critico e á sua probidade de escriptor.

«A minha resposta pois á ultima parte d'este seu folheto está dada antecipadamente e recebe d'esta mesma circumstancia toda a authoridade d'uma declaração, que não póde ser suspeita.

«Vossê tem uma grande admiração pelo talento do Camillo, e não serei eu que lhe queira mal por isso, pois que por diversas vezes eu mesmo dei publico

testemunho de iguaes sentimentos. Na minha pequena critica á *Corja* estava bem explicito esse sentimento de respeito e veneração pelo author de tantos livros que hão de ficar. Esta superioridade porém não livra o Camillo de ser um polemista grosseiro e brutal, e eu é que não estou disposto a deixar-me esmagar pelo peso do idolo. Ando porém muito embirrado com tudo isto, porque me desagradam totalmente estes processos indigenas de polemica litteraria. Competiu-lhe a elle porém como aggredido escolher as armas e não me é licito contestar-lhe esse direito. Escolheu o cacete, terá o cacete.

«Creia-me

«Figueira, 22 de fevereiro
de 1881.

«Seu amigo

«*Alexandre da Conceição*».

Depois d'isto, queira s. exc.ª permittir que eu faça minhas as ultimas palavras do seu ultimo artigo e que as dirija aos quatro parvos fieis.

«Ao barulho da contenda sahiram á rua uns fraldiqueiros da litteratura e aproveitaram o calor da refrega para me morderem os calcanhares com os seus pequeninos dentes empeçonhados na raiva da propria obscuridade. Nós previramos o perigo e tinhamos por isso sahido para o campo com as nossas botas mais

grossas de duas solas, com que, no exercicio da nossa profissão, temos pisado muita lagartixa e esmagado com nojo outras alimarias mais inoffensivas do que estes idiotas d'um certo jornalismo, que, como o burro da fabula, se persuadem que são gente pelo facto de trazerem encavalgado nos lombos o idolo da propria estupidez.

«Ficam desde este momento liquidadas todas as minhas contas com essa canzoada ignobil. Aqui lhes deixo um bolo de strychnina para cada um. Não se desavenham na partilha».

Concluindo, acho — sim, eu acho — que é tempo de recolher aos penates *por hoje* a minha «pessoinha». O snr. Alexandre da Conceição garante-me a sua abstenção desprezadora e é o que vale á minha timidez: *elle* cala-se e eu grito. *Elle,* desde que eu repelli as suas louvaminhas requentadas e fedorentas, declara que «lhe é indifferente a seriedade da minha critica». Julgava-me um indigno porque eu renegára os velhos insultos a Camillo, mas escrevia-me cartas seductoras que resvalam, n'este cruel momento psychologico, ao monturo do seu desprezo. Ah! pobre homem! não me despreze: que não vá a mascarada resvalar a seu turno a um geral cahir de mascaras... Eu esqueço, — não lhe digo que perdôo; — eu adio o ajuste de contas para o dia em que elle não importe dolorosa quebra de authoridade nas primeiras filas dos nossos correligionarios. Bem vê que tenho o sangue frio que ajuiza, a serenidade que espera, a força que reconhece os excessos de loucura, e que não perco de

vista a grandeza d'uma causa quando aos pés me espadana o lamaçal dos ultrajes, em perigosa provocação...

Nas luctas parlamentares da França, ha quatro annos, Paulo de Cassagnac dizia a um pobre diabo insultador: «Deploravel idéa a sua, senhor: matar Cassagnac! Tantos a nutriram até hoje... mas, posso garantir-lh'o: não é o senhor quem me mata».

Ah! não foi o snr. A. da Conceição quem matou Cassagnac! Não, bom homem! não o matas, e, da investida feroz, até eu sobrevivo! Assim me não mate o riso!...

SILVA PINTO.

VIII

N'um intervallo de cruciantes mágoas, abre um sorriso de Voltaire, com liga de sandeu, o meu Conceição perdido. Lardeia de chalaças, d'aquella fina pilheria tão sua, os conegos, a lingua portugueza e «os asnos que teem fóros de genio» — mercê do estylo, na terra estremecida de todos nós. Refere-se com dó e tedio ao *Priorado de Cedofeita* do conego Alves Mendes. Que o livro lhe appareceu entre a «Philosophia positiva» (Revista de) e o Topinard: «Sobre a minha mesa de trabalho cheia de livros impios e de publicações mundanas, acaba de me depôr o correio entre a *Anthropologie* de Topinard e o ultimo numero da revista *Philosophie Positive,* este curioso livro do snr. Alves Mendes, abarrotado de erudição cano-

nica, prenhe de doçuras seraphicas de estylo e ancho de citações do concilio de Trento».

Muito desastrado o livro do illustre conego! Cumpria-lhe, em face do pedante, esquivar-se á remessa entre Topinard e os positivistas; evitar o momento psychologico do riso *voltaireano* (com liga); escolher uma hora triste: aguardar a remessa de um dos *brindes* de Camillo e surprehender o voltaire (com liga) em flagrante applicação de compressas aos sovados lombos impiedosos. Então seria o distrahil-o — o pobre diabo — das *amarguras physicas e moraes:* esfregar-lhe de manso o nariz com o *jus constitutum* e aquecer-lhe a mioleira a pancadinhas subtis no occipicio, com o *jus constituendum;* applicar-lhe pansadinhas com o *Thesaurus Resolutionum S. C. Concilii;* e se *elle* ainda assim indicasse, com grandes gestos desolados, as marcas do estadulho nos arrebentados couros, — então que o *Priorado de Cedofeita* lhe introduzisse pelas ventas dilatadas o Scarfantonius e o De-Bouix, e tel-O-hia ás ordens, consoladinho e fresco, expurgado de impiedades, menos *voltaire* e mais sandeu (*insanus; apud Covarrubias*). Aqui vai bem a pitada...

E seja-me permittido um voto de censura, que não exclue o mais profundo respeito, ao snr. conego Alves Mendes. — Pois o eminente orador sagrado, o escriptor distinctissimo que assignalou no seu livro *Italia* os recursos litterarios que lhe dão fóros de notabilidade, não terá seguido, em crescente pasmo, as demonstrações da ignorancia e da grosseria do insultador do seu trabalho? Ou pretenderá o illustre polemista applicar a seu turno umas ventosas ao desgraçado

pedante escalavrado e será a offerta do livro uma armadilha ao insensato? Ah! se tal projecto insecticida germinou cruel no espirito do snr. Alves Mendes, eu faço votos por que um raio de luz piedosa destrua esse projecto. A caridade christã é o mais dôce attributo d'um homem da religião: que o snr. Alves Mendes *lhe* perdôe!...

No vomito que o snr. A. da Conceição depõe (no *Seculo*) aos pés do conego Alves Mendes, ha a seguinte mixordia:

«Todo o livro está escripto com uma embofia classica e com umas pretensões puristas que suscitam muitas vezes no leitor a vontade de dançar os periodos».

Encerram crueis revelações estas quatro linhas miseraveis. O livro está escripto em portuguez: d'ahi a cólera do desgraçado que eu traduzo a custo. A prosa grammatical, vernacula, reveladora dos mais poderosos dotes litterarios, faz dançar o snr. A. da Conceição. Sempre me pareceu que elle dançava ao lêr a prosa de Camillo. Deus me dê primores vernaculos, que eu protesto inaugurar na Figueira da Foz um bailado permanente do snr. Conceição com o seu gallego facinoroso representativo.

Mais tres linhas e, depois, — a ordem do dia.

Dá um conselho grave ao snr. conego Alves Mendes o critico azaranzado: «Que norteie o seu espirito por modernos ideaes litterarios». Sim, quando o snr. conego Alves Mendes houver de occupar-se do *Priorado de Cedofeita,* norteie-se pelos ideaes do Conceição: injurias em vasconço, ignorancia em barda, calão e a promessa do gallego representativo. Mas, ah!

prefigura-se-me que o illustre orador sagrado tem na alma um grande nojo de tantissimas parovelas do seu *critico*. Eu, mais afeito á contemplação de terrenas mixordias, sinto um dó profundo; dá-me a gana de brindar o homem com um silencio misericordioso; mas — cumpra-se o Destino!

Entrando na ordem do dia... ha um folhetim sizudo, doutrinario, do snr. A. da Conceição, que pede reviramento ao meu estylo risonho-caridoso. Consta do n.º 50 do *Seculo* (redactor Magalhães Lima: vide o cabeçalho). Preoccupa-se nos estylos e vem gravido de considerações, bicudas como o espirito do snr. Brito Aranha, um abyssinio da rua dos Calafates. O redactor (vide o cabeçalho) chamou á cousa um brilhante folhetim. Elle, o Plutarcho de Conceição, tem luzincús empoleirados no nariz: tudo brilha lá da mansarda escura d'aquelle cerebro. Que o destino crudelissimo lhe não esborrache a um tempo luzincús e nariz para eternal escuridade deploravel!...

Voltando ao *critico*:

Sentenceia os estylos — o palheirão.

Silencio nas galerias!

«E então o estylo dá-nos em sciencia o bacharel, no professorado o doutor, em administração publica as portarias palavrosas, na politica os salvadores baratos, no parlamento os discursadores ôcos, os relatorios altisonantes, a legislação theorica, as reformas inscientes e estereis, os discursos de estreia, os mancebos esperançosos e a corrupção eleitoral.

«Na litteratura dá-nos os folhetinistas lyricos, os romancistas sentimentaes, os localistas pelintras e os vates incomprehendidos e vadios. Na arte dá-nos

Delguim Fedes (bajulação ao *Antonio Maria*), na critica o elogio mutuo ou o consagrado *recebemos e agradecemos* ».

O negregado estylo! E afinal é tudo uma injustiça! — « O estylo dá-nos no professorado o doutor ». Mas ahi está no professorado o dr. Theophilo Braga que nunca teve estylo! — « No parlamento dá-nos os discursadores ôcos ». Mas ahi temos o snr. Arrobas que é tão estylista como o dr. Theophilo! « Dá-nos os mancebos esperançosos ». Mas os esperançosos idiotas, perdão... os esperançosos mancebos, que espojam os couros na arena do noticiario facil, sabem tanto de estylo como o snr. Arrobas! — E a corrupção eleitoral? Essa é a resultante da degradação moral. — E os localistas pelintras? Perguntem-no aos mancebos do noticiario. — E o elogio mutuo? Digam do caso os pelintras localistas e uns sabios geographos que desbastaram a cascaria na sombra de Castilho. — E o *recebemos e agradecemos?* Mas isso é a fórmula do noticiarista pulha, que a emprega, alternadamente com o silencio, — ou com um couce, quando não se trata d'um vulto da confraria. Esses patetas sabem tanto de estylo como eu sei de litteratura chineza.

Mas, Conceição, o cruel, diz — com applauso do parvalhão do *Seculo:*

« É contra esta crôsta de parvoice monastica e de imbecilidade jesuitica, é contra esta enorme pressão de tres seculos de estylo que começa a reagir a ala gloriosa dos dissidentes. É contra este inimigo secular do nosso desenvolvimento intellectual que reage Eça de Queiroz como romancista, Bento More-

no como litterato, Ramalho Ortigão como critico, Oliveira Martins como historiador e como economista, Rodrigues de Freitas como deputado e como publicista, Anthero de Quental e Guerra Junqueiro como poetas, Bordallo Pinheiro como propagandista, Guilherme de Azevedo como folhetinista, Julio de Mattos, Augusto Rocha, Manoel Garcia, Corrêa Barata como homens de sciencia, Theophilo Braga como litterato, como critico, como philosopho, como professor, como publicista, como democrata, e tantos outros espiritos illustres e disciplinados cuja enumeração felizmente já seria longa ».

Ah! como elle delira! Desgraçada lista bernarda! Não: elles não são estylistas — os indicados! Quem o é, pois? — Será elle, solitario e delirante lá na acolheita dos positivistas de refugo? Eça de Queiroz!... Mas esse homem é o primeiro estylista da geração nova; Anthero de Quental, Guerra Junqueiro, Corrêa Barata (veja a apologia de Herculano, no *Seculo* de Coimbra) — estylistas, todos elles. O snr. Oliveira Martins, que durante o primeiro periodo da sua vida litteraria afugentára o interesse dos leitores, mercê funesta do *mau estylo,* vingou finalmente emancipar-se: os recentes livros historicos d'aquelle escriptor são uma prova decisiva do seu triumpho.

Lá fóra, o inflexivel Taine é um estylista, Rénan, Hugo — aquelle Hugo que deu, ha poucos dias, o gozo das lagrimas ao snr. A. da Conceição (vide o *Seculo* n.º 50), Proudhon, e a legião dos romancistas eminentes — Balzac, Flaubert, Daudet, Zola: estylistas soberanos... mas *elle* irrita-se contra a minha

myopia: — não descortino a sua idéa, o seu intuito... Vejamos:

O que *elle* condemna é o predominio do estylo sobre a idéa: é o abuso da fórma: será isto? aos olhos d'*elle,* ha em Portugal um *partido* que reage, em nome do estylo, contra as idéas. Eu não vejo os partidarios, por mais que os procure. Se tal cambada existe, o lugar d'ella não é na arena das discussões: é á beira da outra — uma cambada que não tem estylo, nem idéas, e que tem *pose* á mesa do botiquim — convertida em manjadoura de cretinos.

E todavia *elle* descobriu a tal sucia — a do *estylo.* Reconheceu-lhe os fóros de obstruccionista e synthetisou-a n'um chefe: e que chefe? — Camillo Castello Branco: um homem que elle admira em segredo, um homem a quem Bento Moreno — o puro representante de Zola — dedicou um dos seus livros e Theophilo Braga um dos seus *contos,* o homem de quem Ramalho Ortigão — idolo dos modernissimos — disse as seguintes palavras que eu cito novamente:

« O segredo da pasmosa fecundidade do snr. Ca-
« millo Castello Branco, com ser este talvez o mais
« imaginoso dos escriptores portuguezes, não está
« ainda assim na facilidade com que observa. O que
« determina a avidez com que todas as obras d'este
« admiravel romancista são lidas e relidas não é a
« trama geral da acção, mas sim, sob o prestigio da
« mais deliciosa linguagem, o perfeitissimo córte dos
« caracteres e a inexcedivel pintura dos costumes ».

Feroz, *elle* diz:

« Como romancista, Camillo Castello Branco...

convertendo a producção litteraria n'um artificio d'escóla e afastando-a totalmente das sympathias e da collaboração popular, tornou sympathico em muitos dos seus romances e nos seus pequenos trabalhos dramaticos o adulterio das esposas sentimentaes e lyricas victimadas á boçalidade dos respectivos maridos...»

Se afastou das sympathias populares a producção litteraria, como foi que tornou sympathicos os episodios das producções?

E d'ahi, qual dos *typos* é por *elle* absolvido: — a mulher sacrificada pelos paes á boçalidade do brazileiro ricaço, ou o brazileiro ricaço — que amarrou a pobre mulher, de cumplicidade com os paes, ás suas enfermidades, á sua boçalidade, aos seus ridiculos e, por vezes, ás suas *aberrações?*

Eu hei de fornecer, um dia, a este Conceição um *specimen* de benemerito repatriado, de tal casta que as sympathias d'*elle* hão de ceder o passo a uns laivos de reflexão, — em que peze ás verbas com que o homem ampara as viuvas e abre lanços de estrada no torrão patrio...

Apostolado do adulterio não vejo nos livros do snr. Camillo: o que vejo, em que peze ao detractor ignorante, é a indicação do *conflicto* que diariamente se estabelece e que produz, ouvidas as duas partes, um problema social. E não é moderno, nem scientifico, nem humanitario aggredir *a desgraçada* (estylo de Pigault-Lebrun) e derramar lagrimas sobre o sacramento profanado e sobre a besta-fera que cobriu de moedas d'ouro — bem ou mal ganhas — os joanetes e as outras deformidades, na hora em que se di-

rigiu ao mercado de esposas submissas e respeitadoras.

N'este ponto, eu remetto ao cidadão Naquet as allegações do barão de S. Cucufate, nas ultimas paginas da *Corja* e peço-lhe que as ajunte ao processo. Ahi as tem:

« Um homem rico que compra, com os effeitos legaes do setimo sacramento, o corpo de uma senhora pobre, desconhece que esse corpo vendido tem um contrapeso venenoso que se chama o coração. Esse contrapeso é o que faz depois os desequilibrios. Se a mulher vendida ao luxo e ás invejas sociaes tem a rara virtude de devorar em si a peçonha do coração, o marido está salvo da deshonra; porém, se ella é vulgar e succumbe ás tentações que as mesmas pompas lhe facilitam, é o marido quem traga o amargor d'esse veneno que comprou como contrapeso. Minha mulher está no caso das segundas, das vulgares. Ella era pobre e tinha dezoito annos; eu era rico e tinha cincoenta. Propuz-lhe a compra, vendeu-se; não pôde resgatar-se; vinga-se, sem querer talvez vingar-se — é uma desgraçada... »

É preciso concluir. Eu não posso quedar-me, em perenne oração funebre, á beira do cadaver insepulto d'um pedante naufragado com as baboseiras insultuosas nos baixios dos pronomes e da troça publica. O snr. da Conceição — naufrago — morreu impenitente, estrangulado por todas as ignorancias que o seu pedantismo abrigava. O infeliz desconheceu até a casta de mariolas que o applaudiam: uns — velhacos até á nausea; outros — parvos até ao vomito. É esta a dupla corja que bate as palmas a todos os me-

diocres na hora em que elles derivam á petulancia inevitavel. Ahi fica uma lição cruel para os Conceições futuros. A idéa nova não perdeu na refrega, porque não é solidaria com os pumiliões malevolos que á sua beira alevantam a réles tenda, — uns lidadores que conquistaram as suas esporas na Feira da Ladra dos Quixotes trôpegos.

1881.

Silva Pinto.

DO ESTADO DO THEATRO

EM PORTUGAL

DO ESTADO DO THEATRO

EM PORTUGAL

Um dos raros cultores da Critica em Portugal, descobridor e annotador de *Ulurus, o sublime damnado* do Satanismo [1], affirmava recentemente, com a authoridade imaginavel e com tom dogmatico de convicção severa, a seguinte blasphemia, que a colera celeste não puniu ainda: « O palco não é tribuna ». No prefácio da *Lucrecia Borgia* escreve o dramaturgo da *Marion:* « Le théâtre est une chaire. Le théâtre parle fort et parle haut. Lorsque Corneille dit:

Pour être plus qu'un roi tu te crois quelque chose,

Corneille c'est Mirabeau. Quand Shakspeare dit: *To die, to sleep,* Shakspeare c'est Bossuet ».

---

[1] Vide o *Livro de Critica,* por Luciano Cordeiro.

Contradicção manifesta e dogmatismo igual entre o pensador dos *Miseraveis* e o infinitesimo da Critica.

Aceitamos o primeiro.

O theatro moderno consubstancia-se na *these*. A phase analytica do theatro de Corneille, no despontar do seculo XVII, continuada pelo tragico da *Athalie* e por Molière, até ao primeiro periodo do seculo seguinte e transformada, no theatro de Voltaire e de Beaumarchais, em demolidora e activa propaganda, obedece ao vigoroso impulso do Romantismo, no tocante ao dogmatismo da *fórma:* os desvairamentos do periodo romantico só permittem, porém, o libertar da Arte em frente de taes exclusivismos. Consummou-se a parte material da obra de renovação. Na parte fundamental, os authores do movimento legaram-nos gigantescos esboços. Oppuzeram á frieza do velho sentimento a declamação, tempestuosa, ardente, mas convencional. Reacção violenta, é certo, mas conducente a uma reacção grutesca: as tentativas scenicas de Zola. Após um turbilhão — um sorvedouro. Hontem, com o velho Dumas, o *fatal* Antony: — « Resistia-me, assassinei-a ». Ámanhã, no palco, em dança macabra, os Rougon-Macquart incestuosos, bebedos, anemicos — as creações logicas do Balzac minusculo — e os nossos Zolas de alcôrce applicando o monoculo sobre o *caso* e apoiando — em lingua bunda.

*

Entre nós, em toda a linha, os artistas estão completamente desnorteados. É sabido que as grandes renovações da arte produzem as pleiades artisticas: assim o theatro de Garrett e a vigorosa pleiade que tem nos velhos actores Theodorico e Rosa e na immortal Emilia das Neves os ultimos representantes. Indecisão na arte: a chronica theatral jornalistica, na immensa maioria, profundamente ignorante; o publico, *educado* pela chronica, decorando os nomes das atrevidas mediocridades, que ella — a perdida — lhe recommenda; o mais sordido mercantilismo explorando a voz, a plastica, a reputação equivoca e o descaramento pessoal de nullidades intrusas; uns pigmeus da imprensa acobertando com a sua ridicula *protecção* os pigmeus do palco: em resumo, o theatro considerado, por uns, como ante-camara do bordel — e por outros como a unica profissão que dispensa estudo, dignidade e intelligencia.

Entretanto, as raras vozes indignadas prégam no deserto; os bons e promettedores talentos succumbem, á mingua de animação honrada; os empresarios vegetam á beira da fallencia; o publico embrutece-se; as nullidades da imprensa e do palco *vão vivendo* no desprezo mutuo, e um véo de desdem envolve gradualmente a mais poderosa manifestação da arte, a mais opulenta e uberrima de ensinamento, de vida e de reconstituição.

*

Recentemente, aos olhos da critica severa, um clarão de esperança illuminou os nossos palcos. An-

nunciara-se um dramaturgo. Nos *Lazaristas,* o snr. Antonio Ennes affirmara, de par com excellentes dotes na *dramatisação* do pamphleto, conducentes á elaboração da *these* dramatisada, — certo conhecimento da lingua, muita energia e um tanto de observação. As tendencias do grave e esclarecido espirito do snr. A. Ennes indicavam-no como o renovador fecundo da nossa arte, renovador pela psychologia, *via scientifica,* como Garrett pela omnisciencia. E que a palavra altiva não avoque a piedade dos modernissimos: foi pela omnisciencia que Shakspeare interpretou a Grecia e a Italia, sem o grave estudo de Sismondí ou de Heeren, mas firmado, apenas, nas biographias de Plutarcho e nas novellas de Grimaldi. Ora, se ao simples estudioso não é dado — e não é de certo — pleitear com o genio fóros de intuição, que as conquistas d'este ultimo lhe sejam ponto de partida para conquistas novas.

E qual é a feição poderosa do theatro shakspeareano, eternamente *actual* e superior? é a analyse humana; é o constante predominio dos sentimentos eternos, feição immortal e divina do *Macbeth,* do *Hamlet,* do *Rei Lear* e das chronicas do grande inglez: luz enorme, que elucida Molière e Balzac, os gigantescos illuminados que devassam, a seu turno, com sua luz, a escuridão da alma. Elucidados e não imitadores; esta ultima familia deu a Racine — Campistron, a Shakspeare — Knowles; a Balzac — Champfleury, e ao Victor Hugo do *Triboulet* — o snr. Ennes do *Saltimbanco.*

E naturalmente viemos cahir n'esta miseria, que a chronica jornalistica da nossa terra esmagou sob o

ridiculo da ovação estridente. O *Saltimbanco* é a revelação cruel da impotencia de um espirito, ou — o que peior seria — da appellação de tal espirito para a trivial armadilha dos *effeitos scenicos*. Derivação banal do desgrenhado periodo do Romantismo, o apregoado trabalho do supposto renovador está para os dramas de Hugo como estes ultimos para as concepções de Sophokles e Shakspeare, avocadas pelo dramaturgo francez.

Agrupai todas as sonoras phrases de todo o theatro do snr. Ennes á beira do ferreo *Ninguem!* de Garrett — e dir-nos-heis de renovadores.

*

Mas, se o baquear das tentativas do moço dramaturgo é estrondoso e profundo, que diremos de esperanças de renovação, em frente da alluvião de *creadores* que por ahi exploram, para o entremez de sala, as anecdotas do *Figaro* e dos almanachs de Paris? Abstracção feita, do *evangelico* drama *A caridade,* de C. Cascaes; de dous dramas de costumes: *Os Campinos* de Salvador Marques e *A Varina* de Fernando Caldeira, de um drama de propaganda: *Os Lazaristas;* e do historico *Drama do Povo,* de P. Chagas, — dizei-nos do movimento dramatico lisbonense nos ultimos annos decorridos: — pobreza de concepção, de estylo, de elevação: *Leonores de Bragança, Morgadinhas, Engeitados, Saltimbancos,* imitações e *arranjos* e traducções: profundissima miseria. Póde-se affirmar que nas pisadas de Garrett só um homem revelou pulso vigoroso para empunhar

um dia o sceptro do gigante: alludimos a Silva Gayo.

Nas pisadas do movimento francez, a geração *modernissima,* dá-nos, na immensa maioria, uma caricatura d'aquelle movimento. Na esphera economica vivemos de emprestimos; litterariamente, de *arranjos.* Em toda a linha — um desanimo profundo. Bacchanal de saudações parvas, de madraceira artistica, de ignorancia profunda; desprezo do publico pelos esforços honrados e dos obreiros honrados — pelo publico. Synthese do grande quadro: Emilia das Neves abandonando a scena com algumas moedas *de reforma* e algumas pedradas de humorista lorpa, e as Josephas d'Oliveira e as Herminias deslumbrando o publico e enriquecendo empresas.

1879.

O «HAMLET»

E A RÉGIA TRADUCÇÃO

O «HAMLET»

E A RÉGIA TRADUCÇÃO

A CHRONICA litteraria registrou, nos ultimos tempos, a estreia do snr. D. Luiz (rei), exaltando, com uma ingenuidade de cafre, o raro exemplo de amor ao estudo e ao trabalho, offerecido pelo monarcha aos seus subditos e leitores. Um monarcha é, por via de regra, no desmascarado sentir da chronica palaciana, um ignorante preguiçoso; o snr. D. Luiz, de Portugal, é uma excepção gloriosa: isto affirmou a chronica, ao mesmo passo que celebrava os primores do *régio trabalho* (sic) com a authoridade que distingue o snr. Melicio e os seus companheiros na cruzada.

Em nosso parecer, melhor fôra ao snr. D. Luiz furtar o seu trabalho aos perigos da publicidade; e a razão é simples: o snr. D. Luiz saberá talvez *reinar* consoante as praxes constitucionaes, com o que

nada temos: o que o snr. D. Luiz revela porém, evidentemente, ao transportar (?) para a lingua patria a obra prima da litteratura ingleza, é — ignorancia das duas linguas e absoluta negação dos mais simples dotes de escriptor.

E vamos proval-o.

*

Limitaremos á conhecida scena do cemiterio (1.ª sc. do 5.º acto), unica da traducção, que até hoje vimos publicada, as nossas annotações.

Escreve o snr. D. Luiz:

1.º *Coveiro.* — Basta de tratos ao teu cerebro; escusas de pensar mais, ficas sempre na mesma. Quando alguma vez te fizerem essa pergunta, responde: «É o coveiro, as moradas que construe duram até ao dia de juizo». Agora vai a casa de Yaughan e traze-me um copo de licôr. (*O* 2.º *coveiro sahe cantando*).

Vejamos o original de Shakspeare:

1. *Clo.* Cudgel thy brains no more about it; for your dull ass will not mend his pace with beating, and when you are asked this question next, say: A grave-maker, the houses that he makes, last till doomsday. Go, get thee to Yaughan, and fetch me a stoup of liquor. (*Exit* 2 *clown*)

(1 *Clown digs and sings*).

«Basta de tratos ao teu cerebro», na bocca de

um coveiro, é absurdo; em todo o caso é falsissimo e não tem sequer a desculpa de uma versão rigorosa. Qualquer traductor, mediocre, mas sensato, abster-se-hia de seguir á risca o «Cudgel thy brains», mas traduziria: «não cances mais a cabeça». Depois, a figura grosseira, mas real, «for your dull ass», etc., têl-a-hia traduzido: «é o mesmo que perder o tempo a bater n'um burro mandrião». Supprimir uma phrase, que completa o pensamento do auctor, não é liberdade de traducção: é demagogia, se não abuso de ignorancia.

«Go, get thee to Yaughan», etc., não póde traduzir-se: — «Agora vae a casa de Yaughan...» O caracter do personagem, a situação e a phrase original estão indicando a traducção fidelissima: «Anda lá, vae ao Yaughan», etc.

«*Exit* 2 *clown:* 1 *clown digs and sings* — é a rubrica do original. O snr. D. Luiz traduz: «O 2.º coveiro sahe cantando».

Não é o 2.º coveiro quem canta: o 2.º coveiro sahe (*exit*): quem canta e cava (*digs and sings*) é o 1.º coveiro (1 *clown dig and sings*).

Vejamos porém o que elle canta:

> In youth, when I did love, did love,
> Methought, it was very sweet
> To contract, O, the time, for, ah, my behove;
> O, methought, there was nothing meet.

A traducção dos versos não é (segundo diz a chronica) do snr. D. Luiz, mas sim do snr. Luiz de

Campos; annotaremos, d'esta vez, sem exemplo, a collaboração d'este senhor.

Ahi vae a traducção (?) dos versos:

> Quando eu era mancebo e quando amava
> Tudo era para mim rapido goso,
> Sómente noite e dia andava ancioso
> Por o tempo matar que me matava.

Deixamos os *dois ultimos* versos portuguezes com os versos originaes em frente, á critica do estudante de lyceu, menormente instruido na lingua do auctor do *Hamlet,* e volvêmos de novo os olhos á triste prosa do snr. D. Luiz Primeiro.

Escreve o snr. D. Luiz:

«... O craneo que este imbecil trata com tão pouco respeito era talvez de algum profundo politico, que se julgava até capaz de impôr a sua opinião ao proprio Deus...»

Dêmos de mão á miseria do *barbeiril* estylo: ponhâmos de parte aquelle *até capaz,* perante o qual estremecem de colera as ossadas dos Lucenas e citemos o original shakspeareano:

«This might be the pate of a politician, which this ass now o'er-reaches; one that would circumvent God...»

Ora, a phrase «one that would circumvent God» será tudo o que pretenderem o snr. Melicio e quejandos apologistas da traducção, menos o régio pa-

lavreado *commettido* pelo snr. D. Luiz: — « que se julgava até capaz de impôr a sua opinião ao proprio Deus ».

Extrahir das cinco palavras do escriptor inglez treze disparates (um por palavra), é libertinagem que até hoje só ousou commetter o espirito da snr.ª Torrezão.

Circumvent (to circumvent)... Em boa verdade que as miserias da traducção fazem-nos temer, ao passo que as descobrimos, a accusação de pedantismo. A Critica perde os seus direitos de censôra, quando, em lugar de incorrecções litterarias, tem pela frente liberdades sacrilegas de rapaz de escóla...

To circumvent, verbo activo, — *Enganar* — convertido em *ser capaz de impôr a sua opinião* é um attentado de tal ordem que só ao snr. Melicio, com a afouteza da mais crassa ignorancia, é licito applaudir nas tolerantes columnas de um jornal.

Eis o que escreveu Shakspeare:

« O craneo, que este imbecil agora trata brutalmente, era talvez o de um politico, capaz de enganar Deus... »

Confrontou — o leitor?

Passemos.

Escreve o snr. D. Luiz:

« Ou talvez de algum cortezão, cujo prestimo unico fosse repetir: « Deus seja comvosco, como está meu senhor? »

*

Escreveu Shakspeare :

« Or of a courtier, which could say: *Good-morrow, sweet lord! How dost thou, good lord?* »

Temos em primeiro lugar o estylo tropego, derrancado e falso do traductor; — *cujo prestimo unico fosse repetir* é, além de tudo aquillo, um attentado contra as leis de construcção grammatical: o tal cujo prestimo *não foi repetir* cousa alguma: o que o snr. D. Luiz pretendia e devia escrever era o seguinte: — « cujo prestimo *consistia* em repetir. . . »

Vêem, os snrs. Melicio e confrades? Ahi está o que *elle* devêra ter escripto.

Temos, porém, attentado superior.

Good-morrow, sweet lord! How dost thou, good lord? não póde traduzir-se: « Deus seja comvosco, como está meu senhor? » — e as razões consistem no seguinte:

Em primeiro lugar, o *Deus seja comvosco* dirige-se á segunda pessoa do plural e o *como está meu senhor* á terceira pessoa do singular. Este absurdo não tem que vêr com Shakspeare e só sim com as leis da syntaxe, violentamente aggredidas.

Agora, no que toca ao escriptor inglez: a intenção do seu personagem, ao alludir ao cortezão, é evidente:

Good-morrow, sweet lord! How dost thou, good lord? traduz a baixeza palaciana, a baixeza cortezã (a que applaude as *régias traducções*): a versão rigorosa é *Bom dia, gentil senhor! Como estás, bom se-*

nhor? A vil entidade, que profere estas palavras, destaca-se, após a leitura do original inglez, aos olhos do leitor. Na versão (sic) do snr. D. Luiz desapparece de todo. Por ventura a bondade do monarcha não ousou lavrar a condemnação dos exemplares *vivos* de tal modêlo: o rei-*traductor* poupa os sevandijas, á custa do original que *traduz,* e os alvos da sua clemencia pagam-lh'a em bajulação, apoiados na authorisada tribu dos Melicios e na indolencia dos leitores cultos...

N'este ponto fazemos observar aos leitores que as nossas annotações referem-se a *uma pagina* — reputada uma das mais conscienciosas — do livro do snr. D. Luiz: deduz-se, pois, que nos será impossivel, em face da miseria profunda d'aquelle trabalho, proseguir, sem tedio, na flagellação. Fazemos um esforço, que sustém nos penetraes da nossa consciencia reflexões amargas sobre a tolerancia abjecta que por ahi acolhe semelhantes attentados, e pomos ponto no assumpto.

EU E A CRITICA PALACIANA

As affirmações que deixámos expendidas no precedente capitulo produziram reacção, natural — e em extremo risonha. Da *Revista Litteraria do Porto,* semanario notavel pela vigorosa e brilhante collaboração de Alfredo Carvalhaes, reproduzimos os documentos da singular *contenda.*

I

« Do nosso collaborador e amigo Silva Pinto re-
« cebemos a seguinte carta, a que gostosamente da-
« mos publicidade, conscios de que os leitores da *Re-*
« *vista* receberão com agradavel sombra o prometti-
« mento que n'ella se faz. Os ataques immerecidos da
« inepcia terão a seu tempo condigna resposta, res-
« posta que será, crêmol-o piamente, não só um do-
« loroso exemplo a futuros bajuladores palacianos,

«como um novo florão para a corôa litteraria do vi-
«goroso athleta a quem alludimos.

«Os leitores nos agradecerão depois a leitura do
«soberbo artigo que Silva Pinto está elaborando com
«aquella prodigiosa *verve* que os seus detractores es-
«timariam possuir.

«Eis a carta:

MEUS CAROS COLLEGAS:

Chega-me ás mãos o numero 598 do *Districto d'Aveiro,* contendo um longo artigo sobre a minha critica ao *Hamlet* do snr. D. Luiz. Ha alli, no artigo, muito que esmiuçar para aviso á *litteratura palaciana.* Vou esmiuçar o caso.

Constando-me, porém, que, afóra a peça em questão, existe outra em forja lisbonense e ainda outra nas paginas do *Solféo* de Madrid, proponho-me colligil-as e annotal-as em um só numero da *Revista,* se vv. julgarem o assumpto digno de prender de novo a attenção dos leitores.

Litterariamente, pelo que vejo publicado e pelos creditos do publicista no chôco, o silencio deve ser aceitavel; mas a petulancia dos nescios que chamam grosseria á franqueza — naturalmente porque a cortezia lhes abriga a baixeza de sentimentos — tal petulancia, digo, merece correctivo severo e prometto que ha de têl-o. — De vv. confrade amigo, etc.

Silva Pinto.

II

MEUS PREZADOS COLLEGAS:

O numero 16 da *Revista Litteraria* vingou despertar o assombro no meu espirito, outr'ora *agitavel* e hoje tenazmente sereno: os meus olhos de peccador contemplam ainda a *corôa litteraria* que vv. me concederam, bem como os fóros de *athleta,* a *verve* de polemista e o mais de seus favores.

Vv. amarraram a minha indolencia e o meu profundo desprezo pelo esvurmar dos idiotas á promessa de um *soberbo artigo,* que o pobre de mim hoje substitue por algumas reflexões, um tanto asperas e profundamente conscientes.

Antes de descer ao barathro, agradeço-lhes do fundo d'alma a originalidade que os distingue: vv. concedem-me favores, á hora em que a cainçada incorre no perigo de sacudir-me a somnolencia. Vv. são duplamente generosos. Muito obrigado!

O primeiro salafrario — primeiro na escala chronologica e primeiro na profundeza da inepcia — buscou refugio no *Districto d'Aveiro.*

Inutil é dizer que não firmou os absurdos: em lugar da alcunha que por ventura o distingue entre os lebreus do soalheiro jornalistico, o bolonio conspurca as iniciaes C. S., collocando-as debaixo do estendal. Como se a cobardia não bastasse, o bolonio

supprimiu o meu nome, referindo-se apenas ao *critico do Hamlet*.

Se acrescentar que o homem de Aveiro é, sobre cobarde, profundamente ignorante, regularmente velhaco, um tanto insolente e principalmente estupido —terei esboçado o modêlo correctissimo do *critico palaciano*.

*

Provas?

Resisto ao desejo de uma transcripção completa.

Antes de tudo, porém, vai um *specimen* da cortezia fidalga d'esta boa gente que me accusa de descortezias para com o insultador de Shakspeare.

«Não aceitariamos a versão da Critica... cheira demais a burro».

O ingenuo espojára-se sobre ella: d'ahi o caso — e o estranho assombro...

Entremos porém no abysmo — e pasmem os meus bons collegas: é *elle* quem falla:

«É sabido que *ha* muito tempo el-rei *concluira* (os grifos são meus)... a traducção d'este e d'outros dramas de Shakspeare, sem ter a menor idéa de lhes dar publicidade. Instado (?) para o fazer, cede a final e manda imprimir a sua versão do *Hamlet*. Presenteia com alguns exemplares taes corporações *ou* individuos, a quem deseja testemunhar sua *benevolencia;* e ahi nos dá sua magestade uma prova bem evidente de *estrema* (com *s*) modestia».

Ora, d'este apontoado de inepcias, deduz-se que o régio traductor é exactamente o contrario d'um homem extremamente (com *x*) modesto; o homem modesto em extremo (com *x*) abster-se-hia de *brindar* com exemplares de tal trabalho as bibliothecas, alguns homens de letras, etc.: teria lido, particularmente, o seu trabalho a alguns amigos leaes e furtar-se-hia aos applausos *inevitaveis* de *certa* boa gente das Gazetas.

O contrario d'isto fez o régio traductor.

Ora, a partir do dia em que diversos jornaes recommendaram á admiração do publico os dotes litterarios do snr. D. Luiz, apoiando na desgraçada versão (?) do *Hamlet* a recommendação, tornou-se do dominio da Critica o livro d'aquelle *escriptor*.

Estranhar que a Critica se apoderasse do livro, o examinasse e o discutisse, é fazer publica profissão de fé em materia de imbecilidade consciente.

Eu não sei — valha a verdade — qual o ponto menos apodrecido do pastelão aveirense: vá ao acaso e vá justamente o ponto que ao salafrario critico se afigura indiscutivel:

Os leitores da *Revista* e os meus bons collegas, tambem, lembram-se de certo da troca dos coveiros, arranjada, com uma liberdade um tanto demagogica, na versão do snr. D. Luiz. Indiquei-a. Destroe o homem de Aveiro as bases da censura? Nada d'isso! assevera simplesmente que eu fiz cavallo de batalha de lapsos *ou* erros typographicos (o grifo é meu) e acrescenta:

— «O critico deve dizer canta e cava, e não cava

e canta» — attendendo a que o original diz: *dig and sings*.

Vá-se notando a esperteza saloia, de par com a boa fé: eu, dizendo que o critico aveirense é *um ignorante e um tolo*, em vez de *um tolo e um ignorante*, commetto um erro: — assevera-o o bolonio que chama ás ignorancias do régio traductor *erros typographicos*...

E se eu dissesse ao bom do aveirense que o original de Shakspeare apresenta na *Dick's Shakspeare complete edition* (uma edição recente do author do *Hamlet*) *sings and digs?* Teria o homem de Aveiro por util manusear os commentadores em face d'esta divergencia das edições? No que ellas concordam todas é em demonstrar que o régio traductor confundiu (salvo seja!) os dous coveiros e que o bolonio aveirense commetteu uma inepcia digna de açoutes: não se escreve DIG, bom homem: escreve-se DIGS. *I clown digs and sings*, ou *I clown sings and digs*.

Ahi está, bom homem, o que Shakspeare escreveu!

Meus amigos, não sei se a Critica desce aos abysmos da tolerancia — embora compassiva esta ultima, discutindo sandeus de tal calibre. Creio que sim: faço porém um esforço contra a repugnancia que me assalta, porque se a impunidade não dá aos lebreus a virtude da coragem, avigora-lhes a petulancia. Permittam-me ainda duas palavras sobre o pastelão supra.

O bolonio aveirense tem, como Taine (sic), um methodo critico (note que não digo um systema, e

se a differença lhe sobrepuja o intellecto, guinde-se do tremedal ao mundo das entidades pensantes); o methodo de sua mercê é original, mas é commodo, é até delicioso: o bolonio censura a Critica, não sobre o que ella disse, mas sobre o que deixou de dizer! Por exemplo: *to buy a sack* traduz elle por *agarrar uma piela* (sic), apoia a traducção no parecer de um frade especialista e rumoreja, malicioso: «O critico (sou eu) talvez traduzisse *comprar um sacco...*»

Chegado a este ponto assaltam-me pensamentos menos limpos... Adiante, com outro exemplo:

Os versos do snr. Luiz de Campos, auxiliar do snr. D. Luiz, são do proprio snr. Luiz de Campos — se não são do homem aveirense... Pois bem: o peccador de mim lêra os versos de Shakspeare, buscara inutilmente a versão portugueza e, encontrando, no lugar d'ella, duas *cantigas* de tenente apaixonado, chamara a attenção de um estudante do lyceu para o desaforo — sem offensa aos brios dos estudantes.

Pois fiz mal: reconheci-o agora!

É verdade que descobri a inepcia; é verdade que em lugar de Shakspeare está o snr. Luiz de Campos; é verdade que um estudantinho de inglez póde corrigir a petulancia: mas não basta! O homem de Aveiro entende que eu devia sobrepujar o tedio, chamar á lição o traductor e os defensores futuros e traduzir os versos — não traduzidos. É um desejo innocente, que o peccador de mim, se fosse tão ignorante em inglez como o snr. D. Luiz, pelo

menos, poderia satisfazer com auxilio do chorado Francisco Hugo, — mas não farei a vontade ao indiscreto, a não ser verbalmente — ao ouvido...

É capaz de não querer.

Meus bons collegas, o meu *soberbo artigo* tem de concluir: determina-o a feição repulsiva do tortulho que a formosa terra de José Estevão sacudiu em hora — para mim amargurada — sobre a minha terra adoptiva — sobre este Porto viril e forte... Vou concluir; mas, de passagem, permittam-me que apresente ao riso alegre de vv. os seguintes rebentos do tortulho supra:

Um artigo do *Solféo,* de Madrid.

Este honrado madrileno (o author do artigo) não discorda, em face da minha critica, das minhas affirmações: crê, porém, que fui pouco... palaciano, dirigindo-me, *por aquelle modo,* ao *rei.*

O honrado madrileno quiz vêr o *rei* onde eu só vi o *traductor;* quiz vêr um desacato á versão do snr. D. Luiz: questão de prismas! Litterariamente, valho, pelo menos, tanto como o snr. D. Luiz (sou pouco ambicioso); não sei, portanto, que especie de submissão lhe devo; e, depois, se o snr. D. Luiz faltou ao respeito a Shakspeare, qual é a porção de respeito que tem direito a esperar de *um seu igual* nas letras portuguezas?...

O honrado madrileno assusta-me pela sua candura; felizmente, cá temos a snr.ª *Valentina de Lucena...*

É verdade — a opinião da snr.ª *Valentina:*

Não a li; ignorava a existencia do risonho documento, quando um amigo meu houve por bem indical-o á minha admiração. *Indicar* é um modo de dizer. Ainda não vi a gazeta laureada que recebe as producções da dama, nem provalvemente a verei. A edição do *popular* papel esgota-se diariamente em applicações caseiras e os cafres do lar domestico não poupam, sequer, os numeros enriquecidos pela dama. O amigo que alludiu ao feminil destempero desentranhou-se em dichotes e esqueceu a parte descriptiva. O que a dama ao certo disse ignora-o o pobre de mim: sei apenas que abunda nas doutrinas do idiota aveirense, no tocante ao direito que me assiste para discutir a régia traducção. Limito-me a pedir ao idiota supra um quinhão do mimo de hoje para a sua collega da capital, e a Nossa Senhora — que os illumine a ambos na vereda tortuosa do absurdo.

*

Ha mais algum? O meu criado, conterraneo do redactor do *Solféo* e mui lido em prosa de frades, folhetins da snr.ª *Valentina* e correspondencias do snr. Melicio, assevera que *um homem da rua dos Inglezes,* conhecido por *o Moser* [1], escreveu tambem um artigo.

---

[1] Posteriormente á elaboração d'esta epistola na *Revista Litteraria do Porto,* soubemos que o alludido *o Moser* e o *critico aveirense* são — uma unica entidade.

Meus collegas e amigos, discutir a prosa de *o Moser* é superior ás minhas forças. A têta da condescendencia já deitou sangue — mercê funesta dos criticos aveirenses, dos gallegos, das *bas-bleus* e do repizar nos disparates palacianos. Ponho ponto; e se *o Moser* quizer discussão, procure o Bento de Freitas [1] e lá se avenham.

Aperta-lhes cordialmente a mão o

De vv.

confrade obscuro e amigo certo

Silva Pinto.

[1] Este Bento de Freitas... Soares é um correligionario e amigo do singular critico — e entidade synthetica e symbolica da alta sociedade portugueza.

CELESTINA DE PALADINI

CELESTINA DE PALADINI

I

A DAMA DAS CAMELIAS

O DRAMA de Dumas filho filia-se, a nosso vêr, litterariamente, no grupo a que pertencem o *Chatterton* de Vigny, o *Antony* do velho Dumas e todas as photographias menos poderosas, exhibidas á luz da ribalta pela geração de 1830. O abbade Prévost precedera, apoiado na *Manon Lescaut,* estes analystas de enfermidades modernas.

Armand Duval, o heroe da *Dama das Camelias,* é um homem de bem, no official sentido do termo: deve ser forte, cavalheiroso, altivo... Pois bem: n'uma bella noite de inverno, a força, o pundonor e a altivez desapparecem no abysmo escancarado ante os olhos d'elle: o olhar de uma meretriz.

Dumas filho deve ter hesitado n'este ponto do

seu drama: apresentavam-se-lhe dous caminhos, por igual tentadores:

a purificação da miseravel, pela abnegação, depositada, qual perola perdida, no monturo da sua alma;

e a glorificação do homem, fazendo-o sacrificar todos os interesses — mas não a sua probidade — na sombra d'essa mulher, e encontrando-a, um dia, tão baixa, tão putrida, tão miseravel, que o nojo lhe mata em uma hora a paixão e o colloca no seu posto. Desde esse dia o martyrio intimo da mulher principiou, por mais que o disfarce e occulte; por mais que se prostitua e alugue! Cubra-se embora com um sorriso pallido esse atoleiro de face humana... de dia para dia descerá mais fundo: hontem semi-deusa; hoje lama; ámanhã essencia de podridão!

Que bello drama, que vigorosa epopêa *moderna* não daria esse esphacelar intimo da mulher torpe, despenhada do respeito do homem honrado no abysmo do desprezo das barregans!...

O author da *Dama das Camelias* escolheu o primeiro caminho: regenerou por um quinhão de bondade o colosso de putrefacção e deu-nos a *Margarida*.

A acção do drama conhecemol-a todos nós. Vejamos o que fez a Paladini, o que fez o Dominici:

A maioria dos nossos leitores pedir-nos-ha, como ponto de partida para a apreciação do desempenho, a confrontação d'aquelles artistas com outros já conhecidos entre nós. Urge satisfazer tal pedido, e tan-

to mais que a apreciação seria em extremo difficil fóra d'esse terreno.

Diremos pois: que a snr.ª Paladini, cujo alto merito relativo ninguem lhe contestará com justiça, despertou-nos logo no 1.º acto saudades da nossa grande Emilia das Neves, a actriz colossal, que em todas as creações do seu genio imprime o poderoso cunho da sua mão titanica: a snr.ª Paladini não teve, não soube ter os fremitos convulsivos da *Margarida Gautier* na definição dos esplendores dolorosos e ephemeros da vida da cortezan. Na scena do baile, a dôr de Margarida, concentrada e profunda como o seu immenso amor, está longe de ser traduzida com a expressão eloquentissima d'aquelle olhar prodigioso de Emilia: olhar que representa, na alludida scena, um protesto velado pela abnegação: um estertor mascarado e horrivel; uma appellação interior para Deus...

Na separação — com Armando — teve um grito, final, indigno de uma artista superior e de que só usaria dignamente uma «tragica» sem cothurno...

A agonia dilacerante da cortezan no ultimo acto commoveu-nos até ás lagrimas quando a grande Emilia e a Pasquali e, ha annos, na «Traviata», a Massini, aquella gentil interprete de Sá Noronha, — nol-a exhibiram á luz da rampa, livida e trémula, mas santificada pelo sacrificio, amparada pela esperança, n'aquelle adeus, que lhe será conforto e balsamo derradeiro na hora da partida: isto nos deram, o genio da actriz portugueza e o talento das suas collegas na arte: isto nos recusou o talento artistico da snr.ª Paladini, cujo «trabalho» admiramos como

se admira um monumento que dia a dia vimos construir...

«A morte» — sim: resgatou muitos erros e lacunas...

Os lampejos — desordenados porque brotam do genio — que são caracteristicos de Emilia das Neves e que tanto assombram e escandalisam os *figurinos* da Arte e da Critica, não os possue a snr.ª Paladini. Alli a Arte é em extremo «methodica» (no sentido do critico Taine): o espectador como que adivinha por um gesto da artista o gesto que ha de seguir-se-lhe.

Não contestâmos a pessoa alguma o direito de applaudir fervorosamente seja quem fôr, e isto pelo simples motivo de não permittirmos que nos imponham excessos de admiração que não sentimos.

O nosso juizo está feito: ahi fica.

O actor Dominici, um charlatão de alta plana, assoprado e defendido por um compadrio venal e ignorantissimo, despertou fundas saudades do finado Vidal, a quem applaudiramos no papel de «Armando». Isto basta para deduzir-se que ficou muito áquem de outro artista, já morto tambem, e cujo lugar está ainda vago na scena portugueza: fallamos do illustre Tasso.

Acrescentando que a snr.ª Paladini obteve por vezes justos e estrondosos applausos; que os seus collegas de scena não se recommendaram por dotes especiaes e que a casa estava cheia, temos dito e concluido.

II

IZABEL D'INGLATERRA

A companhia dramatica da snr.ª Celestina de Paladini deu-nos o drama de Giacometti — «Izabel, rainha d'Inglaterra».

Antes de procedermos ao exame despreoccupado da creação da snr.ª Paladini, cumpre-nos fazer observar:

Que escrevemos, antes por satisfação da consciencia revoltada, do que para instrucção das massas analphabetas; se estas ultimas aproveitam com as nossas palavras — tanto melhor. O que importa saber-se é: que não subordinamos a opinião alguma a nossa opinião individual; que nos importa pouco, ou antes, que não nos importa absolutamente nada ferir as vaidades artisticas de quem quer que seja; que não offerecemos lições a pessoa alguma, — menos ainda a artistas cosmopolitas e que, finalmente, sabemos quanto valem o «desdem» ou a «irritação» de quem recebeu, em vez da admiração alvar, a observação reflectida.

Esta terra não é ponto de partida para as conquistas da gloria, nem a sua imprensa dá fóros de celebridade a quem a busca por esse mundo: isto é sabido, — era-o já antes da chegada da snr.ª Paladini e da sua «troupe». Mas nem o publico, nem a imprensa querem tanto: o que nós, signatario d'esta revista, queremos, com alguns espiritos pouco dados a imitação, é simplesmente que nos concedam o di-

reito de examinar o que nos vem de fóra; por outra, que nos não imponham a obrigação de applaudir o que algures foi applaudido — não diremos com que justiça.

Posto isto e sem mais explicações, passemos ao drama e ao desempenho.

O typo de Izabel de Inglaterra ostenta-se na Historia como um dos mais notaveis e, porventura, filiando-se na galeria a que pertencem os vultos de Catharina de Médicis (o maior de todos), de Catharina da Russia, e de Maria Thereza. Para reproduzir no palco scenico uma figura de tal ordem é mister possuir a intuição do genio, — como a nossa Emilia das Neves, — ou um profundo senso critico, engastado no estudo sério — e quantas o possuem?

O desempenho do papel de protogonista no drama de Giacometti provou-nos que a snr.ª Paladini desconhece completamente o severo typo de Izabel. Dos collegas da alludida actriz é inutil fallar a proposito d'aquelle drama. O processo critico a seguir para com a *creação* da snr.ª Paladini consiste em indicar aos pobres espectadores que a applaudiram o que é o vulto de Izabel; por outra, indicar o que «não fez» a snr.ª Celestina de Paladini.

O periodo da filha de Henrique VIII e de Anna Bolena tem com o seculo de Luiz XIV mais de um ponto de contacto: tem o seu Molière: — Shakspeare. Tem o seu golpe d'estado religioso, igual á revogação do Edito de Nantes: — a fundação da Igreja anglicana pelo «bill dos trinta e nove artigos». A mulher admiravel, condemnada pelos sentimentalis-

tas e pelos adoradores coevos e posthumos da barregan Maria Stuart; calumniada por Schiller e pelos catholicos e em geral pela ignorancia tautologista: essa mulher superior, que, com o grande vulto de Catharina de Médicis, espera a hora da rehabilitação publica, adquiriu, até á idade de dezesete annos (durante o reinado de seu irmão Eduardo VI), uma instrucção solida e austera, — mercê da sua energia singular. Foi ella quem firmou nas seguintes palavras, superiores ao seu tempo, a sua popularidade: «a minha posição é ao povo que a devo e é no povo que eu me apoio» (resposta ao enviado de Filippe II, que lhe offerecia o auxilio de seu amo). Durante o reinado de Maria Tudor foi o sobresalto permanente da rainha dissoluta (veja-se o drama de Hugo). Foi a mesma Izabel quem auxiliou Henrique IV na expulsão dos hespanhoes, de França; quem formou as companhias de commercio e navegação destinadas a estabelecer as relações com a Russia, a Turquia e as Indias Orientaes. Severa e austera, teve ainda com a rainha florentina, ja citada, um ponto de contacto: resistiu á calumnia no seu viver intimo de mulher: — não lhe maculou a intimidade com Essex a reputação indiscutivel; nem o drama sentimental de Schiller abate, de uma linha sequer, aquelle nobre vulto.

Uma pagina do historiador Prescott sobre o vulto de Izabel daria mais luz á artista encarregada de reproduzir esse vulto do que a simples leitura de uma composição dramatica destinada a arrancar lagrimas ás multidões inconscientes. Izabel teve a escóla da adversidade, da perseguição pela intriga, das injus-

tiças soffridas e do silencio imposto: a dissimulação que lhe attribuiram não foi um dote nativo, mas um resultado d'aquellas condições.

Ora, da exhibição d'este typo historico derivou decerto o leitor intelligente á idealisação do vulto artistico. Estamos em um terreno firme e afastados de subtilezas technicas de supposta Arte, muito comparaveis ás artimanhas da theologia: ou o vulto que nos deu a snr.ª Paladini é o que a intelligencia do leitor lhe indicou em seguida á nossa exposição: typo artistico, que não admitte relatividades na sua comprehensão e que é absoluto e positivo; — ou é uma phantasia da actriz, bordada nas declamações de um dramaturgo... «To be, or not to be».

É evidente que a snr.ª Paladini não nos deu a filha de Henrique VIII, mas sim uma megera orgulhosa, vingativa e que bem póde ser por igual estupida. Aquella «má pessoa», rainha de pechisbeque, exposta ao publico do Principe Real, está para Izabel, — a auxiliar de Henrique IV, de Coligny e da Reforma, a dominadora das camaras, a protectora de Spencer e Shakespeare, — como uma cozinheira degolando um perú está para Judith com Holophernes.

Somos severo? Não: somos justo.

O leitor, que foi espectador em a noite de domingo, viu, felizmente para nós... Alli, no typo phantastico, creado pela snr.ª Paladini, ha bellezas de desempenho, mas nada temos com taes bellezas. Que importam para o caso sujeito (o vulto historico de Izabel) — os devaneios artisticos da snr.ª Paladini? É evidente que não pediriamos a uma nulli-

dade pretenciosa, como a snr.ª Emilia Adelaide, por exemplo, a interpretação critica do typo historico, mas é força exigil-a de quem nos appareceu envolta na fumarada dos thuribulos lisbonenses.

E que fumarada!...

Concluindo: Izabel d'Inglaterra é uma mulher superior, — instruida, astuta, orgulhosa, dissimulada, vingativa, emprehendedora, audaciosa, viril e austera; — as suas qualidades antipathicas são defeitos negativos: teem o cunho de uma grandiosidade que annos depois se reflecte no grande vulto de Oliveiro Cromwell, o Protector da Inglaterra, émulo de Izabel sob o ponto de vista da prosperidade e da gloria do seu paiz.

Nem uma unica scena do drama de Giacometti nos deixou suppôr, por um momento, que a snr.ª Paladini houvesse compulsado o mais insignificante trabalho especial sobre o vulto que se propuzera impôr á platêa portuense.

É em nome d'esta ultima e da sua manifesta rebellião contra as imposições desastrosas, que denunciamos como uma desgraçada tentativa o espectaculo de que vimos fallando.

III

MARIA ANTONIETTA

Sem venia aos bajuladores por officio, aos calumniadores por vocação, aos despeitados por mesquinhez de espirito, aos intrigantes impotentes de todas

as classes e dos dous sexos, aos folhetinistas sem grammatica e aos apreciadores, sem miolos, dos alludidos folhetins, — diremos:

Deu-nos a snr.ª Paladini o drama «Maria Antonietta». A ajuizar pela deploravel interpretação da «Izabel d'Inglaterra» havia «tudo» a esperar nos dominios do verdadeiro desastre. A snr.ª Paladini «tudo» nos deu.

O vulto da princeza austriaca está em demasia discutido e por demais julgado. Se a moralidade conjugal não accusa de graves delictos a mulher de Luiz XVI, a soberania popular e os direitos do homem serão menos indulgentes para com a alliada dos Calonne e de todos os devoristas, para com a alma da conspiração estrangeira contra a sua patria adoptiva, para com a adversaria dos Estados Geraes. Serão menos indulgentes, dissémos; mas ao menos a cabeça decepada pelo ferro da guilhotina não enlameou, qual a de Maria Stuart, o penetrante gume d'esse ferro, e o vulto de Fouquier Tinville, o calumniador officioso, é estrangulado pela mão da Historia ao proferir a calumnia...

Vejamos como a snr.ª Paladini se desempenhou da tarefa e descontemos, nos applausos que antehontem recebeu, a cortezia de uns para com a beneficiada, a ignorancia supina de outros, a bajulação de muitos, e os intuitos de comico desforço por parte de muitos outros.

Em primeiro lugar, vemos que a snr.ª Paladini não tinha d'esta vez pela sua frente a difficuldade de confrontos com uma artista de alto cothurno, co-

mo a grande Emilia das Neves, ou como a talentosa Lucinda Simões. Nada d'isso. O papel de «Maria Antonietta» fôra entre nós toscamente esboçado pela actriz Emilia Adelaide. Ora, o que levamos em vista sustentar — e sustentaremos — é: que se o trabalho de E. Adelaide representa um *esboço imperfeito,* o da snr.ª Paladini representa — *um borrão.*

Primeiramente: os dotes plasticos da actriz italiana são para um typo de phantasia, ou para qualquer outro typo historico, que não o de Maria Antonietta. O «donaire» voluptuoso e casto — seductora alliança! — a orgulhosa e altiva formosura da mulher de Luiz XVI estão no espirito de todos que não estudam a Historia e os seus vultos nas tábuas do palco scenico.

É preciso que trate de entender-nos quem nos accusa de não sermos assás explicitos e proficientes na analyse da parte «artistica» dos trabalhos da snr.ª Paladini. As reflexões que o caso nos suggere irão mais adiante. Circumscrevendo-nos ao papel em questão, diremos:

A snr.ª Paladini possue o deploravel segredo da gesticulação de «effeito» e da dicção «musical». Com isto e com certos lampejos de talento póde-se ser no paiz natal uma celebridade de baixo cothurno, mas para obter os applausos de um publico estrangeiro «desprevenido e sério» é mister mais arte e menos artificios.

Expliquemos:

Desde o momento em que á traducção dos sen-

timentos e das paixões falta a base de um estudo «psychologico», o gesto, a dicção, o olhar e todo o movimento scenico tornam-se um brinquedo de titeres, e o espectador sem luneta de fumo póde entrever os cordeis. Barafustem muito embora as massas ignorantes: a parte escolhida do publico dirá, com sorriso nos labios: — Não me illudes, arlequim!

E não illudem...

Na inquietação da rainha, nas angustias da mãi, nas blandicias da mulher, no desespero, no enternecimento, na resignação piedosa, no orgulho espesinhado: em todo aquelle embate prodigioso e formidavel, que se opéra no espirito e no coração da filha dos Cesares, entrevê-se uma synthese terrivel: é a agonia do Passado, attonito perante a audacia da Revolução: é o espirito monarchico avergado pela vigorosa mão do Povo: é o grito duplo de surpreza e angustia, vibrado pela voz do velho espirito tradicional em face do immenso protesto do Direito Humano.

Como tudo aquillo é pequeno e dubio e pallido: aquelle olhar, aquella energia revoltada, aquella agonia triplice da mulher, da mãi e da rainha, que a actriz italiana nos deu! Pedantesca no principio do drama, especie de Luiz XVIII feminino, apparece-nos em seguida, arrebitada, com os seus assomos sentimentaes e, no final, uma contemplação seraphica do infinito... que é de morrer!

Temos o snr. Dominici (Luiz XVI).

O leitor sabe que não nos filiamos entre os thuribularios do actor Santos: por isto e por ser verdade indiscutivel, nos atrevemos a dizer que a creação

de «Luiz XVI» por esse artista desculpa-o de bastantes erros. Desde a expressão timida, vaga e por vezes dubia d'aquelle semblante do neto de Luiz XV, até ás explosões de desespero do coração amantissimo do bom pai, tudo é bello, verdadeiro á luz da Historia, correcto á luz da Arte, commovente á luz do coração! Quem dera a Santos, em todos os seus papeis, uma consciencia de tal quilate!

É impossivel, depois de havermos admirado uma creação de tal ordem, descer, sem enorme esforço, á caricatura do charlatão Dominici: typo falso, sentimentos falsos, o amor paterno traduzindo-se em balburdia e safanões: um charivari, que alguns espectadores applaudiram, lembrando-se de que estavam no Circo.

Admiravel desastre!

Que diremos do resto do desempenho? Cousa nenhuma: o desconhecimento do assumpto era evidente por parte de todos os vultos da companhia. Que nos cumpre fazer, em consciencia, perante tudo aquillo? Felicitar os actores de D. Maria II pelo seu esplendido triumpho.

E temos concluido.

1876.

O SALTIMBANCO

O SALTIMBANCO

DRAMA ORIGINAL DE ANTONIO ENNES

Na memoria de todos nós estão ainda os documentos de assombrosa ignorancia, lavrados pelos criticos officiaes d'este paiz, em homenagem ao novo drama do snr. Antonio Ennes. Não pertence á Critica discutil-os, menos ainda aquilatar os insultos plebeus, que, á mingua de discussão elevada e consciente, acolheram o nosso parecer. Na phrase de um escriptor eminente, a Critica assemelha-se aos monarchas: perde os seus direitos onde nada existe. Ora, em litteratura o *nada* é a ignorancia criminosa. Deixemos isso...

O *Saltimbanco,* do snr. Ennes, affirma por parte d'este escriptor o proposito de seguir caminho errado. Se a Critica póde dignamente dispensar-se de aquilatar encomios deploraveis e repellir insinuações grutescas, cumpre-lhe indicar os desvios do drama-

turgo, prevenindo contra elles a opinião desvairada. Do proposito do snr. Ennes diremos largamente, após o exame rapido, mas consciente, do seu trabalho.

Um saltimbanco, homem de superior intelligencia e de nobres sentimentos (vá notando o leitor), tem uma filha. Movido pelo intuito de afastal-a do viver dos bohemios e livral-a do opprobrio da classe, confia aos cuidados alheios o fructo do seu amor, impondo-se o doloroso sacrificio de occultar aos olhos da criança os laços que a prendem ao aviltado pai. Entre sorrisos cresce e floresce a infancia da rapariga, ignorante do sacrificio que lhe creou para os primeiros annos o pedestal da ventura. Surge emfim a mulher — o amor; desponta na penumbra o matrimonio.

Alice, a filha do saltimbanco, é pedida em casamento por um titular inclinado aos bellos olhos da rapariga, mas cioso da pureza dos brasões. N'este ponto intervém a Fatalidade, corporisada em um vulto de mulher (Carlota). Aproveitando o amor paterno do saltimbanco e a curiosidade da filha, Carlota provoca uma scena de reconhecimento dos dous entes. O fidalgo irrita-se com a presença do perigo a que escapara. O saltimbanco, arrastado pela cólera, assume proporções colossaes nos dominios da eloquencia e do estylo; metamorphose de Arlequim em Cicero! A objurgatoria termina pela seguinte phrase, que seria a mais eloquente, se não fosse a mais burlesca do theatro portuguez: «Saltimbancos nós! Farçantes elles!»

Ao histrião notabilissimo não era desconhecida a

phrase memoravel de venerando patriota portuguez. Facil lhe foi a variante.

Petrificado pela dôr, o bom do saltimbanco resolve *tomar um partido:* honroso e nobre partido, implicando lição proficua, na bocca do snr. Ennes, e uma affirmação de culto e alevantado espirito moderno, seria o de vingar-se o truão — conquistando pelo trabalho a felicidade de sua filha: mudar emfim de rumo e apagar, á força de carinhos, no espirito da infeliz, a impressão dolorosa da triste scena.

Nada d'isto fez, e homenagem foi a abstenção aos criticos ingenuos e ás multidões ignaras. Regressa ao viver bohemio o farçante palavroso, arrastando comsigo a joven, sacrificada á sua imprevidencia, ou á sua malvadez. Alice morre de dôr sobre um tablado e o histrião enlouquece e brada: «Quem quer vêr Ignez de Castro por um pataco!...»

A phrase, que, no dizer dogmatico de bons *criticos* de compadrío, constitue uma affirmação do mais pungente *realismo,* é simplesmente uma armadilha grosseira. Qualquer das phrases finaes dos dramas *romanticos* de Hugo tem sobre ella o merito da espontaneidade: deduz-se da situação dramatica e do estado psychologico dos personagens. O *Merci!* final, do *Ruy Blas,* é um poema, soluçado, de amargura, de gratidão e de jubilo entranhado e profundo. A phrase do saltimbanco portuguez, ao mesmo passo que deslumbra o auditor ignaro, desperta um simples movimento de hombros no espectador reflexivo e attento. O caracter d'aquelle bohemio e repulsivo afugenta a ideia da loucura, em face da catastrophe, que é filha da sua vileza.

O rumo que lhe cumpria seguir para salvação de sua filha, o trabalho sério e digno, desprezara-o elle, quando aos cuidados alheios confiara a criança que lhe devia o ser. A superior intelligencia d'aquelle Cicero de tablado, não previu que o acaso, ou as suas impaciencias paternas, ás quaes não soube resistir, levariam um dia a luz aos olhos de sua filha, revelando-lhe, e ao mundo, o opprobrio de que lhe salvara a infancia. N'este caso a intelligencia do saltimbanco desappareceu; ficou o imbecil.

As invectivas disparadas sobre o visconde e a sociedade, que lhe não acceitam a sordida alliança, manifestam um cynismo superior á possivel descripção: quem é o culpado da situação dolorosa da rapariga senão elle, o Demosthenes de circo, o estylista de phrases de effeito?

Do recurso final — a rapariga transportada ao opprobrio, que a lança no tumulo — já fallámos e repugna-nos fallar de novo. Insistiremos apenas em que homens d'aquelles — admittamos a aberração grutesca — não se purificam na loucura: morrem na abjecção.

Entre os absurdos criminosos, expendidos pelos admiradores *à outrance* do snr. Ennes, cumpre-nos notar a aproximação do saltimbanco do snr. Ennes e do Triboulet de V. Hugo. O dramaturgo lisbonense soube, pelos modos, attingir não sabemos que ponto culminante, fóra do alcance de Hugo. É sabido que a Critica emmudeceu respeitosa perante a dôr paternal de Triboulet, traduzida nas invectivas e nas supplicas dilacerantes, arremessadas á cynica zombaria

dos cortezãos do Louvre [1]; em todo o theatro do Romantismo só conhecemos a eloquencia da Marion De Lorme á altura d'aquelle dizer prodigioso do truão. A ignorancia dos louvaminheiros assopra a creação bastarda, que os desnorteou, para aquelles vôos de aguia do gigante do Romantismo! O snr. Ennes substituiu Shakspeare, esmagou Almeida Garrett e eclipsou Victor Hugo. Não exageramos a desvergonha dos «criticos»: escreveram-no, «elles», sem que o dramaturgo querellasse dos fautores de tal ridiculo...

A escóla das syntheses monstruosas, oppondo-se (no movimento intellectual do Romantismo) aos exclusivismos da fórma, resgatava, no periodo da lucta inicial, a sua monstruosidade, mercê das intenções repressoras e vingadoras, que lhe deram base e origem. Todos os grandes movimentos iniciadores de uma revolução (religiosa, scientifica ou litteraria) se affirmam pela explosão; não constituem anormalidade para o principio triumphante: nenhum christão applica no periodo contemporaneo a fiel doutrina do Christo, nem a voz de St. Just encontraria um echo em 1840, no pleno triumpho da Burguezia. O theatro de Hugo, o do velho Dumas e o «Chatterton» de Vigny, constituem, elles proprios, uma synthese de revolta. A Critica serena aceitou-lhes a legitimidade dos impetos, mas condemnou-lhes, destruidos que foram os exclusi-

[1] Act. III, sc. III do *Le Roi s'amuse*.

vismos classicos, a pretensão a eternisar o movimento.

O snr. Ennes caminha evidentemente, em pleno anno de graça 1877, na senda trilhada, ha perto de meio seculo, pelo author da «Marion De Lorme». Não aproximamos os dramaturgos, entende-se: citamos a original coincidencia como base para a discussão do novel dramaturgo. O snr. Ennes resuscita o processo litterario das antitheses, — aquelle curioso processo que nobilita em «Lucrecia Borgia» a mulher adultera, em «Marion» a cortezã, em «Triboulet» o histrião. O «Saltimbanco» portuguez pertence, pelas intenções do author e pelo estylo, empolado e falsissimo, áquella singular familia de tratantes regenerados: pelas intenções do author, dissémos: é que os absurdos do entrecho não permittiram, sequer, a sustentação d'aquelle typo phantastico; Victor Hugo creou o saltimbanco «sublime», expôl-o sobre o tablado á interrogação severa da Critica e se esta não logrou applaudir á luz da Arte moderna a concepção do dramaturgo francez, registrou com louvor a firmeza de traços do mestre, na execução d'aquelle monstro psychologico. O monstro creado pelo snr. Ennes não ataca simplesmente as leis da Arte: offende o bom-senso da Critica.

O publico do Porto applaudiu recentemente «O Palhaço», drama de Ennery. O entrecho filia-se nas creações do Romantismo puro. O protogonista é uma creação quasi verdadeira, que um magnifico talento artistico do maior futuro, o actor Julio Soller, gravou a traços vigorosos no espirito dos auditores. O palhaço do escriptor francez não joga «as escondi-

das» com uma filha, prompto a apparecer em momento opportuno para a exhibição dos seus dotes de tribuno: é um pobre diabo histrião, a quem roubam a mulher e uma filha e que lucta no empenho de reobtel-as: quando surge em meio de um salão, tem as explosões do tablado, o praguejar violento, a raiva do homem inculto. Não profere variantes ás phrases historicas do seu paiz: pede a mulher e a filha aos «ladrões que lh'as roubaram». É um homem. O palhaço creado pelo snr. Ennes é um titere, cujos cordeis entrevemos no manejo desencontrado e deploravel.

Gustavo Planche, o severo aquilatador do Romantismo, accusa Triboulet (exceptuando a scena que citámos) de cantar a sua paixão, de escutar o proprio canto e de apaixonar-se em seguida [1]. Apaixonou-se, todavia. O palhaço portuguez não logrou fazer-nos ouvir os accentos prodigiosos da dôr paterna. As phrases de effeito, incluindo a da loucura, parecem collocadas por mão providencial nos labios do farçante. Nunca o talento de Antonio Pedro lidou por salvar em «tour de force» uma creação tão desconnexa, tão illogica, tão alheia á Arte, á Consciencia e á Razão.

O theatro de Hugo é hoje admirado como collecção de documentos da revolução romantica e ainda como specimen dos sonoros alexandrinos do escriptor. Resuscitar para a vida da Arte e da Psychologia os vultos da galeria de Hugo importaria a

[1] *Rev. des Deux-Mondes.* 1832.

creação de uma nova Arte e de uma Psychologia nova. O snr. Ennes vai desenterrando os cadaveres, mas substitue o sopro vital pelos cordeis, que dão «vida» aos titeres, e recita á beira dos singulares personagens (?) optimas prelecções em «delicioso» estylo.

Saltimbancos de feição admiravel tel-os-ha de futuro o snr. Ennes nos que chamaram ao seu trabalho «o primeiro drama do theatro portuguez».

Vamos concluir.

Alguem verá (illusões d'optica!) nas affirmações da critica proposito de aggressão. Appellamos para os homens de boa fé.

As theocracias litterarias desceram do odioso ao ridiculo. Apear os velhos idolos é acto meritorio; substituil-os é burlesco; renegar o pontificado de Castilho e crear altares para os campeões «liberaes» não cabe na tolerancia dos homens justos permittil-o sem annotação risonha. Comprehendemos o ardor na defeza dos perseguidos, mas as realezas litterarias não fructificarão entre nós, em quanto o direito de protesto não fôr supprimido.

As insensatas ovações da amizade cega, ou condescendente, da ignorancia crassa, da mystificação traiçoeira, e até as da politica partidaria podem lançar no espirito do snr. Ennes o germen da adoração de si mesmo. Porventura as nossas palavras, destoando do concerto de louvaminhas, se afiguraram um tanto irrespeitosas ao talentoso dramaturgo. Sentiriamos profundamente que tal succedesse, mas a critica não recuará um passo, seja embora acolhida pelo resentimento...

Terminando a apreciação:

O desempenho do protogonista é, como algures dissémos, um *tour de force* de Antonio Pedro. Deslumbra, a espaços, mas não salva, perante a critica serena, os absurdos d'aquelle monstro.

Alice, uma creação pueril, tem o cunho do sentimentalismo de «grisette»: foi alli que a critica venal notou a «revelação do genio» da snr.ª Amelia Vieira — a «rival perigosa» de Virginia!

Para nós, a snr.ª Amelia Vieira está de ha muito condemnada, e culpados são os que chamaram, pelos seus brados, a attenção cuidadosa sobre aquella impotencia que se estorce na imitação. O papel de Alice é um esboço imperfeito e tosco. O desempenho foi a má caricatura d'esse esboço. Tal é o nosso parecer.

Carlota é um typo de pedante; aproxima-se d'esse grupo de *bas-bleus,* sem dignidade e sem sexo, para as quaes não conhecemos cauterio á podridão da alma: uma artista de talento superior difficilmente salvaria do odioso, aos olhos do publico, aquella creação repugnante: a snr.ª Emilia dos Anjos pôz-lhe o cunho da beata dos «Lazaristas», já agora o seu ponto de partida para todos os papeis — e mandou-o a correr mundo. Deixemol-o ir!...

Este o nosso juizo sobre o apregoado drama do snr. Ennes; apresentamol-o á discussão. A Critica é uma sciencia que não se illude nem destroe com estafadas phrases de noticiarista, nem com palmas e bravos de encommenda. Em meio do rebaixamento dos espiritos tem seu tanto de consolador uma atti-

tude isolada. Não por nós, mas pela Arte e pela dignidade da Critica d'este paiz, sentiremos profundamente o nosso isolamento ao condemnarmos terminantemente no snr. Antonio Ennes o seu ultimo trabalho e a direcção nova do seu espirito.

1877.

UM DIVORCIO

UM DIVORCIO

DRAMA ORIGINAL DE ANTONIO ENNES

O GENIO aventureiro da snr.ª Maria Letizia Rattazzi (é uma Bonaparte — s. exc.ª) pousou recentemente na boa terra de Portugal: — excentrica aventura! A snr.ª Rattazzi pairara, contemplativa, sobre os Abexins e os Laponios e os Patagonios e, afinal, decidiu-se... por nós! Tarde nos deu a Providencia o gozo pantagruelico da singular visita. Um seculo antes, a musa bocagiana formaria duas alas de sonetos, em homenagem á boa protectora. Hoje, a gratidão nacional tem de aceitar-nos por interprete, — o que é triste para todos...

Ora, da excentrica aventura surgiu — e força era prevêl-o — uma alluvião pavorosa de episodios, que destoaram, mercê do espirito, d'esta gravidade pachorrenta que constitue o fundo dos nossos concidadãos.

Foi assim que a snr.ª Rattazzi, — a generosa reveladora de Portugal aos sabios hermaphroditas do *Figaro,* — descobriu: que, no snr. Ennes, «o genio sobrepuja os dotes de talento»; que o historiador do Consulado e do Imperio — A. Thiers — é dignamente representado entre nós pelo snr. Latino Coelho, e que o snr. Melicio desempenha com inexcedivel correcção o papel de um dos Grimm... Um pouco mais de condescendencia — e a nossa protectora resvalaria até á snr.ª Torrezão, arrastando na vereda criminosa o nome de George Sand: não exultemos, porém; a snr.ª Maria Letizia, firmada no depoimento do nosso Thiers (o snr. Latino Coelho, homem de espirito libertino), descobriu que o *Saltimbanco* do snr. Ennes é «a obra prima do theatro portuguez» e que o acto dramatico *Um divorcio,* do mesmo author, affirma grandes pontos de contacto entre o *genio* do snr. Ennes e o genio de Shakspeare.

Não protestamos: registrar o caso importa flagellação severa e a tanto nos limitaremos. Além d'isto, não é de hoje que a memoria de Shakspeare recebe, em abundante moeda de ultrajes, o *culto* da leviandade petulante. Na velha Inglaterra, a mocidade aristocratica, contemporanea, presta de ha muito em Cambridge e em Oxford ao maior vulto litterario do seu paiz uma simples homenagem philologica: traduz no idioma de Sophokles algumas scenas do *Hamlet* e commenta desdenhosamente as velharias do gigante, após a elaboração do *tour de force.* O instincto popular conserva ainda por Shakspeare a admiração primitiva. A aristocracia ingleza é absurda, é idiota, em meio da sua *illustração:* mas os seus des-

dens não egualam, de certo, a *façon cavalière* com que a snr.ª Maria Letizia explora o nome do illustre inglez, em homenagem aos seus commensaes, d'ella, no salão de D. Maria II.

E sobre o *Saltimbanco,* julgamo'-nos hoje dispensados de nova discussão: a tautologia não vinga seduzir-nos. A «obra prima» obteve de nós o tributo de attenção grave, de observação consciente — que algures lhe recusaram, á sombra do elogio deshonesto e aviltante. Analysámos os documentos do processo reclamado pelo dramaturgo perante o tribunal da Critica, e pronunciámos sobre o caso. Resultado surgiu, mercê de Deus, traduzido em amúos e em insultuosas referencias do compadrío. A vigorosa Revista [1] que em suas paginas abrigara o *desacato,* chamou á discussão os campeões: — silencio em toda a linha *litteraria!* Elogiar é facil; insultar — tambem. Discutir é grave: reclama hombridade e estudo: a consciencia armada. Os thuribularios do snr. Ennes são mestres de apologia banal; no terreno da Critica distinguem-se, porém, mercê de singular prudencia. O silencio é-lhes arma e reducto.

O prefacio da illustre *bas-bleu* é um assombro. Seria apenas um conjuncto de inexactidões banaes — vulgarissimo entre os escriptores francezes que de nós se occupam, — se a auctora não ostentasse pretensões singulares de competencia, que a furtam á commiseração. A snr.ª Rattazzi cita, a cada pagina do prefacio, os nomes dos seus amigos illustres e fir-

[1] *Revista Litteraria do Porto.* 1877.

ma nos juizos de taes amigos o *seu proprio* juizo. Cita Herculano — e de passagem diffama o grande homem, obrigando a uma rectificação o poeta portuguez Bulhão Pato; cita o snr. Latino, gloria litteraria firmada... na esterilidade; cita Romero Ortiz, compilador de *cavacos* lisbonenses, e affirma peremptoriamente que « o snr. *Ennès* é um dos raros vultos que honram um paiz e uma época, e um dos talentos mais completos de todos os paizes latinos ».

Ora, todos nós sabemos, — uns pelo estudo, outros pelo instincto, — que o snr. Ennes é, apenas, o « auctor dos *Lazaristas* » e que as suas producções theatraes, posteriores ao drama da sua estreia, representam uma serie de desastres; os nomes de taes producções entraram no esquecimento: a propria snr.ª Rattazzi, no seu prefacio apologetico, chama — a uma *Os Saltimbancos;* e a outra *Miss Multon.* Accumulação de absurdos! Da « obra prima » demonstrámos algures as deploraveis tendencias para as rhapsodias do theatro do Romantismo. Que diremos de *Um Divorcio,* derradeira affirmação de impotencia, saudada pelo compadrío? Pedem-nos a demonstração?

Em primeiro logar, que problema social pretende resolver, no seu acto dramatico *Um Divorcio,* o auctor dos *Lazaristas?* Não vingámos sabêl-o, nem sobre o caso desceu a elucidar-nos a descobridora do genio do snr. Ennes. Mas nem a Critica pede tanto; cedendo consideravel parte dos seus direitos, pede apenas uma definição d'aquelles vultos que se atropellam, estonteados, durante as sete scenas do *drama;* fabricando phrases d'effeito, contradizendo-se a

si proprios, a cada momento, não em virtude de contradicção fundada em observação e *transmutação* psychologica, mas estouvadamente, como titeres que se agitam a impulsos de profano. Assim, temos que a protogonista — no acto de appellar para a destruição propria em face da criminalidade de seu marido, estabelece-nos no espirito este agrupamento de duvidas: — ¿suicida-se em virtude da impotencia da lei, que só lhe concede uma *separação* e não lhe restitue (*sic*) o coração do homem amado? mas, em tal caso, a idéa do suicidio, representando apenas o desespero, o conhecimento tacito da impossibilidade de viver feliz sem o amor d'aquelle homem: tal idéa, dizemos, não exige, para suscitar-se, o estado matrimonial: qualquer entidade, de qualquer dos sexos, recorre ao fatal meio; — ¿suicida-se, porém, a mulher, afim de salvar «a dignidade humana, o direito divino da esposa?» mas tal dignidade e tal direito não se salvam nem purificam porque a mulher ultrajada velou a face com o manto da morte; a dignidade e o direito salvar-se-hiam na resignação altiva, no perdão absoluto, ou no afastamento; — ¿suicida-se, emfim, a protogonista, movida por um sobre-humano impulso de abnegação, tendo por alvo a rehabilitação de sua filha adoptiva e sua rival e a felicidade tranquilla de seu marido? mas, então, o segredo mais completo por parte da martyr deveria abrir de futuro aos delinquentes o viver que a abnegação d'ella lhe destinara: e como procede essa martyr? fazendo-se envenenar pela propria mão de seu marido, revelando a este o conhecimento completo da infidelidade conjugal, fazendo alarde do suicidio e creando,

por tal modo, uma barreira suprema entre os dous entes por quem morre: — o espectaculo permanente do seu cadaver.

Esta mulher é decididamente imbecil — e só o talento prodigioso da Pezzana mascarou, ha um anno, entre nós, os esgares e as piruetas de tal vulto. Na scena v, — um extenso monólogo, reputado, por espiritos simples, de um vigor shakspeareano — affirma-se uma pobreza espantosa de execução no *manobrar* dos sentimentos desencontrados que devem despedaçar a alma da desventurada. Em meio d'aquella tempestade, a comica figura da *formalidade do divorcio,* introduzida, com o acrecimo de *um sorriso,* bastaria á condemnação absoluta do acto dramatico do snr. Ennes: mas que dizer do «filho de Deus, que, podendo commandar legiões de anjos armados, morreu para salvar a humanidade?» É orthodoxo, é edificante, dá um cunho marcial ao vulto de Jesus: mas é um tanto absurdo nos minutos derradeiros d'uma suicida. E a *profunda* interrogação sobre as pretensões do homem a explicar a justiça de Deus?! E o descriptivo *á Flaubert* das casas da cidade destacando-se na sombria téla da noite?! Um pouco mais demorada a scena v — e tinhamos drama, elaborado pela martyr e consagrado á princeza semi-côrsa que revelou Portugal ao mundo! Felizmente, surge o marido, o cafre do lar domestico, e enceta-se á beira do tumulo uma palestra, que dirieis ensaio geral de comedia fina, realisado em hora de tédio, entre malquistados artistas: — um assombro!

A ultima phrase do acto sublimado termina por uma pilheria, proferida pela mulher-martyr: «Meu

marido já me não amava... Divorciei-me». O dedo do snr. Ennes affirma-se nos finaes dos dramas com uma nota... shakspeareana: hontem o pregão do saltimbanco, depois o trocadilho da idiota! O snr. Latino Coelho, «gigante litterario», que nos faz sorrir como «a procreação d'um eunuco», recommenda a *coisa* á snr.ª Maria Rattazzi, e a illustre *bas-bleu* concede ao velho Portugal, mercê dos genios que n'elle viu, a sua valiosa protecção. Ainda bem que esta se affirma de um modo especial: abrindo os theatros particulares de Paris, em recitas de amadores, ao dramaturgo da *Emigração* — ha pouco batido no Brazil!

A cruel verdade, em que peze a todas as *bas-bleus* e a todos os noticiaristas, é que do auctor dos *Lazaristas* só é licito applaudir, sem resvalar ao ridiculo, o drama da sua estreia.

E temos dito.

1879.

«O LUXO»

«O LUXO»

DRAMA ORIGINAL DE ANTONIO ENNES

O novo drama do snr. Antonio Ennes constitue um reviramento e, porventura, uma nova profissão de fé. Esqueci o nome do esfarrapado candongueiro de noticias podres, que, ha dias, com a petulancia velha da ignorancia modernissima, accusava de «pouco moderno» o author do *Luxo* e dos *Lazaristas*. O snr. A. Ennes esqueceu, por igual, decerto. Do pruido demolidor dos jovens noticiaristas logo fallarei. Agora, o desempenho honrado de um simples dever de chronista.

São duas palavras ao correr da penna, e tanto monta um correctivo applicado a ridiculissimos censores. A these do novo drama, — pois que, felizmente, uma these se apresenta, — não mira a rehabilitações cegamente generosas, que inspiraram outros tra-

balhos do author: é positiva, no sério sentido da palavra; é digna, é nobre e — comprehendam-no as entidades pensantes — é urgente.

As objecções crudelissimas da *critica* — modo de dizer o sarapatel de uns taes que dissolvem no tinteiro as porcarias do cerebro — podem resumir-se nas seguintes linhas remettidas a um jornal portuense por um qualquer irresponsavel:

«A peça do snr. Ennes — *O Luxo* — pareceu-«me inferior aos *Engeitados,* do mesmo author, tanto «debaixo do ponto de vista litterario como drama-«tico.

«Philosophicamente, é desastrada, porque, que-«rendo combater o luxo, com o exemplo de um ban-«queiro que por amor da ostentação chega a passar «moeda falsa, acaba por conceder uma completa fe-«licidade domestica e uma tal ou qual posição mone-«taria a esse mesmo banqueiro.

«No fim da peça, a gente chega a sentir tenta-«ções de passar moeda falsa».

Não cabe em espiritos medianamente sizudos a suspeita de que eu desça a discutir a opinião do sujeito supra, menos ainda a dos seus congeneres. A minha *operação* é simplesmente — desvendar miserias. Ha ainda um publico que frequenta os theatros, consoante os juizos criticos do jornal que assigna; a falta de consciencia do chronista representa para esse publico um embuste e para a empresa theatral um roubo. É assim que as cousas se chamam.

Pelo que toca ao escriptor aggredido pelos irresponsaveis sujeitos, ha para elle um perigo: o de es-

quivar-se um dia ás torpezas da malta — abandonando o trabalho. O nojo produz o desanimo.

É assim que as coisas se dizem.

Primorosamente — é o adverbio que a boa consciencia deve ao lavor litterario do novo drama do snr. Antonio Ennes. Ao estylista de lei não me peza ter um dia regateado os foros de prosador distinctissimo; não os contestei. Disse-lhe apenas que á sua carreira de dramaturgo importava um immediato desvio que a levasse bem longe das tentativas de renascimento romantico. Não creio que ao elevado e culto espirito do snr. Antonio Ennes levassem o minimo subsidio valioso para o reviramento alludido as ponderações do mais independente dos seus criticos. A luz havia de fazer-se: que o grave espirito do escriptor não era para illusões perpetuas. Mas, não seria dever honrado da Critica affirmar a discordancia, em que pezasse por egual a enthusiasmos momentaneos do artista e a adulações capciosas dos birbantes?

O drama *O Luxo* é uma acção honrada e um trabalho de excepcional valia entre a farragem theatral dos ultimos tempos decorridos. Alevanta-se, a espaços, á altura de um severo estudo psychologico — felizmente comprehendido pelos seus interpretes. Occorre-me ao extasiado espirito a observação mil vezes repetida, gravida de fétidissima *moral:* — «que ha vontade de fazer moeda falsa quando se assiste *ao fim da peça*». Parece-me que, a não ser o inventor da condemnação um excepcional idiota, sua mercê — o inventor — é mais que muito capaz de fabricar es-

sa moeda, *sem esperar o fim da peça*. Sim: *elles* estão na vereda equivoca, com uns gafos de peor especie, que sentiam desejos de imitar *Vautrin* quando Balzac expunha o typo do forçado modelo á contemplação dos indigenas do seu tempo. A Pathologia explica os excessos d'essa cafraria. Não ha mysterio, nem carencia de necromante.

Subamos á demonstração, dado que um leitor ingenuo acalente suspeitas derivadas da leitura de taes *criticas*. O acto final é a pedra de escandalo dos sujeitos que offerecem á discussão os seus juizos — como se alguem pudesse discutir a sério esses chinelos esfarrapados da burgueza Chronica. O acto final — note o leitor ingenuo que tem a mira em desilludir-se — é a deducção logica e implacavel da acção; deriva-se da fatalidade cruelmente logica dos factos: não ha para o degredado os horrores completos que esperam no quinto acto de um melodrama o criminoso, porque o ex-falsario não é um criminoso completo: é uma victima; mas, como é victima da sua fraqueza, expía essa fraqueza; a expiação é o remorso — remorso de haver furtado ao viver opulento a mulher que para a opulencia vivera, e a futuro honrado e glorioso o filho para quem sonhara esse futuro. Não soffre os horrores da miseria: trabalhou, e o seu trabalho — que não era o dos *noticiaristas que ajudam os viscondes a fazer as malas* — produziu-lhe as commodidades da vida material. Ficou a consciencia, severa na medida da equidade: não lhe lança em rosto atrocidades: apresenta-lhe na imagem da mulher e nas dos filhos o fructo da fraqueza; e, porque o remorso é equitativo, a mulher — que teve o seu

quinhão de cumplicidade — tem o seu quinhão de soffrimento moral.

Quem sente, *no fim da peça,* vontade de imitar o culpado, na sua culpa, não comprehende a expiação: ou é uma consciencia fraca ou é um miseravel espirito, se distincção existe.

A scena final do quarto acto foi reputada inverosimil. Penetram fundo e firme os arcanos da Psychologia estes censores crueis! Alfredo de Musset, dizia:

Venez après cela crier d'un ton de maître
Que c'est le cœur humain qu'un auteur doit connaître.
.....

Os censores sabem o resto, — mas o pobre Musset desconhecia uns processos novos que deixam na sombra o *medico á força* e a mudança do coração — para a direita. Os censores modernissimos, que se espulgam em meditações severas sobre as mesas do Martinho declaram que não ha no resvalo da deshonra um infeliz que não aceite um labéo immerecido: ao moedeiro falso, para ser *verosimil* e *moderno,* cumpria aceitar a classificação de marido condescendente e não reagir, sob o peso de tormentos incomportaveis, contra a accusação calumniosa. Para ser *verosimil* e *moderno* — cada vez mais *moderno* e *verosimil* — cumpria-lhe pôr em praça a mulher, antes de resvalar ao abysmo de mais perigosa deshonra. *Elles* crêem-no assim: olham para a sociedade que foge dos falsarios desmascarados e entregues á justiça e que saúda os passadores da podridão de

suas alcovas, dado que a podridão lhes dê aprumo, um baronato e os recursos para amordaçar com as iguarias d'uma ceia os Catões de caoutchouc em permanente escorrencia de tolerancias: olham e formulam a sua critica...

A scena final, em questão, é simplesmente admiravel. Mostra ao espirito attento do espectador uma nesga de céo azul no horisonte do desventurado: — a rehabilitação. O homem que no abatimento do seu viver falseado encontra ainda um raio de tal colera, em frente da abjecção immerecida, não está perdido para a luminosa vida do dever. É assim que o viver quasi feliz do degredado se explica e justifica. Se elle houvesse admittido, para salvar-se da accusação de falsario, a accusação de marido condescendente, tornar-se-hia abjecto, e essa abjecção tornaria *injusta* a menor sombra de bem estar. Então, dado que elle vivesse *feliz,* seria o caso de resvalarem á tentação os senhores criticos de assustadiça moral; então, eu temeria pela virtude dos censores. Assim, de olhos fitos no decurso da *acção* psychologica, é-me licito suppôr que os espectadores attentos não derivam do espectaculo ás tentações criminosas. Soceguem o seu espirito os moralistas.

Indicando, de passagem, como um primor, o monologo do terceiro acto, admiravelmente interpretado por Brazão, terminarei esta simples noticia com duas palavras sobre o desempenho.

É correctissimo por parte dos principaes artistas: Virginia, Emilia dos Anjos, Rosa Damasceno, Pinto de Campos, Brazão e Joaquim d'Almeida. Augusto Rosa salva-se, por um esforço de talento, das

difficuldades de um papel contrario á sua indole artistica. A interpretação do notavel drama do snr. Ennes por parte da companhia do theatro de D. Maria II — a unica á altura do encargo — prova hoje, com o drama alludido, que nem tudo é materia para desanimos no viver do theatro portuguez e no seu futuro.

1881.

«O PADRE GABRIEL»

E A CRITICA

«O PADRE GABRIEL»

E A CRITICA [1]

I

O padre Gabriel é mais uma peça theatral em que o padre catholico é exposto á execração publica pelos seus erros ou pelos seus desvairamentos. Se o author, mostrando que sobre o ascetismo e a disciplina predomina muitas vezes a materia, a qual, nos seus impetos cegos, chega até a romper com o dever imposto por um voto sagrado e voluntario, pretendeu assim provar que o casamento dos padres é uma necessidade, porque só por meio d'elle cessariam esses desregramentos, parece-nos que o não conseguiu nos

[1] Bem que *O Padre Gabriel* obtivesse da imprensa jornalistica do Porto diversos juizos, mais ou menos authorisados, o author d'aquelle trabalho limitou-se a discutir o *juizo* do *Commercio do Porto,* amarrando as pretensões do opulento jornal á singular ignorancia do seu chronista.

*

tres pequenos actos que escreveu, ou pelo menos que não fez sentir bem o remedio que *para* taes perigos deveria ser applicado.

Assim o criminoso commette alli, com o maximo desplante, um delicto nefando, e a sociedade, representada pela familia fidalga em que foi acolhido, nem lhe inflige o castigo que a lei designa, nem o réo deixa transparecer pelo menos o desejo de uma reparação extrema.

Depois, o que succede com o padre Gabriel, póde succeder muitas vezes com um secular, e no entanto, para este haveria talvez a commiseração ou uma attenuante que o absolveria em parte dos resultados da sua paixão desvairada, em quanto que para aquelle ha só a ignominia, o desprezo e o rancor, porque o typo que nos apparece ao principio, austero e virtuoso, descahe por um unico momento de allucinação no mais vil dos entes, sem lhe assistir o direito de uma desculpa que o erga por um pouco da infamia em que se deixou submergir.

Triste condição a do padre, quando assim é exhibido nas taboas do palco ou na pagina de um livro á avaliação das tendencias, sempre dispostas a pronunciar-se em desfavor de uma classe em que, comtudo, ha virtudes austeras, caracteres dignos e consciencias puras!

E no entretanto, no drama moderno raramente nos apparece um d'esses vultos respeitaveis, uma d'essas abnegações que por cousa nenhuma transige com o dever do seu ministerio. Não será já occasião de dar treguas por um pouco a uma classe que tão accommettida tem sido nos seus erros, mas *de que* raramen-

te se tem indicado as virtudes e os beneficios que tambem presta? Serão sempre os padres maus e indignos das vestes que os cobrem os unicos que servirão de assumpto ás peças theatraes? Não haverá ainda entre tantos uma excepção, um padre digno e exemplar, cujo vulto sympathico possa ser tambem exposto á admiração e á veneração das plateias apprehensivas?

Não envolvem de modo algum as nossas palavras a menor incriminação ao author da peça de que estamos tratando [1]. O que, sim pretendemos é mostrar unicamente que o assumpto do clero indigno, reaccionario e especulador está como que esgotado no theatro e que desejariamos vêr de vez em quando a contraposição d'essas ruindades, isto é, os justos a *par dos* criminosos, a ferida e o cauterio, o veneno e o antidoto.

Concluindo, acrescentaremos que se a peça de que nos temos rapidamente occupado não é isenta de um ou outro defeito, quer no tocante ao desenvolvimento da acção, quer pelo que respeita á correcta definição dos typos, e que se mesmo não abundam n'ella as chamadas situações de effeito, está comtudo bem escripta, possue bellas phrazes e *revella* emfim que o seu author é um moço de talento (*sic*) e *que* possue recursos *que* póde *affoutamente* aproveitar em outras producções dramaticas *que* não deixarão de lhe merecer os justos applausos do publico.

---

[1] Cobarde, sobre ignorante e calumniador!

S. P.

O drama agradou e o seu author, tanto no segundo acto como no ultimo, foi chamado por diversas vezes ao proscenio e victoriado.

(*Commercio do Porto*).

II

Exc.mo Snr. Director do «Commercio do Porto»; meu illustre e generoso collega. — Em meio das opiniões contradictorias, — indulgentes umas, outras odientas, não poucas sem authoridade litteraria e sem imputação moral: em meio d'essa alluvião de pareceres bordados sobre o meu ultimo trabalho, a critica do *Commercio do Porto* avulta a meus olhos, mercê do dogmatismo das affirmações e da cortezia que envolve a divergencia. É-me sempre agradavel ter pela frente um homem *bem educado:* os mentecaptos indecentes — na phrase de Herculano — os ladrões de estrada, que, por horror á policia, atacam a bolsa e a honra alheia nas viellas do jornalismo, — esses não obterão *hoje* de mim condescendencia, que seria criminosa: deixar viver os infames! A existencia d'elles constitue o claro-escuro da vida social e a harmonia eterna da Natureza...

Meu illustre collega: livre-me Deus de suppositções archi-tristes nos momentos em que releio as palavras *cortezes* — e injustas — de v. exc.ª, ou antes: de um dos seus subordinados! livre-me Deus de supposições que me assaltam: porque em verdade se me afigura que v. exc.ª, tão bondoso como exigente para os meus recursos de escriptor, não me deu a

honra de ouvir o meu trabalho! não o ouviu, não o viu, meu bom collega; faço essa justiça á lucidez de v. exc.ª A these que eu defendi affirmava-se com tal evidencia que até os proprietarios da *Actualidade* e do *Commercio Portuguez* seriam capazes de percebel-a.

V. exc.ª não deixou de perceber: deixou de ouvir. Permitta-me a demonstração facilima do meu dizer.

Tratava-se de *um padre;* a attitude que ha perto de cinco annos tenho conservado em face da Reacção, a minha violencia, amargurada por motivos que não importa dizer, uma questão recente, por mim discutida contra um padre conhecido: todas estas circumstancias despertaram a idéa de que o drama seria um escandalo e uma aggressão violentissima ao clero. Creram-no muitos e creu-o v. exc.ª, por mal da Critica e dos meus peccados. A verdade é que não aggredi o clero e que não expuz no palco um padre infame, — como v. exc.ª assevera; — a verdade é que defendi o baixo clero contra as decisões dos concilios; a verdade é que ataquei o dogma em nome da Natureza; a verdade é que affirmei os triumphos da Materia sobre a disciplina; a verdade é que synthetisei no padre *Gabriel* a crença robustecida na desgraça, os principios amparados pela Honra: o drama é a lucta suprema, angustiosa, dilacerante, — lucta eterna, entre aquelles principios e aquella crença — e a fatalidade da Materia. Isto, excellentissimo senhor, entra nos dominios da Sciencia e só póde scientificamente ser discutido. D'um lado está a Theologia, do outro a Physiologia. As pala-

vras levianas de um noticiarista ignorante, refractario ás leis da grammatica e do senso-commum, não teem que vêr n'estes assumptos. Para ser boticario — por exemplo — dá-se annos ao *officio;* para ser jornalista e critico julga-se muito boticario, por esse mundo, dispensado de estudar...

Eu, meu illustre collega, tenho horas para o estudo — em que peze a uns *moralistas* crapulosos, que me julgam sepultado em permanente orgia; — para estudar o meu officio reservo algumas horas — não muitas. Sinto-me pequenissimo, quando attento na pouquidade do que sei, e só me julgo um pouco maior — quando me comparo.

Oh! quando me comparo... e quando vejo o meu trabalho — que só terá, talvez, a elevação do Ideal, mas que tem essa, pelo menos, — conspurcado pelos imbecis, pelos ignorantes de lei, pelos especuladores da Opinião Publica, sinto uma tristeza immensa invadir-me os penetraes da alma... Felizmente, ha consolações no instincto publico e na consciencia propria...

Meu collega, disse-lhe o que é o meu drama, como *these:* já vê que foi imprudente condemnando sem documentos; á luz da Critica litteraria errou v. exc.ª igualmente. Os *tres pequeninos actos,* como v. exc.ª lhes chama, podem provar muito mais do que um cento de estiradas scenas: tambem o jornal de v. exc.ª é grande, muito grande, e não acertou; emquanto que outros, de inferiores dimensões, acertaram, d'esta vez: esse favor lhes devem a Critica honrada e o author — que lhes mereceu a attenção traduzida em generosidades.

Afóra o senão indicado, — sabe v. exc.ª o que é o drama moderno, no meu parecer humilde, que muito boa gente compartilha? — É a *these:* lá estava. É a vida psychologica, substituindo, quanto possivel, a vida physica, material, do mesmo modo que o actor-homem substituiu o actor-manequim do theatro primitivo da antiguidade.

Lançar-me em rosto a ausencia do padre impeccavel é um absurdo: o padre impeccavel não tem que fazer na scena; canonisem-no e adorem-no. V. exc.ª entende que é tempo de pôr cobro a esta guerra contra os padres. É uma opinião, que deve agradar aos seus assignantes ecclesiasticos; mas se v. exc.ª se constituiu advogado da classe, peça-lhe que ponha termo, de vez, á guerra contra a Liberdade...

Isto quando me refiro ás aggressões de palcos contra Roma.

O baixo clero defendi-o eu, repito. Se v. exc.ª não viu, o publico soube vêr. Viu, comprehendeu e applaudiu. Como author dramatico e como jornalista agradeço d'alma a attenção dispensada. Como homem agradeço a desaffronta e a consolação.

Um ponto ainda e seja o ultimo: accusaram-me por ahi, verbalmente, de haver *aggredido* o *Saltimbanco* de Antonio Ennes. Por tal motivo os admiradores d'esse miserando drama formularam promessas de *desaffronta.* Em boa verdade não concebo o alcance da palavra nas circumstancias de hoje: discuti o *Saltimbanco,* se era licito discutir tal miseria, á luz da Arte e da moderna escóla critica. Os apologistas do drama empunhavam uma penna: onde a mette-

ram? o dramaturgo é um polemista distincto: porque não se defendeu? Ataquei, por ventura, deslealmente, um homem desarmado ou sem defensores? Nada d'isso! Desci á estacada, só, com a minha convicção que era forte e com o meu estudo que bastava para o assumpto. Desaffronta!?... Por mim agradeço de novo a que o publico me concedeu.

Meu collega, ponho termo ás minhas reflexões e peço-lhe que as acolha benevolo. Resposta sei eu que lh'a véda o seu programma. Não a exijo — e só peço para esta carta os minutos de attenção que o meu drama não pôde merecer-lhe.

Dezembro 1877.

De V. Exc.ª

collega obscuro e obrigado

Silva Pinto.

O «KEAN»

O «KEAN» [1]

I

Se d'entre os espectadores que na noite de hontem (*10 de agosto de 1878*) applaudiram no theatro portuense o drama de Alexandre Dumas, uma voz pudesse erguer-se e formular perante aquelles homens uma interrogação:

— Comprehendeis este homem?

indicando, ao mesmo passo, o personagem de Dumas, alguns, — poucos — interpellados guardariam um severo silencio; mas a maioria enorme responderia sem hesitação:

— Comprehendemos: é um doido...

Doido, como o Oceano e como o raio!

---

[1] *Voz do Povo.* Porto, 1878.

*

Um mixto de severa tristeza e de ardente e allucinada jovialidade: expansão e concentração: luz e sombra: a adoração nos moldes do desprezo: um gargalhar soluçado: explosão de raiva e enternecimento subito: o mergulhar no abysmo e o ascender para a luz: o estrondear da força e o suspirar do desalento: a miragem dupla — do berço e do tumulo — como suprema alegria e suprema consolação.

Tal o talento desgraçado!

Que mar de paixões opulentissimas aquelle grande coração do Kean! Que arruir de sonhos redemptores e de consoladoras esperanças não atirou aquella alma, por sobre um oceano de luz, ás paragens da desolação! E como, a espaços, no turbilhão da orgia, se alevanta aquelle espirito, avocado, a um tempo, pela creação titanica do homem — a Arte —, e pela Mulher, a suprema concepção de Deus!

*

Em pleno Romantismo, — no extravasar da generosa seiva do sentimento, — o *Kean* de Dumas e o *Chatterton* de Vigny estão, aos olhos da Critica, no ponto culminante. No dizer de um moderno critico «o romantismo francez não vingou definir-se, nem affirmar, sequer, de um modo lucido e seguro as suas pretensões; despontara na Inglaterra e na Allemanha, durante as luctas sociaes da nação franceza e

invadira esta ultima, nos trabalhos de Byron, de Scott e de Schiller, *ultimado* por esses obreiros, consoante as reclamações dos dous meios geradores e fecundantes. No dizer de uns, o Romantismo era a *verdade* na arte, o real substituindo o abstracto, a palavra antepondo-se á periphrase; segundo outros, era o movimento, a paixão, o *caracter* substituindo o ideal. Para todos representava, é certo, a *liberdade*»: mas d'essa liberdade, antes intuitiva que definida, brotou de um modo irresistivel uma anarchia temerosa: as demasias jupiterianas de Hugo e os severos correctivos de Gustavo Planche, as deturpações, os abortos, as contradicções — e, hoje, no termo das vacillações estranhas, uma physiologia grosseira, evangelisada por dissidentes colericos, e acceite por um grupo desnorteado no seu tactear de grosseira emancipação [1].

A interpretação artistica do *Kean,* qual hontem a vimos, só podia, entre nós, ser alevantada a similhante altura pelo actor Brazão. Esperavamos muito, é certo: muito receavamos, porém. Esperavamos do estudo e receavamos da mocidade: das tendencias imitadoras que abysmaram Santos na sombra de Ernesto Rossi. Não esqueceramos a traducção artistica do *Kean* pelo brilhante artista italiano. O actor portuguez não a esquecera, de certo: — d'ahi o nosso temor.

---

[1] N'outro ponto d'este livro citámos estas palavras.

Dizendo que ás primeiras palavras, ao primeiro gesto do artista portuguez nos sentimos inclinados para a attenção respeitosa que a Critica deve ao trabalho de consciencia, temos feito contrição da nossa duvida. Ser correcto nas explosões, no enthusiasmo; ser desordenado sem deixar de ser artista; ter a concentração, a gravidade sem monotonia, é muito para o respeito da Critica: mas o snr. Brazão fez mais do que isso: deu-nos o Kean *historico:* estudou, comprehendeu, e affirmou a comprehensão e o estudo. Quando vêmos *alcunhar* de «estudiosos» uns comparsas de opereta, que por ahi temos, e que vociferam contra um author quando o não entendem, pedimos ao Creador o fogo do céo para esta Sodoma de sandeus...

No *Kean,* a «insubordinação» tem fóros de cidade e a critica imparcial sancciona-lh'os sem hesitação. O typo do actor inglez é verdadeiro e humano. O audacioso phantasista dos *Mosqueteiros* deu-nos uma concepção shakspeareana. *Concepção,* insistimos: não uma *creação!* A verdade psychologica de *Kean* tem de avocal-a a Critica, acceitando o papel de creadora. O contrario succede por vezes — e ha pouco, entre nós, o vimos: n'um *drama* do *laureado dramaturgo* [1], coube á Critica o encargo demolidor. A *creação* estava feita. Era *completo* aquillo: nem alma, nem senso-commum! Foi mister esfarrapar o

[1] *O Saltimbanco,* de A. Ennes.

manequim, porque os incautos o não julgassem homem. O Romantismo foi fertil, demasiado fertil, na exhibição de titeres, e deixou, infelizmente, successores...

Kean é um *homem,* no alevantado sentido da triste e gloriosa palavra: homem pelo soffrimento, pelo gozo amargo, pelo talento, pelo coração e pelo amor. Soffre, descrê, protesta, embriaga-se — pelo vinho e pela cólera, — odeia, despreza e perdôa. Tem os pés na profundidade do abysmo e a fronte nas estrellas. Circumscreve ao palco o mundo, e ao coração — Deus. É da raça altiva e melancólica dos vencidos. Ha no seu olhar profundo, e a espaços allucinado, o reverbero da luz de cima.

*

Uma grave responsabilidade perante a Critica:

O ultimo sacrilegio commettido no palco portuguez contra o vulto do *Kean* consummou-o o charlatão Dominici — com applauso de uma chronica imbecil, que afere os assumptos de Arte pela craveira da occurrencia policial, e por uns *habitués* de luva clara e intelligencia escura, á disposição — *habitués* e *chronica* — do primeiro cêpo artistico, que por ahi retoucinha, no palco e no botiquim, a estupidez, a filaucia e a ignorancia.

Deixemos isso...

Ha no mundo da arte dramatica dous grupos distinctos: o dos *actores-criticos* e o dos *actores-videntes.* Salvini, Pezzana, Ristori e a Civili pertencem ao primeiro; Emilia das Neves e Antonio Pedro figu-

ram no segundo grupo. N'elle figurou Tasso. Os primeiros procedem pelo exame severo e reflectido; os segundos pela intuição. Os dous grupos, por veredas differentes, encontram-se nas alturas, — quando os do segundo grupo não tropeçam, antes de attingil-as...

O periodo contemporaneo, eminentemente critico, vai condemnando os *ignorantes sublimes* e convidando ao estudo a altiva madraceira. D'entre a alluvião de artistas que por ahi temos, destacam-se talentos notaveis, que seriam para mais culto paiz verdadeira gloria. Não confiam cegamente no instincto proprio, nem na ignorancia publica. O actor Brazão é um d'elles. A sua creação recente indica-lhe, a nosso vêr, um caminho firme e seguro: o drama historico, a arte viril e forte: não o realismo d'alcova, que por ahi traz entontecidos varios animos. O estudo da Historia e do Homem abre-lhe horisontes que não ousamos medir; e, se nos é licito indicar-lhe um mestre, indicaremos á indole grave do seu bello talento o eterno mestre, o inspirador de Kean: — SHAKSPEARE.

Deixar lá os alcovetos do palco aos *diseurs* sem cothurno — apregoados pela escoria noticiarista!...

II

Recebemos a seguinte epistola:

«*Meu prezado critico.* — Estou d'accordo com as suas reflexões de hontem sobre o *Kean* e o seu desempenho:

«Brazão absteve-se de imitações: o seu trabalho é uma creação: é mais do que um trabalho artistico: é um estudo critico.

«Mas, que me diz, meu prezado critico, ás reflexões (?) do *Commercio do Porto* sobre o *Kean* e sobre o trabalho do artista? Não lhe parece que, para representar o papel de contradictor azedo, é preciso, antes de tudo, *saber da póda,* e dizer em lingua portugueza?

«Aquillo se não é mouro, parece-o — na idéa, e no engaste: tende, porém, a contradizel-o e parece-me que lhe cumpre, meu prezado critico, dizer de sua justiça.

«*Seu constante leitor*».

Ao prezado e constante leitor responderemos que não nos cumpre dizer de nossa justiça — e ahi vão as bases do nosso proceder:

O *Commercio do Porto* diz, no seu aranzel sarraceno, que o desempenho, e tal, não foi, etc., *no seu entender*...

No entender d'elle — *Commercio do Porto!*...

Ora, já se vê que, em assumptos de Arte e de Critica, o entender do *Commercio,* despertando, é certo, o sorriso da galhofa, dispensa-nos de annotações *a sério*. O jornal (modo de dizer *o papelão*) entenderá de manteiga fresca, de cacau e d'outros generos, avêssos ás leis da Esthetica e da Psychologia: mas de Arte?! mas de Critica?! Ó prezado e constante leitor, v. está-nos avocando dos abysmos da mysanthropia para a trincheira de Democrito! V. sabe o que nos parece a critica do *Commercio?* — o enterro

do bacalhau: meia dóse de ridiculo com o verniz do funebre.

Triste!

Mas v. insiste na annotação, não é certo, leitor constante e muito nósso? Vá feito! Se nos não illude o *typo* do *Commercio,* diz o massador:

«A declamação, um tanto exagerada por vezes e «colorida com as tintas da escóla tragica, que não se «podem coadunar de modo algum ás exigencias do «theatro moderno, contrastava com a dicção natural e «conscienciosa que o artista desenvolvia dando ver- «dadeira formosura a algumas das scenas: etc. D'aqui «a falta de igualdade...»

Ó homem de Deus! Pois o *Kean,* vulto desordenado, inharmonico, vário, tempestuoso, não requer, não exige, porventura, a tal *falta de igualdade* (*desharmonia:* quiz dizer, mas não lhe chegou a lingua)? Pois o colorido duplo, de Shakspeare e Dumas, não impõe, acaso, as *desigualdades* (queria dizer *irregularidades*) de interpretação? E o que é a declamação tragica? E o que é «exigencias modernas»? Papelões, quando servem de base, simplesmente, a um resfolegar da insignificancia!

E então, não iamos tomando a sério o *entender* do *Commercio?!* A esta hora ri-se elle de nós — e tem razão, o bacalhoeiro da Critica!

Vai d'ahi — agora é brincadeira, — vai d'ahi escreve o bom *Commercio:*

«Assim pois, Brazão nem pôde fazer uma cópia «fiel, nem produzir uma creação original. Preferia- «mos antes que a produzisse, ainda mesmo...»

Ora, *assim pois* e *mesmo ainda* e todavia, deixe-nos dizer-lhe que ha nas tres linhas, que escreveu, uma cousa que nos assusta e que deve incommodar o artista: — O *Commercio* prefere *antes! preferir antes* é novo, é bonito e não offende; mas faz cocegas. Á seriedade bacalhoeira e conservadora do *Commercio* afigura-se-nos mais consentaneo *preferir depois.* O nosso mestre primario, bom velho miguelista e tabaquista, escrevia *preferir,* sem *antes* nem *depois,* — mas aquillo era a syntaxe do Absolutismo, e,

N'este berço de muralhas
Que fez livre Portugal,

o bacalhoeiro é, por via de regra, um amante da Carta e das instituições livres.

E, continuando, o que imaginam, os leitores, collocado pelo bom do *Commercio* no couce (modo de dizer) de *preferir antes?* Vão ouvir:

«Preferiamos antes... e tal... e coisas... que o actor Brazão produzisse... *do que* cingir-se, etc.»

Preferir antes faz cocegas. *Preferir do que* faz febre amarella, typho, o grande diabo! Vamos sahir d'esta floresta, antes que por aqui nos fiquem os restos de grammatica elementar do velho caceteiro de 29.

Antes de sahirmos, vá um conselho ao actor Brazão, e d'esta vez, dirigindo-nos a um homem de talento e a um artista notavel, fallamos sériamente: não leia apenas Shakspeare, como hontem lhe pedimos: leia o *Commercio.* É bacalhoeiro, é massador, é

sarraceno, *prefere antes do que,* mas é bom homem. Por alli não vem mal ao mundo.

E depois, é um chá de dormideiras.

Aviso ás mães de familia.

Nota. — Ia-nos escapando:

Nas primeiras linhas, que transcrevemos do *Commercio,* lê-se: *coadunar ás exigencias.*

É tolice.

Queira o sarraceno, para a outra vez, escrever: *coadunar com as exigencias.*

É portuguez.

1878.

« O ARCO DE SANT'ANNA »

«O ARCO DE SANT'ANNA» [1]

A QUESTÃO firmou-se n'este ponto:

Sendo Garrett o dramaturgo que conhecemos, como foi que elle não viu — elle, o reconstructor do nosso theatro, elle, o vidente, — a estofa para um trabalho dramatico, uma nova columnata vigorosa para a sua obra de reconstrucção, na *chronica* do convento dos Grillos?

Indolencia do mestre? Capricho? Plano interrompido a meio termo?

Nada d'isso. — Apenas um relancear d'olhos sobre os documentos, e a conclusão, que é para todos os espiritos sensatos e alheios á exploração industrial

---

[1] Drama extrahido do romance de Garrett, pelo snr. *Carlos Borges*.

da Arte séria e sagrada: «O Arco de Sant'Anna» não possue elementos para o theatro: furta-se ao mechanismo convencional da scena: ligado e sustentado pelo *descriptivo* do mestre, na fórma romantica, baqueia a um simples toque da Critica, por menos severa, quando recortado por mão profana e atirado sobre a rampa aos espectadores ignaros — o maior numero, — como as cartonagens coloridas que servem para a construcção d'um *castello*.

Imaginai, por outra, um collar de riquissimos diamantes, que uns a outros se prendem por fios de ouro de lei; primor d'arte de glorioso artista, ostenta-se completo, fulgurante, invejado e amado como affirmação do talento creador. Supponde, mais, que um aprendiz de joalheiro, na ausencia do mestre, e abusando d'ella, apodera-se do collar, dominado por um pensamento fixo: «fazer uma pulseira». Para este fim separa os diamantes, despedaça o fio que os prende, destroe a creação *artistica* do obreiro glorioso, liga os diamantes dispersos, mediante uns fios de platina, réles, toscamente *grudados:* e apresenta-vos a pulseira, agglomeração dos materiaes opulentissimos do mestre, profanados: Homunculo de Wagner, em troca do Homem, a creação de Deus.

Suppomos agora que alguns dos nossos leitores carecem de explicações... Pois bem: o collar primoroso é o romance de Garrett; a pulseira do aprendiz é o trabalho do snr. Borges; são d'este senhor os fios de platina, como de Garrett são os fios de ouro do seu descriptivo opulentissimo. Esta é a situação sob o ponto de vista do sacrilegio: a situação traduzida em resultados á luz da rampa, pudémos todos vêl-a.

Entretanto digamos:

A situação d'effeito, a armadilha tremenda é o 4.º acto. *Mons parturiens!* Se na plateia do Principe Real o desdem não convidasse parte dos espectadores ao silencio, e a crassissima ignorancia não toldasse o espirito dos espectadores restantes, aquelle *rei justiceiro* provocaria na sala um tumulto superior ao dos populares na Sé. O bispo que alli vemos não é apenas um homem digno de compaixão pelo excesso do castigo: é uma entidade sympathica: se n'elle a espaços dá rebate a sensualidade, para logo os sentimentos bons se revoltam n'um protesto generoso. Abre agora o seu coração piedoso ás lagrimas de uma mulher *que não quer ser sua,* e, mal a desconfiança lhe recalca o impeto de bondade, o seu coração abre-se de novo a supplicas de um velho. Os repellões do cavalleiro dentro do prelado abrandam-se á simples vista de um filho que estremece e ama, como sabem amar os de temperamento violentos e de palavra rudes. E toda aquella altivez cavalheirosa, toda aquella seiva de bondade e amor, maculadas apenas por erros passados que se diluem no remorso e por leviandades que o temperamento lhe impõe e a razão lhe condemna — alli são espesinhadas, cobertas de opprobrio, por um real verdugo, em homenagem a alguns sandeus que *querem vêr chicotear um bispo!*

Mentira, pela arte! Mentira, pela critica! Mentira, pelo senso-commun! Mentira, pela dignidade! Não protestamos, bem o sabem, pelas vestes profa-

nadas: a profanação estaria no possuidor d'ellas e não no purificador. Mas, preparou-se o espirito do publico para aquelle final? Porventura, um encadeamento de factos nos conduziu, pela indignação, ao regosijo, em face do castigo? Fizeram aquelle homem assaz criminoso para revoltar a alma contra o crime e alevantal-a em jubilos em face da punição? Nada d'isso! — Deu-se relevo á parte luminosa da alma d'aquelle homem; salvo umas reclamações de uma bruxa, uma seresma de maus figados, que se não merecia pontapés por tal motivo merecia-os por outra cousa; e, afinal, chegou-se ao ponto exactamente contrario ao que se propunham attingir: a glorificação do bispo!

Uma vez desmoronada esta columna central do edificio, salve-se quem puder! Payo Guterres torna-se um velho tonto, alcoveto reformado em escrupuloso; Pedro I um figurante que dá ordens de chefe de esquadra; Vasco um typo repugnante de ingratidão dupla, que nenhum remorso purifica; Pero Cão um invalido da torpeza; Anninhas uma chorona antipathica, e todo aquelle povo uma sucia de villões dignos de peior bispo e de melhor vergasta nos hombros recalcitrantes. Emquanto á bruxa Guiomar, é nauseante; soffreu, seja: mas é uma vibora repleta de mil peçonhas.

Na esphera de falseamentos derivados da deturpação absurda de um caracter, moveram-se os artistas do Principe Real. Vejamos o que elles nos deram:

Não nos inclinamos a enthusiasmos faceis: esta declaração é talvez inutil, mas importa fazel-a ao ter-

mos de citar o nome do actor Gama [1]. A peça merece, merecerá todas as enchentes que a vontade do publico houver de prodigalisar-lhe, só para admirar com o muito respeito que se deve ao estudo, ou á intuição, o trabalho d'aquelle artista. Tal como nos apparece desenhado em espirito o prelado-cavalleiro, assim elle nol-o traduziu sobre o palco. Desde a caracterisação admiravel, dote geralmente reconhecido no actor Gama — e da qual escusam de dizer-nos que pertence a outrem, attendendo a que o alludido artista foi sempre completo em tal assumpto, — desde o vulto plastico do bispo até ás *nuances* do sentimento mais subtilmente concebidas e mais rigorosamente *executadas* na sua physionomia insinuante; desde as explosões bruscas, que não seriam naturaes n'outro bispo, mas que completam o correcto desenho d'aquelle caracter impetuoso, até aos estremecimentos paternos, nos actos 2.° e 4.°, a Critica, sem prevenções, admira e applaude com uma especie de reconhecimento. É bello! é soberbo! é completo — aquillo!

Surprehendeu geralmente a snr.ª Carmen no papel de *Guiomar,* que reclama o todo, plastico e genial, de Emilia das Neves, e que ao nome da grande actriz nos alevanta o pensamento. Dizendo-se que foi superior aos seus recursos, que estudou e que vingou affirmar a comprehensão do seu encargo, teremos dito lealmente o que se nos offerece em res-

[1] Theatro (portuense) do Principe Real.

peito á artista modesta, cujo adiantamento temos visto.

Soller tem pouco para os seus recursos. Uma explosão filial, um grito de guerra e, no acto final, os soluços do remorso. Foi digno sempre do seu bom nome.

Para o resto — o silencio.

1879.

RISTORI E EMILIA DAS NEVES

RISTORI E EMILIA DAS NEVES

I

Um chuveiro de insultos, arremessado por uma parte do publico e da imprensa lisbonense, expulsou ha pouco do theatro de S. Carlos de Lisboa o tenor Tamberlick — o rival de Fraschini e de Mario. Allegação cruel dos insultadores: — «Tamberlick é uma ruina». Não pronunciamos sobre o caso. Entendemos apenas que, entre os insultadores e o insultado, o papel deshonroso não coube ao ultimo.

Não coube, decerto.

Um vago instincto conduziu os censores austeros da formidavel *ruina lyrica* de hontem, pela via do remorso, a uma singular tolerancia em frente da *ruina tragica* de hoje. Hontem predominava o apupo; hoje estrondêa a ovação. Nos catõesinhos da chronica lusitana a espinha dorsal de bronze transformou-se em gutta-percha. Tamberlick succumbiu ao peso da tradição: fizeram-lhe da gloria um patibulo

— e ainda bem para todos nós; mas tem altar — e ainda mal para o senso commum.

Porque, custe embora a severidade da justiça aos apologistas da tragica, é *uma completa ruina* a artista que ahi vêmos, conduzindo uma *troupe* de insignificantes e saudada com adjectivos campanudos por uma chronica sem consciencia e por uma parte ingenua do publico. Nos ultimos tempos, uns ornamentos da geração novissima affirmavam a moderno-mania, injuriando o mais glorioso nome do theatro portuguez — Emilia das Neves, — o que não impedia, antes implicava saudação perenne a todas as nullidades recommendadas, ás ingenuas baratas e ás tragicas sem cothurno, que o theatro vai disputando ao bordel, com exito victorioso e incontestavel.

Pois bem; no theatro de S. João assistimos ao reapparecimento, no Porto, da snr.ª Ristori; não influira em nosso animo — inutil, porventura, dizel-o — a adoração de algures: sabemos quanto pesam aquellas boas consciencias. Olhámos de fronte erguida — que a Critica não é *a escrava* insultada pelo finado Castilho na linguagem do derradeiro classico manuseado. Olhámos, sem preoccupações de homenagem á tradição gloriosa, nem ao patriotismo de convenção — e, ao sahirmos da sala, do espectaculo triste, tivemos um pensamento de saudade e veneração para a mulher superior que durante trinta annos illuminou com seu genio o contestado palco portuguez.

¿Quem, na hora do desacato, pretendeu ahi subtrahir á Critica o nome da snr.ª Ristori, guindando-o aos dominios do sobrenatural e legalisando a insu-

bordinação do seu talento na severa interpretação de um typo historico? Não sabemos dizel-o, mas o attentado praticou-se, e, pronunciado em entono grave, tem sido ingenuamente repetido. Extraordinario: a snr.ª Ristori promette-nos successivamente a *Izabel d'Inglaterra* e a *Maria Antonietta:* procurámos, na primeira noite, sobre o palco, a filha de Henrique VIII e, na segunda noite, a filha de Maria Thereza — e encontramos, hoje como hontem: não a fundadora da Igreja anglicana, a auxiliar de Coligny e da Reforma, a protectora de Shakspeare e Spencer: não a adversaria implacavel dos Estados Geraes: mas, hoje como hontem, a snr.ª Ristori; e a Critica risonha, a boa Critica de phrases diz-nos: — Acceitai, beijai a terra! Isso é o genio! não se subordina á verdade historica, não cabe nos moldes da Historia; é ciume, é odio, é desesperação, é amor; é modelo para paixões...

Ridiculo! Original, é certo: mas ridiculissimo tambem.

Se algum facto legalisa a *independencia* actual da snr.ª Ristori perante a Critica é a decadencia profunda dos dotes d'aquella artista: o seu olhar dominador velou-lh'o a mão do tempo; as vibrações da sua voz extinguiram-se n'um esforço doloroso; o seu gesto largo e severo fatigou-se: afrouxamento completo e em toda a linha. A decadencia da tragica coaduna-se, porventura, com o estertôr da tragedia. Lamentamos a dupla agonia, mas o pranto não nos trouxe a cegueira e vai longe do sentimento de respeitosa lastima a adoração cega e inconsciente.

As breves palavras que ahi deixamos são formu-

ladas em singulares circumstancias. São antes um protesto do que um relance critico. O ponto culminante da Arte na sua triplice manifestação — classica, romantica e realista — attingiu-o a sublime actriz que ha pouco nos illuminou — Pezzana Gualtieri: attingiu-o severamente, pela Critica; Emilia das Neves attingiu-o pela inspiração genial, e as duas sacerdotizas encontram-se na grande esphera. No tocante á Ristori de hontem nada diremos e o bom do La Fontaine, na sua fabula *O Lobo e o Cordeiro*, explica o silencio ignorante: mas a snr.ª Ristori, que ahi temos, afigura-se-nos por demais modesta descendo do pedestal da tradição para colher os applausos do favor. O divino Mestre desceu á terra — no dizer dos crentes — mas abandonou-a cedo, mal concluida a missão. Que a divindade da Arte resurja e nos deixe admirar o rastro de luz da sua gloria incontestada e da sua retirada para as alturas.

II

A proposito de breves palavras nossas de protesto contra os insultos dirigidos recentemente a Emilia das Neves, diz um nosso collega lisbonense:

«O critico portuense, que na folha diaria *Voz do* «*Povo* desce á estacada em defeza de Emilia das Ne- «ves, é o mesmo que na *Revista de Arte e de Critica* «combate Ristori e a velha escóla. Não vê que o es- «pectador de hoje sente de um modo diverso (?) «e que, portanto, quer que o artista represente *di-*

«*versamente,* que seja moderno, que acompanhe o «seu tempo».

Tal disse o indigena!

Se bem nos lembramos, as nossas palavras de hontem são as seguintes:

«Por meio de uns processos scientificos, todos modernos, os successores de Garrett, tendo condemnado as vélharias de *Fr. Luiz de Sousa,* punham em scena «O Saltimbanco» e outras escorralhas do alambique romantico desgrenhado».

Quer dizer: ao theatro de Garrett, logico, profundamente logico, na hora da reacção contra o Classicismo; representativo do movimento de Schiller, acompanhado por Hugo: d'uma psychologia poderosa que fez o desespero e o desastre do creador do *Fr. Caetano Brandão;* eternamente vigoroso e eternamente bello; representativo do genio nacional disperto pela revolução do Romantismo: a essa obra que immortalisou o pulso do gigante, oppôz-se, — apregoaram-n'o verbalmente e nas gazetas — «O Saltimbanco», monstruoso aborto evolado de uma retorta de Hugo, a esforços de um reformador novissimo. A critica de compadres pegou n'aquelle trambôlho e vozeou aos quatro cantos da terra: «Ahi tendes o vencedor de Shakspeare! ahi tendes o coveiro de Garrett!» Não era o primeiro ultraje: todos nós sabemos da *gloria* do snr. Mendes Leal como *continuador* de Garrett...

Ah! mas não é isso a nova escóla em Portugal! Que é então? Os dramas do snr. Biester ou os do snr. C. de Lacerda? Os *lever de rideau* dos figurinos da

Havaneza, ou as comediasinhas elaboradas *exprès* para os beneficios da snr.ª Beatriz? Por Deus, querido mascara, tambem sabemos de modernismos: de *tics*, de phrase cinzelada, de processos experimentaes, e não nos limitamos á simples bravata de «escóla moderna», nem nos quedámos na meditação de Planche, bem que o terrivel demolidor nos apparecesse, a espaços, com visões de propheta! Nas horas vagas da lucta pelo viver obscuro, vimos, sondámos, e dissemos da nossa justiça: que o diga, a seu turno, o snr. Alexandre da Conceição, em divida para comnosco da refutação completa do nosso trabalho. Sondámos, vimos... o que? muita declamação, estribada em muitissima ignorancia; muito patarata experimental; *humorismos* faceis em troca de sciencia ausente. Não ha tempo para tudo: e o café, os bastidores e a Havaneza, alternando com a elaboração de locaesinhas perfidas, de insulto aos adversarios e de bajulação aos amigos, não constituem boa acolheita para o estudo, base da consciencia em letras.

A respeito do *moderno theatro* em Portugal, opposto á *velha escóla*, ficamos, pois — como d'antes.

Temos o caso *maiusculo* das nossas aggressões á Ristori, entidade representativa da velha escóla (o chavão eterno) e, implicitamente, á escóla em questão. *Vous en avez menti par votre gorge, cher faiseur de modernismes.* Os documentos existem. Atacámos pura e simplesmente o espectro da grande Ristori, que os insultadores de Emilia das Neves nos atiravam ha mezes, como rejuvenescido para a gloria de outras eras.

Confrontámos a pujança da nossa grande actriz

injuriada e a decadencia da italiana assoprada ás nuvens, e derivámos da confrontação á petulancia, imbecil e acintosa, dos insultadores da primeira e assopradores da ultima.

Foi isto o que fizemos.

O espectador moderno, querido mascara, *sente de um modo moderno:* — diz v. exc.ª e repetem os caudilhos do modernismo incipiente. Ora ahi está uma novidade que tem o carimbo de um Pina! Entendiamos, nós outros, que o espectador moderno *critica* por um modo differente do de um espectador antigo — salvo o caso de um accordo, motivado pelo retrocesso intellectual de um, ou pelo adiantamento de outro. Mas o querido mascara, o *collega,* o papafina, representante de *mil patétas,* diz-nos que o *sentimento* faz a *critica:* não se lhe subordina. N'este ponto, os nossos olhos volvem-se para Waterloo...

Se o tenente fallasse!...

Restabeleçamos os factos possiveis: o espectador *moderno,* assiste, no theatro de D. Maria II, á representação de um drama. Por uma série de observações criticas, mais ainda, por um processo critico experimental, o espectador chegou á suppressão absoluta do sentimento. Bem bom mostrengo! Contempla friamente o tumultuar das paixões e dos sentimentos: tem pela frente Emilia das Neves, com a sua prodigiosa sciencia de gesto, com a sua maravilhosa intuição genial; a sublime actriz contorce-se, nas agonias despedaçadoras da maternidade heroica (supponhamos a *Lucrecia Borgia*); revolve-se no lodo luminoso do amor de redempção da *Marion:* e o *homem* — impassivel, impassivel o *critico!* Supplicas, imprecações,

lagrimas, allucinações: e *o... critico a nada se move.* É a estatua da sciencia. É um operador aquelle juiz!

Comprehendemos isto. E depois? Depois, comprehende-se ainda: o espectador *moderno,* o estoico systematico justifica a dôce abstenção: não *sentiu,* porque a couraça da sciencia moderna lhe resguardou a alma contra as investidas das commoções humanas. Está bem. Mas se o critico, o *couraçado,* invulneravel a commoções, se desata em descomposturas á artista que lhe não arrancou um echo ao coração supprimido: se lhe manifesta o desagrado, escouceando-a: então, — queridos mascaras, e não mascaras, — o homem *couraçado,* que insulta a luz, depois de vendar os olhos para não vêl-a — não é um *critico* nem um *moderno:* é uma *besta,* uma besta respeitavel, seja — uma besta scientifica!...

Ás meditações do nosso collega e *dos outros* ahi deixamos esse arrazoado. Se não ha n'elle o *mel* nem a *languidez* dos olhos da *moderna* actriz Josepha, — pelo menos ha pimenta: e o que arde cura.

Isto é do *Pimpão* e da *Sabedoria das Nações.*

Sem mais.

1879.

OS «CANTICOS DA AURORA»

OS «CANTICOS DA AURORA»

CONSIDERAÇÕES SOBRE A POESIA CONTEMPORANEA

O NORTE de Portugal — a colmeia opulentissima que brindou, generosa, a poesia portugueza com os nomes de Garrett, Soares de Passos, Alexandre Braga, Guilherme Braga, Alexandre da Conceição, Custodio Duarte, Manoel Duarte d'Almeida, Pedro de Lima, Guerra Junqueiro, Alfredo Carvalhaes e tantos outros, — o norte de Portugal, dizemos, como que extenuado na uberrima producção de opulentissimos espiritos, apresenta recentemente evidentes symptomas de esterilidade. Nas paginas das revistas litterarias e nas columnas do jornalismo diario surgem, a espaços, um e outro nome de neophytos, — nomes tão depressa soletrados como esquecidos. Estes os mais felizes. Outros por ahi vão apascentando no escarneo dos espiritos honrados as continuas affirmações do absurdo

e não ha braço caridoso capaz de baldeal-os do ridiculo á seriedade.

Em meio da escassa producção de espiritos de lei, e sobranceira á invasão dos grutescos, *renascentes* no arraial das nossas letras, affirma-se uma vigorosa e brilhante vocação, — d'estas vocações irresistiveis, perpetuamente progressivas, que nos reconciliam a espaços com o Existente e que rasgam a nossos olhos o véo lançado sobre a Arte immaculada e pura n'uma hora de desconsolo e de fadiga.

Alludimos a Narciso de Lacerda.

O nome d'este poeta revelou-se recentemente, firmando em diversas folhas jornalisticas algumas composições lyricas, d'um lyrismo subjectivo, d'um sentimento profundamente humano e d'uma seiva generosa e ardente. No limitado circulo litterario, que frequentamos, principiavam de citar o nome de N. de Lacerda os mais cultos e alevantados espiritos. Crearа-se então entre nós a Revista de Arte e de Critica e a uma honrosa confiança mereceramos a sua direcção. Pedimos ao poeta nascente o auxilio das primicias do seu espirito. Foi-nos concedido, generoso.

Antes da sua completa affirmação, o talento do poeta percorreu em viagem de recreio, hoje convertida em ensinamento, diversas regiões exploradas: na poesia *Canaan,* profanada pelos devaneios criticos de estereis e odientas nullidades, affirmam-se as impressões vigorosas, colhidas em Guerra Junqueiro; nos versos subordinados ao titulo collectivo *O Homem* ha os vestigios, poderosamente accentuados, das Odes de Anthero de Quental. O poeta, com uma

lealdade corajosa, apresenta-nos no seu livro a dupla miragem do seu espirito: o labor dependente, subordinado a alheio exemplo, e o fructo, espontaneo e vigorosamente accentuado, da inspiração genial.

Flôres d'abril é o titulo collectivo d'este ultimo. Um olhar retrospectivo e consciente, volvido ao mourejar da novissima geração portugueza, avigora-nos, mercê do confronto meditado, a admiração pelo ardente e nobre espirito do lyrico portuense. Se é certo que o movimento scientifico contemporaneo abre á poesia das idéas mundos até hoje subordinados á poesia do sentimento, não é menos certo — insistimos — que este ultimo se affirma com um esplendor incomparavel sobre um mar de ruidosas contestações.

Job é uma composição alevantada pelo sentimento ás mais notaveis producções contemporaneas; o *irracional* attinge na situação derradeira as proporções d'uma dolorosa concepção psychologica:

> ..... O misero gemia...
> Mas não mais se afastou de ao pé do seu senhor,
> Volvendo-me um olhar como de quem dizia:
> Ninguem póde esquecer o seu primeiro amor!

Relampejar, que seria o mais brilhante d'este livro, se ante o espirito não surgisse o admiravel soneto final dos *Versos a uma mulher «morta»*:

> Amar.....
>
> É ter sempre um degrau a que subamos
> Para fallar com Deus; é ter o altar
> Do Bem, da Fé... e tudo que buscâmos
> Na esphera azul, nas amplidões do ar,

Tel-o dentro de nós; — tão bem guardado
Em nosso coração... tão bem fechado
Dentro do seio... que se a tempestade

Ao seio rouba quem o seio amava,
Lá fica ainda dentro d'elle, escrava,
Uma réstia de luz — uma saudade!

E ainda os ultimos versos do soneto *Ideal:*

Sinto-te palpitar no ventre do Infinito...
Respiro o teu aroma... ouço o teu canto ethereo...
Chamo-te, — foges tu como um sonho bemdito...

Vou em busca de ti, — encontro um cemiterio!
Existes! mas teu nome inda o não vi escripto!
Adoro-te! e não sei o que és, dôce mystêrio!

Que serenidade melancolica, após a digressão pelas alturas! Outros de lá voltam, com a blasphemia nos labios, traduzindo o desalento. Aquella magestade pacifica é só do crente que pede luz a um olhar de mulher, a um olhar de mãi, para a escuridade da vida. A eternidade da Poesia vincula-se á eternidade da Crença. A luz que brota d'aquelles olhos tudo illumina, menos o pedantismo, que os olhos cerra para a miseravel negação.

O Christo negro, Mysterios, Horas de Paz, Peccadora, Ruinas, Lagrimas, Violeta, Adoração: que nos é licito dizer d'estas composições — os mais espontaneos e verdejantes fructos do talento do poeta, — quando para saudal-as se ergue commovida a

grande voz do primeiro lyrico portuguez? As palavras de João de Deus são para nós o mais poderoso apoio e, para as vigilias d'esse talento revelado, nobilissimo e forte estimulo. Em auxilio da nossa rectidão chamáramos, contra o sentimento fraternal que nos liga ao author dos CANTICOS DA AURORA, a mais severa desconfiança; succumbiu, esta ultima, arrastada ao exame comparativo de rectos e independentes juizos, ao ascender permanente do artista, á sua nobre tenacidade e ao desdem compassivo que lhe vai no coração de ouro pelos ladradores impotentes que lhe vão salteando o rastro.

Sim! diga-se como titulo de gloria: o apedrejamento da Inepcia « saudou-lhe » o talento na primeira hora do seu dia luminoso. Abençoado symptoma!

E n'este ponto pede a nossa lealdade uma simples observação.

A carta que segue este prefacio [1], devida a João de Deus, não a destinara o illustre poeta das FLORES DO CAMPO á contemplação dos estranhos: enviara-a como singela animação a um espirito que vingara merecer-lh'a. Duas razões militavam no animo de João de Deus levando-o á hesitação perante a publicidade das suas palavras: o sentimento christão do author das FLORES DO CAMPO e a divergencia entre tal sentimento e a apparente impiedade do author dos CANTICOS DA AURORA, manifestando-se nas ultimas composições d'este livro: acrecia o honrado temor de que o vulgo confundisse por um momento

[1] Vide o livro *Canticos da Aurora*.

em seu juizo as palavras dirigidas ao author dos Canticos e os prefacios refalsados, mixto de estonteado orgulho e hypocrita modestia, que por ahi correm mundo para desgosto dos bons espiritos.

Aos honrados escrupulos de N. de Lacerda oppuzemos o nosso parecer, leal e fundamentado: pareceu-nos justa e honrosa para os dous poetas a divulgação das palavras de João de Deus, traducção d'um parecer que verbalmente nos offerecera, honrosissimo para os Canticos da Aurora e para nós em extremo grato; a apparente impiedade accusada occulta uma simples affirmação de Esthetica e de nenhum modo forte divergencia dogmatica e moral; no tocante á lealdade das palavras de João de Deus é inutil emittir um parecer.

O nosso prefacio não tende, de nenhum modo, a *apresentar* o poeta portuense, menos ainda a *protegêl-o*. Narciso de Lacerda pertence ao limitado numero dos que se impõem e não á espuria raça dos recommendados pretendentes. O seu convite importa a nossos olhos uma offerta de igualdade que nos consola e honra. Entre o poeta e o critico é este o reconhecido.

*

No borborinho confuso das contestações e dos apodos aos campeões da arte pura e aos apostolos sociaes, no terreno luminoso da Poesia, não temos por inuteis algumas breves reflexões estheticas e aos luctadores de boa fé as submettemos:

No abysmo das cousas grutescas occulta-se á nossa recordação o nome de um distincto pedante, que

ha pouco ameaçava com os raios da sua inepcia a *poesia lyrica* e insultava os Chénier, os Lamartine e os João de Deus, com desplante igual áquelle com que um indigena, fascinado pelos vidrilhos coloridos d'um negociante de escravatura, escarneceria, transportado á Europa, as conquistas da civilisação.

A critica de *reconstituição,* fundada por Gustavo Planche em pleno fanatismo romantico, abriu na sua obra destruidora — e, implicitamente, creadora — um largo parenthesis de veneração. Se é certo que o Jupiter do Romantismo, Victor Hugo, sentiu arruir estrondosamente — o ruido chegou até nós — o seu pedestal, firmado na ovação irreflectida dos Vacqueries e outros fanaticos do desvairado movimento, se sentiu arruir, dizemos, esse pedestal, ao impulso vigoroso do martyr da Critica moderna, o immaculado renome de Lamartine chegou até nós, livre, a um tempo, da profanação dos falsos enthusiasmos e das fundadas aggressões.

Vai largo o periodo de aggressões inconscientes e não iria mal aos obreiros marcar de vez os limites do terreno onde se agitam: condemnar Proudhon e a poesia social, que a espaços n'elle se inspira, em nome do *lyrismo,* é tão falso como aggredir o lyrismo em nome do Socialismo ou das sciencias exactas. O culto de Proudhon não fará d'um bom lyrico um supportavel poeta *social* e poderá bem perdel-o. O contrario póde dar-se, tem-se dado: o homem das ODES MODERNAS escreveu a *Beatrice;* o homem da MORTE DE D. JOÃO introduziu n'este monumento perolas d'um lyrismo adoravel. Victor Hugo, poeta épico, affirma-se, a espaços, no *lyrismo,* mas o sce-

ptro da poesia franceza passa das mãos do lyrico Chénier para as mãos do lyrico Lamartine.

Que admiraveis pontos de contacto não revelam entre Lamartine e João de Deus as palavras ha quarenta annos formuladas por Gustavo Planche sobre o author das HARMONIAS e das MEDITAÇÕES! É vêr o como o austero critico legalisou perante a Posteridade a gloria do grande poeta, e formulou, ao mesmo passo, o ensinamento para os lyricos modernos, porventura seduzidos pela imagem austera da poesia *utilitaria:*

«M. de Lamartine não tentou voluntariamente veredas novas e inesperadas: foi original a seu modo, entregou-se ao espontaneo impulso do seu pensamento, sem prevêr o ponto onde iria dar. O poeta não arranjara para seu uso um systema completo e inviolavel; *ouvira-se viver* e reproduzia francamente as suas emoções: não dividira o seu pensamento em compartimentos symetricos: não classificára de antemão as suas inspirações futuras; não instituira colonias militares para o governo das suas idéas. Consultara sempre o seu coração, e não pensara nunca em luctar com os poetas do *raciocinio:* tal o segredo da sua popularidade».

Isto escreviamos ha pouco [1]; mas o pleito continúa, prenhe de exemplificação, escasso de definições.

E, todavia, importa definir. Não seremos, nós, o

---

[1] Vide *Controversias e Estudos litterarios.* 1878.

Alexandre d'este nó dos modernos phrygios; seremos apenas um echo do omnipotente julgador [1].

No vasto problema discutido — independencia mutua da Poesia e da Moral — problema que não encontra solução nas luctas microscopicas do Parnaso, menos ainda nos apódos e nas ironias: n'esse vasto problema, dizemos, destacam-se dous problemas secundarios: os fundamentos da Moral e o alvo da Poesia. Uma vez definido o caracter individual d'estas duas fórmas do pensamento, será licito buscar o vinculo — se tal existe — que constitue as divergencias.

Quaes são os fundamentos da Moral? o sentimento, a comprehensão e a vontade. Isolado, o homem, d'uma unica d'essas faculdades, têl-o-hemos incompleto no labor do seu espirito e desarmado nas luctas do seu viver. Supprimido o conhecimento preliminar de taes faculdades, teremos, quando muito, uma série de pensamentos, mais ou menos justos, mais ou menos exactos; mas, de nenhum modo, um conjuncto systematico de idéas e de principios, um ponto de vista largo, profundo, philosophico, generalisador.

A lei moral é, pois, a systematisação da intelligencia, do sentimento e da vontade, vinculados, no mourejar do espirito humano e ainda no viver positivo.

E qual é o alvo da Poesia? a invenção e a expressão do Bello; e o subordinar a este ultimo, pela fórma, todos os incidentes imaginativos — e n'esta ampliação nos afastamos do grande critico citado, que nos guia n'esta digressão.

---

[1] Vide o grande critico citado, *Moralité de la Poésie.*

Logo, a reproducção dos sentimentos humanos, no que elles conteem de mais intimo e mysterioso, implica a *aproximação* das faculdades regidas pela *lei moral* e da imaginação creadora; aproximação tanto mais rigorosa quanto mais elevadas se ostentarem as aspirações da Poesia, mas tal contiguidade não exclue — antes solidamente robustece — a independencia da Poesia e da Moral.

É tempo de concluir:

Canticos da Aurora é o titulo do novo livro; canticos ferventes d'uma aurora de esperanças, oxalá bem livre de indecisões... Indecisões: porque? Ao valente espirito do poeta poderiamos demonstrar, pela exemplificação, o baquear doloroso dos sectarios da Moral na Poesia, dos obreiros que confundem e atropellam a lei moral e a lei poetica nos seus respectivos desenvolvimentos: mas, não lhe diz, mais do que poderiamos dizer-lhe, a sua inferioridade no terreno dependente, subordinado, ao confrontar esse trabalho de assimilação e o livre, espontaneo e vigoroso fructo do seu espirito? As suas digressões aventurosas no terreno da poesia social accentuam poderosamente a incontestavel superioridade do seu lyrismo. Quando a preoccupação scientifica (?) se apodera dos espiritos d'uma geração de infantes, — que o Amor, Deus e a Natureza bem-mereçam d'um espirito nobre, alevantado e valente, e que o triplice poema, immutavel e eterno, avoque para o protesto mais uma intelligencia de luz que nós amâmos.

1880.

OS «CANTICOS DA AURORA»

E A CRITICA DE SACRISTIA

OS «CANTICOS DA AURORA»

E A CRITICA DE SACRISTIA

I

O padre João Vieira Neves Castro da Cruz consagra sete columnas do *Commercio do Minho* á pulverisação (sic) do livro Canticos da Aurora, de Narciso de Lacerda, do artigo critico do snr. Alexandre da Conceição, consagrado a esse livro, e, em geral, de todos os artigos criticos, mais ou menos impios, da *Bibliographia* de Ernesto Chardron.

Vem gravido de considerações piedosas, não menos que de appellidos, este kágado clerical, que as beatas reverenceiam sob a denominação piedosa de *padre João*. Esta allusão do kágado não implica idéa de timidez em presença da cascaria cornea do critico. *Critico* é um modo de dizer e *cascaria* tambem. A cascaria implica idéa de *miolo,* e não nos parece

que a Providencia fosse prodiga em miolo para com o reverendo João Vieira Neves Castro da Cruz.

O padre João ha de ter a bondade de elevar-se á imitação do camêlo quadrupede do deserto. Este *quadrupede* salvaguarda o innocente e prestimoso bicho de aproximações degradantes aos camêlos de peior especie, tonsurados ou não. O padre João, repetimos, ha de ter a bondade de elevar-se (moralmente) á imitação do indefesso animal: ha de curvar os locomotores dianteiros, sem idéa hypocrita d'esta vez: que a hypocrisia lhe fique para os pés da cruz. Ha de ajoelhar para receber a carga. Se a carga fôr pesada não se queixe do carregador: queixe-se do proprio atrevimento, que o trouxe, de batina esfarrapada e com esgares de bebedo, ao terreno luminoso da Critica, vedado a charlatães em geral e, em particular, a charlatães de sacristia.

Dobrou os joelhos? vai receber a carga.

*

Os sabios modernos, no dizer do padre João, são impios, grosseiros, orgulhosos, ignorantes, pedantes, perversos, insensatos e descarados. Estabelecida esta affirmação de caridade catholica e sacerdotal, o padre João trépa do recanto lobrego da sua sacristia fedorenta á *Bibliographia portugueza e estrangeira;* fareja no quarto numero do corrente anno; encontra lá os nomes dos snrs. Alexandre da Conceição e Narciso de Lacerda — e discute (elle discute).

Acha que o livro de Narciso de Lacerda é um

conjuncto de blasphemias, de inepcias e de injurias villãs. O artigo critico do snr. Alexandre da Conceição é por igual considerado. Em seguida, o padre lamenta: acha que o editor Chardron edita obras contradictorias e que as apregôa aos quatro ventos (a respeito de *ventos,* achamos poucos para os meritos do padre); parece-lhe triste tudo isso; não sabe explicar convenientemente; compara as obras de Chardron á Encyclopedia e Chardron a d'Alembert; descobre coisas excellentes na *Bibliographia* e, como tem recommendado obras religiosas, editadas por Chardron, parece-lhe que Chardron é um ingrato. Isto posto, o padre João mergulha o frontal aguçado n'um terreno de considerações esthetico-religiosas e cita os seguintes versos:

« Abri os *olhos* para orar... — e orando,
Nas azas da oração foi-se elevando
Minh'alma ao céo, e tanto se afastava

E tão longe subiu, tão crente e pura,
Que eu não posso hoje crêr que a sepultura
Seja capaz de m'a tornar escrava ».

O original diz:

« Abri os labios para orar... e orando »,

Parece um lapso insignificante. É coisa grave. O padre não ora com os labios: é com os olhos. A sua prece é uma secreção do olho. Espantoso! Mas... paz ao olho do padre...

Em seguida o reverendo acrescenta:

«Que espirito religioso não transpira d'estes versos! Com que fervor não orava o poeta dos Canticos! Póde haver uma oração mais pura, mais rescendendo o aroma celeste, mais christã? uma alma mais crente, mais candida, mais separada dos liames da carne?

«É o que todos hão de necessariamente deduzir da leitura d'esses versos. E é assim que pensa o seu apreciador Alexandre da Conceição. Ouçamos o que elle diz:

— «Ha n'estes versos o accento convicto d'uma alma sinceramente crente, d'um espirito profundamente penetrado da legitimidade philosophica, da immortalidade e da espiritualidade da alma... A luz da fé interior vê-se através d'aquelles versos... Ha sobretudo n'aquelles accentos muita sinceridade espontanea».

E logo depois:

«Mas o leitor vai conhecer que tudo isto é uma ficção. Nem o poeta orava, nem o critico tinha essa convicção. Ambos estavam a brincar com o leitor.

«De proposito omittimos alguns trechos do periodo. Vamos agora transcrever integralmente toda a passagem do critico, para melhor se avaliar o seu pensamento. Mas, como este artigo vai longo, fica para o seguinte».

Com isto fecha o padre o primeiro artigo. Era-nos licito e facil despedaçar-lhe a pés juntos a cornea casca, quê serve de sacrario (outro modo de dizer) á impostura mais torpe, á mais indecorosa má fé, ou á mais refilada e refinada estupidez: era-nos

licito despedaçal-a já: *mas como este artigo vai longo, fica para o seguinte.*

Até ámanhã.

26 — 5.º — 80.

II

Recebemos do illustre author dos CANTICOS DA AURORA a seguinte carta:

«*Meu presado collega:*

«Vejo que a sua justiça prepara um patibulo, destinado ao padre *João Vieira Neves Castro da Cruz*. Eu não descubro vislumbre de iniquidade no processo e na condemnação do reverendo: parece-me apenas que v. não levou em conta o estado d'espirito do homem. N'este tremedal de miserias, procedentes do desbragamento dos ineptos petulantes e do silencio dos ineptos poltrões, parece-me conveniente abrir uma excepção benevola para os desgraçados que não teem a preluzir-lhes no espirito o mais tenue luzeiro da misericordia divina. O padre é tolo — e dos mais completos. Eu, no lugar de v., dado que a crassissima ignorancia e a não menos crassa estupidez do sujeito me chamassem ao terreno da irritação, pediria ao Creador que me revestisse de uma paciencia nova e deixaria emporcalhar-se, lá no abysmo das asneiras clericaes, o padre com as suas devotas.

«Em todo o caso, v. fará o que entender e, em

meu nome e no do nosso estimavel collega Alexandre da Conceição, agradeço o seu procedimento.

«De v.

«*Narciso de Lacerda*».

Nós temos na mais elevada conta os sentimentos caridosos do poeta. Apraz-nos registrar a misericordia do *impio,* a defrontar com a furia burlesca do *catholico* detractor. Mas ha de desculpar o poeta: o padre João é nosso: pertence-nos e, como diria Camillo ao zurzir um asno secular, não o largamos: «porque a Providencia dos tristes, quando nos manda um padre João, abre-nos um thesouro; mas se nós tivessemos o nosso peculio de alarves mais sortido, este reverendo era expulso a pontapés, por associar a uma estupidez prehistorica uma semsaboria sem limites». Pordôe-nos o grande homem a variante.

Crê o padre que não orava o poeta e que não acreditava o critico na sinceridade da oração. *Crê* que brincavam, um e outro, com o leitor (vide o artigo precedente). A sinceridade dos corações não maculados pela hypocrisia mais torpe e pelo mais asqueroso convencionalismo de sacristia é facilmente posta em duvida por este e outros reverendos, que em vez de darem aos seus fieis um exemplo permanente de moderação na palavra, de abstenção completa nas luctas do jornalismo militante, de humildade christã: de resignação, emfim, perante a supposta injuria, lhes offerecem diariamente o espectaculo

dos seus desbragamentos de phrase, da sua intervenção indecorosa e violenta nas questões do seculo, do seu desmedido orgulho e da sua altivez insolente em face dos que reputam adversarios — não do seu Deus, mas do seu viver de farçadas, fonte inexhaurivel dos seus interesses profanos.

Adiante veremos e poremos em evidencia a sinceridade dos dous *impios* e a *sinceridade* do insultador.

Crê o padre na incoherencia criminosa do editor da BIBLIOGRAPHIA, ao vêl-o publicar livros *impios* e livros *religiosos*. Se a nossa intolerancia descesse ao estalão miseravel do reverendo, teriamos de pedir estreitas contas ao snr. Chardron em attenção ás obras religiosas, publicadas pelo benemerito editor. Mas o nosso fervor de seita não desce ao ponto de condemnar os actos commerciaes de quem vive do seu honrado trabalho, alheio, por igual, ás affirmações da liberdade de pensamento e ás do obscurantismo reaccionario.

N'este assumpto — *descer,* descemos ao padre, e basta.

O padre João (não ha conservar o sério, por mais que sériamente escrevamos, em face d'este ridiculo carola: mas adiante), o bom padre João, a boa prenda do padre João compara, como já vimos, o editor Chardron a d'Alembert e os seus trabalhos de editor á ENCYCLOPEDIA. O hyperbolico louvor constitue injuria suprema lá no pôdre bestunto do padreca. D'Alembert, Diderot, Voltaire, J. J. Rousseau, Condorcet: eis a galeria dos *perversos*.

Estes luminosos bemfeitores da humanidade, estes extremosissimos creadores da Revolução repre-

sentam, consoante o padre e os seus devotos, um agrupamento de homens perdidos. Os filhos benemeritos da *Santa Egreja,* os modêlos para homens virtuosos, ha de encontral-os o leitor na galeria que desce de Bossuet, o apologista das *dragonadas,* até ao ridiculissimo padre João, que não é a aguia de Meaux, que não é um doutor da Egreja, mas que é um parvo, um declamador e um sandeu.

Adiante.

Vamos entrar na parte puramente litteraria (ainda um modo de dizer) do escouceamento clerical. O leitor terá que admirar na exposição dos altos feitos do farçante. Temos para alguns artigos.

28 — 5.º — 80.

III

Continuando:

O padre *João Vieira Neves Castro da Cruz,* após a transcripção de periodos do snr. Alexandre da Conceição, esbarra no seguinte:

« Aos padres atravessa-lhes elle (Narciso de Lacerda) os coiros adiposos com estes dardos faiscantes ».

E cita.

Cita versos da terceira parte do livro, intitulada O Homem.

Notemos de passagem que a terceira parte dos Canticos da Aurora foi a que mais profundamente melindrou os animos d'aquelle e outros reverendos ministros da *Santa Egreja.*

Logo fallaremos d'isto.

Entretanto, vejamos:

A base das accusações do padre João é a divergencia que existe entre a primeira parte do livro e a terceira; entre a poesia mystica, profundamente crente, toda impregnada d'um subjectivismo religioso, perfumado e melancolico, e a poesia *jacobina,* altamente revolucionaria, que constitue a terceira parte do livro.

Pedimos muitissima attenção ao leitor para o seguinte documento — mixto de ignorancia e má fé.

O padre condemna a divergencia. Ora, no prefacio dos Canticos da Aurora, paginas XVII e XVIII, lê-se:

« Antes da sua completa affirmação, o talento do poeta percorreu em viagem de recreio, hoje convertida em ensinamento, diversas regiões exploradas. Na poesia *Canaan,* profanada pelos devaneios criticos de estereis e odientas nullidades, affirmam-se as impressões vigorosas, colhidas em Guerra Junqueiro; nos versos subordinados ao titulo collectivo O Homem ha os vestigios, poderosamente accentuados, das Odes de Anthero de Quental ».

Vão ouvindo:

Na Bibliographia de Chardron, n.º 5, paginas 82, Camillo Castello Branco, mestre de todos nós, escreve:

« Nas poesias do snr. Narciso de Lacerda ha uma « dualidade que Silva Pinto, no magnifico prefacio « d'este livro, exprime judiciosamente: *O poeta, com « uma lealdade corajosa, apresenta-nos no seu livro « a dupla miragem do seu espirito: o labor dependen-*

« *te, subordinado a alheio exemplo e o fructo, espon-* « *taneo e vigorosamente accentuado, da inspiração* « *genial* ».

O leitor vai ouvindo:

Os versos subordinados ao titulo O HOMEM, tentamen do poeta, resultante da influencia de Anthero de Quental e exposto á apreciação da critica COM UMA LEALDADE CORAJOSA, são os versos primitivos. O prefacio disse-o; Camillo Castello Branco confirmou-o; a simples leitura do livro teria dispensado a confirmação, aos olhos da boa fé. O carola que descemos a discutir não viu, não suspeitou, não quiz saber: e dá-nos como resultado da sua inepcia o tremedal de insolencias, de protervias litterarias e de imbecilidades, que com o maximo nojo temos revolvido.

¿Está isto no animo do leitor? Vingou elle aquilatar a inepcia d'este padre, sobre inepto — pedante, insolente, charro no estylo, nas idéas porco, chatissimo na idéa e grutesco como entidade representativa da classe que atrevidamente representa? Ao espirito honrado e desprevenido do leitor fazemos essa justiça: mas cumpre á nossa consciencia desmascarar de vez o impostor e sacudir do terreno da Critica o lixo por elle importado da sacristia.

O padre *João Vieira Neves Castro da Cruz* não viu o livro; nunca o leu; não conhece as datas que marcaram a evolução intellectual do poeta; não conhece as manifestações dos diversos periodos evolutivos; não conhece o prefacio; não vira a critica de Camillo, que indicava esse prefacio: limitara-se a simples leitura, precipitada e aparvalhada, do artigo

critico do snr. Alexandre da Conceição; e, como este critico, saudando as diversas manifestações do talento do poeta, não indicara o percurso ascensional d'aquelle talento, o padre imbecil, dispensando-se de consultar o livro, procedeu á vista d'um breve artigo enthusiastico: condemnou sem documentos, insultou sem base, emporcalhou a Critica, aviltou o proprio caracter religioso, mentiu como litterato, embora réles, e mentiu como homem, embora padre.

No proximo artigo continuaremos a discussão e a execução d'este e d'outros energúmenos de corôa aberta, que ás manifestações do talento oppõem o escouceamento systematico, que ás conquistas do espirito moderno oppõem os velhos chavões lorpas — *religião do Estado, impiedade, libertinagem de espirito* e quejandas facecias de idiota de peior especie; e veremos que o poeta dos Canticos da Aurora vingou de passagem tocar na chaga que trazem constantemente aberta os safardanas, representados pelo padre *João Vieira Neves Castro da Cruz.*

Até ámanhã.

29 — 5.º — 80.

IV

Continuando:

A consciencia litteraria do padre *João Vieira Neves Castro da Cruz* acha-se, não menos que a consciencia individual do beatissimo sujeito, positivamente demonstrada: o leitor viu — um livro e um author insultados, calumniados, babujados na sombra com o mais risivel e desaforado descaro, sem que

o author dos insultos, das calumnias e do resto da mixordia se lembrasse de consultar o livro e de derivar da consulta para o caracter moral e litterario do escriptor [1].

O nosso trabalho incommoda-nos, no fim de tudo, ao espalmarmos o atrevidissimo pedante: ¿que ha no seu libello de aproveitavel, sequer, como documento de subtileza (modo de dizer — de artistica velhacaria)? Toda a lábia clerical d'este réles cerzidor de dislates insultuosos se reduz a um montão de interjeições grudadas a uma indignação burlesca, tendo por alvo a impiedade do seculo e o desrespeito (sic) que elle sóe tributar aos mysterios augustos das estrebarias clericaes, onde os congeneres do padre João, inclusivè sua mercê, conspiram em escoucea-

---

[1] Ao passo que o ridiculo carola uiva os seus indecentes dislates na sombra do author dos CANTICOS DA AURORA a imprensa jornalistica registra saudações novas ao poeta e ao seu livro.

É assim que temos a indicar:

O artigo de Camillo Castello Branco, o grande vulto veneravel das nossas letras, na BIBLIOGRAPHIA de Chardron, após as linhas do grande escriptor no livro em discussão;

O artigo do estimavel jornalista Luiz Botelho, no *Primeiro de Janeiro;*

O de Francisco d'Almeida, o erudito author do DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ, no *Diario da Manhã.*

Convém notar que estas saudações foram precedidas pelas de João de Deus, Guilherme d'Azevedo, R. Bordallo Pinheiro, Ventura Ruiz Aguilera, e outros, — nós entre estes.

Notem — o carola... e os outros.

mento interminavel, já não dizemos contra a Liberdade e os fructos d'ella, mas contra o são juizo, origem da Liberdade e implicitamente dos seus fructos...

N'este ponto, chegam-nos ás mãos as seguintes linhas do brilhante estylista das *Vespas,* E. de Barros Lobo, publicadas na folha humoristica *O Sorvete.*

Cedemos a palavra ao collega:

— « No *Commercio do Minho* o padre Neves tem-se ultimamente divertido em condemnar os Canticos da Aurora, de Narciso de Lacerda. Até á presente data já são tres os artigos inquisitoriaes, — porque o padre houve por bem nivelar a critica das festejadas poesias com a critica dos graves assumptos politicos.

« Está o padre no seu direito, accusando Narciso de Lacerda. Graças a Deus, o tempo das fogueiras vae já um pouco distante; senão, um pequenino auto de fé com certeza faria mais arranjo ao padre Neves do que tres artigos de fundo, para castigar estes herejes.

« O que não está na orbita dos direitos do padre é condemnar Ernesto Chardron por ter editado o livro. Isto não quer dizer que o famigerado editor não tenha uma boa conta em aberto, á face da civilisação moderna: a de ter consentido em alimentar a estupidez nacional por meio de publicações refinadamente idiotas, como a Historia da Beata Margarida, o Brinde á juventude catholica, o Maná do sacerdote, etc.

« Aquella raiva tem comtudo uma explicação, que

por signal não abona muito a temperança ecclesiastica: o que o padre Neves quer é — maná.

« Pois dê-se-lhe maná e que o céo lhe perdôe a gula. Nós é que jámais lhe perdoaremos o ser a tal ponto lambareiro, e protestamos a nossa indignação perante as inclinações de confeiteiro, do padre.

« Um homem que seria muito capaz de preferir aos LUSIADAS — um *quéque!*... »

Já agora não ha remedio senão adiar para os proximos numeros d'esta folha os derradeiros puxões aos *coiros adiposos* do fiel servo da *Santa Egreja.*

Até ámanhã.

31 — 5.º — 80.

V

Proseguindo — e terminando:

Nós temos pela paciencia do leitor extremos de consideração e pelo nosso nojo tambem. Era evidente que nenhum espirito culto e de razoavel boa fé desceria a encarar sériamente, por um momento sequer, o histrião que na sua vereda de desatinos atropellou, a um tempo, a dignidade da critica e a do sacerdocio e os deveres da propria seriedade, se um dia a teve.

Mas importa espalmar sob o duplo peso da indignação firmada no estudo e de outra especie de indignação, firmada na consciencia da propria dignidade, as pretensões insolentissimas do pedante que sahiu á estrada da Critica com o bacamarte das asneiras em punho, attentando contra a reputação litte-

raria de escriptores distinctos e contra a reputação moral de homens dignos.

Provada a má fé, bem assim a inepcia do sujeito que mais temos a demonstrar? — a estonteada parvoice que lavra nas fileiras da *santa gente* e que despedaça a miseraveis safanões os seus laços de solidariedade.

O leitor viu o estendal de protervias, arremessado pelo padre *João Vieira Neves Castro da Cruz* sobre o nome do snr. Alexandre da Conceição; sabe que ao estendal prestou as suas columnas o *Commercio do Minho:* pois bem, no dia immediato ao da publicação do terceiro aranzel do padre, a folha religiosa que lhe apadrinhára os insultos accusava a recepção da homenagem d'aquelle escriptor a Camões e inscrevia (vide o numero 1087) sobre o trabalho alludido as seguintes palavras:

«É uma homenagem ao grande epico, em versos d'uma estructura formidavel, como rarissimos se teem feito em lingua portugueza. Exprime com profunda comprehensão a grande lucta dos seculos entre o espirito *semitico* ou *crente* e o espirito *aryano* ou *heresiarcha,* cuja batalha definitiva foi ganha para o espirito moderno pela conquista e vassallagem dos mares da Asia, Africa e America pelos portuguezes. O poema das nossas glorias, os LUSIADAS, é o monumento immorredouro, que affirmará ao mundo em todos os tempos, essa victoria enorme».

Em quanto o padre João, author dos artigos editoriaes do *Commercio do Minho,* vasa na sombra do

snr. Alexandre da Conceição o seu barril de epithetos (*impio, jacobino, atheu, bruto, ignorante, pedreiro-livre* e *excommungado*) a folha religiosa, que recebe os despejos do indecentissimo carola, entende que o trabalho d'aquelle escriptor constitue uma «homenagem, em versos d'uma estructura formidavel, rarissimos em lingua portugueza». Em quanto o réles carola faz espadanar, a coices, do monturo da sua raiva de energúmeno, o epitheto de bruto, arremessando-o á beira d'um adversario, a folha religiosa que lhe recebe as protervias crê que o poemeto d'esse escriptor «exprime com profunda comprehensão uma grande lucta de seculos, assignalada por novas conquistas do espirito moderno». Em quanto o carola atassalha lá do valhacouto das beatas de peior especie a crença de um honrado espirito, a folha religiosa, que registra as porcarias do clerigo, celebra o poema os LUSIADAS saudado pelo snr. Alexandre da Conceição em «versos de uma estructura formidavel» — poema representativo das conquistas que terminaram aquella «grande lucta de seculos».

O espirito alheio aos segredos das encruzilhadas da má fé perturba-se, por momentos, em frente d'este tremedal. Não affrontaremos a consciencia dos leitores honrados, espraiando-nos em considerações sobre o que ahi fica. Registrâmos. Passemos.

E, passando, attingimos outro ponto:

Imaginemos, por momentos, que o tristissimo carola que para ahi fica é um padre alheio ás torpezas do alto clero e ás abjecções da seita: imaginemol-o litterariamente honrado e de um mediano cultivo critico — padre instruido e de boa fé. Supponhamos

agora que esse homem tem pela frente os CANTICOS DA AURORA e que os lê. Principia por fixar em sua mente a evolução CHRONOLOGICA do espirito do poeta. É-lhe facil a tarefa, mercê das indicações do Prefacio sobre a carta de João de Deus. Isto estabelecido, o critico, ou subordina o seu juizo a pruidos de escóla e affirma a superioridade da parte revolucionaria do livro sobre a parte puramente mystica, lyrica, subjectiva, ou, alheio a taes preoccupações, saúda a libertação do poeta primitivamente dominado pela influencia de dous grandes artistas revolucionarios — e a superioridade, sob um ponto de vista puramente esthetico, da sua feição derradeira, do «fructo espontaneo e vigorosamente accentuado da inspiração genial».

Isto faria o padre, alheio ás abjecções dos seus senhores; isto faria o critico, alheio ás imposições da sotaina: isto faria o homem digno, amortalhado, ou não, n'aquelle involucro escuro.

Mas o padre *João Vieira Neves Castro da Cruz* nem possue a independencia de caracter, que o tornaria alheio ás imposições de seita, nem a illustração litteraria, que lhe facultaria a comprehensão do alheio trabalho, nem a boa fé, que o conteria no silencio; e, quando um vislumbre de rectidão protestasse n'aquelle espirito lôbrego, lá estavam, entre os versos christãos de Narciso de Lacerda, os seguintes, dos mais christãos de todos:

«Dizem que sou atheu — porque não creio n'elles...
Porque só creio em ti, reverbero do ceu!

Em ti, que, embora a face ante meus olhos veles,
Sei que existes como o ar e como existo eu;

Em ti, que eu vejo sempre, embora te não veja:
Em ti, Hostia d'amor, que eu sinto n'alma erguida,
Como a cruz do Senhor no vertice da igreja,
Sempre cheia de luz, sempre cheia de vida...

Eu creio... e creio muito. E chego a contemplál-os,
Com muita dôr, os maus — sem fé, sem coração.
Quem sou, sábel-o tu... e basta... Elles... deixal-os
Dizer que sou atheu... Não creio n'elles, não.

E, porque o espirito do poeta se alevanta, a embates da inspiração poderosa, á adoração do seu Deus; e, porque o poeta, das altissimas regiões onde paira sobranceiro á esqualidez da terra, volve um olhar, repleto de summo desprezo, aos miseraveis que só affirmam a existencia d'aquelle Deus no intuito de exploral-o em proveito proprio, deshonrando-lhe o nome com as attribuições de infamissimo verdugo, — *elles,* os MAUS, que a indignação do poeta marcou a ferro quente nos *adiposos coiros* conspurcados, revolvem-se na lama da má fé, da estupidez e da iniquidade, e d'alli espirram a peçonha das suas almas, a meia altura das regiões de luz onde paira o fustigador.

Espiritos honrados, se não vingaram ainda abafar-lhes o sentimento da indignação convulsões despertadas pelo summo nojo em frente das cabriolas

d'estes hypocritas, hão de estar comnosco, alheios a baixos sentimentos de simples mordacidade, hão de estar comnosco á hora em que ahi deixamos estatelado na sua miseria esse pedante insolente e desgraçado que oxalá tenha forças ainda para recolher-se ao antro da sua insignificancia, d'onde nunca devêra ter sahido.

E nada mais.

REFLEXOS E PENUMBRAS

REFLEXOS E PENUMBRAS

POR

FERNANDO LEAL

CHATEAUBRIAND disse: — «É condão d'estes homens illustrarem-me e desanimarem-me». Alludia aos irmãos Thierry no campo dos estudos historicos. Do critico Taine diremos, com ligeira variante: — «Irrita-nos e deslumbra-nos: é o seu condão».

Irrita-nos o processo — a base. Deslumbra-nos a execução — as deducções, as conclusões. O homem de genio (vid. Shakspeare; vid. Balzac) é nivelado, pelo methodista, com as entidades secundarias; nega-lhe a intuição; a irregularidade impetuosa entra como um episodio *fatal,* indispensavel; os vôos do genio são documentos para a analyse fria, methodica; o Inesperado era esperado; ha como que um reflexo da velha escóla historica, authoritaria e fatalista; o engaste é que é moderno.

Mas, uma vez assentes as bases — falsas, a nosso vêr, — do processo, logar á admiração! Um élo prende-se a outro élo, fatalmente. Ai de vós, se acceitastes o primeiro: banistes a discussão. É como no dogma catholico: tudo ou nada. Por nós preferimos uma negação absoluta: nada concedemos.

Estas considerações ao alcance de todos, especie de *cavaco* entre bons amigos que se preoccupam nas «bagatellas litterarias» acudiram-nos em face do livro de Fernando Leal. Se um dia o critico da litteratura ingleza nos surgiu pela frente, sem que despertasse em nós sombra de repulsão, se um dia o acceitámos — incidentemente — foi hoje, em frente d'este livro notavel, que desvenda e colloca a toda a luz a personalidade do author, na sua dupla feição, litteraria e *humana*.

É um indio. Foi da Asia aos sertões africanos. Veio da Africa Austral, soldado e explorador, do convivio das féras e da immensidade, cheio do largo stoicismo duplo da alma honesta, avigorada ao calor da Natureza livre. Veio dos montanhezes zulus «muito bravíos, mas muito leaes e muito amigos dos seus amigos», ao meio dos cafres da sociedade enferma contemporanea, e achou-se deslocado.

Procurou um refugio, um amigo: encontrou o Jupiter Tonante da poesia moderna: o velho Hugo, *poderoso e solitario,* como o Moisés de A. de Vigny, e abraçou-se n'elle.

Traduzamos: — traduziu-o.

Traduziu-o como nenhum poeta portuguez vingaria fazel-o. Póde-se ser mais correcto, cinzelar o verso, enfeitar o raio de Guernesey como se enfeita

uma bandarilha; polir o cedro secular — como um réles movel de burguez: mas traduzir a braveza, a impetuosidade, as ondulações, a espuma que acode aos labios do Titão colerico, o estalar do trovão que vem de Isaias a Juvenal e de Juvenal a Hugo, sem paragem... nada menos attico! nada menos sobrio! Ha gritos que só despede uma alma sobre honesta rude: dae á Nilsson o Rossini: interpretação sublime, concedemos; convidae a diva ao rugir d'um tigre: tereis um cacarejar de capoeira.

A par das traducções de Hugo, — do *Satyro,* do *Sapo,* da *Consciencia,* de umas vinte composições do Hercules — ha poesias originaes do traductor: umas reminiscencias (?) do indio; apotheoses dos heroes de 93, apostrophes atrevidas e alegres, de camarada, ao sublime gaiato Desmoulins; perdida n'este vendaval forte, ruidoso, alegre, enthusiasta, uma perola de lyrismo — «A uma mulher de fogo». Estamos vendo o homem; cae no enternecimento facil dos fortes e dos bons, a meio da rajada enthusiastica da indignação. O livro denunciante, fiel como um espião inflexivel, deu-nos o individuo; as imperfeições hão de achar-lh'as os leitores sensiveis das «Flôres d'Alma». Ali nada serve para piano. Seria o caso de pedir ao vento norte que arrancasse uma valsa á gaita de feira do burguez infante...

Seria mais do que simples omissão, seria absurdo que, ao terminarmos este jacto de verdade, lhe não addicionassemos uma palavra de gratidão. Fernando Leal offerece-nos uma das suas traducções: as «Palavras na adversidade»; elle sabe que uma offerta, d'elle para nós, não importaria um desvio do critico,

nem augmento de estima pelo homem. Quando a nossa rudeza houver indisposto contra nós o resto de pequeninos scelerados enxertados em idiotas infamissimos, que ainda rosnam por entre os arames do açamo, n'esta sociedade de estafermos pôdres, a boa camaradagem de homens como Fernando Leal ha de escudar-nos contra o nojo, que seria invencivel se a Providencia benefica não houvesse dispendido em luz quanto importa ao destruir dos antros.

1880.

JOÃO DE DEUS

JOÃO DE DEUS

LUCTAS LITTERARIAS

O NOME de João de Deus — esse que os bons espiritos veneram como um bemfeitor — representa um protesto em face dos Pelletans dynamisados e um marco milenario da Poesia, firmado no periodo contemporaneo. Se o artista lograr um dia esquivar-se ao tribunal da Critica, o author das *Flores do Campo* poderá reclamar sem competidores o pedestal sagrado: nas modulações diversas d'aquelle suspirar continuo ha um mixto de impetuosidade e doçura, que a serenidade critica não consegue extremar de todo. Os versos mais caracteristicos de João de Deus, perante o vulgo, — aquelles em que a alma angelica do poeta se retrata na phrase enamorada, teem o cunho do desespero e do desalento: não o procureis vós outros se o não haveis sentido... As estrophes indignadas teem, ao mesmo passo, o cunho da extrema doçura, miragem da alma do justo: definí, se podeis...

Ouvide:
Está auzente o *lyrico,* o cantor individual.

Tem a palavra o *apostolo:*

Padre, ministro do Crucificado
É bom ferreiro afeiçoando o ferro
Com que ha de prestes ir rompendo o arado
Os campos d'este secular desterro.
Melhor explicam um logar sagrado
Bigorna e malho, que explica o berro
De bonzo inutil; que asperos abrolhos
Não viram nunca seus inchados olhos.

Apostolo é o pai que se afadiga
Só para que descance o filho amado;
Apostolo é a rocha em que se abriga
Ave agoureira e pobre desgraçado;
Apostolo é a lagrima que amiga
Cae pela face em peito amargurado;
E esse monstro do céo que solitario
Correu o mundo á busca do Calvario.

E assim vós outros, falsos sacerdotes!
Que a mesma crença sustentar devêreis,
Poetas vos chamaes se em ôcos motes
Sabeis vasar combinações estereis?
Monges! tendes o habito; se os dotes,
Os doze dons do Espirito tivéreis,
Crêreis que é mais poeta o dôce favo
Que a abelha fabríca em matto bravo.

Fechei a minha bocca largo espaço
Para vêr e pasmar; eu não podia
Tirar os olhos do tributo escaço
Que paga o albergue quando acaba o dia.

Pelo filhinho em maternal regaço
Como ave em ninho a balançar, media,
Não essa Iliada a compasso austero,
Mas a de Christo, a do celeste Homero.

Lia esse livro que anda encadernado
Em pelle humana e embrulhado em pranto,
Mas para bençãos, para amor dictado
E quanto ha puro, quanto ha bello e santo:
Livro que o impio soletrou tocado,
Se o impio os olhos pôde erguer a tanto;
Mas que a moirama só conserva vivo
Porque não morre o immortal captivo.

Não morre: eterno como a fonte d'onde
Dimana a luz, a vida, amor e tudo,
Que amostra a terra, amostra o mar, e esconde
O céo, o espaço, o infinito mudo...
O mundo mudo! para quem? responde,
Valente martyr! que o pesado escudo,
Com que a verdade os olhos encobria,
Morreste mas quebraste á luz do dia.

«Existe um pai commum, que a todos ama
«E d'elles só juiz a si reserva
«Punil-os de seu mal; o sol derrama
«Por cedro erguido e enterrada herva;
«Desarma o laço que a perfidia trama,
«Ou n'elle a prende e faz cahir; enerva
«Braço que se ergue contra irmão; fecunda
«Semente que não cae de mão immunda.

«Diante d'elle as obras apparecem
«Taes como as gera o intimo do peito:
«Basta o amor do bem, se as mãos fallecem;
«Sem esse amor é nada o grande feito.

« Embora os homens de soltar se esquecem
« Quem chora escravo; porque, em seu conceito,
« Deixe chorar quem purpuras arrasta,
« Cante que é livre na VERDADE, e basta ».

Ella o resto fará; porque a seu braço
Reis não resistem, não resistem povos:
Um raio a nuvem parte e deixa o espaço
Coalhado d'astros que parecem novos:
Põe ao sol, que o fecunde, o simples traço,
Como a grande avestruz os grandes ovos;
E quem depois no mundo a luz lhe apaga?
Ninguem apaga a luz que o mundo alaga.

Sacerdocio embusteiro as mãos lhe prega
Em tronco immovel que seus labios gele;
Á justiça profana o justo entrega
(Sua irmã gemea que a verdade expelle):
Já das almas senhor o rosto alegra,
Já morto o canta, sepultado e elle
Só o consome o incendio que já lavra
De bocca em bocca, o incendio da PALAVRA.

*

Quereis vêr a outra face da affirmação poderosa?

É um documento novo:

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que n'esta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degraus do tumulo descendo.

Em se ella anuveando, em a não vendo,
Já se me a luz de todo anuveava;
Despontava ella apenas, despontava
Logo em minh'alma a luz que ia perdendo.

Alma gemea da minha, e ingenua e pura
Como os anjos do céo (se o não sonharam...),
Quiz mostrar-me que o Bem bem pouco dura.

Não sei se me voou, se m'a levaram,
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram.

Ah! quando no seu collo reclinado...
.....
.....
.....

Todo este poema de doçura é um grito de revolta. Contra quem? O poeta ora nos surge envolto em uma nuvem de descrença dolorosa:

E morro sem te vêr.....

ora se alteia nas azas de uma esperança consoladora — pobre e triste base, a d'essa esperança:

Não se é só pó no fim de tanta magua;
Senão diga-me alguem que allivio é este
Que sinto, quando á abobada celeste
Alevanto os meus olhos razos d'agua?...

A Critica registrou um dia esta incerteza, este vacillar pungente e, porque não dizel-o? — vacillar moderno. Registrou apenas. Derivaremos da tortura

d'essa alma para a *abstenção scientifica* do poeta? Culparemos este ultimo porque não mergulhou a vista nos horisontes abertos pela sciencia positiva aos cantores de hoje? — Para outros a blasphemia!

Entre nós o logar de João de Deus está por igual definido. A sua personalidade tornou-se indiscutivel para quem não supprimiu a imputação da critica, do bom senso e do pudor: muitos dos admiradores de João de Deus, dos que mais violentamente aggridem os contemporaneos de Camões, ignoram, porém, que o primeiro lyrico portuguez d'este seculo, uma das maiores almas do seu tempo, vegeta no abandono *official,* pobre e olhado com sobrecenho pela caterva dos grandes imbecis e dos grandes scelerados [1]. O nobre espirito de Alfredo de Vigny sondara estes abysmos, ao soltar o immenso brado do seu *Chatterton:* é que a opinião publica não tem só de hoje por mentores e guias os falsificadores de condecorações, os negreiros condecorados e os compadres de alto cothurno — *cloaca maxima.* As infamias *jornaleiras,* que desvairam em politica a opinião, reproduzem-se em litteratura: existem compadres litterarios, como existem compadres politicos — craveira identica. Os *centros* litterarios não invejam indignidades aos centros monarchicos do paiz.

[1] Á ultima hora, aggredido por todos os charlatães, mais ou menos canalhas, prejudicados pela nova luz que elle derrama na escuridão dos espiritos, — e tambem pelos canalhas, mais ou menos charlatães, que exploram essa luz!

Ha tambem na litteratura reis imbecis, camarilha villan e um publico lôrpa, que applaude — e paga. Um certo acontecimento reune em dada occasião as diversas egrejinhas: o apparecimento de um espirito altivo; aquellas hordas aproximam-se em face do inimigo commum, taes como os sarrafaçaes da *monarchia* ao ouvirem a Marselheza. Os conservadores litterarios seguem o seu plano, já conhecido, em face do neophyto: teem, como a Politica, uns insultadores piolhosos do jornalismo, transfugas da Honra, disputados ás doçuras da vadiagem pelas bancas deshonradas da baixa imprensa. Essa escoria recebe o santo e a senha dos patrões, e busca intimidar pela injuria o recem-chegado recalcitrante. Succede por vezes que um nobre espirito sem a corda do combate, succumbe ás sevicias d'aquelles miseraveis e emmudece para sempre.

Se o recem-chegado passa ávante, sem attentar na corja, os baixos facinoras são retirados do campo. Enceta-se a segunda phase: chegam os desafios burlescos, as ameaças anonymas, o denegrir traiçoeiro da reputação em botiquins pejados de idiotas: chegam os insultadores de alto cothurno — galeotes sem galés, — com o arsenal de injuria grossa, cinzelada, apparatosa, boa para o gaudio dos pascasios: chove a metralha sobre o profanador; a *claque* enrouquece em bravos furibundos e — ai d'aquelle, se não soube transformar a penna em vergasta, a enxada em instrumento mortifero!

Se o homem resiste e, depois de atagantar a villanagem, passa ainda ávante, está salvo das aggressões directas, mas a lucta surda recrudesce. O publi-

co desprevenido duvidaria de nós se lhe narrassemos torpezas a que o *furor litterario* tem arrastado certa horda... É uma guerra de exterminio: a *conspiração de silencio* estabelece-se em toda a linha: tentativa de suppressão do trabalho e de annullação litteraria: crime duplo!

Entretanto, os espiritos timidos retiram-se da arena; os covardes transigem e renegam a solidariedade com um ou outro companheiro de antigas luctas; e na vereda temivel vae proseguindo, em numero bem limitado, o grupo dos impenitentes; teem rugas precoces e cabellos brancos ao alvorecer da vida; conheceram praticamente o pão negro, de que abusam os romancistas tetricos; viram a seu lado a transigencia, na frente o isolamento — e seguiram para a frente; a serenidade é o seu *desideratum:* felizes os que lograram obtel-a!

1877.

«ALEXANDRE HERCULANO

E O SEU TEMPO»

«ALEXANDRE HERCULANO

E O SEU TEMPO»[1]

Demorámos estas annotações: hesitámos: na geração nova ha tantos intrusos — tantos mentecaptos de má indole — que a hesitação explica-se quando um honrado intuito a robustece. Mas o livro do snr. Antonio de Serpa é uma consagração de muitas irreverencias: a geração moderna é alli aggredida, em nome da consciencia litteraria, pela triste leviandade da segunda meninice, e, em nome da sciencia, pela ignorancia que aos olhos dos menos sabios (nós entre elles) se manifesta. Quando as verduras dos vinte annos cedem o passo á reflexão serena, brota irresistivelmente o respeito pelos velhos; mas quando a velhice, consagrada apenas pelos *calculos financeiros,* desce á are-

[1] Um volume, por Antonio de Serpa Pimentel. 1881.

na, de lança em riste, a defrontar-se, — sem que a provoquem, — com os lidadores de hoje, então... perdoe-nos a velhice imprudente — não ha *soláos* que a salvem: a critica reconquistou os seus direitos.

Critica? Nem tanto. O livro do snr. Serpa não a merece; não a merece o auctor, mercê funesta do seu desastre. Annotações breves é quanto póde conceder-lhes, ao escriptor e ao livro, a nossa generosidade relativa.

É quanto concedemos.

*

Alexandre Herculano e o seu tempo é um titulo ambicioso: confessa-o o snr. A. de Serpa, mas o reconhecimento do erro só apparece quando o volume tem cahido, mercê de seiscentos reis, em nossas mãos peccadoras. Justiça inteira: o snr. A. de Serpa não desconhece as obrigações impostas por um titulo similhante. Fingiu apenas desconhecel-as. O fingimento não condemna o litterato, justifica o financeiro.

Mas os dislates multiplicam-se. N'um capitulo reclamado pelo *Manual Encyclopedico,* sobre «o estado social e litterario de Portugal» antes das campanhas da Liberdade, o snr. A. de Serpa apresenta-nos Alexandre Herculano como — o escriptor mais popular que em Portugal tem existido.

Descer ás confrontações sería por egual descer ao estalão critico do snr. Serpa. Um nome panico differe um tanto, em que peze ao snr. Serpa, de um nome popular. A seriedade no trabalho é a maior bar-

reira contra a popularidade: exemplo — o snr. Serpa, que teve a sua hora de popularidade nas lettras e nas finanças, sem nunca ter dispendido n'estas ou n'aquellas o minimo quinhão de seriedade: exemplo, ainda — Bocage, popular pelas obscenidades que rimou, desconhecido pelo seu trabalho de artista e de pensador.

*

«O talento sem o caracter não dá uma individualidade»: isto é do snr. Serpa — e de Rozalino, tambem. A demonstração apoiada no exemplo é impossivel por inconveniente: importa reconhecel-o. Temos homens de talento, sem caracter, individualidades superiores. Que o snr. Serpa auctor dos *solãos* o ignorasse — comprehende-se: vae-lhe longe a vida litteraria; mas que o esquecesse o snr. Serpa das finanças é o que não se explica pelos sentimentos de camaradagem nem pelos dotes de séria observação.

O snr. Serpa e os nossos leitores desculparão a ligeireza d'estas annotações, mas *isto* é feito sobre um rapido manusear do livro deploravel que nem merecia tanto.

Continuemos.

*

O snr. Serpa divinisa (modo de dizer) o Romantismo. Não conhece a importancia do movimento, nem a origem d'elle, menos ainda as suas aberrações: isto vê-se. O snr. Serpa baralha e confunde os nomes mais illustres de 1830 e diz-nos:

«A escóla (?) que só em França deu Chateau-

briand, V. Hugo, Vigny, Lamartine, Musset (os dois?), Béranger, Barbier, Dumas, Saint-Breuve (queria dizer Sainte-Beuve?), Sand, Balzac e Merimée...»

Essa *escóla* só existe no bestunto do snr. Serpa: nem Balzac, nem Béranger, nem Barbier (deixamos outros em paz): nenhum d'estes tres vultos distinctos representava uma escóla verdadeira, nem a escóla se subordinava. Balzac é a altiva individualidade que não se discute a proposito do snr. Serpa, e na qual o feroz naturalista Emilio Zola saúda o Baptista da arte moderna, dado que o papel de Christo pertença ao auctor do *Assomoir*. Barbier é o antecessor do Hugo dos *Châtiments* — o menos romantico dos livros publicados. Béranger é a veia folgazã da velha Gallia, representada por F. Rabelais, Béranger, Paulo Luiz Courier, Karr e, não desagrade aos Serpas, pelo immortal auctor da «Comedia Humana».

Só um decadente da peior especie aproximaria d'estes tres homens a lyra christã de Lamartine e o resto da curiosa lista.

Uma lastima!

*

Ha porém insinuações — o expediente deploravel da malevolencia covarde. O snr. Serpa Pimentel affirma que as obras mais primorosas do Romantismo são ainda hoje dignas da «admiração e do apreço dos que prezam a belleza artistica em todas as suas manifestações» (é o estylo de Acacio), — ao passo que, acrescenta o snr. Acacio de Serpa, «as modernissimas producções litterarias penosamente elaboradas e pedantemente explicadas pelos criticos

da mesma escóla, se exceptuarmos varios romances que teem a popularidade do escandalo, ou que despertam a sensualidade, nasceram pela maior parte fadadas para entrarem promptamente no limbo do esquecimento. Não discutiremos se é culpa dos preceitos da escóla, se é da falta de genio dos poetas, se é do seculo, que, á força de analyse e de positivismo, seccou as fontes da imaginação e das aspirações para o ideal. . . »

Cada palavra é um conceito: o leitor viu. Não sabemos e pouco importa saber a que *obras primorosas dos romanticos, ainda hoje admiradas,* allude o snr. A. de Serpa. Ao escriptor ignorante que nós vimos baralhar com a *Lucrecia Borgia* e quejandos abortos do Romantismo as canções immortaes de Béranger, e as operações do terrivel anatomista dos *Parentes pobres* e da *Eugenia Grandet:* ao escriptor insensato, que no periodo contemporaneo — tão altivamente desdenhoso em frente da rhetorica e tão exigente em nome da sciencia — publíca duzentas paginas de inepcias injuriosas: ao insultador do trabalho que não comprehende não vimos pedir discussão; mas, note o snr. Serpa, — Alexandre Herculano, auctoridade insuspeita para o seu triste biographo, e para nós tambem, considerava *A Morte de D. João* (esse horror moderno!) o mais notavel livro de poesia que Portugal produzira nos modernos tempos; Camillo Castello Branco, auctoridade por egual insuspeita, professa pelos livros de Eça de Queiroz admiração que ainda ha dias confirmou. Depois, quando, afóra uns tres ou quatro vultos, uma geração nos dá apenas mediocridades —

Serpas e o mais da *troupe,* — os apodos que d'ella vem representam o que de mais lastimavel se concebe: sobre a alvura dos cabellos brancos a farinha do palhaço de feira.

Os criticos da tal escóla (da moderna), os que «explicam pedantemente os trabalhos d'hoje» estão ás ordens do snr. Antonio de Serpa, dado que esse invalido das lettras resolva purificar-se, no estudo e no bom senso, dos seus dislates de hoje. Camillo Castello Branco, que é de hontem e de hoje pela malleabilidade do seu genio, lastimava ha dias que as impudicias da *Corja* manchassem os arminhos virginaes de um critico. O snr. A. de Serpa ha de descer das regiões ethereas, onde os pagens espulgam as castellans, aos «romances escandalosos» que despertam engulhos aos financeiros portuguezes, quando a geração nova — a espaços irreverente e tantas vezes tolerante em extremo — violar a necropole das reputações, para verificar os estragos que o *deboche* produziu n'uns vivos de ha trinta annos.

*

É preciso terminar.

A pag. 235 (Nota C) escreve o snr. Antonio de Serpa:

«O snr. Theophilo Braga diz... que Herculano escrevera versos contra a carta constitucional (lêde: contra os liberaes)... Não nos occuparemos de discutir algumas asserções... de que se não apresenta nenhuma prova, e que *naturalmente* foram forjadas e exaggeradas...»

Uma lastima! Escreve um livro de historia litteraria, em 1881, este snr. Serpa, e discute affirmações positivas, com o adverbio *naturalmente!* Ora ninguem condemnará de boa-fé Alexandre Herculano pelas crenças da sua mocidade; antes só temos que applaudir no voluntario da Liberdade o haver-se libertado de taes crenças.

Mas importa restabelecer os factos; não diremos *naturalmente,* como o snr. Serpa, mas terminantemente. A este censôr da geração nova, a este somnambulo dos castellos roqueiros, que atira a luva aos homens novos, indicaremos o livro impresso no Porto ha quatro annos pelo editor Teixeira de Freitas, de Guimarães — *Duas obras de misericordia: ensinar os ignorantes e castigar os que erram.* O livro é do publicista José Maria de Sousa Monteiro; apresenta nos diversos capitulos numerosos trechos d'um poema (?) de Alexandre Herculano contra os liberaes. Foi publicado durante a vida do historiador, e se constitue ou não prova que baste a destruir as duvidas do snr. Serpa é-nos absolutamente indifferente. Não puzemos a mira em convencer a má-fé...

Se a memoria de Alexandre Herculano carece de desaggravos, não é das mediocridades, que ha trinta annos dormem á sombra do esquecimento, que o desaggravo tem de vir. O snr. Antonio de Serpa teve um mau sonho; despertou e disparatou; está tonto; envolvamos-lhe a cabeça nos cobertores e voltemol-o *de lado*... Durma, continue a dormir: ha de fazer-lhe bem...

1881.

*

OS JESUITAS

OS JESUITAS [1]

CARTAS AO BISPO DO PORTO

Primeira carta

EXCELLENTISSIMO e reverendissimo senhor. —Em testemunho de admiração pelas altas virtudes de v. exc.ª rev.ma aprouve ao traductor da *Historia Imparcial dos Jesuitas* dedicar-lhe o seu trabalho. Coherente foi o proceder. Dirigindo-me a v. exc.ª rev.ma pago-lhe tambem um tributo: nos annaes das grandes luctas religiosas da Companhia de Jesus veneram os adversarios d'esta ultima, por mais d'um titulo, um *collega* do bispo do Porto: o prelado a quem alludo, exc.mo e rev.mo senhor, chamou-se em vida *Bossuet* e foi bispo de Meaux.

V. exc.ª rev.ma, snr. D. Americo dos Santos Silva,

---

[1] Refutação da *Historia Imparcial dos Jesuitas*, por H. de Balzac, traducção de F. G. J. — Porto, 1877.

não é bem uma reproducção de *Bossuet:* altos feitos de v. exc.ª, a competir com os do adversario illustre de Port-Royal, não os registrou, que eu saiba, a chronica religiosa dos nossos dias; e em materia de lucta com os hereticos, por parte do bispo Americo, só conheço um documento, cuja auctoridade não discuto: — uma carta do ex-padre Bonança.

Apraz-me todavia crêr, exc.mo e rev.mo senhor, que não sendo o bispo Americo uma perfeita reproducção do bispo *Bossuet,* não hesitaria em cantar um *Te-Deum* apoz as carnificinas das Cevennas; creio nos bons desejos de v. exc.ª rev.ma: o que lhe falta, meu digno prelado, é um Luiz XIV, que, em nome da inviolabilidade dos dogmas, semeie de cadaveres dos impios as serranias do seu paiz. Os Luizes de hoje, meu reverendissimo prelado, modificaram um tanto o codigo dos Luizes d'outr'ora, mercê da Revolução; deshonra dos lares domesticos, esbanjamento dos dinheiros do povo, escarneo dirigido ás leis e á patria que os tolera — isso não soffreu transformações. Os bons desejos dos Luizes de hoje tambem os não contesto, meu prelado reverendissimo...

Annunciei a v. exc.ª e ao publico uma refutação da apologia dos jesuitas e da defeza dos seus actos e doutrinas: vou encetal-a, sem preambulos. As cartas que a v. exc.ª dirijo — pobre tributo, que a ingratidão do meu prelado deixará sem premio — dirão a v. exc.ª que o assumpto foi por mim estudado com afinco e fervor, não nos apontamentos do Larousse (repositorio de sciencia facil), mas nos documentos authenticos, que opportunamente irei citando.

O snr. José Maria de Sousa Monteiro, o campeão

da fé, que, por falta de estylo, de espirito e de talento, não consegue reproduzir entre nós o vulto de Luiz Veuillot, terá ensejo de notar que é licito estudar assumptos d'esta ordem, sem renegar miseravelmente o credo liberal dos primeiros dias.

Exc.mo e rev.mo prelado, eis-me no assumpto:

Balzac, o auctor do livro offerecido na traducção a v. exc.a, é o primeiro romancista d'este seculo e, incontestavelmente, o primeiro romancista do mundo. A apreciação do seu estupendo monumento artistico pertence á critica litteraria e não cabe na indole d'este trabalho o fazel-a. Como philosopho, veja-se a opinião de Taine: o methodo do romancista illustre é simplesmente deploravel. A Egreja infallivel e a monarchia absoluta são as bases do seu trabalho; não lhe contestem o dogmatismo do proceder: o atrabiliario escriptor não acceitará discussão!

A sua *Historia Imparcial dos Jesuitas,* escripta aos vinte e cinco annos, é uma affirmação de estudo, de coragem e de cega obediencia ao *systema*. Desvirtua os factos, deturpa-os, calumnía os personagens, supprime os acontecimentos: tudo isto com a sinceridade enthusiastica do crente. Por vezes, cria uma contestação puramente phantastica e refuta-a com uma indignação em extremo comica, fazendo lembrar o prégador que collocava o seu barrete no parapeito do pulpito e discutia com elle, terminando por *convencel-o*.

Os apontamentos que nos fornece sobre Ignacio de Loyola só póde excedel-os em falsidade a apolo-

gia das *intenções* dos jesuitas: do desinteresse e dos sentimentos de humanidade dos membros da Companhia.

Os primeiros vinte e nove annos da vida de Ignacio de Loyola foram preenchidos por glorias bellicas e façanhas amorosas, dignas — estas ultimas — de illustrar os annaes da Regencia. Não me confunda v. exc.ª rev.ma, attribuindo-me calumniosos intuitos contra o fundador da Companhia. Por fiador da minha affirmação dar-lhe-hei Diderot, o colosso da *Encyclopedia* [1], — não desagrade a v. exc.ª a citação do impio...

Base moralissima da associação: os homens que compunham esta ultima eram obrigados por estatutos da Companhia a delatar os actos dos seus collegas: o systema da espionagem legalisada tem fóros religiosos, meu prelado. É ainda Diderot quem o affirma.

Attribue-se (attribue o escriptor francez, que refuto) á Universidade de Paris sentimentos de inveja rancorosa contra a Companhia de Jesus. As reclamações contínuas d'aquelle estabelecimento de ensino contra os espiões são apregoadas como resultado do ciume que aos homens da Universidade inspiravam os homens da Companhia.

Os queixosos appellam para as decisões do Parlamento; eu, rev.mo prelado, appello simplesmente para a sentença do Parlamento de Paris (6 de agosto de

---

[1] *Hist. abrégée des Jésuites.*

1762) que supprimiu a Ordem dos jesuitas como sendo «uma seita de fanaticos, impios, corruptores e regicidas»; é esta a letra da sentença.

Permitta-me v. exc.ª rev.ma que eu illustre as paginas da minha epistola com a descripção dos seguintes factos, especie de illustrações applicaveis a qualquer *Historia Imparcial* dos filhos de Santo Ignacio.

Em 1581 os jesuitas Campian, Skerwin e Briant são condemnados á morte por haverem attentado contra os dias da rainha Izabel d'Inglaterra.

Nota o illustre Diderot, no qual vou, por emquanto, apoiando as minhas affirmações, que durante a vida de Izabel foram descobertas cinco conspirações de jesuitas contra a vida da rainha. Assim foi.

Em 1588 fomentam a conspiração da liga contra Henrique III. Tranquillise-se v. exc.ª rev.ma: não lhes attribuo o assassinato do ultimo Valois. Os dominicanos cortaram o passo aos seus rivaes no assassinato e bem mereceram do *Senhor*...

Deixo de parte as divagações de Molina, perigosas, mas ineptas, sobre a concordia da graça e do livre arbitrio.

Em 1593 o jesuita Varadé incita Barrière ao assassinato de Henrique IV.

Em 1595 são apprehendidos ao jesuita Guignard varios escriptos apologeticos do regicidio: o apologista é conduzido á praça da Grève, a fim de receber os laureis devidos ao seu acto meritorio.

Em 1597 o papa Clemente VIII fulmina-os nas seguintes palavras: «Sois vós, intrigantes, que lançaes a perturbação em toda a Egreja!»

V. exc.ª não recusará, creio, o parecer do seu pontifice.

Em 1598 armam contra o illustre Mauricio de Nassau o braço d'um assassino, promettendo-lhe em troca do assassinato a eterna bemaventurança. A Hollanda expulsa os miseraveis.

Em 1604 são expulsos do Collegio de Breda, mercê da sua immoralidade, pelo cardeal Frederico Borromeu.

Em 1610 Ravaillac assassina Henrique IV. Perdoem-me os manes de Balzac e a piedosa ira de v. exc.ª rev.ma: como houvesse duvidas sobre a intervenção dos jesuitas no regicidio, Mariana publíca no mesmo anno a apologia do assassinato dos reis [1].

Em 1619 são expulsos da Bohemia como perturbadores da ordem e da moral publica.

Em 1619 são, por egual, banidos da Moravia, ainda como perturbadores.

Em 1613 estabelecem no Japão a discordia, e fomentam a mais sanguinolenta peleja entre os christãos e os idolatras, d'aquelle imperio.

Em 1723 o czar Pedro o Grande expulsa-os, como intrigantes, dos seus dominios.

A minha *libertinagem* de liberal e livre-pensador não ousa recommendar ao prelado Americo a leitura do trabalho obsceno do jesuita Berruyer sobre os patriarchas hebreus, nem as façanhas da torpissima seita de devassos, creada por Benzi em plena Italia, no

[1] Vide *Institution du prince.*

anno de 1743; ha coisas perante as quaes só deixa de córar um miseravel escudado pelo grande nome de Jesus...

Deixo em paz o regicida Damiens, educado pelos jesuitas, e o famoso Malagrida, que a ferrea mão de Sebastião de Carvalho despenhou no duplo abysmo da infamia e do tumulo.

Passamos ás doutrinas subversivas prégadas ou inventadas pelos jesuitas? quer v. exc.ª a impostura imbecil? — no *Elucidarium,* de Posa, lê-se que a Virgem Maria concorreu *como homem e mulher* (?!!!) para a producção do corpo de Jesus, *secundum generalem naturæ tenorem ex parte maris et ex parte feminæ!*

É dos jesuitas, rev.mo prelado, a doutrina do *probabilismo.*

É dos jesuitas a doutrina do *peccado philosophico.*

As condemnações fulminadas contra elles por todos os tribunaes do mundo christão (vide a sentença do Parlamento de Paris, de 6 d'agosto de 1792) não ousaria lêl-as sem horror o mais sceptico dos impios; por ventura as lería com a placidez dos acerrimos defensores da *fé* o prelado a quem me dirijo...

Os papas Clemente VII, IX, X, XI e XII, Paulo V, Gregorio XIV, Urbano VIII, Innocencio X, XI, XII e XIII, Alexandre VII e VIII (o VI, scelerado que pôz nos altares de Roma a imagem da prostituta Vanozza, não conspurcou a lista) esses pontifices, chefes espirituaes da Egreja que conta o prelado Americo em o numero dos seus campeões, foram em vida torturados, mercê das revoltas, das perturbações e dos es-

candalos da Companhia de Jesus [1]: se á historia é licito transpor, sem perigo para a sua alvura immaculada, os humbraes do paço episcopal, leia-a v. exc.ª, edifique a sua alma na contemplação dos horrores, e imponha silencio aos homens que tentam avocar do tremedal pretendidas glorias, que a consciencia humana calcou de vez sob o cothurno poderoso e formidavel!

Excellentissimo prelado (perdôe-me v. rev.ma as frequentes faltas de *reverencia*), o auctor da *Historia Imparcial dos Jesuitas*, patrocinada por v. exc.ª, desentranhou-se em esclarecimentos sobre a organisação interna da Companhia de Jesus.

Não sei a quem aproveitará tal conjuncto de banalidades firmadas por um nome illustre.

Citei ha pouco o eminente Procurador geral no Parlamento da Bretanha, Luiz de La Chalotais: para a historia da Companhia não acceito mais digno relator do que o illustre martyr dos scelerados a quem desmascarou com mão robusta: fructo de intelligente e aturada investigação, o seu trabalho constitue um extracto de apontamentos da Ordem, submettidos a uma critica de singular lucidez dotada. Não sei até onde é licito chegar a ignorancia d'um bispo, mas folgarei em destruil-a — se existe.

O trabalho primitivo, impresso na cidade de Praga, em 1757, tem por titulo: *Institutum societatis*

---

[1] *Résumé des constitutions des Jésuites:* por La Chalotais, 1762.

Jesu, auctoritate congregationis generalis XVIII, *in meliorem — ordinem digestum, auctum,* etc. Em um livro notavel, recentemente publicado em França, é licito aos bispos e aos impios encontrar a exposição fidelissima da constituição da Ordem de Jesus, sobre os documentos indicados [1].

Estatue o regulamento da Ordem «obediencia ao papa e ao geral» (cap. I); da desobediencia fulminada pelos pontifices que ha pouco citei a v. exc.ª absolve-os o cap. IV do regulamento, nos seguintes termos:

«O voto de obediencia ao papa só diz respeito ás missões: é assim que cumpre interpretar a lettra das cartas apostolicas quando alludem ao voto. O geral da Ordem póde além d'isso retirar das missões não só os seus enviados, mas tambem os membros da Companhia enviados pelo papa».

Aqui a perfidia e o intuito de rebeldia manifesta; agora o orgulho desmedido a invadir os dominios do grutesco:

Ainda cap. IV: «Fica estabelecido que nenhum rei, principe ou duque soberano poderá arrogar-se o atrevido direito de lançar qualquer collecta sobre os nossos bens e pessoas, *sob pena de excommunhão e de maldição eterna...*»

O atilado juizo de v. exc.ª apreciará a *humildade,* a *pobreza* e o *amor do proximo,* revelados na

---

[1] Vid. *Dossier des Jésuites et des libertés de l'église gallicane,* 1877.

transcripção e apregoados em tom diverso pelo catholico romancista de Tours...

Em França a influencia dos jesuitas nas altas espheras do poder tem sua origem no supplicio de Guignard, membro da Companhia, condemnado á forca por haver escripto a apologia do assassinato de Henrique IV. Expulsos então do reino, os jesuitas só foram readmittidos sob a condição de ficar um dos membros da Ordem, como refens, junto a Henrique de Bourbon.

Até ámanhã.

Sou de v. exc.ª rev.ma
attento venerador

Porto, abril 2, 1877.

Silva Pinto.

Segunda carta

Excellentissimo e reverendissimo senhor. — O astuto Bearnez, desejando apagar no espirito do papa a impressão do supplicio de Guignard, arvorou o rev.^{do} Cotton, jesuita refens, em seu confessor. O exemplo do primeiro rei da dynastia bourbonica foi seguido por Luiz XIII e por Luiz XIV. Voltaire, cuja auctoridade v. exc.^{a} recusará talvez, em homenagem á coherencia, não contesta a existencia de homens notaveis no seio da Companhia: esses, porém, sobredourava-lhes o espirito potente a modestia, que é apanagio, quando sincera, dos elevados e nobres talentos.

Do fel dos impostores que compunham a maioria da Ordem vai ligeiro specimen nas seguintes linhas por elles formuladas contra o illustre e venerando Pasquier.

Fallam os jesuitas, escudados pelo nome do Christo:

«Pasquier é um mariola, um vadio de Paris, um trapaceiro, um garoto, archi-mestre em toleima; um asno de dupla força, um traficante, etc. [1]».

Quando, ha pouco, um escriptor moço fustigava, entre nós, em estylo jovial e fluente, as demasias dos campeões da fé [2], ergueu-se um brado geral nas fileiras d'estes ultimos, contra a audacia satyrica do escriptor: censuraram-lhe o *jacobinismo* da critica e a liberdade da palavra. Os berradores, exc.mo prelado, rastejam na sombra do redactor do *Universo,* Luiz Veuillot, o mais illustre dos modernos insultadores da liberdade. O criticismo moderno, que elles invocam, traduzem-no em injuria soez; e o pão que a liberdade lhes concede, exc.mo prelado, não os estrangula na hora do insulto. Christo prohibiu-lhes a represalia: elles vivem na provocação!

Em Roma tombou no olvido a recordação das torpezas da Ordem. Operou-se a reconciliação, e o espirito jesuita paira sobre a Egreja: «Somos todos jesuitas», affirmava ha pouco um prelado [3]. A intriga e o espirito da discordia ameaçam ainda hoje, á hora em que escrevo, a generosa França: cria e sustenta o *terror negro.* A carta de 1830 contivera os impetos dos scelerados. Em 1843 os athletas da escóla liberal, Quinet e Michelet, sustentam algumas polemi-

---

[1] Vide *Dictionnaire Philosophique,* de Voltaire.

[2] Luiz d'Andrade, *Caricaturas em prosa.*

[3] Vide Michelet: *Du Prêtre,* etc.

cas ardentes, mas o elevado talento de Montalembert não vinga restituir aos jesuitas a influencia e o credito perdidos [1].

Trabalham com ardor na eleição presidencial de Bonaparte e recebem a recompensa do miseravel na expedição de 1849 contra a republica romana e na lei Falloux sobre o ensino, em 1850. Em dezembro de 1851 abençoam o golpe de estado e os seus horrores [2], e o arcebispo Sibour, o prelado de Paris, canta um *Te Deum* sobre as desgraças da patria, prelado portuense! sobre o triumpho dos bandidos!

A deploravel expedição do Mexico, a degradação do imperio e as miserias da França na sua desastrosa campanha de 1870 não saciam a perversidade dos jesuitas: são elles que combatem Thiers e criam laços entre o partido legitimista e os sectarios de Bonaparte e de Orleans. As penas do inferno cahiram de ha muito no tremedal do ridiculo: substituiram-n'as aos olhos das classes abastadas pelo phantasma do *terror vermelho,* fomentando por tal modo o odio eterno das classes. Perante as camadas populares, singelas e incultas, redobra a appellação para os *milagres:* ha as santas paralyticas, as aguas milagrosas, as indulgencias e as bullas. Pelas ruas d'esta cidade, reverendissimo prelado, circula, á hora em que a v. exc.ª me dirijo, o programma d'um jornal infame que promette arrancar do purgatorio as al-

---

[1] *Dossier des Jésuites,* 1877.

[2] Vide *Dossier des Jésuites,* intr. de J. Lemer.

mas que alli soffrem, mediante as assignaturas dos fieis: v. exc.ª rev.ma, snr. D. Americo, não protestou, não interpoz a sua dignidade de prelado em favor da Egreja que se afunda coberta de escarneo e de maldições; e os fieis assignam o papel: triplice documento de impiedade, de embuste e de espoliação!

Prelado do Porto! no seculo XVII, um bispo de elevado talento, gigante que os arraiaes contrarios contemplam com respeito, o illustre e já citado BOSSUET, dedica ao Delfim de França o seu monumento litterario — *ad usum Delfini*. No seculo XIX os prelados catholicos reconhecem a existencia d'um Delfim novo, o potentado de ámanhã: é para esse que escrevem, conspiram, intrigam: chama-se Povo o adolescente soberano; mas se aos principes roubou a adulação a eterna verdade, importa prevenir contra os mentirosos d'hoje o ignorante a quem adulam. A tarefa é simples, padre! os olhos da Consciencia não perdem de vista os arraiaes de v. exc.ª e dos seus: *a verdade está do lado opposto!*

Chego ao receptaculo das infamias desmascaradas, que importa tornar patentes aos olhos do povo credulo: alludo ás instrucções secretas da Companhia de Jesus (*Monita secreta*): nada mais completo para uso dos exploradores e usurpadores de toda a casta! O admiravel livro de Machiavel (*O Principe*) não logrou guindar-se a similhante extremo.

O documento singular foi encontrado, não o ignora de certo v. exc.ª, em um collegio de jesuitas de Praga, ou de Paderbonn. Para edificação *dos fieis*, abro pelo cap. VI as transcripções:

— Cap. VI: das Instrucções secretas da Companhia de Jesus (*Monita secreta*): «Do modo de attrahir as viuvas ricas» — Art. 1.º — «Para tal fim devem ser escolhidos religiosos de edade avançada, dotados de vivacidade e possuindo o dom da conversação agradavel; importa que elles visitem as viuvas nas circumstancias indicadas (de bens de fortuna), offerecendo-lhes os bons serviços da sociedade, caso encontrem n'ellas alguma affeição pelos jesuitas; se as alludidas mulheres acceitarem a offerta e começarem por frequentar as nossas egrejas, cumpre confial-as aos cuidados d'um confessor que mantenha no animo das penitentes o proposito de não mudarem de estado, exaltando-lhes as vantagens e a suprema ventura da viuvez e garantindo-lhes que por tal modo evitarão as penas do Purgatorio». — Art. 4.º (vão os mais eloquentes) — «Convém principalmente afastar os familiares (creados, etc.) de casa da penitente, quando taes individuos não sejam affeiçoados á Sociedade de Jesus, isto gradualmente, e substituil-os por outros que dependam ou busquem... depender dos nossos: por este modo estaremos ao facto de quanto se passa no interior da familia». — Art. 5.º — «Que o confessor não leve em vista senão um fim: tornar a viuva dependente do seu conselho; que não busque outro alvo, e só assim achará uma base para o seu futuro adiantamento espiritual».

(Comprehende-se, exc.mo prelado: imaginemos, se a candura de v. exc.a rev.ma póde descer a tal abysmo, que o bom padre confessor cuidava dos proprios interesses, tomando *por alvo* os dinheiros da penitente... Horrivel!)

Art. 7.º — «É conveniente a repetição de confissão geral, afim de termos pleno conhecimento de todas as inclinações da penitente».

Art. 9.º — «Importa, de quando em quando, propôr-lhe para marido individuos por quem ella sinta repugnancia, e desacreditar no seu espirito o homem que porventura lhe agrade: isto afim de inspirar-lhe repulsão pela ideia de segundas nupcias». — Art. 11.º — «Quando houvermos conseguido isolar a mulher, separando-a das relações da familia e dos seus amigos, iremos dispondo a penitente á pratica das boas obras — especialmente esmolas — sempre debaixo da direcção do seu confessor... (exc.mo prelado, a conclusão d'este ponto do regulamento entra no 7.º cap. das *Monita secreta*. Passemos a elle).

— Cap. VII: das Instrucções secretas dos jesuitas: «Do modo de dispôr dos bens das viuvas, provendo á sua existencia». — Art. 3.º — «Convém que a penitente renove duas vezes por anno o seu voto de castidade. N'esses dias ser-lhe-ha facultado um *passatempo honesto* com um dos membros da nossa Companhia.

(Exc.mo prelado, assevera a v. exc.ª a libertinagem do impio que a minha penna vai espirrando por vezes no papel, alludindo aos *honestos passatempos* da Companhia de Jesus. Que não dirá a candura de v. exc.ª, meu digno prelado reverendissimo?...).

Art. 4.º — «É preciso visital-as amiudadas vezes e distrahil-as agradavelmente por meio de contos espirituosos e gracejos (cá espirrou a penna...) em harmonia com a indole e a inclinação da mulher».

(Que as leitoras provaveis d'estas paginas me

perdoem a fidelidade da transcripção: não me dirijo a donzellas castas, mas sim ao prelado Americo).

Art. 6.° — «Importa que a viuva não visite outras egrejas afóra as da nossa Ordem; cumpre persuadil-as de que a Companhia de Jesus resume todas as indulgencias concedidas ás outras Ordens religiosas».

(Então, reverendissimo prelado Americo, a Companhia de Jesus affirmava aberta e impudentemente a sua supremacia; hoje, purificada nos soffrimentos, a perversidade astuta dos jesuitas como que se espiritualisou, inoculou-se na Egreja romana, paira sobre ella, inspira-lhe os dictames, vigia-lhe o proceder. Chegamos, porém á rapinagem franca, excellentissimo senhor...).

Art. 14.° — «Os confessores tratarão de convencer a mulher da necessidade de pagar annualmente determinadas pensões para a sustentação dos collegios e das casas professas, não esquecendo os ornamentos dos templos, a cêra (parece epigramma!) e o vinho (tambem parece epigramma!) necessarios para a celebração da missa.

Art. 15.° — «Se, durante a vida, a penitente não houver disposto da totalidade dos seus bens em favor da Companhia de Jesus, terá o cuidado, o confessor, de por meios suaves, ou pela força, obrigal-a a acudir ás despezas dos collegios pobres da Companhia (embora não fundados), isto quando a viuva se ache enferma — promettendo-lhe, em troca das doações, a gloria eterna.

Art. 17.° — «Importa convencer as mulheres ricas de que a soberana perfeição consiste em que,

despojando-se das cousas terrestres, fazem doação d'ellas a Jesus Christo.

Art. 18.º — «Mas, como ha, de ordinario, menos a esperar das viuvas que tem filhos, é mister remediar essa falta como se vê do seguinte capitulo:

— Cap. VIII: Do caminho a seguir para arrastar á vida religiosa, ou de devoção, os filhos das viuvas: Art. 1.º — «Para tal fim, as mães usarão da violencia e nós da doçura: incitaremos a mãe á oppressão dos filhos de ambos os sexos... de modo a desgostal-os do lar e da sociedade, principalmente as filhas, e a buscarem refugio nos estabelecimentos religiosos, — cujas seducções vão descriptas em artigo separado»...

Excellentissimo senhor! *Ab uno disce omnes:* o veio uberrimo das *Monita secreta* dar-me-hia para largas considerações, mas os documentos de accusação surgem em torno de mim, sollicitando um olhar, uma palavra que os denuncie. Urge attender a tantos que este pobre povo fanatico desconhece na sua cegueira. «Ideia de especulação» não é argumento que os jesuitas de hoje possam arremessar-me com justiça: v. exc.ª rev.ma bem sabe que o *genero* explorado no campo da publicidade, com lucros para o industrial, consiste nas chalaças, em prosa e verso, atiradas pela baixa relé da imprensa ao cadaver de qualquer infeliz demente, por ahi assassinado em qualquer viella do Porto [1]. Arrancar mascaras a tartufos,

[1] Allude-se a um facto recente, assás conhecido e explorado.

meu prelado, não é amor da industria, é *dever* de *consciencia*. V. exc.ª imaginará o quanto pesam na vida do homem as duas palavras que ahi deixo, quando traduzidas em ideias respeitaveis; luctas obscuras, rancores eternos, suppressão de trabalho, escarneo dos tratantes cortejados, desdem dos parasitas, insultos dos mercenarios da imprensa: isto na vida. Depois da morte: — o latim dos jesuitas e a commiseração dos patifes...

Creio que me afastei um tanto do livro que venho refutando: perdôe-me v. exc.ª as expansões do meu espirito.

Passemos ao Breve de Clemente XIV, que supprime a Companhia de Jesus. O defensor dos jesuitas, Honoré de Balzac, faz preceder a transcripção do Breve de algumas linhas consagradas ao pontifice: no dizer do romancista, o Breve de Clemente XIV tem o cunho de pezar, proprio d'um pae obrigado a castigar os seus filhos mais queridos e estimados.

Transcreve o romancista o Breve, e a transcripção corrige-lhe o primitivo parecer: o documento de pezar paterno transforma-se em attestado da instabilidade das coisas humanas; Clemente XIV deixou de ser o pae em frente dos amados filhos para tornar-se o verdugo dos bons padres, a quem severamente condemna sem ouvil-os — (de mais os ouvira!). O bom do romancista vae confessando, ao mesmo passo, que a Europa inteira reclama a condemnação dos jesuitas. Algumas paginas antes, attribuira a perseguição á inveja das Universidades. Pelos modos, o feio peccado generalisara-se: as Universidades, os Parlamentos, os principes reinantes, os prela-

dos (que adeante citaremos) trovejaram contra a Ordem: confessa-o o romancista, excellentissimo senhor! Inveja! calumnia, meu prelado!... Se eu me tornasse o echo do que por ahi dizem de certo bispo... mas, para impiedade basta, meu pastor!

Entretanto, pesem os ignorantes do caso os seguintes periodos de condemnação dos jesuitas, proferidos pelo pontifice romano. Queira ouvir com respeito, excellentissimo senhor, os seguintes excerptos do Breve do seu pontifice:

Até ámanhã.

Sou de v. exc.ª rev.ma

attento venerador

Porto, abril 3, 1877.

Silva Pinto.

Terceira carta

Excellentissimo e reverendissimo senhor. — Falla o pontifice romano:

« Muitas queixas reforçadas com o testemunho de alguns principes foram adduzidas contra a Companhia de Jesus, perante Paulo VI, Pio V e Sixto V.

« Do numero d'estes principes foi o rei catholico de Hespanha Filippe II, d'illustre memoria, quem apresentou a Sixto V as razões mais graves de queixa contra os jesuitas; as reclamações feitas pelos inquisidores de Hespanha contra os privilegios immoderados e fórma de regimen da Companhia; e os pontos principaes de contestação confirmados por muitos dos mais celebres membros d'ella; e quem por ultimo o levou a nomear uma commissão de inquerito

ou visita apostolica, cuja escolha recahiu n'um bispo de notoria prudencia, virtude e instrucção; e, além d'isso, estabelecia um congresso de cardeaes para se occupar do assumpto. Porém a morte prematura arrebatou do mundo este pontifice, e tal projecto ficou sem effeito.

« O papa Gregorio XIV, de saudosa memoria, approvou de novo em 28 de junho de 1591 o instituto da associação, confirmou todas as immunidades concedidas pelos seus antecessores, especialmente o privilegio, que tinha, de expulsar os seus membros, independentemente de formulas juridicas; isto é, sem prévia inquirição, elaboração de acta, intimação, dilação, ainda a essencial, mas tão sómente pela verdade do acto, e tendo apenas em vista a natureza do erro, a causa razoavel, a pessoa e outras circumstancias. N'este ponto ordenou o mais profundo silencio, prohibindo sob pena d'excommunhão maior o ataque directo ou indirecto ao instituto da Companhia de Jesus, suas constituições e decretos, no que não era licito mudar ou alterar qualquer ponto. Deixou o direito salvo para representarem sobre o addicionamento ou alteração que julgassem dever propôr-lhe, mas o poder de estatuir reservou-o exclusivamente para si e para os pontifices romanos seus successores, quer por modo directo, quer por meio de legados, ou nuncios apostolicos.

« Tudo isto, porém, longe de pacificar as queixas contra a Companhia, fez resurgir em todo o universo as mais desagradaveis polemicas sobre pontos doutrinarios que muitos denunciaram como oppostos á fé orthodoxa e aos bons costumes.

«As dissensões foram augmentando, e multiplicaram-se as accusações contra a Companhia de Jesus, a que especialmente se attribuia avidez pelos bens mundanos. D'aqui provieram as perturbações bem conhecidas que tanto maguaram a Santa Sé, e as indisposições de alguns monarchas contra a associação: e por isso ella, desejando obter do papa Paulo v, nosso predecessor, de feliz recordação, nova confirmação de seu instituto e immunidades, viu-se obrigada a pedir-lhe que houvesse por bem ratificar e confirmar com a sua auctoridade alguns decretos produzidos pela quinta assembléa geral, os quaes se acham escriptos nas lettras selladas a chumbo expedidas sobre o assumpto a 4 de setembro de 1706; onde se lê que não só as inimizades e discordias internas dos membros da Companhia, como tambem as queixas e as exigencias dos estranhos a ella, haviam levado a assembléa a formular o seguinte estatuto:

«Como a nossa associação, inspirada pelo Senhor para a propagação da fé e vantagem das almas, póde, sob o pendão da cruz, chegar felizmente ao fim a que se propõe, com vantagem da Egreja e edificação do proximo, empregando meios consoantes seu instituto, que são as armas espirituaes; e sendo certo que prejudicaria estes bons effeitos, e se exporia a grandes perigos, se se occupasse de assumptos seculares e dos que respeitam a politica e ao governo do Estado; foi sabiamente estatuido por nossos antepassados que, servindo nós na milicia do Senhor, não nos intrometteriamos em coisas que repugnassem á nossa profissão: e, como sobretudo n'estes perigosos tem-

pos, talvez por erro de alguns dos nossos, quer pela ambição, quer pelo indiscreto zelo, a nossa religião adquiriu mau nome em algumas partes e perante alguns principes para com os quaes o santo padre de Loyola, de respeitosa memoria, entendeu que em homenagem a Deus, nós deviamos conservar-nos dignos de amizade e benevolencia, não havendo bons fructos possiveis sem as boas graças de Jesus Christo: É a assembléa de parecer, que convirá afastar de nós toda a apparencia do mal, e obviar quanto possivel as queixas baseadas até em falsas suspeitas. Pelo que, ella pelo presente decreto prohibe severamente a todos os nossos a intervenção nos negocios publicos, sob qualquer pretexto, sendo-lhes defezo afastarem-se do seu instituto por quaesquer rogos ou inducções: e ella ha por muito recommendado aos padres definidores que determinem sollicitamente os mais efficazes remedios para curativo do mal, onde haja carencia d'elles.

«Temos porém observado e reconhecido, posto que com a maior magua, que esses remedios e outros posteriormente applicados, não tiveram a virtude nem o poder de desenraizar e dissipar taes males, accusações e queixas contra a Companhia referida; que foi em vão que nossos predecessores se esforçaram por restabelecer na Egreja a tranquillidade desejavel, publicando mui salutares constituições, assim em negocios seculares interdictos á Companhia de Jesus, ora em objecto de missões ora n'outro, como tambem a respeito das graves desintelligencias com os ordinarios das localidades, com as Ordens regulares, communidades e estabelecimentos pios da Euro-

pa, Asia e America; polemicas suscitadas em detrimento das almas, e com surpreza dos povos; e do mesmo modo no tocante á interpretação e pratica dos ritos pagãos, observados em algumas partes, com omissão dos que a Egreja universal devidamente approvou, e tambem no concernente á interpretação e exercicio dos sentimentos que a séde apostolica prescreveu por escandalosos, e nocivos á boa disciplina de costumes; e por ultimo na parte respectiva a outras materias egualmente de subida importancia, especialmente necessarias para conservar immaculada a pureza dos dogmas christãos; resultando da ineffi-cacia de taes esforços, agora e nos tempos passados, numerosos inconvenientes e prejuizos, taes como: tumultos nos paizes catholicos e perseguições contra a Egreja em algumas provincias da Asia e Europa.

« Emfim, os nossos predecessores hão soffrido grandes desgostos por causa d'esta Companhia; especialmente o papa Innocencio XI de piedosa memoria, que chegou ao extremo de prohibir-lhe a admissão de noviços e de tomarem habito: Innocencio XII que se viu forçado a ameaçal-a de egual rigor; e por ultimo Benedicto XIV, cuja memoria está bem recente, o qual mandou fazer visita a todos os collegios e casas ou Companhias, situadas nos dominios do nosso muito amado filho em Christo, o rei fidelissimo de Portugal e dos Algarves.

« Não resultou para a Santa Sé consolação, para a Companhia de Jesus auxilio, nem para a republica christã vantagem alguma das ultimas lettras apostolicas, nas quaes o instituto da associação referida é muito elogiado e approvado, porque ellas, para me

servir da phrase de Gregorio x no concilio ecumenico de Lyon, mais foram extorquidas do que obtidas do nosso immediato antecessor Clemente XIII, de saudosa recordação.

« Depois de tantas e tão duras tormentas toda a gente de bem esperava vêr raiar a aurora desejada, precursora da paz e tranquillidade completa: mas emquanto Clemente XI se sentou na cadeira de S. Pedro sobrevieram tempos mais agitados: os clamores e queixas contra a Companhia redobravam de força. Houve sitio onde rebentaram sedições, tumultos, e escandalos, relaxando e cortando as cadeias da caridade christã, inflammando entre os fieis a furia partidaria, os odios e as vinganças. Tão imminente pareceu o perigo, que aquelles mesmos de quem por toda a parte se proclamam como virtudes hereditarias a dedicação e liberalidade para com a Companhia de Jesus, e são os nossos queridos filhos em Christo, os reis de França, Hespanha, Portugal e Duas Sicilias, estes mesmos viram-se obrigados a despedir e expulsar de seus reinos os membros da Companhia: sendo opinião dos estados e provincias que este remedio extremo era absolutamente necessario afim de evitar que os povos christãos se provocassem, atacassem e dilacerassem no seio da Egreja nossa santa mãe. Mas aquelles nossos muito amados filhos em Christo, convencidos de que tal remedio não era duravel nem efficaz para a reconciliação de todo o universo christão, se a associação não fosse radicalmente extincta e supprimida, expuzeram ao dito papa Clemente XIII sua opinião e desejo; e interpondo na auctoridade rogos e supplicas, lhe requereram o emprego d'aquel-

le meio efficaz para socego inalteravel de seus subditos e bem da Egreja christã.

« Mas o fallecimento inesperado d'este pontifice obstou á consummação do negocio: e tendo-nos a Clemencia divina collocado na mesma cadeira de S. Pedro, eguaes votos, pedidos e rogos nos foram dirigidos: muitos bispos e outros personagens, consideraveis por sua posição, conhecimentos doutos e piedade, nos fizeram conhecer suas opiniões e vontade.

« Todavia, para adoptar o alvitre mais seguro, em assumpto de tanta magnitude, entendemos nós carecer de muito tempo, não sómente para procedermos ás rigorosas investigações, apreciando maduramente os factos, e deliberando com a maior prudencia, mas tambem para rogar a Deus, em continuas e sentidas preces, o auxilio de luz e particular inspiração que tambem sollicitamos por meio de orações e obras piedosas dos fieis, a quem nos soccorremos. Entre outras diligencias que fizemos, tractámos de examinar em que se baseava a opinião de muita gente, affirmando ter sido a Companhia de Jesus approvada e confirmada de um modo solemne no concilio de Trento: e viemos a conhecer que n'esse concilio apenas se tractou d'ella para a isentar do decreto geral que estatuira a respeito das outras Ordens regulares, que, completado o tempo do noviciado, os noviços julgados idoneos seriam admittidos á profissão, ou despedidos do mosteiro.

« Por essa occasião o santo concilio citado (sess. 25 e 26) declarou não querer fazer innovação nem prohibição alguma que impedisse a religião dos clerigos da Companhia de Jesus de ser util ao Se-

nhor e á Egreja segundo o seu piedoso instituto, approvado pela Santa Sé apostolica.

« Depois de empregados tão numerosos e necessarios esforços em que nos julgamos auxiliados e inspirados pelo Espirito Santo, levados ainda pelo dever do nosso cargo, que rigorosamente nos obriga a conciliar, manter e consolidar quanto possamos a tranquillidade da republica christã, e a desvial-a de tudo quanto possa prejudical-a; e vendo tambem que a dita Companhia de Jesus já não póde produzir os fructos abundantes e salutares, nem as grandes vantagens, sob cuja espectativa ella fôra approvada e galardoada com tantos privilegios; sendo de mais a mais certo que emquanto ella subsistir será extremamente difficil e talvez mesmo impossivel restituir á Egreja verdadeira e permanente paz, resolvido por estes poderosos motivos, forçado por outras razões que as leis da prudencia e o desejo de bem governar a Egreja nos aconselham, e cujo sigillo permanece no intimo de nosso coração; e seguindo as pisadas de nossos predecessores, particularmente as de Gregorio x no concilio geral de Lyon, visto como agora tambem se tracta d'uma associação que por seu instituto e regras pertence á Ordem dos mendicantes; tudo finalmente, maduramente considerado, de sciencia certa e pleno poder apostolico;

« Nós extinguimos e supprimimos a sobredita Companhia, revogamos-lhe e cessamos-lhe todos os seus ministerios, cargos e funcções, desapossando-a egualmente das casas, escólas, collegios, hospicios, fazendas e propriedades, que em qualquer reino ou provincia, e de qualquer modo, ella possua; derro-

gamos-lhe as ordenações, decretos, livros de praticas, constituições e regras, ainda as mais solemnemente confirmadas por juramentos, por approvação apostolica, ou por qualquer outro modo; e queremos que o theor de todas e de cada uma d'essas immunidades e concessões geraes seja considerado parte integrante d'este Breve, como se ellas aqui se achassem insertas palavra por palavra, não obstante o que possa haver de odioso em todos esses factos, decretos, formulas e mais termos...»

Fallou o pontifice.

Uma circumstancia digna de attenção (da attenção dos crentes) faz notar na sua Defeza o romancista Honoré de Balzac: o espaço consagrado no Breve á exposição das graças e dos beneficios concedidos pelos antecessores de Clemente XIV á Companhia de Jesus, é superior ao que occupa a descripção das queixas proferidas contra a Companhia. O caso, digno (já o confessei) da attenção dos crentes, é para os *impios,* meu digno prelado, d'uma puerilidade em extremo comica. Os escandalos e as torpezas, as espoliações, os assassinatos, as immoralidades da Companhia de Jesus, não ha Breve, por mais detido, capaz de comportal-os. «Affirmações banaes!» — dirá o meu candido prelado. — Não, excellentissimo senhor! factos, serenamente registrados, se não com frieza egual á que presidiu aos commettimentos.

Antevejo nas faces venerandas de v. exc.ª o rubor do pejo, ao citar-lhe como repositorio da moralidade dos jesuitas a notavel Compilação de Theolo-

gia moral, de vinte e quatro padres da Companhia, devida ao jesuita Escobar e revelada ao vulgo pelo illustre Pascal nas suas eternas *Provinciaes* (*cinq. lettre*): antevejo a commoção de v. exc.ª; mas importa arrostar com o sacrificio.

Até ámanhã.

Sou de v. exc.ª rev.ma
attento venerador

Porto, abril 4, 1877.

Silva Pinto.

Quarta carta

Excellentissimo e reverendissimo senhor. — Não ignora v. exc.ª que os pontifices romanos lançaram a excommunhão sobre os padres que se despojam das vestes ecclesiasticas (perdôem-me a citação os reverendos que por ahi correm as ruas da cidade, envoltos em trajes archi-profanos, de *casse-tête* em punho, modos facetos e olhar provocador; v. exc.ª não lançará o que vou dizer-lhe á conta de sentimentos piedosos revoltados; mas quando vejo sob o pallio um *sujeito* que, alguns minutos antes, passou á minha beira com gestos descompostos, appeteço a gloria do martyrio para o farçante que assim rebaixa e avilta a instituição a que pertence!).

Dizia eu, excellentissimo senhor, que os pontifices

romanos excommungaram os padres que se despojam das vestes ecclesiasticas. Não o ignoravam as *duas duzias* de jesuitas compilados por Escobar: veja-se a Compilação (tr. 6. ex. 7, n.º 103): — «*Em que occasião póde um religioso tirar as suas vestes, sem incorrer na excommunhão?*» — *Resposta* dos mesmos sabios: «*Quando, além d'outros motivos, se dirigir, incognito, aos lupanares: em tal caso deve logo em seguida, revestir-se da sotaina, que largou!*... [1]

Córou v. exc.ª? tambem eu, meu prelado, mas importa instruir este bom povo, que os traficantes industriaes dos *milagres* embrutecem com ardor. Trabalhemos pois.

Pascal, o gigante, cujos titulos de gloria, sabe-o talvez v. exc.ª, não se limitam ás eternas *Provinciaes,* não fez simplesmente, como o assevera o romancista Honoré de Balzac na sua Defeza, um trabalho eloquente, se a eloquencia exprime (como é licito vêl-o na intenção do romancista) a fluencia do trabalho.

Mais do que isso fez.

Firmou nos factos incontroversos cada um dos seus passos no caminho da demolição: teve a consciencia e a verdade em face do embuste, teve a serenidade dos grandes e nobres espiritos que combatem pela justiça. A sua obra ficou.

Quer v. exc.ª novas bases creadas pelo gigante para a singular revelação que despertou o rubor do pejo nas faces pallidas do meu prelado? Leia v. exc.ª

---

[1] Vide Escobar e Pascal, ob. cit.

ainda a Compilação de Escobar, capitulo intitulado *Praxis Societatis Jesu schola:* lá tem as palavras condemnatorias: *Si habitum dimittat ut furetur occulte vel fornicetur.* Como se não bastasse a auctoridade citada, escreveu Diana: *Ut est incognitus ad lupanar* [1]. Em moralidade basta!

Esforça-se o campeão dos jesuitas, que vou refutando, por demonstrar a innocencia dos seus bons padres em materia de *homicidio.* N'este ponto limitarei por agora a uma citação os argumentos que me acodem contra o romancista.

Gaspar Hurtado, um dos auctores compilados por Escobar, no seu trabalho *de Sub. pecc. diff. 9* (cit. por Diana, a pag. 5. tr. 14. r. 99) escreve: *É licito a um filho desejar a morte de seu pae, com a mira na herança e não pelo simples motivo de malquerença.*

Já v. exc.ª reverendissima deve ter observado que não invadi o terreno da Critica religiosa e só sim me propuz oppôr factos a declamações. O meu trabalho não é o de um critico: é o de um pamphletario. Que os ingenuos sujeitos, a quem a palavra *pamphleto* se afigura escandaloso synonymo, hajam por bem notar que estão no erro mais absurdo e desmascarado. Pamphletarios foram Ezechiel, S. Paulo, João de Pathmos, Isaias, Juvenal e, nos modernos tempos, Pascal, Paulo Luiz Courier e Karr. Entre nós o primeiro pamphletario de Portugal é um dos maiores espiritos da litteratura do seu paiz: poeta de primeira

[1] Vide ainda a Bulla de Pio v *Contra clericos,* etc.

plana e critico eminente: alludo ao snr. Anthero de Quental.

E, já que alludi ao grande espirito que entre nós explicou nos vastos dominios da Philosophia da Hisria as *Causas da decadencia da Peninsula hispanica nos ultimos tres seculos,* não deixarei de demonstrar com alguns periodos do eminente escriptor peninsular as banalidades da Defeza do illustre romancista.

O celebre concilio de Trento, a espaços invocado pelo defensor dos jesuitas, apresenta já os largos traços da influencia da Companhia de Jesus, que mais tarde havia de affirmar-se sem uma sombra de protesto por parte dos prelados e da curia.

«Roma não queria cahir [1]. Por isso resistiu longo tempo, illudiu quanto pôde os votos das nações que reclamavam a convocação do concilio reformador. Não podendo resistir mais tempo, cede por fim. Mas como o fez? como cedeu Roma, dominada desde então pelos jesuitas? Estamos em Italia, no paiz de Machiavelo!... Eu não digo que Roma usasse deliberada e conscientemente d'uma politica machiavelica: não posso avaliar as intenções. Digo simplesmente que o parece; e que, perante a historia, a politica romana em toda esta questão do concilio de Trento apparece com um notavel caracter de habilidade e calculo... muito pouco evangelicos! Roma, não podendo resistir mais á idêa do concilio, explora essa idêa em proveito proprio. D'um instrumento de paz e progresso, faz uma arma de guerra e dominação;

---

[1] Ob. cit. de Anthero de Quental.

confisca o grande impulso reformador, e fal-o convergir em proveito do Ultramontanismo. Como? D'uma maneira simples: 1.°, dando só aos legados do papa o direito de propôr reformas; 2.°, substituindo, ao antigo modo de votar *por nações,* o voto *por cabeças,* que lhe dá com os seus cardeas e bispos italianos, creaturas suas, uma maioria compacta e resolvida sempre a esmagar, a *abafar* os votos das outras nações. Basta dizer que a França, a Hespanha, Portugal, e os Estados catholicos da Allemanha nunca tiveram, juntos, numero de votos superior a 60, em quanto os italianos contavam 180, e mais! N'estas condições, o concilio deixava de ser universal: era simplesmente italiano, romano apenas! Desde o primeiro dia se pôde vêr que a causa da reforma liberal estava perdida. Provocado para essa reforma, o concilio só serviu contra ella, para a sophismar e annullar!

Composta e armada assim a machina, vejamol-a trabalhar. Para sujeitar na terra o homem, era necessario fazel-o condemnar primeiro no ceu: por isso o concilio começa por estabelecer dogmaticamente, na sessão 5.ª, o *peccado original,* com todas as suas consequencias, a condemnação hereditaria da humanidade, e a incapacidade do homem se salvar por seus merecimentos, mas só por obra e graça de Jesus Christo. Muitos theologos e alguns poucos synodos particulares se haviam já occupado d'esta materia: nenhum concilio verdadeiramente liberal deixava essa questão na sombra, no indefinido, não prendia a liberdade e a dignidade humanas com essa algema: o concilio de Trento fez d'essa definição o prologo

dos seus trabalhos. Convinha-lhe, logo no começo, condemnar sem appellação a Razão humana, e dar essa base ao seu edificio. Assim o fez. D'então para cá, ficou dogmaticamente estabelecido no mundo catholico que o homem deve ser um corpo sem alma, que a vontade individual é uma suggestão diabolica, e que para nos dirigir basta o papa em Roma e o confessor á cabeceira. *Pedinde ao cadaver,* dizem os estatutos da Companhia de Jesus.

Na sessão 13.ª confirma-se e precisa-se o dogma da Eucharistia, já definido, ainda que vagamente, no 4.º concilio de Latrão, e vibra-se o anathema sobre quem não crêr na *presença real* de Christo, no pão e no vinho depois da consagração. É mais um passo (e este decisivo) para fazer entrar o christianismo no caminho da idolatria, para collocar o divino no absurdo. Poucos dogmas contribuiram tanto como este materialismo da *presença real* para embrutecer o novo povo, para fazer reviver n'elle os instinctos pagãos, para lhe sophismar a razão natural! Parece que era isto o que o concilio desejava!

Na sessão 14.ª tracta-se detidamente da Confissão. A confissão existia ha muito na Egreja, mas comparativamente livre e facultativa. No 4.º concilio de Latrão restringira-se já bastante essa liberdade. Na sessão 14.ª de Trento é a consciencia christã definitivamente encarcerada. Sem confissão não ha remissão de peccados! A alma é incapaz de communicar com Deus, senão por intermedio do padre! Estabelece-se a obrigação dos fieis se confessarem em epochas certas, e exhortam-se a que se confessem o mais que possam. Funda-se aqui o poder, tão temivel

quanto mysterioso, do confessionario. Apparece o typo singular: *director espiritual*. D'ahi por deante ha sempre na familia, immovel á cabeceira, invisivel mas sempre presente, um vulto negro que separa o marido da mulher, uma vontade occulta que governa a casa, um intruso que manda mais do que o dono. Quem ha ahi, hespanhol ou portuguez, que não conheça este estado deploravel da familia, com um chefe secreto, em regra, hostil ao chefe visivel? Quem não conhece as desordens, os escandalos, as miserias introduzidas no lar domestico pela porta do confessionario? O concilio não queria isto, decerto: mas fez tudo quanto era necessario para que isto acontecesse.

Na parte disciplinar e nas relações da Egreja com o Estado, predomina o mesmo espirito de absolutismo, de concentração, de invasão de todos os direitos. Na sessão 5.ª, tornam-se as Ordens regulares independentes dos bispos, e quasi exclusivamente dependentes de Roma. Que arma esta na mão do papado, que já de si não era mais do que uma arma na mão do jesuitismo! Na sessão 13.ª só o papa, pelos seus commissarios, póde julgar os bispos e os padres. É a impunidade para o clero! Na sessão 4.ª põem-se restricções á leitura da Biblia pelos seculares, restricções taes que equivalem a uma verdadeira prohibição. Ora, o que é isto senão a suspensão da Razão humana, condemnada a pensar e a ler pelo pensamento e pelos olhos de meia duzia de eleitos! Nas sessões 7.ª, 9.ª, 18.ª e 24.ª, estabelecem-se egualmente disposições, tendentes todas a sujeitar os governos, a impôr aos povos a policia romana, apagando impla-

cavelmente por toda a parte os ultimos vestigios das Egrejas nacionaes. Finalmente, a superioridade do papa sobre os concilios triumpha nas sessões 23.ª e 24.ª, pela bocca do jesuita Lainez, inspirador e alma do concilio... se é permittido, ainda metaphoricamente, fallando d'um jesuita, empregar a palavra alma... A redacção d'um Catecismo vem coroar esta obra de alta politica. Com esse Catecismo, imposto por toda a parte e por todos os modos aos espiritos moços e simples, tractou-se de matar a liberdade no seu germen, de absorver as gerações nascentes, de as deformar e torturar, comprimindo-as nos moldes estreitos d'uma doutrina secca, formal, escholastica e subtilmente inintelligivel. Se se conseguiu ou não esse resultado funesto, respondam umas poucas de nações moribundas, enfermas da peior das enfermidades, a atrophia moral.

Essa machina temerosa de compressão, que foi o catholicismo depois do concilio de Trento, que podia ella offerecer aos povos? A intolerancia, o embrutecimento, e depois a morte! Tomo tres exemplos. Seja o primeiro a Guerra dos Trinta annos, a mais cruel, mais friamente encarniçada, mais systematicamente destruidora de quantas tem visto os tempos modernos, e que por pouco não aniquila a Allemanha. Essa guerra, provocada pelo partido catholico, e por elle dirigida com uma perseverança infernal, mostrou bem ao mundo que abysmos de odio podem occultar palavras de paz e religião. O padre não dirigiu sómente, assistiu á execução. Cada general trazia sempre comsigo um *director* jesuita: e esses generaes chamavam-se Tilly, Picolomini, os mais endure-

cidos dos verdugos! Salvou então a Allemanha e a Europa a firmeza indomavel d'um coração tão grande quanto puro, sereno em face d'essas hordas fanaticas. O verdadeiro heroe (e unico tambem) d'essa guerra maldita, o verdadeiro santo d'esse periodo tenebroso, é um protestante, Gustavo Adolpho. Em quanto ao papa, esse applaudia a matança! O segundo exemplo é a Italia. O terror que inspirava ao papado a creação na Italia d'um Estado forte, que lhe puzesse uma barreira á ambição crescente de dia para dia, tornou-o o maior inimigo da unidade italiana. É o papado quem semeia a discordia entre as cidades e os principes italianos, sempre que tentam ligar-se. É o papado quem convida os estrangeiros a descerem os Alpes, na cruzada contra as forças nacionaes, cada vez que parecem querer organisar-se. «O papado, diz Edgard Quinet, tem sido um ferro sagrado na ferida da Italia, que a não deixa sarar». Hoje mesmo, se essa suspirada unidade se consummou, não foi no meio das maldições e coleras do clero e de Roma? O unico pensamento, que hoje absorve o papado, é desmanchar aquella obra nacional, chamar sobre ella os odios do mundo, o ferro estrangeiro, podendo ser; e assassinar a Italia resuscitada! Estes factos são por todos sabidos. O que talvez nem todos saibam é o papel que o catholicismo representou no assassinio da Polonia. «A intolerancia dos jesuitas e ultramontanos, diz Emilio de Lavelaye, foi a causa primaria do desmembramento e queda da Polonia». Esta nação heroica, mas pouco organisada, ou antes, pouco unificada, era uma especie de federação de pequenas nacionalidades, com costumes e religiões dif-

ferentes. Encravada entre monarchias poderosas e ambiciosas, como a Austria, a Russia e a Turquia d'então, a Polonia só podia viver pela tolerancia religiosa, que conservasse amigos e unidos contra o inimigo commum os grupos autonomicos de que se compunha.

Até ámanhã.

Sou de v. exc.ª rev.ma
attento venerador

Porto, abril 5, 1877.

Silva Pinto.

Quinta carta

Excellentissimo e reverendissimo senhor. — «A essa tolerancia deveu ella, com effeito, a força e importancia que teve na historia da Europa até ao seculo XVII: catholicos, gregos schismaticos, protestantes, socinianos viveram muito tempo como irmãos, n'uma sociedade verdadeiramente christã, porque era verdadeiramente tolerante. Um dia, porém, os jesuitas, lá do centro de Roma, olharam para a Polonia como para uma boa preza. Aquella nação era effectivamente um escandalo para os bons padres. Tanto intrigaram, que em 1570 tinham já logrado introduzir-se na Polonia: o rei Estevão Bathory concede-

lhes, com uma culpavel imprudencia, a Universidade de Wilna. Senhores do ensino, e em breve das consciencias da nobreza catholica, os jesuitas são um poder: começam as perseguições religiosas. Em 1648, João Casimiro, que antes de ser rei fôra cardeal e jesuita, quer obrigar os camponezes ruthenios, sectarios do schisma grego, a converterem-se ao catholicismo, e começa uma guerra formidavel, cujo resultado foi separarem-se cossacos e ruthenios da federação polaca, dando-se á Russia, em cujas mãos se tornaram uma arma terrivel sempre apontada ao coração da Polonia. Nunca esta nação teve inimigos tão encarniçados como os cossacos! Sem elles a Polonia enfraquecida entre visinhos formidaveis, devia cahir, e cahiu effectivamente. A partilha espoliadora de 1772 não fez mais do que confirmar um facto já antigo, a nullidade da nação polaca.

Assim, pois, o catholicismo dos ultimos tres seculos, pelo seu principio, pela sua disciplina, pela sua politica, tem sido no mundo o maior inimigo das nações, e verdadeiramente o tumulo das nacionalidades. «O antro da Esphinge, disse d'elle um poeta philosopho, reconhece-se logo á entrada pelos ossos dos povos devorados».

E a nós, hespanhoes e portuguezes, como foi que o catholicismo nos annullou? O catholicismo pesou sobre nós por todos os lados, com todo o seu peso. Com a Inquisição, um terror invisivel paira sobre a sociedade: a hypocrisia torna-se um vicio nacional e necessario; a delação é uma virtude religiosa: a expulsão dos judeus e mouros empobrece as duas nações, paralysa o commercio e a industria, e dá um

golpe mortal na agricultura em todo o sul da Hespanha: a perseguição dos *christãos novos* faz desapparecer os capitaes: a Inquisição passa os mares, tornando-nos hostís aos indios, impedindo a fusão dos conquistadores e dos conquistados, torna impossivel o estabelecimento d'uma colonisação solida e duradoura: na America despovôa as Antilhas, apavora as populações indigenas, e faz do nome de christão um symbolo de morte: o terror religioso, finalmente, corrompe o caracter nacional, e faz, de duas nações generosas, hordas de fanaticos endurecidos, o horror da civilisação. Com o jesuitismo desapparece o sentimento christão, para dar logar aos sophismas mais deploraveis a que jámais desceu a consciencia religiosa: methodos de ensino, ao mesmo tempo brutaes e requintados, esterilisam as intelligencias, dirigindo-se á memoria, com o fim de matarem o pensamento inventivo, e alcançam alhear o espirito peninsular do grande movimento da sciencia moderna, essencialmente livre e creadora: a educação jesuitica faz das classes elevadas — machinas inintelligentes e passivas; do povo — fanaticos corruptos e crueis: a funesta moral jesuitica, explicada (e praticada) pelos seus *casuistas* com as suas restricções mentaes, as suas subtilezas, os seus equivocos, as suas condescendencias, infiltra-se por toda a parte, como um veneno lento, desorganisa moralmente a sociedade, desfaz o espirito da familia, corrompe as consciencias com a oscillação contínua da noção do dever, e aniquila os caracteres, sophismando-os, amollecendo-os: o ideal da educação jesuitica é um povo de creanças mudas, obedientes e imbecis; realisou-o nas famosas Mis-

sões do Paraguay [1]; o Paraguay foi o *reino dos ceus* da Companhia de Jesus: perfeita ordem, perfeita devoção; uma coisa só faltava, a alma: isto é, a dignidade e a vontade, o que distingue o homem da animalidade! Eram estes os beneficios que levavamos ás raças selvagens da America, pelas mãos civilisadoras dos padres da Companhia! Por isso o genio livre popular decahiu, adormeceu por toda a parte; na arte, na litteratura, na religião. Os santos da epocha já não teem aquelle caracter simples, ingenuo, dos verdadeiros santos populares: são frades beatos, são jesuitas habeis. Os sermonarios e mais livros de devoção, não sei por que lado sejam mais vergonhosos; se pela nullidade das idêas, pela baixeza do sentimento, ou pela puerilidade ridicula do estylo. Em quanto á arte e litteratura, mostrava-se bem clara a decadencia n'aquellas massas estupidas de pedra, da architectura jesuitica, e na poesia convencional das academias, ou nas odes ao divino e jaculatorias fradescas [2]».

Excellentissimo senhor, ha na defeza intentada pelo escriptor francez, a quem refuto, circumscrevendo-nos aos jesuitas de *hontem,* inepcias de tal quilate, que só póde explical-as o fanatismo d'um systema quando as subscreve vulto de primeira plana: fi-

---

[1] Citadas como titulo de gloria para os jesuitas, pelo defensor da Companhia.

[2] Anthero de Quental; ob. cit.

guram entre ellas as seguintes: a glorificação da Ordem dos jesuitas, productora (?) d'um sem numero de homens eminentes nas lettras do seu paiz, e a definição do procedimento de Pombal para com a Companhia de Jesus. Adoptando o ponto de vista de Balzac para a primeira affirmação, ser-nos-hia mister considerar como fructos da Universidade de Coimbra os homens notaveis que o acaso ali despenhou durante a juventude: exemplificando: crê v. exc.ª que as sebentas d'aquelle estabelecimento influiram na *creação* de Anthero, de João de Deus, de Eça de Queiroz (para só alludirmos aos modernos) e de tantos outros? Que fructos de benção não eram esses, meu prelado, que resistiram ás emanações d'aquelle lago de Asphaltite!...

O caso de Pombal é por igual curioso: segundo o romancista francez, o procedimento de Sebastião de Carvalho para com a Ordem é simplesmente um fructo de rancor. A tentativa de regicidio é um *pretexto* do ministro. Admiravel ponto de partida: um scelerado assassina seu pae; é preso, julgado e condemnado: chama-se a isto justiça? não, senhores: é o rancor do juiz; o parricidio é um *pretexto* para a condemnação! Deixemos isso...

Ha perto de tres annos, meu reverendo prelado, que uma affirmação insensata da *Palavra* (folha religiosa do Porto) me impoz o dever de elaborar nas columnas do *Diario da Tarde* alguns artigos de refutação: tratava-se, n'esses artigos, de expôr aos leitores da folha liberal as reclamações, os queixumes e as sentenças condemnatorias formuladas pelas Universidades, os Parlamentos e grande numero de pre-

lados, contra a Companhia de Jesus. Affirmei, sem réplica. Os artigos offereciam, segundo creio, á maioria algumas novidades. Importa reconstruil-os — e completal-os.

Digne-se v. exc.ª rev.ma lêr commigo os documentos do processo [1]. De passagem farei observar que os alludidos documentos abrangem simplesmente um periodo de pouco mais d'um seculo (1540 a 1650): os escandalos posteriores, — controversia dos Jansenistas e de Port-Royal, etc., não collaboram na obra de revelações.

Citarei primeiramente os prelados:

Em 1545 Melchior Cano, bispo das Canarias e um dos mais illustres theologos do seculo XVI, assevera no seu juizo sobre os jesuitas [2] «que esta Companhia causará á Egreja males sem conto: é d'elles (acrescenta o prelado) que fallou, adivinhando-os, S. Paulo na 2.ª carta a Timotheo: «Mas sabei que nos ultimos tempos se verão homens amantes de si mesmos, avarentos, gloriosos, soberbos, maleficos, desobedientes a seus paes e mães, ingratos, calumniadores, traidores, insolentes, mais amantes do appetite que de Deus, trazendo apparencia de piedade, mas na verdade arruinarão o espirito e a virtude... introduzindo-se nas casas e levando atraz de si, como

---

[1] Vide *Retrato dos Jesuitas*, approvado em 1761 por Fr. Francisco de S. Caetano e Fr. Francisco de S. Bento; qualificadores do Santo Officio.

[2] Vide *Historia da Companhia de Jesus*, pelo jesuita Orlandino.

captivas, mulheres carregadas de peccados e possuidas de diversas paixões... Assim como Janés e Mambré resistiram a Moisés, da mesma sorte resistirão estes á verdade. São homens perversos no espirito e corruptos na fé. Mas os progressos que elles fizerem terão seus limites, porque, emfim, será conhecida de todo o mundo a sua loucura...»

Meu bom prelado, basta de panegyrico por parte d'aquelle sabio collega de v. exc.ª Outros esperam a sua vez.

O arcebispo de Toledo, D. João Martins Silicio, prohibe, em 1552, aos jesuitas — que profanem os confessionarios do arcebispado. Outrosim, ordena aos parochos e ás casas religiosas que não permittam aos jesuitas a celebração da missa, e interdiz o confessionario a todos os sacerdotes de Toledo que hajam feito com elles exercicios espirituaes.

Em 1554 o bispo de Paris, Eustachio de Bellai, formúla, por ordem do Parlamento, a sua censura sobre o Instituto e Bullas dos jesuitas. Ouçamos o prelado parisiense:

«As Bullas contém muitas cousas que não devem ser toleradas nem recebidas na religião christã, por estranhas e alheias da razão.

«É singular arrogancia a attribuição que a si, propria e exclusivamente, fazem do nome de Jesus, *quod Ecclesiæ Catholicæ et œcumenicæ competit.*

«Tendo embora feito voto de pobreza, entendem que podem ser providos nas dignidades ecclesiasticas e maiores... e tambem ter collação e beneficios.

(A respeito de desinteresse dos santos varões já nós conversamos detidamente, meu senhor...).

«Fazem violencia não sómente aos bispos, mas ao papa, arrogando-se o poder dispensar *super irregularitate*...

«Esta Companhia, que nasceu ha dois dias e que não veio senão para fazer novos dogmas da Fé e perturbar o descanço da Egreja, esforça-se por abolir inteiramente a jurisdicção episcopal (n'aquelle tempo não dissera ainda um bispo: Somos todos jesuitas)».

Este ultimo periodo faz parte da queixa do bispo de Paris, em 1563, contra um discurso do geral dos jesuitas, Laine, no concilio de Trento.

O arcebispo de Dublin, Jorge Bronswell, escreve, em 1558:

«Surgiu recentemente uma Companhia que se intitula *de Jesus,* composta de homens que vivem, a maior parte, como os escribas e phariseus. Tratam de abolir a verdade e tomam, para os seus fins, diversas fórmas. Introduzem-se no vosso intimo, afim de conhecerem as vossas intenções e inclinações. Serão admittidos aos conselhos dos principes, os quaes não ficarão mais sabios, antes serão ludibriados pela astucia d'esses homens, peiores do que os judeus...»

N'este ponto, exc.^{mo} prelado, cumpre-me, em homenagem ao bom senso, reclamar pelos filhos de Israel: estabelecel-os em ponto de confrontação afigura-se-me altamente injusto para aquella raça laboriosa, intelligente e soffredora. Ainda bem que os prelados de hoje não desdenhariam a amisade de Rotschild...

Mas, tem a palavra outro prelado:

O bispo de Bazaz, Mr. de Pontac, escreve, em

1569, a M. Lange, conselheiro no Parlamento de Bordeus:

«Aquelles que, por indiscreto zêlo, receberam entre si os jesuitas não tardaram em arrepender-se: testemunhas — grande numero de cidades da Italia, que todos os dias formulam amargas queixas, e os habitantes de Avinhão, que, pouco depois de haverem solicitado a presença dos jesuitas, pediam a Sua Santidade que os afastasse do centro da população.

«Não é menos censuravel a avareza d'esses homens: asseveram que o seu intuito consiste em prodigalisar o ensino, sem remuneração mundana, mas os unicos collegios que se lhes afiguram acceitaveis são os que auferem rendas de grande vulto...»

Entre nós, exc.mo prelado: a modestia dos *jesuitas de hoje,* o seu desprezo pelas coisas da terra, a sua humildade christã, as suas tendencias para os rigores do ascetismo não se distanceiam (Deus me castigue, se érro!) d'aquella tendencia dos bons padres do seculo XVI para fruir as *rendas de grande vulto:* o paço episcopal, onde v. exc.a vae macerando as carnes por um modo que os ascetas desconheceram, — pobres ignorantes do sacrificio, — o paço episcopal, digo, não se me afigura perfeita reproducção do curral onde viu a luz o Redemptor: os lacaios e os aulicos de v. exc.a não me dão amostra fiel da suave candura dos pastores; e se eu dissesse a v. exc.a que portas hei visto, alta noite, abrirem-se aos apostolos... Parodia triste, excellentissimo senhor! *As portas do inferno não prevaleceram* quando a saciedade da luxuria as impelliu...

Que a bondade do meu pastor espiritual tolere a narração d'uma historia profana, muito para confusão de theologos:

Até ámanhã.

Sou de v. exc.ª rev.ma

attento venerador

Porto, abril 6, 1877.

Silva Pinto.

Sexta carta

Excellentissimo e reverendissimo senhor. — Béranger, Chateaubriand e o prelado de Paris jantaram, um dia, em casa d'este ultimo; é inutil descrever o *menu:* v. exc.ª conceberá decerto o que não ousa affirmar-lhe o meu respeito religioso por aquelle principe da Egreja: o prelado de Paris não offerecera talvez aos seus convivas os pobres legumes que constituiam de ordinario a refeição do Mestre e da Virgem. Como quer que fosse, reinava santa alegria á mesa do prelado: Béranger recitava canções, o arcebispo Quélen applaudia, e o auctor do *Genio do Christianismo* desfranzia o carregado aspeito.

A' beira dos tres, uma espirituosa fidalga de Pa-

ris, conviva do prelado (sem epigramma!) suavisava, mercê de sua presença, as escabrosidades dos versos libertinos. Subito, a amenidade do *cavaco,* toldada por um paradoxo feminino, descamba na discussão do inferno: quero dizer — da condemnação eterna. Assoma o rubor da colera prelaticia ao rosto do arcebispo; Chateaubriand franze o sobrolho olympico. Béranger ri occultamente. A dama interpella valentemente o irritado principe da Egreja.

— Posso asseverar-lhe que não ha inferno, *monsenhor!*

— Asseverar! oh senhora condessa!

— Asseverar, sim, *monsenhor,* se o meu prelado quizer ser sincero...

— Então?...

— Dirá que está d'accordo.

Imagine-se v. exc.ª na posição do prelado de Paris, se é licito imaginar-se o bispo Americo de parceria com Chateaubriand e Béranger: o arcebispo jurou, barafustou, praguejou (Deus lhe perdôe, meu prelado!) e por fim:

— Ha inferno, com um milhão de diabos, minha senhora!

— E eu digo-lhe que nem ha inferno, nem sombra, sequer, de um diabo, replicou a dama. Senão digne-se, *monsenhor,* seguir o meu raciocinio. Poder-se-hia crêr que o meu prelado saboreasse com delicias esta magnifica perdiz, tendo o seu espirito assaltado pela suspeita de que algum dos seus parentes, seu pae, por exemplo, padecia no inferno a eternidade dos tormentos? Oh *monsenhor!* deixe-me ter em mais subida conta a benignidade do seu coração!...

Que podia responder o arcebispo? O que v. exc.ª responderia; o que eu proprio responderia, meu prelado, se a má estrella da Egreja me houvesse feito arcebispo: amuou por honra dos principios e mudou de assumpto.

Mudemos tambem de assumpto.

Em 1614 o veneravel bispo de Albarazem, Jeronymo Baptista de Lanuza, mais tarde bispo de Balbastro, escreve, no commentario sobre a prophecia de Santa Hildegardes; Theat. Jesuit., part. II, pag. 183. Mor. prat.:

«Todo o mundo sabe que os jesuitas procedem sem honra nem vergonha em todos os actos da sua vida. Nada lhes serve de obstaculo para a realisação dos seus intentos.

«Foram elles quem inventou e applicou o processo da confissão por cartas, impondo aos penitentes a revelação dos nomes de seus cumplices.

«Não vemos (continúa o prelado) a quem applicar com mais acerto, do que aos jesuitas, as seguintes palavras da prophecia:

«Apparecerão uns homens que viverão dos peccados do povo; estabelecerão relações com as mulheres, ensinando-as a illudir seus maridos e a cercearem-lhes os bens, em favor d'elles jesuitas. Receberão subsidio e bens das mãos dos devassos, dos adulteros, dos apostatas, das mulheres publicas, dos juizes injustos e dos principes que vivem contrà a lei de Deus.

«Com que ar de suavidade (prosegue o bispo de Lanuza) não dizem elles dos outros todo o mal que se lhes afigura util a seus designios! Com o pretexto

de um acto de superior caridade lançam o descredito sobre as suas victimas: não ha pretexto com que não mascarem a sua malignidade».

Ponho termo ás citações de Jeronymo de Lanuza, excellentissimo prelado. Seja-me licito indicar, de passagem, os factos que darão auctoridade á *prophetiza* Hildegardes e ao seu commentador aos olhos de v. exc.ª As revelações da veneravel irmã da Ordem de Cistér foram defendidas por S. Bernardo e sanccionadas pelo pontifice Eugenio III no concilio de Reims (1148). Da austeridade e virtudes do bispo de Lanuza testemunham as actas do capitulo geral da Ordem de S. Domingos, celebrado em Roma em 1629. Os estados do Aragão sollicitaram de Roma a canonização d'aquelle homem illustre e venerando; entre nós, meu prelado, não creio que a v. exc.ª reservem os portuenses do seculo XIX um destino similhante.

Deveria eu, excellentissimo pastor, levar a fadiga ao espirito dos leitores indiscretos das minhas epistolas, transcrevendo centenares de anathemas arremessados sobre aquella horda de miseraveis (alludo aos jesuitas) hoje escudados com a protecção de Roma e inspirando os dictames da Curia? Citarei La Rochefoucauld, bispo de Angoulême; Smith, bispo de Caledonia; Le Prêtre, bispo de Quimper; Guerreiro, arcebispo de Manilha e tantos varões que combateram por sua hombridade e saber o descredito crescente da Egreja?

Prelado do Porto, á minha sinceridade apraz fazer justiça inteira á lucidez de v. exc.ª reverendissima: creio que o pastor espiritual dos portuenses não esperou que eu terminasse no campo da simples re-

futação de Balzac as minhas epistolas serenas. Mais perto venho. Abeiro-me dos *jesuitas de hoje:* dos intrigantes de taverna, dos despotas de seminario, dos conspiradores que minam surda e incessantemente o edificio liberal, que se escoram e apoiam na protecção politica, no fanatismo popular das aldeias do paiz e na indifferença desdenhosa dos liberaes cultos. Venho á beira de v. exc.ª e dos seus, sem declamações, sem phrases de effeito, sem rancores pessoaes contra uma classe ou contra um individuo, cheio de serenidade e conduzido por uma verdade evidente: o escarneo e a zombaria dos liberaes resvalam sobre as faces dos *jesuitas de hoje:* o vestigio do nosso escarneo desapparece, mas a peçonha d'*elles* inocula-se.

Ha no meio liberal de hoje, entre nós, elementos de gangrena profunda, que disputam fóros aos *jesuitas* na obra da destruição. Afóra protestos isolados, vemos o afastamento desdenhoso dos maiores espiritos e dos maiores caracteres [1]; vemos no jornalismo *sério* a venalidade e a ignorancia, em politica as deserções de cada hora e o rebaixamento mais sordidamente descarado das consciencias: por toda a parte a Intriga organisando as egrejinhas das facções, o favoritismo e o compadrío seguidos pelo descredito profundo: descredito da Imprensa, das Academias scientificas, das instituições politicas, e um riso bestial em torno da dissolução: riso nos cafés, no parlamento, nas praças publicas, e um desdem cheio de

[1] Citemos dois: A. Herculano e Anthero de Quental.

lastima para os homens que olham com tristeza, não os miseraveis que se afundam, mas o edificio que vae com elles...

Isto vejo e confesso, excellentissimo!

É pois licito a v. exc.ª reconhecer no auctor d'estas epistolas a serenidade que repelle e exclue a condemnação *à outrance* dos individuos em homenagem cega aos principios. Distingo, meu prelado: as vestes prelaticias podem revestir, porventura revestem, uma entidade dupla — o *bispo,* reaccionario chafurdando na politica militante, reclamando o espancamento dos liberaes, perseguindo os sacerdotes que não abafaram na sotaina a consciencia, conspirando nas trevas contra a liberdade, fomentando odios, insultos e calumnias, — e o *homem,* mellifluo, refalsado, especie de inquisidor moderno, dois terços de Vitellio e um de Judas.

Isto existe, padre, mas distingo: o *bispo* tem a minha indignação e o *homem* o meu despreso...

Abeiro-me dos *jesuitas de hoje:* isto disse, excellentissimo prelado. Porventura me afastara eu d'elles na intenção e na palavra? Os factos de hontem não terão acaso entre nós reproducção diaria, com o acrecimo aggravante da covardia? Hesito em descrevel-os perante as accusações de «rancores pessoaes» e de «amor do escandalo». Volvo os olhos, de novo, ao passado, cobrando alento para o *final* do meu trabalho.

Siga-me v. exc.ª

Em 1649 o veneravel bispo da Povoa dos Anjos (America Hespanhola) escreve ao papa Innocencio v a seguinte narrativa, que deixa na sombra o que de

mais torpe e vergonhoso hei relatado em materia de altos feitos jesuiticos:

«Os ecclesiasticos que tinha mandado a Roma á presença de vossa santidade disseram, santissimo padre, que os juizes conservadores, que os jesuitas... tomaram para si... me tinham excommungado, me tinham feito innumeraveis affrontas, e tinham passado a outros escandalos... Mas depois da sua partida, excitaram os jesuitas ainda maiores perturbações contra a minha pessoa e contra a minha dignidade. Moveram as mais violentas sedições, despedaçaram-me com injurias as mais atrozes; e perseguindo cruelmente tanto o meu clero, como o meu povo... reduziram o meu bispado a um estado ainda mais violento e mais miseravel do que d'antes...

«Vendo que o meu povo se não movia com as excommunhões nullas, que punham os juizes, conservadores dos seus privilegios; e que, pelo contrario, estava inviolavelmente unido commigo, se arrebataram de um furor tão cego e violento, porque entendiam que os despresava a elles, que entraram no projecto de me prender, a mim, que sou o seu bispo, se não consentisse em sujeitar a auctoridade do meu logar e a dignidade do meu ministerio á sua desmarcada ambição... compraram por uma grande somma de dinheiro o favor do conde de Salvaterra, nosso vicerei, que ainda fóra d'isto me tinha um odio mortal... Por meio d'elle usaram contra nós das armas, e da violencia. Arrastaram á cadeia ecclesiasticos e seculares; e nos obrigaram a supportar mil injurias, mil indignidades... Ajuntaram uma companhia de homens armados, composta das pessoas mais perdi-

das e mais depravadas que puderam achar, para se servirem d'ellas para me prender, para me despojar da minha dignidade e dissipar o meu rebanho. Para isto escolheram o dia da festa do Santissimo Sacramento. Sem respeito ás censuras ecclesiasticas, que eu tinha publicado contra elles, e com as quaes estavam ligados, suspensos, e irregulares, não deixavam de celebrar missa publicamente, administrar os sacramentos, confessar os seculares, e até prégar nas outras egrejas fóra das suas... Levaram á cadeia com uma violencia sem igual, e á força secular, muitos ecclesiasticos; entre os principaes d'estes foi o meu vigario geral, bispo eleito de Honduras, homem de grandissima doutrina e eminente virtude. Perseguiram tambem o meu rebanho, de mil modos, com uma crueldade barbara; e não houve invenção, nem artificios, de que não usassem com uma paixão incrivel, para me metterem a mim em uma prisão, ou ao menos me desterrar para fóra da provincia... Eu resolvi-me a conservar a minha vida e a minha dignidade por meio de uma fuga (que não podia deixar de ser muito honrada, pois era tão conforme ás regras do Evangelho) antes, do que obrigar os meus filhos, uma parte dos quaes estava inteiramente resoluta a defender-me, a que tingissem cruelmente as mãos no sangue uns dos outros; porque eu tinha conhecido que o intento dos meus inimigos era, principalmente, ou prender-me, ou matar-me em algum motim, para que, tendo chegado a conseguir uma cousa, ou outra, pudessem triumphar da minha dignidade, do meu povo, e da justiça da minha causa...

«Fugi para as montanhas, e busquei na compa-

nhia dos escorpiões, das serpentes, e dos outros animaes venenosos, que são immensos n'estas terras, a paz, que não havia podido achar n'esta implacavel Companhia de religiosos. Depois de haver passado assim vinte dias, com grande perigo de vida, e em tal necessidade de sustento, que algumas vezes nos vimos reduzidos a não ter outro comer nem outro beber mais do que unicamente o pão da afflicção e a agua das lagrimas, achamos em fim uma pobre cabana, onde estive escondido perto de quatro mezes.

«Não se esqueciam entretanto os jesuitas de me buscar por toda a parte: e para isto dispenderam muito dinheiro, com a esperança de que, se me achassem, me constrangeriam a desamparar a minha dignidade ou perder a vida. Assim, com a extremidade a que fui reduzido, e com os perigos a que me expuz, foi o meu povo posto em salvo d'esta tempestade, e se restituiu a todo o reino a tranquillidade temporal; porque, pelo que pertence á espiritual, santissimo padre, emquanto temos os jesuitas por inimigos, só Jesus Christo, ou vossa santidade, como seu vigario, é quem póde restituil-a, ou restabelecel-a. Tão terrivel é hoje o seu poder na Egreja universal... são tão grandes as suas riquezas, é tão extraordinario o seu credito, e a sujeição que se lhe rende é tão absoluta, que elles se levantam acima de todas as Dignidades, de todos os Concilios e de todas as Constituições apostolicas; de sorte que os bispos (ao menos n'esta parte do mundo) são reduzidos ou a morrer, ou a fraquejar pelejando pela sua dignidade, ou a fazer covardemente tudo o que elles desejam, ou ao menos esperar o fim duvidoso de uma

causa justissima e santissima, expondo-se a innumeraveis perigos, incommodos e despezas, e ficando em um perpetuo risco de serem opprimidos com as suas falsas accusações».

Até ámanhã.

Sou de v. exc.ª rev.ma

attento venerador

Porto, abril 7, 1877.

Silva Pinto.

Setima carta

Excellentissimo e reverendissimo senhor. — Continúa o prelado:

« Vendo pois os jesuitas que em vão me buscavam para me metter na prisão, resolveram perseguir, affligir e atormentar cruelmente o meu rebanho; e eis aqui de que sorte o executaram com grandissimo escandalo de todo o povo: Primeiramente mandaram vir da cidade do Mexico os seus pretendidos juizes conservadores, que são dous dominicanos, a quem eu pouco antes tinha excommungado: e tendo junto grande numero de carruagens para os ir esperar ao caminho, os trouxeram com uma pompa incrivel para a cidade da Povoa dos Anjos... Iam entretanto os jesuitas a cavallo pelas ruas e praças publicas bradando em voz alta ao povo... *que se pozessem de*

joelhos a estes dous juizes conservadores, porque eram papas e summos pontifices... Depois, havendo-lhes posto na cabeça uns chapéos de tafetá rôxo, os levaram com grande magnificencia por todas as praças publicas. Mandaram-lhes levantar com grande apparato um tribunal, fizeram dar trato de muitos modos a todos os ecclesiasticos e pobres seculares, excommungando uns, confiscando outros e servindo-se do soccorro do braço secular para desterrar, encarcerar, injuriar e perseguir, por toda a sorte de modos e artificios, aquelles que não eram da sua facção (*aqui vão os nomes de todos os conegos e outros ecclesiasticos que foram presos, desterrados, ou fugiram*). Serviram-se de toda a sorte de ameaças e crueldades para obrigar o povo a submetter-se ás suas censuras e determinações, ainda que fossem absolutamente nullas... Depois passaram a cousas ainda mais enormes; porque obrigaram á força de promessas e artificios os conegos que restavam a declarar por vaga a cadeira episcopal.

« Tendo chegado assim os jesuitas ao fim do seu intento, para cuja execução tinham feito jogar tantas machinas, usurparam altamente a jurisdicção ecclesiastica. Commetteram um adulterio espiritual: levantaram um altar sacrilego contra um altar legitimo: estabeleceram outros officiaes, outro provisor, e vigario geral, e tambem um vigario para as religiosas, e lançaram fóra os que eu tinha nomeado...

« Tomando os jesuitas mesmos o governo do falso cabido, lhe fizeram revogar todas as determinações, que eu tinha feito em ordem aos bons costumes e reforma tanto dos ecclesiasticos, como dos secula-

res. Tinha eu prohibido o comer e beber profanamente nas egrejas: permittiram que se renovasse este abuso, e profanaram as mesmas egrejas. Approvaram os clerigos seculares e regulares que eu tinha prohibido ouvirem de confissão aos seculares... Contra as minhas ordens permittiram ás religiosas o tornarem a ter communicações suspeitosas com seculares e ecclesiasticos; e (o que é mais culpavel do que se poderia dizer) elles mesmos as exhortaram a isso publicamente. Deram um grande numero de licenças a religiosos moços para ouvirem de confissão as mulheres... Não cabendo em si de furor e raiva, de vêr que todos os esforços que faziam para desapegar os povos do amor que tinham ao seu pastor, não serviam de mais que de os azedar e animar contra elles, com grandissimas sommas de dinheiro ganharam alguns juizes seculares, e os obrigaram a fazer-me um processo crime. Constrangeram uns com as maiores violencias a ser testemunhas contra mim; venceram outros por dinheiro; persuadiram alguns com artificios; attrahiram outros com lisonjas e promessas, para que fossem depôr com juramento *que eu tinha attentado contra o Estado*... Mas, em um processo tão violento e tão cheio de nullidade, não lhes foi possivel convencer-me de ter feito cousa que fosse indigna do meu caracter. Assim, tendo-se desfeito em fumo este processo crime, que tão indignamente tinham forjado, passando os jesuitas além de todos os limites do pejo religioso e da moderação christã, trabalharam por um modo ainda mais atroz do que antes em despedaçar a minha reputação, a minha pessoa e a minha dignidade.

« Com o pretexto de solemnisar a festa de Santo Ignacio, seu fundador, ajuntaram os seus estudantes e lhes mandaram fazer danças vis e torpes, a que os hespanhoes chamam *mascaradas,* nas quaes, com representações horriveis e posturas abominaveis, mofaram publicamente do bispo, dos sacerdotes, das religiosas e até da religião catholica... Estando assim mascarados estes estudantes, sahindo do collegio dos jesuitas, correram no meio do dia por toda a cidade, representando estas sagradas pessoas com estatuas vestidas por um modo vergonhoso e indigno; e com um sacrilegio inaudito, misturando palavras profanas com a oração santissima do Senhor e a saudação angelica, cantavam insolentemente, não temendo o seu desafôro commetter contra a Egreja de Deus, contra os bispos e sacerdotes, em um paiz christão e catholico, chocarrices ridiculas de theatro, sómente dignas de gentios ou de herejes. Alguns d'elles, misturando estas infames cantigas com a oração dominical, em vez de a acabar dizendo: *E livrai-nos do mal,* diziam: *E livrai-nos do Palafox...*

« Outros, passando ainda mais adeante do que o fizeram nunca os gentios contra os christãos, faziam sobre si, á vista de todo o povo, com pontas de boi, signaes da cruz e clamavam em voz alta: *Eis-aqui as armas de um verdadeiro e perfeito christão.* Outro, levando em uma mão a imagem do menino Jesus, tinha na outra o que não é licito nomear (*Impudicissimum instrumentum...*). Outro levava atado á cauda do cavallo o annel episcopal e nos estribos a imagem de uma mitra, para mostrar que a pizavam com os pés... »

Para citações basta, excellentissimo.

Eu não quero firmar o meu desamor pela exploração em factos mais positivos do que a minha quasi completa abstenção no terreno das personalidades. O interesse para as maiorias, em protestos d'esta ordem, consiste na revelação, ou antes na publicação de factos contemporaneos, discutidos ou commentados no theatro, nos cafés e nas praças publicas. A consciencia dirá, por mim, ao bispo do Porto se me seria facil colher na sua biographia de prelado documentos de perseguição odiosa e de vingança miseravel contra homens distinctos na Egreja portugueza por sua hombridade e por sua illustração.

A' hora em que a v. exc.ª me dirijo, seria licito commentar o ridiculo e odioso processo, menos odioso do que ridiculo, *perpetrado* contra o rev.^do^ abbade de S. Christovão de Mafamude pelas camarilhas de sotaina: os depoimentos burlescos e as tristes accusações, tão covardes e mesquinhas, que o sacerdote perseguido póde, de antemão, contemplar o seu pedestal nos cadaveres dos estrangulados perseguidores.

Excellentissimo prelado, ha dezenove seculos que o maior espirito da antiga Roma e um dos mais illustres da humanidade lavrava, como que de olhos fitos nos impostores de hoje, definição que estes ultimos reclamam: *Apud alios loqui didicerunt, non ipsi secum* [1]. V. exc.ª rev.^ma^ não se me afigura bem um

[1] Cicero; tusc. quæst. l. 5, c. 36.

d'aquelles entes privilegiados a quem alludiu Juvenal:

> ..... Queis arte benigna
> Et meliore luto finxit præcordia Titan... [1]

Eu não reclamo dos prelados de hoje abnegação e dotes correlativos a requererem a adoração dos fieis. Não desconheço que a intriga, a perturbação e o embuste, como *armas,* a hypocrisia e a immoralidade, como *dotes,* constituiram até hoje patrimonio de bispos, brahmanes, muphtis, magos, faquirs e outros monopolistas do ceu, não peze a honrados bispos, cujo testemunho invoquei contra a Companhia de Jesus. O meu protesto levantou-se simplesmente contra as saudações *ás vossas virtudes,* contra a apologia de vossos feitos, contra o fanatismo estupido, que vos serve e reverenceia, que hoje, como hontem, se chama devoção, caminho do *beaterio;* beaterio, caminho da *prostituição;* que hoje, como hontem, se traduz em vergonha do lar, em lucto e em miseria: eu, que a v. exc.ª me dirijo, prelado do Porto! fui discipulo dos *jesuitas,* e juro, pela Liberdade, que todos os meus condiscipulos que não reagiram contra a empeçonhada educação, a um tempo mystica e devota e hypocrita, delatora e traiçoeira, d'aquelles miseraveis, são hoje ainda, ao cabo de dezoito annos, dissimulados, covardes e alheios a todos os brios e a todos os deveres do homem e do cidadão!

---

[1] Sat. 14, v. 34 e 35.

Padre! a accusação de calumnia pronunciaram-n'a já contra mim os calumniadores de officio, os mercenarios de sotaina; juro a v. exc.ª que não descerei ao tremedal, a erguer o que *elles* reputam aggravos; não responderei sequer ás injurias do padre Moura, mais douto em assumptos de taverna do que em materia de criticismo religioso; afastar-me d'essa gente não é covardia, bem sabem *elles* que ninguem póde temel-os e que *eu* nunca os temi: é, porém, licito passar de largo quando um grupo de dementes saltita no enxurro: passei de largo e venho dizer a v. exc.ª as ultimas palavras, que serão para muitos esclarecimento e para o meu ataque (?) justificação.

Em 1545 e em 1562 o concilio de Trento prohibe aos bispos que tenham amantes nas residencias episcopaes,—signal manifesto de que as tinham, diria o popular Wenceslau.

O mesmo concilio prohibe aos *clerigos* que conservem em seu poder os *filhos que hajam tido de suas amantes*.

Concilio de Montpellier (1215):

Prohibição aos bispos de lançarem (*como o teem feito*) o interdicto sobre as egrejas, com o fim de obterem dinheiro dos respectivos curas...

Copia textual do processo verbal do concilio de Sens (1460):

«Os padres trajam immodestamente, frequentam as tavernas (sem epigramma ao padre Moura) e as casas de jogo, estabelecem peditorio, sem auctorisação, desviando o seu producto...»

Até agora os concilios severos. Importa desfranzir o sobrolho.

Concilio de Worms (868):

«Se um bispo fôr accusado de alguns crimes resgatal-os-ha dizendo tantas missas quantos forem os crimes imputados».

Basta de nojo!

Meu reverendissimo prelado, é tempo de concluir: sinto-me fatigado pela attitude reverente que me impõem os meus sentimentos pela Egreja e o especial conceito que v. exc.ª soube de ha muito merecer-me. Diz-me a consciencia, esta cousa sagrada, mais luminosa, quando viva, do que o espirito dos concilios, que é mister honroso corrigir inepcias, prevenir incautos e desmascarar tartufos: n'este empenho vou lidando em paz com a consciencia, se em guerra com os homens e desviando-me do bem estar corporal, em harmonia com os dictames do seu Christo, meu prelado, e com os meus... Se v. exc.ª rev.ma, no recinto do seu paço, cortejado pelos seus famulos, alguns dos quaes exultam com as minhas epistolas, sentir despertar o desejo de conhecer-me, dir-lhe-hei que na carreira ecclesiastica eu nunca desceria a *bispo,* como na vida jornalistica não descerei a *academico:* os diplomas que me recommendam junto de v. exc.ª, póde resumil-os o seguinte, elaborado por *um bispo de outra diocese,* gigante que eu contemplo com os olhos d'alma e perante cujo nome v. exc.ª baixará os seus.

Ahi fica, padre, o documento:

«Silva Pinto.

«Li, profundamente commovido, as palavras que «soube conquistar á sua nobre e severa independen- «cia o meu singelo trabalho (*O Bispo*).

«No silencio que recebe de ordinario os meus li- «vros, estimo ouvir, de quando em quando, uma voz «amiga, que me envia uma saudação fraternal. Tra- «balho porque creio, e, para robustecer a crença que «me incita, essa voz é para mim um echo da justiça «futura, a que ha de dar-me tambem o meu quinhão «de luz na aurora que se levantará então sobre as «campas razas de todos nós».

«Abraça-o o seu amigo muito reconhecido

«*Guilherme Braga*».

Por mim, sou e serei de v. exc.ª rev.ma, snr. D. Americo dos Santos Silva,—o que a sua consciencia de prelado lhe disser que sou.

Porto, abril 8, de 1877.

Silva Pinto.

NOTA

Um facto recente, o suicidio do abbade Tavares (vide a imprensa do Porto, agosto e setembro do corrente anno), veio pôr em relevo a situação do baixo clero não contaminado pelo espirito do Jesuitismo. O abbade Tavares exercera, como sacerdote illustrado e digno, durante trinta annos aproximadamente, a sua missão de paz e caridade. Ao cabo d'este periodo, é a sua competencia submettida a um exame synodal. O padre não era um *Barroso,* entidade symbolica, nem uma d'essas abjecções que por ahi vivem na espionagem do paço episcopal, depois de haverem manchado o Seminario com as suas proezas de Ganymedes sórdidissimos: — o Porto sabe. O resultado do exame foi, *pois,* desfavoravel ao venerando sacerdote, e, collocado este em face do terrivel dilemma — a carreira manchada pelo desamor do prelado, ou o abandono d'essa carreira, — evitou o dilemma, suicidando-se.

Havia dez annos que outro padre illustrado e honestissimo — João Bonança — evitara o exame *e as suas consequen-*

cias, cortando violentamente a sua carreira immaculada. D'essa vez, como no caso do abbade Tavares, era ainda *Americo Ferreira dos Santos Silva* o perseguidor.

O exame synodal é a gargalheira que prende o sacerdote austero, e alheio ás intrigas de cima, ao bel-prazer tyrannico do prelado faccioso e vingativo. Já não atiça o lume das fogueiras — a excellencia reverendissima. Mas hoje, como hontem, a purpura sagrada retinge-se no sangue dos rebeldes. Que monta, porém, a torpeza sanguinaria á consciencia dos prelados? A Egreja tudo absolve e purifica; ata e desata, e no ceu destroem-se ou apertam-se, por egual, os laços que ella deu ou destruiu.

O baixo clero, sob o jugo de ferro que lhe esmaga as aspirações honradas, não tem recursos de defeza; tem-n'os de contemporisação.

O exemplo está aberto na impunidade que os *escandalosos* encontram de par com a protecção. A porta está aberta. Que os *Barrosos* timoratos cobrem animo...

O Porto tem sido nos ultimos tempos, sob a direcção espiritual de Americo Ferreira dos Santos Silva, o valhacouto dos mais negros conspiradores contra a Liberdade. Ao virtuoso Americo devemos essa irrisão. Ha ahi uma Associação Liberal, composta de honrados cidadãos, de boas intenções dotados: mas não seria tempo de traduzir em factos as intenções? E o que se entende por factos? — Promover o ensino liberal contra o ensino jesuita; estabelecer a propaganda liberal contra a propaganda jesuita; vigiar as machinações da *Catholica* e do *Paço Episcopal* e denuncial-as aos governantes; no caso de indifferença nas espheras governativas, appellar para as reuniões publicas, para o espirito liberal do povo portuense e compellir os governos ao cumprimento do dever: o Porto tem força para tanto.

A' cruzada — se é tempo ainda!

1880.

«OS HOMENS DE ROMA»

E A CRITICA

« OS HOMENS DE ROMA »

E A CRITICA [1]

(Cartas ao redactor da «Liberdade»)

I

EXCELLENTISSIMO senhor. — As folhas jornalisticas d'essa cidade (Vizeu) apreciando n'estes ultimos dias o drama *Os Homens de Roma,* applaudido pelo publico da mesma terra, discordaram completamente do alludido publico no terreno das opiniões formuladas. Nobilissima independencia a dos orgãos da imprensa jor-

[1] Aquelle drama obteve, de consideravel numero de folhas jornalisticas, juizos benevolos, discussão e contestações ruidosas. Separo das controversias para a reproducção n'este livro as cartas que, por intermedio do jornal *O Porto,* dirigi ao redactor da *Liberdade* — esclarecida folha de Vizeu.

nalistica, quando estes affrontam, em homenagem á Verdade e escudados pela Consciencia e pelo Estudo, a affirmação da crença publica!

Ora, no caso sujeito, pareceu-me descobrir, a par da independencia que realmente se affirmou, um não sei que vago nas accusações, contrastando singularmente com o peremptorio das sentenças, o dogmatico das opiniões emittidas e — porque não dizel-o? — com a petulancia das condemnações...

Pareceu-me que o publico de Vizeu, applaudindo a producção condemnada pelos independentes orgãos da imprensa, incorrera, com o auctor, na condemnação formulada pelos alludidos orgãos; e, que em vista da situação em que *eu e o publico* infelizmente nos achavamos, cumpria a um dos *condemnados* averiguar da competencia dos seus *juizes*.

Antes, porém, de estudarmos, eu e o publico, as bases do processo que tão cruamente nos foi instaurado pelos criticos de Vizeu, permitta-me v. exc.ª que eu exponha em breves palavras os factos que o precederam.

A producção dramatica, por v. exc.ª condemnada e applaudida pelo publico, recebera das plateias do Porto e da maioria da imprensa d'esta cidade um acolhimento que, do mesmo passo que satisfazia a minha modestissima ambição de dramaturgo nascente, me dava jus a dispensar o juizo da critica de Vizeu — e o da Lourinhã inda por cima...

Representou-se o drama. Por um numero da folha de v. exc.ª soube das boas disposições que animavam em favor da peça os meus collegas da *Liberdade*.

Na secção a meu cargo no *Porto,* agradeci a benevolencia, como homem que não pediu á *Atalaya* lições de delicadeza.

Dias depois, começaram de surgir, de envolta com uma rude apreciação na sua folha, os doestos do padre Moura e os do *Jornal de Vizeu* (o qual falla por informação..), os *coices* da *Atalaya* e as banalidades do *Viriato*. Urge responder, não porque o meu amor-proprio de auctor se julgue offendido com o que d'elle podem pensar e dizer os criticos de certa parte — a mais numerosa, por vergonha nossa! — da imprensa jornalistica d'este paiz, mas porque é mister tornar bem saliente aos olhos do publico a ignorancia petulante de quem lhe condemnou o proceder; porque é preciso desmascarar charlatães, não purificados nas aguas da instrucção primaria, que nas tolerantes columnas de qualquer folha estabelecem cathedra para a declamação alvar, engastada na mais soez injuria!

Não, excellentissimo collega, á raza das banalidades e das insinuações não descerei eu — que não é de polemica de soalheiro o assumpto que levo em vista discutir: tracta-se de uma questão de moralidade: da garantia do trabalho intellectual contra os apodos da ignorancia atrevida! A' liça da discussão séria chamo eu quem ousou accuzar-me de falsear a Historia, de aggredir uma classe honesta, de deturpar os factos em detrimento da minha consciencia. Os votos dos seus collegas synthetisam-se no parecer de v. exc.ª, e de tal arte, que diriamos serem todos formulados pela mesma penna atrevida. Epithetos a mais, declamação a menos, tenho pela frente a argu-

mentação dos *criticos de Vizeu* na apreciação encerrada na sua folha. Será pois v. exc.ª, entre os seus collegas, quem me dará na sua palavra a pedra de toque para a sua competencia e para a auctoridade dos seus juizos.

Até ámanhã.

Sou de v. exc.ª
attento venerador

15 — 6 — 75.

Silva Pinto.

II

Excellentissimo senhor. — Indiquei a v. exc.ª na minha primeira epistola o porque da minha resolução em levantar a luva que em nome da Arte e da Critica social e historica (sic) me foi arremessada pelas vias, em extremo suspeitas, de tres ou quatro noticiarios de Vizeu; declarei que não me demovera do proposito de guardar silencio, em presença da inepcia mexeriqueira, um mal entendido orgulho, mas sim o principio da dignidade do trabalho. A consciencia dos criticos de Vizeu e dos seus *confrades* de outras terras, já segredou porventura a suas senhorias que eu não teria a ganhar em discussões litterarias com os *criticos* em questão a menor sombra de gloria nem de proventos.

Entro pois no tristissimo assumpto, com a vergonha de quem por largo tempo se julgou solidario em documentos de miseria intellectual iguaes aos que ora discuto.

Em o n.º 246 da prestimosa folha que v. exc.ª

tão sabiamente redige, insere um dos *criticos de Vizeu* a curiosa synthese que eu irei transcrevendo nos seus periodos mais eloquentes.

Realisara-se uma festa de caridade e subira a scena o drama a que se allude.

O digno critico avança:

« Mas parece que na escolha do drama (é o tal) é « que a illustrada commissão olvidou o que devera- « mos esperar da sua erudição e prudencia.

« Não bastam linguagem aprimorada e correcta, « acção bem conduzida, caracteres fielmente dese- « nhados, lances que arrebatem, peripecias que nos « deleitem, sentimentos que nos commovam. Tirae ao « drama a verdade e a justiça e fareis d'elle uma « monstruosidade á face da arte e uma escola per- « niciosissima para a sociedade. . . »

Pondo de parte a *erudição* da illustrada commissão, que não sei a que proposito é invocada pelo *critico,* confesso a v. exc.ª que me senti enternecido em presença da «linguagem aprimorada e correcta, lances, caracteres, etc.», que se me afiguravam descobertas pelo *critico* da sua folha na minha producção, e não sei dizer a v. exc.ª até onde me levaria a gratidão para com o que á minha *official* modestia se afigurava demasias de benevolencia, quando mais abaixo se me deparou a classificação de *pamphleto taciturno e verrinario* (lá chegarei) applicada á peça alludida.

Decididamente, a linguagem aprimorada e correcta não vira ali o *critico* e, com magua o confesso... se algures existia, a coitada, não era com certeza na severa local de sua senhoria...

Mas, o que sem a menor sombra de duvida se refere ao apedrejado drama é a accusação da «ausencia de verdade e de justiça».

That is the question...

Formulada a terrivel accusação e apontados os effeitos mais terriveis (*terribilissimos,* diria Rozalino, outro *critico*) importava demonstrar:

Primeiro: — Como no drama não existe a Verdade.

Segundo: — Como no drama não existia a justiça.

Eis como o *critico* da *Liberdade* desenrola sobre o assumpto o aranzel das suas meditações:

« Nos *Homens de Roma* não ha verdade nem jus-
« tiça.

« Ali, os santões do progresso arremedam os
« santões do beaterio.

« Uns compromettem a liberdade, os outros en-
« vergonham a egreja.

« E' que se não julga impiedosamente toda uma
« classe só porque alguns membros d'ella faltam ao
« seu dever.

« Sabemos que ha padres abominaveis.

« Já os temos visto trahir religião e patria,
« desconhecer a hospitalidade, converter o confessio-
« nario em lupanar e a egreja em prostibulo. Para
« estes a liberdade, que lhes descobre as ulceras, é
« um horror; só para elles é bom o silencio e as tre-
« vas do absolutismo. Fogem da luz como as aves
« noctivagas, que só pela escuridão podem fazer
« presa..

« Evitam a publicidade, como os animaes ferozes

« se arredam do bulicio dos povoados, porque, des-
« perta a multidão, logo serão perseguidos.

« Mas tambem conhecemos juizes venaes, mi-
« litares covardes, mestres corruptos, e, o que mais
« é, medicos a especularem com as agonias da enfer-
« midade.

« Abaixo portanto a judicatura, o exercito, o pro-
« fessorado, a medicina e o culto, sim?

« Demencia, absurdo e abominação!»

Isto disse.

O homem que conhece por tradição, ou por havel-as presenceado, as tricas do jornalismo banal, sabe o que significa um periodo de tal natureza: especie de armadilhas á ignorancia das massas, acobertadas por uma apparencia de bom-senso e de sinceridade, a não ser quando a estupidez do localista produz iguaes resultados; affectação de imparcialidade, que *agrada* aos merceeiros; conclusões cerebrinas descambando no insulto: eis o que é mister alli vêr: eis o que existe alli.

Siga v. exc.ª o meu raciocinio.

« Os santões do progresso compromettem a liberdade », n'aquelle drama.

Os « santões » representados pelos vultos do jornalista liberal e de sua mulher arrebataram durante algumas noites as plateias do Porto, terra que em coisas de liberdade dispensa alheia regra de proceder e de pensar. Para que os dois vultos recebessem o baptismo da injuria soez foi mister que dois actores sem theatro se lembrassem de arremessar a peça e os « santões » n'ella existentes á barra da critica de Vizeu. Oh! excellentissimo senhor!...

O seu critico theatral não morreu de parto: caso estupendo! Proseguiu na «faina» e de tal arte que ha a temer um abalo terrestre, haja vista ás convulsões do padecente.

Relembre v. exc.ª

«Sabemos que ha padres abominaveis», diz elle. E d'ahi prosegue, invectivando não sabemos quantos casos conhecidos ou phantasiados, e accrescenta com uma «ingenuidade» que me apraz julgar sincera no tocante á exiguidade de recursos revelada:

«Mas tambem conhecemos medicos e juizes, etc.; logo: acabe-se com a medicina etc., etc.? Demencia, absurdo, abominação!»

Estupidez! ignorancia! atrevimento! direi eu, se v. exc.ª condoído da lombada do seu critico e da minha paciencia, não ordenar o contrario. Venha v. exc.ª aqui, traga o seu critico á minha beira, alargue-lhe as orelhas rebeldes e ensine-o a ouvir e a vêr: contribua para esta obra piedosa e dupla: levar a um indigena a voz da civilisação: dar luz a uma toupeira!

Eu digo:

A acção do padre devasso que no drama desempenha o principal papel constitue-se em synthese perante o exame d'aquelle trabalho á luz da critica historica e social. E' um episodio que não serve apenas para estabelecer a contextura do trabalho artistico. Deixe-me v. exc.ª fallar ao alcance dos «criticos»: dizendo que o padre Domingos pratíca uma infamia ao serviço da curia, levo simplesmente em vista demonstrar que o padre romano, «fiel aos seus senhores», não recua diante das mais originaes torpezas;

que o padre «fiel» a Roma será ámanhã um assassino, um parricida, um incendiario, se de Roma lhe ordenarem que tal seja; e que Roma — isto é, a curia, não hesitará em ordenar-lh'o quando tal julgue mister para «serviço do Senhor»; por entre o episodio de que é protogonista o padre Domingos ha um grito de «álerta!» aos liberaes em extremo tranquillos, grito que é preciso ouvir. Em plena luz da civilisação, em 1875, a mão sinistra do Papado ateia as labaredas nas aldeias do paiz visinho e assombra de horror a Europa inteira com o quadro de devastação e de morte apresentado pela Hespanha agonisante: isto sabe v. exc.ª, deve sabel-o, sabem-n'o todos os que não mergulharam a fronte no lodaçal da superstição e do fanatismo. Pois bem: o padre Domingos é um dos membros da enormissima familia espalhada pela Europa e ligada por compromissos espirituaes (sic), que d'um lado se apodera da educação da infancia, do outro subjuga o espirito fragil da mulher, transforma a devota em beata, a beata em prostituta, a creança em espião e denunciante de seus paes, o aldeão singelo em assassino de trabuco.

Importa-me pouco o viver particular do padre Francisco, do padre Sebastião, do padre não sei que... importa-me enormemente o trabalho secreto d'essa familia de escravos governados por tigres, importa-me a sua propaganda tenaz: quero prevenir contra os seus embustes o homem de bem, desprevenido, e digo bem alto a v. exc.ª que todos os doestos d'um padre Moura ou de quejandos enurgumenos imbecís não me distrahem da minha obra, que não se recommenda por enormes resultados immediatos,

mas que a colera dos fanaticos tornará proficua; e que o «critico» inconsciente que n'uma folha liberal busca embargar-me o passo pratíca além d'uma acção ridicula uma indigna acção!...

Até ámanhã.

Sou de v. exc.ª
attento venerador

16 — 6 — 75.

Silva Pinto.

III

Excellentissimo senhor. — Crente na attenção de v. exc.ª, dispensada ás minhas reflexões, proponho-me elucidar pela via da exemplificação os espiritos menos dados a... trabalhos de espirito, que porventura não hajam decifrado nas minhas palavras, em extremo accessiveis, a minha ideia por igual ao alcance de ruins entendimentos.

Quiz eu distinguir; pedi aos bons «criticos de Vizeu» que buscassem imitar-me, se a luz da «boa-fé» — muito mais resplandecente do que a luz da «fé» — não fôra de caso pensado obliterada por suas senhorias no assumpto em discussão; pedi-lhes que distinguissem entre o «individuo», que me é indifferente, e a «collectividade», que me é horrivel; que no drama condemnado (sic) não buscassem vêr a aggressão á «classe» em virtude dos maus actos particulares do padre Fulano, mas sim um grito de alar-

me contra o «padre que serve fielmente a causa dos seus senhores». Relembre ainda v. exc.ª as seguintes palavras do drama:

«O homem de bem, envergando a roupeta do sacerdote romano, não será jámais, aos olhos dos seus senhores, o modelo de submissão criminosa, o ideal espantoso de degradação moral, que n'elle haviam sonhado os theocratas vís; será um rebelde eterno; opporá ao escuro dogma sanguinario a serena reflexão do seu espirito immaculado e da sua austera consciencia; será digno e bom e forte e indulgente... Olhará como a irmãos seus o indigente sem trabalho, a creancinha sem amparo, o velho sem conforto: todas as auroras sem vigor, todos os crepusculos sem alento... Não será um homem de Roma, como vós sois, miseraveis que me ouvís!»

Querem os «criticos de Vizeu» vêr n'estas palavras a condemnação da «classe clerical»? Eis a suprema affronta, engastada em estupida defeza! Eu indico-lhes a missão do *padre homem de bem,* e suas senhorias julgam *incompativel* essa missão com os deveres e com os usos do clero catholico!

Quero que o padre seja honrado, e os seus defensores bradam-me: «impossivel! absurdo! contradicção!» Entre os lacaios da curia, que ás ordens d'ella e ao serviço d'ella prostituem confessionario, pulpito, lar domestico, escola, leito de moribundos e ainda as cinzas dos mortos; entre estes infames e o homem de boa-fé, crente na sublimidade da justiça e da consciencia humana, busco estabelecer um espaço immenso e chamo os olhos distrahidos do povo cego e fanatisado para esse espaço cheio de luz! Pois

bem: que fazem os clericaes mascarados, os criticos intrusos, sem letras e sem principios? Insurgem-se contra a «distincção»! Julgam «impossivel» o padre honesto: querem-n'o assassino, corrompido e corruptor; negam a existencia das aberrações honradas e arremessam aos meus pés a baba da sua injuria!

Eis o que elles fazem, os insensatos, os maus, os petulantes!...

Veremos quem melhor procedeu á luz da Razão e da Consciencia!

Até ámanhã.

Sou de v. exc.ª
attento venerador

17 — 6 — 75.

Silva Pinto.

IV

Excellentissimo senhor. — No decorrer do aranzel « critico », inserto na folha de v. exc.ª, deparam-se-me as seguintes palavras fulminantes — e concludentes:

« Apresentar como accordam de alta justiça his-« torica e social um pamphleto taciturno e verrina-« rio... »

(Cito de memoria).

Em primeiro logar, a palavra « pamphleto » anda por demais estropeada na etymologia. O maior pamphletario d'este seculo, Paulo Luiz Courier, não logrou esquivar-se aos frouxos de um largo riso, no dia em que um mentecapto doutorado lhe arremessou em pleno tribunal, como suprema injuria, o seu titulo de gloria: o « vil pamphletario » do accusador publico é digno de ser pronunciado por qualquer ba-

charel idiota e pretencioso, dos nossos tristes dias... Excellentissimo collega, não se fazem os «pamphletarios» da massa dos farçantes; nem a declamação alvar nem a phraseologia banal são patrimonio dos Desmoulins, dos Courier, dos Karr e dos Rochefort.

O escriptor quasi invisivel, que dirige a v. exc.ª estas cartas de verdade, é «pamphletario» antes de tudo; a fatalidade da sua natureza arrastou-o para tal terreno; em detrimento da sua tranquillidade resôa-lhe ainda na alma a corda da indignação ante o quadro da infamia que triumpha: não fareja os factos para engastar a descripção d'elles em tautologias banaes... O «critico de Vizeu», tratando desdenhosamente de pamphleto a producção a que se allude, foi talvez mais verdadeiro do que a sua atrevidissima ignorancia lhe deixaria sêl-o....

Pamphletos taciturnos e verrinarios são as «Satyras» de Juvenal, a «Nemésis» de Barthelémy» e os «Castigos» de Hugo. Na exploração artistica da Comedia humana, Balzac é taciturno, Shakspeare e Hugo são taciturnos.

Só é faceta e jovial, afigura-se-me que sem buscar sêl-o, a «critica de Vizeu»...

¿Accordam de alta justiça historico e social? — não; mas documento para o processo instaurado pela Consciencia humana aos maiores e mais detestaveis violadores dos seus direitos sacratissimos; accordam de alta justiça? — não, de certo, mas traducção fidelissima de uma accusação de ha muito murmurada, que as torpezas diarias e clamorosas do apodrecido Vaticano avocam de milhões de peitos generosos, accusação a que a logica implacavel das multidões,

dá foros de processo formidavel; quer v. exc.ª, querem todos os homens honestos não contaminados pelo halito do fanatismo vêr no meu trabalho o que deixo dito?

Hão de vel-o, que a luz da verdade não se offusca porque uma critica inepta estendeu entre ella e os olhos do publico o esburacado véo da sua estupidez. Hão de vel-a, tanto mais resplandecente, quanto os miseraveis sacristães de uma ATALAYA da inepcia denunciam no triste mourejar os abysmos de miseria das suas almas e a desgraçada pobreza dos seus espiritos.

V. exc.ª vae entrar commigo no exame doloroso de alguns autos do tristissimo processo. Os « criticos de Vizeu » que oiçam, se é que as orelhas não lhes são apenas ornamento e symbolo...

Até ámanhã.

Sou de v. exc.ª
attento venerador

18 — 6 — 75.

Silva Pinto.

V

Excellentissimo senhor. — Em uma das precedentes epistolas pedia eu aos *criticos de Vizeu* que buscassem vêr no episodio, de que é protogonista o padre Domingos, alguma coisa mais do que um mero incidente para distracção do publico. Não sei se o meu intuito ficou logrado. Sobre o caso tenho presente uma anecdota, que vem de molde para distrahir-nos, a v. exc.ª e a mim, das nossas pesadissimas tarefas.

A anedocta é a seguinte:

Em um dos livros mais espirituosos de certo escriptor francez, — sujeito pouco dado a declamações e que possue o apreciavel dote de só dizer do que entende — em um dos livros d'esse homem raro lê-se que certo rei perdeu-se, um dia, em uma floresta. A magestade ia acompanhada do seu cozinheiro, — os Vitellios são de todos os tempos, como os

nescios. Ia, além do cozinheiro, o secretario. Ora, aconteceu que o rei sentiu fome, uma verdadeira fome, uma fome real, d'estas fomes que produzem 89, e 93 inda por cima.

Felizmente para os subditos da magestade, achava-se esta ultima, como já disse, em uma floresta, e os olhos desvairados do monarcha e do seu cozinheiro puderam apenas lobrigar uma choupana destacando-se por entre o arvoredo.

A fome levou cozinheiro e monarcha e secretario á beira da mesquinha habitação, a qual era propriedade de um cavador.

No momento em que os tres esfaimados penetraram na choupana, o pobre homem aquecia umas batatas no brazeiro e preparava-se para a sua fragil refeição.

Dialogo:

O rei — Viva lá!

O cavador — Olá! viva!

O rei — Terá vossê por ahi coisa que se côma?

O cavador — Batatas, meu amigo e, por signal, que são novinhas...

O cozinheiro — Batatas! Oh miseria! Pois nem um bocado de vitella...

O cavador — Qual vitella, nem qual diacho!...

O rei — Apraz-me comer das batatas d'este homem.

O cavador — Estão ás ordens.

O cozinheiro — E' impossivel! A minha posição junto a vossa magestade não me permitte deixar sem protesto a ideia sacrilega... a profanadora ideia... de...

N'este momento o secretario, até então silencioso e acocorado junto do brazeiro, abeirou-se do monarcha e, apresentando-lhe uma duzia de batatas admiravelmente tostadas, bradou:

— Vamos a isto, em quanto estão quentes!

Accrescenta o narrador d'esta simples historia que o rei comeu e gostou, e que, mal chegou ao palacio, despediu o parlapatão cozinheiro e conferiu ao secretario honrarias nunca vistas.

Moralidade do caso? — perguntarei á «critica de Vizeu». Mas, a coitada *só viu batatas* no que deixo dito: como «verá» ella, a triste, no entrecho de um drama e na sua philosophia, alguma coisa mais do que a prosodia dos artistas, as botas dos comparsas e as mutações de scena?...

Foi assim que no decorrer do 1.º acto do drama, suas senhorias, os «criticos de Vizeu», não souberam ouvir os rugidos surdos e ameaçadores do ultramontanismo, da reacção romana, em face da propaganda liberal; foi assim que não viram no 2.º acto a synthese da vida publica e em especial da vida jornalistica em Portugal, synthetisando-se no vulto de «José de Sousa», nem viram indicada na illustração da mulher uma barreira de defeza contra os embustes dos homens da curia e contra a invasão do lar domestico por parte das suas hordas; viram o 3.º acto e pareceu-lhes que as «frescuras» alli existentes sobrepujavam as obscenidades torpissimas da sacristia; ouviram o 4.º acto — a pedra de escandalo! — e na «apologia do padre honrado», que detesta as torpezas do Vaticano, encontraram o insulto aos homens que eu defendia! e na condemnação d'aquellas

torpezas encontraram ainda o insulto aos homens de bem, que protestam contra ellas!

Era mister, resumindo, estabelecer estas bases para, com a mão na consciencia, eu poder asseverar a v. exc.ª que os «criticos de Vizeu» estão pela ignorancia, pela inepcia, e pela falta de vistas — fóra da discussão.

Tambem, já não os discuto. É outro e mais elevado o meu empenho.

Até ámanhã.

Sou de v. exc.ª
attento venerador

19 — 6 — 75.

Silva Pinto.

VI

Excellentissimo senhor. — « Alli não existe verdade, nem justiça »; eis a condemnação terminante dos pseudo-criticos, applicada ao apedrejado drama. A affirmação servir-me-ha pois de base, não para aquilatar o espirito dos sujeitos — a tarefa está concluida, — mas para que eu desenvolva por um modo mais terminante e, sobretudo, mais ao alcance dos espiritos pouco... afeitos a claridades, a minha theoria demolidora, impia e subversiva...

A *Palavra,* folha portuense, que, marchando embora na vereda seguida pela *Atalaya* de Vizeu, é menos prodiga em asneiras e em vituperios de sacristão velhaco: a *Palavra,* digo, occupando-se, com aquella proficiencia que distingue os nossos clerigos, da alludida producção dramatica, barafustou, no mar das tautologias, esvurmou imprecações sem fim contra o « falseamento da historia »; contra a « deturpação dos

factos »; contra a « impiedade do feito ». D'esta ultima sentença não appellei, nem appellarei jámais: podem os reverendos inscrever o meu nome no livro dos futuros padecentes, para o dia em que as quadrilhas de Carlos VII abrirem succursal n'esta boa terra portugueza... — Mas contra a accusação de « falsificador da historia e dos factos », applicada pelos falsificadores de documentos; contra essa accusação, que a consciencia dos tartufos não auctorisava fóra dos limites d'uma sacristia prostituida, — contra essa affirmação da necedade estonteada, protestei eu, arrastando á barra da opinião honrada o articulista farçante, o precursor dos Mouras e quejandos infinitesimos d'essa boa terra liberal, digna de mais sonoros orgãos...

Puz de parte, como hoje o faço, a feição artistica do meu trabalho (a suas senhorias de hontem e de hoje aprouve não mergulhar em estheticas o clerical bestunto); acudi ao ponto atacado (a ignorancia das massas ainda torna possivel — ai de nós, uma aggressão de tal natureza!); chamei a luz e os olhares dos juizes desprevenidos para as « pedras de escandalo » do meu edificio de « impiedades mentirosas »; pedi aos farçantes que se elevassem por um momento ás regiões da seriedade; conjurei os calumniadores do meu trabalho a que o discutissem á luz da historia; tornei bem patentes no terreno da discussão as minhas affirmações mais arrojadas.

Apraz-me recordal-as de novo. Ao protesto formulado por um dos homens de Roma contra a apologia do padre honesto, feita pelo jornalista liberal; ao desmentido, que seria digno dos jornalistas clericaes:

— « O espirito de Roma nunca illuminou o erro! o vigario de Christo nunca sanccionou o crime! O assassinio e o embuste nunca tiveram de suas mãos veneraveis senão a maldição! »

Oppuz:

— « Que o digam tres seculos de lethargo horrivel n'esta peninsula hispanica; tres seculos de noite dos espiritos, abrilhantados pela chamma que consumira os corpos; que o diga a alliança medonha — uberrima alliança de impudor e de lagrimas, — dos vossos pontifices cubiçosos, sedentos do nosso ouro e do nosso sangue, e dos nossos monarchas fanatisados, prodigos da vida dos seus vassallos e do ouro dos seus colonos; que o digam as cruzadas, o exterminio dos Albigenses, as correrias de Fernão Cortez, as façanhas sanguinolentas dos nossos maiores no Oriente: os roubos e devastações e morticinios, praticados á sombra da cruz; que o diga a influencia nefasta que ainda conservaes nas espheras do poder, vós outros, que, quando não fazeis do monarcha uma victima, como Henrique III, não duvidaes leval-o ao assassino de seu filho, como Filippe II. Paes do escandalo!... o vosso papa de hoje já não porá como Alexandre VI, nos altares de Roma, as imagens das prostitutas, mas a podridão do Vaticano actual tem fartum de réprobos; as mãos encarquilhadas do vosso chefe já não decretam á face da Europa, cheia de horror, as carnificinas em nome da Egreja, mas abençôam-n'as e aos assaltos... quando praticados nas aldêas do paiz visinho pelas quadrilhas de Carlos VII... »

Foi isto o que eu disse. Agora digam os « criti-

cos de Vizeu », em face do silencio dos clerigos da *Palavra,* onde existe a historia falsificada! Digam por quem reclamam: pela Inquisição? por João, o «Piedoso»? por Simão de Monfort? por Fernão Cortez? por Albuquerque? pelo frade Clemente? por Filippe II? pelo pontifice Borgia? pelo Vaticano de hoje?...

É talvez pelo Vaticano de hoje e pelas quadrilhas de Navarra...

Pois bem: diremos de « uns » e de «outros ».

Até ámanhã.

Sou de v. exc.ª

attento venerador

20 — 6 — 75.

Silva Pinto.

VII

Excellentissimo senhor. — Ao apreciavel «critico» da sua folha aprouve «bisar» sem pedido o monologo que me servira de base para as minhas precedentes epistolas. Cumpre-me adiar as reflexões que promettera e «esbrugar» (termo do seu critico) a novissima edição, augmentada e correcta, do seu aranzel edificante.

Lá vou abaixo:

As primeiras linhas do estendal consagra-as o «critico» a uma profunda observação, digna do olhar terrivel de Balzac, suggerida pela venda do jornal «O Porto»: segundo o anatomista de Vizeu, a folha portuense vende-se «a vintem», aos liberaes, o que lhe parece, pelos modos, mais digno de estranheza do que o facto de a «Liberdade» de Vizeu, vender-se por um pataco a toda a gente...

Estranhezas de um ingenuo! Manias!

Vae d'ahi o seu «critico» e firma todo o estendal

(nada menos de seis boas columnas) nas seguintes «mentiras», que a ingenuidade de s. s.ª reputará innocentes, mas que o meu zelo pela reputação do «collega» me obriga a indicar-lhe como indignas de um escriptor, ainda mesmo de um escriptor de tal quilate.

1.ª mentira: — quando me accusa de formular vituperios não provocados pela sua grosseria.

2.ª mentira: — quando s. s.ª assevera que chamei aos padres, em geral, — bandidos.

3.ª mentira: — quando assevera que a imprensa portugueza é representada no drama por dois typos ignobeis.

Vamos por partes: declara s. s.ª que os termos da sua «critica» nunca deixaram de ser urbanos e benevolos para commigo.

V. exc.ª viu: «demencia», «absurdo», «contradicção», etc. São de tal quilate as urbanidades do sujeito... Das grosserias livre-nos Deus e a nossos filhos: aquillo, quando lhe dá para ser grosseiro, põe em debandada a Lourinhã, terra inoffensiva, que lhe apraz insultar; a Galliza, que lhe mereceu arrufos (lá se entendem), e a segunda cidade portugueza, que não lhe lê o breviario «critico».

Salve-se quem puder!

Adeante: á similhança de um surdo «de primeira força» que responde aos «bons dias!» do proximo: «melancias!?» sem que o berreiro desesperado d'este ultimo vingue trazel-o a bom terreno, assim o homem das seis columnas (uf!) repelle com uma teimosia, digna de «contendedor» (o termo é d'elle) menos paciente, as pacientissimas explicações a que hei descido

para amortisação de meus peccados. Brado-lhe: quero-me com os padres honestos e não com os agentes da curia! combato o espirito de Roma e os seus inspirados e não o homem digno, independente e nobre, que nobilita as vestes sacerdotaes e não as transforma em symbolo de abjecção, de intriga, de morte dos espiritos e da calamidade publica! Isto digo e repito, em a minha singular condescendencia, ao obtuso espirito (?) do seu «critico». E o que faz esse homem endurecido? Põe as mãos nas ilhargas: chama «demencia», «absurdo», «contradicção», e «diffamação» ao meu trabalho; reproduz as banalidades officiaes para uso dos caturras de soalheiro e deixa-me na alma o pesado remorso de o haver julgado menos inepto do que os meninos de côro da «Atalaya», ou os copistas de Fr. Francisco das Chagas.

Já é enguiço!

Emfim, seja-me auxilio no caminho do Calvario a esperança de melhores dias para os professores primarios do meu paiz.

E proseguindo:

Assevera o homem — que o jornalista liberal praticou uma abjecção obrigando-se, para com o ultramontanismo, a não combater os trabalhos d'este ultimo, isto com a mira «no pão de sua filha». Mais abaixo desata-se em destemperada palinodia, «porque a mulher do jornalista não praticou um acto de abjecção, que poderia dar-lhe o «pão de sua filha».

De modo, que o pae ficará deshonrado se transigir com os adversarios, afim de salvar seu filho, e a mãe será glorificada se acceitar a transigencia.

Querem-n'o mais completo?...

Mas, o bom do homem não se dá por satisfeito e não me julga assás « esbrugado » (é d'elle o termo). Atira-se ás duas mulheres e então é ouvil-o, para ensinamento dos pobres de espirito tentados a seguir-lhe o exemplo.

A beata é, no dizer do sujeito, uma creação falsa, attendendo a que é um espirito fraco.

V. exc.ª fará um esforço por medir as profundezas d'este abysmo: no parecer do « critico » a reacção buscará os « espiritos fortes, como os mais propicios » a receberem o impulso do fanatismo.

Segue-se a mulher liberal. O sujeito reputa-a impossivel, ou pelo menos absurda, attendendo a que no dia em que a fome lhe bate á porta, offerece a seu marido o auxilio da sua actividade e da sua illustração. O caso é novo para o « critico ». Vulgar seria — todos o sabem — que a mulher não aguardasse a miseria para buscar recursos e que, em lugar de traduzir romances, se arvorasse em heroina de um d'elles, deshonrando o nome de seu marido, afim de saciar vicios torpes, ou de satisfazer caprichos de mulher da moda.

Isto seria o drama « realista », o drama palpitante de verdade e de commoções. A mulher duplamente forte, pela illustração e pela consciencia do Dever, é uma creação de dramaturgo « nascente », um disparate, digno quando muito de ser discutido pela « critica de Vizeu ».

O enormissimo estendal de interjeições, de banalidades e de phrases mediocres, que tenho pela minha frente, mal me permitte descobrir uma affirmação mais ou menos inepta. É assim que em seis co-

lumnas de um jornal não encontro dez linhas despojadas do ornamento « comico ». Foi n'estas miserias intellectuaes que eu me julguei solidario com os nescios em tempos de mais candura. Assim o disse. A' leviandade (?) do seu « critico » aprouve julgar confissão o que hoje deixo repetido e tirar de tal facto conclusões a que a baixa imprensa usa descer, á mingua de argumentos e de estudo sério.

Deixemos isso...

No vasto campo de ignorancias e ousadias, em que se agita o « critico de Vizeu », nada vejo de escandaloso, além do que deixo indicado. Apenas uma ligeira observação de s. s.ª: que os homens de Roma buscariam « seduzir » a mulher liberal, em vez de « declarar-lhe guerra ». Bem se vê que a mulher por mim desenhada é uma monstruosidade para o « critico ». As bonecas de « vitrine » desvairaram-n'o. Deus se lhe amerceie do hypothetico espirito...

Accusa-me o « critico » de haver — eu, filho da Egreja nacional (sic) — decretado (sic) a deposição do pontifice.

Registro, cheio de risonha contrição.

Mais abaixo, declara que são laureados das Academias os localistas da cidade de Vizeu. N'este ponto cumpre-me acudir pelos creditos do resto do paiz: vá s. s.ª a... qualquer parte, onde exista a sombra de uma folha jornalistica e encontrará — ai de nós! — bachareis laureados dizendo de arte e de critica, etc., com um desplante só comparavel á sua profundissima ignorancia.

D'esses taes fallou o bom do Michelet, classificando-os em breves palavras, que me dispensam de

estiradas reflexões: « são doutores aos quinze annos e asnos toda a sua vida ».

Apraz-me crêr que s. s.ª, cuja modestia não lhe permittiria alludir aos seus louros academicos, não se acha no caso indicado pelo historiador francez...

Excellentissimo senhor. O « critico » de quem venho fallando termina o seu aranzel, declarando que não conservará resentimento contra mim, — o que realmente me allivia de um grande peso... — e mais, diz que « descobre nos meus trabalhos certos clarões de estudo, prenuncios de talento ». Sinto não poder retribuir tal fineza, gabando-lhe a existencia de taes dotes nas suas producções: a Verdade não póde ceder o passo a cortezias de convenção.

Tenho concluido.

Sou de v. exc.ª
attento venerador

21 — 6 — 75.

Silva Pinto.

DA PROPRIEDADE LITTERARIA

E

DO MERCADO BRAZILEIRO

DA PROPRIEDADE LITTERARIA

E

DO MERCADO BRAZILEIRO

CONSUBSTANCIAE n'uma phrase a solução pratica d'um problema: affirmae vigorosamente a alliança do espirito e do bom-senso; — os adversarios surgirão do abysmo duplo: o *savoir-vivre* e a *galhofa,* e, por uma fatalidade que vincúla na terra os traficantes e os nescios, em frente d'uma causa justa, encontrarão, para ferir-vos e á vossa descoberta honrada, uma palavra que representa, no intuito d'aquelles homens, a essencia do absurdo, da vilania e da impotencia.

A palavra chama-se — Paradoxo.

« A propriedade litteraria é uma propriedade »: esta solução fulminante, que ha perto de trinta annos brotou da vigorosa penna do ultimo gaulez —

d'esse filho legitimo de Rabelais, d'esse bom e poderoso Karr — valeu ao descobridor a millesima repetição da sentença proferida pela banalidade e pela impotencia dos censores: «fabricante de paradoxos». Os pigmeus sérios concedem *espirito* ao publicista; os galhofeiros apodam-lhe de «caturra» a gravidade. Ponto de accordo para os dois grupos: — Este homem tem sua graça; é um bom escamoteador de ideias — mas utilidade pratica não tem nenhuma.

Escamoteadores Galiléo, Kepler e Newton! Escamoteadores Leibnitz, Lagrange e Arago! G. Saint Hilaire e Cuvier escamoteadores! Rousseau e Voltaire escamoteadores! E ainda vós: Raspail e Hugo e Lamartine e Proudhon e Barbés e Flourens e Rochefort e Gambetta, e todos vós, bons e veneraveis amigos do futuro, que vos paga em lagrimas de benção as amarguras de vossos dias!

Ha perto de oito annos, n'uma hora de colera reflectida, o auctor d'este escripto, ergueu os olhos, em accusação, para o vulto luminoso e a tantos titulos veneravel de Alexandre Herculano [1]. A sua voz debil de creança affrontou-se com a soberba do Mestre e teve a applaudir-lhe o dizer honesto a adhesão de bons e leaes espiritos. Pediu justiça para o trabalho ao que fôra exemplo a sãos trabalhadores; pediu justiça para a luz ao que fôra arrancal-a ás furnas

---

[1] Vide *Balzac em Portugal*, 1874; a proposito do escripto *Da Prop. litt. em Portugal*.

do Passado e a derramara em jorros no caminho da geração contemporanea; pediu equidade no julgamento das grandes glorias á maior gloria portugueza d'este seculo; e, porque o pedido implicava accusação e porque a voz da justiça carece de pulmões de bronze, a accusação não teve echo, conquistasse embora adhesões timidas de espiritos menormente corajosos. Hoje, oito annos decorridos, a accusação accentua-se; já não é o estudante ingenuo quem atira á liça a inexperiencia ardente; é a voz d'um luctador, amadurecido em cem victorias, que atrôa os ares pela ideia que fizemos nossa. Salve Deus a boa causa!

Aquella voz (do snr. Camillo Castello Branco) já foi ouvida algures; mas ao pregão d'alarme é justo que offereçamos um echo, nós todos que vemos a embuscada do mercantilismo aggravando a situação dolorosa de mil trabalhadores do espirito, que por ahi vegetam sem alento moral, e tantas vezes — sem pão.

*

Vamos com phrase dura, sem ambiguidades: ouçam-nos com amor da justiça.

O noviciado litterario em Portugal é menos doloroso do que em França — a nação litteraria por excellencia e, por isso mesmo, fertil em concorrentes. Uma simples leitura dos *Refractarios* de Vallès, alenta o neophyto portuguez, para a lucta, por mais cruel. Entre nós, pelo ordinario, a vocação litteraria occulta-se aos horisontes da miseria, evita-os; entrin-

cheira-se contra a fome, descobrindo em si propria vocações novas: a de empregado publico, entre ellas. São raros os martyres que affrontaram de olhos na gloria — essa miragem turva de ha cem annos — a insolencia do fornecedor de pão, contrario a impulsos de Mecenas. São rarissimos os martyres que trocaram as commodidades provaveis da *vida regular* pelas torturas da litteratura-apostolado. A aprendizagem é desenjoativo aos cuidados da mocidade, sem o adubo das privações. Acontece, porém, a espaços, que o desenjoativo se torna em alimento — e a galeria dos «martyres» constitue-se.

Se a aprendizagem é entre nós menos dolorosa do que em França, o exercicio da *profissão* é terrivel.

Lançae em conta: a desgraçada instrucção da maioria do paiz e a repugnancia, resultante, d'essa maioria pelo trabalho do espirito; a pobreza das classes intelligentes; o excessivo custo da formação material d'um livro; a iniquidade das egrejinhas litterarias, chamando a attenção do publico para os trabalhos dos compadres e calando-se systematicamente em frente do trabalho independente; o desdem do ricaço — e dos *aspirantes* — pelo «litterato» e a opposição contumaz d'esses homens ao viver tranquillo d'essa entidade superior; os orgulhos da posição moral impostos pelo nome conquistado, e o avergar constante d'esses orgulhos sob a ferrea mão da «necessidade»; a vida, os costumes, as inclinações, as palavras e os pensamentos do «martyr» commentados, deturpados, discutidos, infamados, com o impudôr do imbecil que se vinga; as noções da dignidade e

do dever exaggeradas pela sensibilidade: sommae estes preludios do inferno, juntae-lhes o acrecimo dos soffrimentos mais occultos, e ahi tendes a base do viver diario do escriptor publico que entre nós *vive da penna*.

Para compensar esta rude tarefa e restituir ao espirito creador a serenidade, batida a safanões de pelintragem, só um recurso existia: a ampliação do mercado para além do Atlantico.

Os salteadores tiveram egual ideia: assentaram barraca no Brazil. Lá estão — esperando. Esperando o que? O nosso trabalho; a nossa vida.

*

Agrupamento de facinoras? Sem duvida. Ha, porém, circumstancias aggravantes: Cartouche, representado em seus descendentes, na Calabria e nas florestas do Rheno, espera-nos de espingarda em punho, homem contra homem, ou dez contra um — porventura bem armado e superiormente resoluto. Em nome da sua lei social exige a nossa bolsa.

Caso previsto: respondemos-lhe com um tiro, ou com uma facada.

Dente por dente!

— É tua a bolsa! — É minha a bolsa! Olho por olho! Cahiu um de nós: Cartouche, ou eu: mas tu, Cartouche, és um homem, — um salteador é certo, mas um valente: ha na tua injustiça um grãosinho de equidade. E tu, marau do Brazil, que espreitas por traz do balcão o mourejar de nosso espirito — tu, caro facinora sem navalha e sem coragem, és um

ladrão de suja especie, mais immundo, se é possivel, do que prejudicial, e, superior em ignominia a ti proprio, só conhecemos o publico que te lê o mascavo e a lei que te sancciona o roubo!

Ha perto de oito annos, «pairou» sobre Portugal o snr. D. Pedro II, imperador brazileiro. Aventou-se a ideia de implorar de S. M. a sua benefica intervenção em favor dos escriptores portuguezes. S. M. pesou de um lado o parecer de uma classe, a mais illustre de um paiz, e do outro os interesses da matula, que estadeia a catinga desde os antros da Carioca até ao largo de S. Francisco e immediações. O nosso Alexandre Herculano, enriquecido nos bons tempos e não dado á contemplação de amarguras dos seus collegas, lançou na balança o contrapeso do seu voto em favor da malandragem brazileira. Auctorisara-se o historiador ao lavrar o diploma de «*frequentador de tavernas e lupanares* a Honoré de Balzac, a Charles Dickens e, promiscuamente, a P. de Kock, a d'Arlincourt, etc.»

O bom do monarcha não resistiu a tanto. Afóra os impulsos do coração paterno, impellia-o a santa palavra do litterato — propheta — e este, lá da sacada rustica de Val de Lobos, mostrara-lhe no horisonte a turba-multa dos escriptores portuguezes quebrando as amphoras etruscas e derramando o Phalerno sobre as cabeças louras das Marions, n'um anachronismo doido; e não havia lá, na visão do propheta — visão para dois — mulheres de litteratos, carregadas de filhos, com os armarios descarregados de pão, e aguardando as cinco libras mensaes, em atrazo, vencidas pelo «homem de espirito» no seu jor-

nal infeliz; nem fomes, nem vergonhas, nem humilhações curtidas: cada um dos convivas, — poeta, jornalista, dramaturgo, critico, romancista — era um Herculano, menos sério, entende-se; e *tinham de seu,* e estendiam-se bebedos em tapetes persas, e um d'elles, com cara de fome e os cotovêlos rotos (extravagancia!) uivava: « não precisamos do Brazil; podem roubar-nos; a Grecia tinha os seus ilotas; Portugal possue-nos; queiram servir-nos dois pontapés! »

E Herculano e o seu imperial amigo resmungavam — e parecia um echo: — Dois pontapés é do que elles precisam. Abençoados brazileiros!

Em tres annos, n'este Porto, o homem que isto escreve tem visto a miseria arrebatar á vida — cinco ou seis « homens de lettras ». Não lhes pronunciaremos os nomes: seria furtar estes ultimos a uns restos de consideração...

Succumbiram na brécha — trabalhando. Um d'elles escrevera um artigo para o seu jornal dez horas antes de expirar. Nenhum d'elles vingou fugir até hoje ás accusações da gente séria: — « Bohemios »! « Debóchados »! « Perdidos pela crapula »! E muitos dos homens que amaram aquelles martyres e choram aquellas victimas perguntam a si proprios: « Quando chegará o meu dia?... »

Socegae, almas ingenuas: *elles* não morreram de fome, porque durante tres longos dias lhes faltasse o pão. Nada d'isso. É que a um d'elles assaltaram-n'o durante annos os jejuns forçados, de longas horas, e quando a dignidade de homem e de espirito superior lhe vedava pedir um pão, a civilidade burgueza offe-

reçia-lhe no botiquim alguns copos d'alcool: generosidade de assassinos! Outro... mas qual outro? As insomnias: os terrores do orgulho que vê descoberta a risadas da canalha as tristezas da sua noite: os sobresaltos de cada instante: eh! eh! magestade imperial do Brazil! que á vossa mão dadivosa não repugne breve a catinga dos bandidos, — essa Providencia nova!

*

O espirito de rectidão... menos ainda — o simples senso-commum apavora-se em frente dos sophismas que a má-fé, ou a contumaz cegueira voluntaria, vae amontoando e impellindo contra uma simples questão de ladroeira, affecta á vigilancia de qualquer policiã medianamente zelosa. Porque, emfim, as allegações — devaneios, se o quizerem, — que deixamos nas linhas precedentes, não representam, queiram entendêl-o os facinoras, um brado da miseria afflicta. Nada d'isso, boa gente! É apenas um grito de «soccorro» dirigido ás justiças da terra, já que a misericordia divina vos deixa impunes na floresta dos vossos balcões. Que vos importa a dureza do nosso labôr, as condições da nossa vida, o remedio para os nossos males? Sabemol-o, miseraveis: o que vos importa é o roubo. Cartouche, o outro, era assim. José do Telhado assim foi.

O que nós expuzemos, ó leitor de boa fé, não se dirige áquelles facinoras: é só a ti, porventura subjugado por uma dolorosa illusão: a justiça do teu

odio aos trabalhadores do pensamento. É esse odio que provoca as represalias: as ironias, o cynismo systematico, o desprezo pelo homem de acção. Não vês o que representa esta divergencia entre o espirito e o braço? É a paralysação da actividade de um corpo, e este corpo é simplesmente — a sociedade.

Mas a lucta existe, a divergencia affirma-se permanente e miseravel: e d'ahi a vossa indifferença, a indifferença de todas as classes por essa classe superior, pelos interesses d'ella, que se vinculam ao interesse geral. Porque, — notae bem — se julgaes que vos será facil corromper os vossos escriptores pela fome ou esmagal-os pela indifferença, não vos illudis completamente; apenas esqueceis um resultado: é que a podridão que lançaes no cerebro ha de apodrecer o corpo todo.

Vigiae pelos interesses, que vos são caros todos, dos trabalhadores da idéa, ó classes dominantes — dominantes pelo ouro, dominantes pelo poder! Vingae os aggravos recebidos por esse grupo que reputaes inimigo. Vós, que apregoaes philantropia e soltaes gritos d'alarme contra a escravatura, não façaes escravos, — não penseis em tal, — entre as fileiras dos homens do pensamento. Creae vinculos novos pela equidade; intercedei pela justiça; sêde cumplices dos trabalhadores do espirito no seu attentado contra a noite; pedi o vosso quinhão de trabalho, ó governantes! ha obra para todos nós! Vivei! Vencei! Daenos o sacrificio do vosso egoismo, em troca do sacrificio da memoria!

1878.

O EMPRESTIMO DE D. MIGUEL

(1832)

O EMPRESTIMO DE D. MIGUEL

(1832)

I

O SYNDICATO francez de possuidores de titulos do emprestimo portuguez de 1832 inflige uma lição, em trezentas paginas, aos governantes portuguezes, cuja indolencia tem deixado á revelia o credito moral da nação e no resvalo do abysmo o credito financeiro abalado. Sob o titulo *Emprestimo Real de Portugal,* publicou em volume os documentos authenticos e historicos da desvergonha que os ingenuos julgam resgatada com um miseravel processo por calumnia. Processa-se o espoliado, porque teve o *mau gosto* de denunciar o abuso de confiança, de que o tornaram victima. Systema de liquidação que não prima pela novidade, mas que abona a mais deploravel ignorancia de principios rudimentares da honra.

Se a praça de Paris ameaça fechar-se-nos perpe-

tuamente, com ignominia, como a caloteiros convictos e impenitentes; se já a vimos fechada, a simples álerta dos portadores de titulos de 1832; se o nome honrado da nação é discutido e a sorte financeira do imperio turco e do paiz visinho nos é indicada como alvo a que visamos; se as consultas de Dufaure, Odilon Barrot e Laboulaye nos dão como indiscutiveis perante os tribunaes e appellam para a opinião publica, convidando-a a banir-nos do mercado: não é com a triste farçada do processo por injuria, intentado pelo conde de S. Miguel, que destruiremos o germen das suspeitas, nem mediante esse processo apagaremos a justiça das accusações. Paguemos, e *protestemos* em seguida. A berrata em nome da dignidade, que se renega, e o barafustar em nome do credito, que se extingue, provam apenas um deficit mais temeroso do que o deficit financeiro: o deficit dos brios da nação.

Não ha emprestimo de D. Miguel, do «usurpador», — chavões declamatorios da má fé: ha um emprestimo portuguez, contrahido por um governo portuguez, de 1832, e reconhecido pelo governo de 1862 (ministerio Loulé). O intermediario d'este ultimo, o visconde de Paiva, nosso ministro em França, encetara com os portadores de titulos as negociações para o pagamento. Quinze annos mais tarde, o snr. Mendes Leal estrebuxava entre as suas promessas aos alludidos portadores e os subterfugios do seu governo. Póde-se tentar o resvalo das evasivas; a verdade, porém, é que para as nações, como para os individuos, a probidade não admitte encruzilhadas, a evasiva não entra em discussão.

Invocar a irresponsabilidade, firmando-a na mudança do systema governativo, é o absurdo no crime. Ámanhã, admittida a hypothese da quéda do constitucionalismo em Portugal e o advento da Republica, adduziria esta ultima, se lhe escasseassem brios e dignidade, razões identicas para esquivar-se aos compromissos da nação, se não preferisse imitar a Convenção, que pagou as dividas dos Bourbons, o primeiro imperio, que pagou as da Republica, a restauração bourbonica, que pagou as do imperio, e, successivamente, a republica de hoje, que faz seus os compromissos da França, qualquer que seja o governo que os contrahiu. Este é o caminho direito. Não vimos nós, com profundo pasmo, attribuirem dois partidos, um ao outro, como accusação, a prioridade no reconhecimento da divida de 32?! Mas esse acto é o cumprimento de um dever de honra! Foi o duque de Loulé quem o praticou. Feliz culpa! Ainda mal que não vingou obter a approvação dos successores do *culpado!*

Em meio das bravatas de falsos patriotas, perfidos ou mentecaptos, e dos seus regosijos pela condemnação possivel dos portadores de titulos, sublevados, aguardamos o procedimento do actual governo e confiamos em que elle ha de compenetrar-se d'esta verdade profundamente gravada no bronze das consciencias dignas: — O unico desaggravo das injurias recebidas, o unico recurso salvador para o nome portuguez e para o seu credito financeiro é o pagamento integral, sem hesitações deshonestas, da divida contrahida pelo paiz.

*

II

Não agradam a todos, sob o ponto de vista *patriotico,* as nossas considerações rudes: mas agradam sob o ponto de vista da simples probidade. Julgavamos e crêmos que o verdadeiro patriotismo baseia-se no amor do nosso credito financeiro e do nosso renome de nação honrada. Ha divergencias: seja, mas insistimos.

Allegam os portadores de titulos, de Paris e de Amsterdam — em termos mais violentos os da ultima praça e, porventura, não processados, por tal motivo:

Que a mudança de um governo constituido, a quéda de um monarcha que foi acclamado pelos tres estados da nação e que mandou cunhar moeda ainda hoje corrente no paiz não constitue argumento para a irresponsabilidade dos governos e do monarcha, seus successores: foi n'essa base que se fundou o governo constitucional de D. Maria II, quando, em 31 de outubro de 1836, reconheceu um emprestimo de D. Miguel, de 12 de novembro de 1831.

Mais allegam os possuidores francezes e os hollandezes:

Que o decreto de D. Pedro IV (31 de julho de 1833) ordenando o pagamento do emprestimo, bastaria a legalisar as pretensões — aliás perfeitamente legaes — dos possuidores, se o *Manifesto* do duque de Bragança (2 de fevereiro de 1832) não declarasse terminantemente que o governo liberal reconhecia as

operações financeiras contrahidas, assim no interior do paiz como fóra d'elle.

Allegam mais os possuidores de titulos:

Que por tal modo são justas e em harmonia com os principios de equidade as suas reclamações, que o presidente do conselho de ministros duque de Loulé reconheceu officialmente o emprestimo, e ordenou em 1864 que se désse principio ás negociações com os possuidores de titulos.

Adduzem ainda os nossos crédores de Paris e de Amsterdam os pareceres da maioria do jornalismo portuguez, em 1877, — maioria representada pelos jornaes lisbonenses *Diario Popular, Nação, Progresso, Jornal da Noite, Correspondencia de Portugal* e *Jornal do Commercio,* e pelos collegas portuenses *Jornal do Porto, Commercio do Porto, Jornal da Manhã,* etc., etc. Os pareceres apoiam de um modo formal os direitos dos possuidores, e dois d'esses collegas — o *Jornal da Noite* e o *Jornal da Manhã* — resumem a questão nos seguintes termos:

«Portugal está-se eximindo ao pagamento das suas dividas mais sagradas. O dinheiro que D. Pedro collocara de parte, como pertencendo aos crédores de 1832, *foi consumido...*»

Nós diremos apenas, resumindo a discussão: — E' preciso pagar e dar de mão ás farçadas judiciaes, que nada provam, a não ser um derradeiro subterfugio de *caloteiro.* Isto, em que peze aos «patriotas...»

Acabavamos de escrever estas palavras quando nos chegou ás mãos o seguinte telegramma da agencia Havas, expedido de Paris:

«O conde Reilhac e o snr. de Battarel, que haviam sido condemnados em outubro ultimo á revelia, por offensas ao rei de Portugal, foram hoje absolvidos em segunda instancia, e o representante do governo portuguez condemnado nas custas».

Agora, um voto de louvor ao nosso representante, pelo «desaggravo» que conquistou para o seu paiz.

Triste e vergonhoso — tudo isto!

III

O nosso collega do *Commercio do Porto,* um dos mais sisudos, refere-se ao triste remate da farçada que o snr. conde de S. Miguel intentou em Paris contra os nossos crédores d'aquella cidade. Condensa affirmações vagas, n'um estylo dubio, cheio de hesitações. E, todavia, a questão é frisantemente positiva, clara e resumivel em breves phrases. Por nossa parte, cremos tel-a resumido.

«O que é facto, — escreve o collega — e cumpre registral-o bem, é que um certo numero de portadores de titulos do emprestimo de que se tracta, julgando que o melhor meio de obter o bom resultado das suas pretensões era *injuriar* o governo de Portugal, publicaram ha tempos, a respeito d'esta questão, affirmativas que o nosso ministro em Paris julgou dever rebater, chamando os auctores d'ellas aos tribunaes.

«Na primeira instancia foi a causa julgada a fa-

vor do representante de Portugal. Na segunda instancia, porém, acaba o processo de ser julgado desfavoravelmente para Portugal».

Accentuemos isto: *o governo portuguez não foi injuriado.* Ao cabo de algumas conferencias, entre os portadores de titulos do emprestimo e o snr. Mendes Leal, nosso ministro em Paris, reconheceram os primeiros que se tractava de captar-lhes a benevolencia, afim de abrir novamente o mercado francez, hermeticamente fechado. A subtileza produzira bons fructos n'um pequeno emprestimo de mil contos. Infelizmente os portadores de titulos reconheceram o ardil, sahiram da neutralidade benevola e fizeram affixar em logares publicos de Paris o seguinte aviso:

«Emprunt royal de Portugal de 40 millions de francs, divisé en 40.000 obligations de 1.000 francs, émission de 1832, remboursables en 32 ans, depuis le 1er septembre 1833, émises à la Bourse à 700 francs et totalement libérées.

«Garanti par tous les revenus de l'État (suivant Décret Royal signé à Lisbonne le 5 octobre 1832). Les versements en retard sur ces obligations ont été l'objet de poursuites judiciaires de la part du Gouvernement Portugais jusqu'en 1842 — Réunion des porteurs (conformement aux décisions prises par l'assemblée générale du 20 mai 1878) de 38.750 obligations *en souffrance*».

Onde está aqui a *injuria?* Onde está a base para os furores patrioticos do snr. conde de S. Miguel? Se a mais louvavel moderação não houvesse presidido a todos os actos e palavras dos portadores francezes, o *aviso* teria rezado d'outro modo: teria accusado em

termos rigorosos a má fé transparente d'este desgraçado pleito: teria alludido ás accusações justissimas de esbanjamentos torpes praticados pela miseravel dictadura regeneradora: teria invocado o pudor, já que as leis de rigorosa probidade haviam sido esquecidas. E não o fizeram. Os hollandezes de Amsterdam foram menos fleugmaticos, desmentindo a sua reputação: affixaram cartazes mais expressivos. Pois não houve lá conde de S. Miguel que os perseguisse por injurias. Essa theoria de policia correccional é um recurso bem triste — para não dizermos cousa peior!

Prosegue o collega:

«Como bons portuguezes, não podemos deixar de lamentar este facto. Graves deviam ser as razões que levaram os tribunaes francezes a sentenciar por similhante modo. Nós desconhecemol-as. Uma coisa é a legitimidade das pretensões dos portadores do emprestimo, outra é a causa por que o representante de Portugal entendeu, e a nosso vêr entendeu bem, chamal-os aos tribunaes.

«Tractava-se de um crime de diffamação. Os tribunaes francezes de segunda instancia entenderam que a não havia. A sentença, por mais singular que pareça, não é unica. A propria França, tão orgulhosa dos seus direitos perante as nações da Europa, não tem sido tantas vezes condemnada pelas suas pretensões, ante o tribunal do mundo civilisado?...»

Uma vez estabelecidas as bases que deixámos indicadas, todo esse arrazoado desmantela-se tristemente. Não lamentam os bons portuguezes o resultado da farçada do snr. conde de S. Miguel, desligando esse resultado dos factos que o precederam. O que

os bons portuguezes lamentam é que tal resultado se tornasse evidente, fatal, unico fatal e unico evidente. O *Commercio do Porto* não póde desconhecer, como assevera, o estado da questão e os principios d'ella: o livro ha dias publicado pelos portadores de titulos está na mente de todos nós. Assim, a legitimidade das pretensões dos portadores do emprestimo não póde separar-se, como diz o collega, das causas que motivaram o processo; vincula-se-lhes; constitue a sua origem; e o snr. conde de S. Miguel, inventando a injuria, pôz em scena uma farça. Não houve sequer em primeira instancia uma sentença favoravel a Portugal, no sentido positivo da palavra, e não houve, porque a causa foi então julgada *á revelia*. O *Commercio do Porto* não pode desconhecer este facto.

As restantes linhas que transcrevemos nada affirmam digno de refutação. Felizmente, o collega prosegue nos seguintes termos:

«N'este lamentavel negocio, não podemos deixar de irrogar uma censura que recahe exclusivamente sobre os governos de Portugal; e, n'esta phrase generica, bem se comprehende que não exceptuamos nenhum, qualquer que seja a sua procedencia politica.

«As pretensões dos possuidores de titulos de D. Miguel não datam de hoje. Agitam-se ha muito. Ultimamente resurgiram com maior intensidade, sem duvida suscitadas pela esperança de melhor successo fundado no augmento do credito financeiro do nosso paiz.

«Por que razão se não tractou de cortar o mal pela raiz?

«Por que razão se não tomou uma decisão que

puzesse termo a um negocio grave ha tantos annos debatido?...»

Agrada-nos este reviramento. Entende-se isto: é portuguez e patriotico. Cortar o mal pela raiz: isto é — pagar. Tomar uma decisão que puzesse termo, etc.: isto é — pagar. Pagar, sem palavriado, sem sophismas, sem argumentos de mau pagador. Que demonio! Uma nação tem um codigo de probidade, como os individuos: isto é puro e escorreito como a consciencia honrada dos que a têem.

Afóra a leitura do *Commercio do Porto,* vemos as seguintes considerações do *Diario de Noticias,* — esse cafre da capital:

«São deploraveis os incidentes levantados a proposito d'essa desgraçada operação (o emprestimo de 1832) de que os governos constitucionaes não têem querido reconhecer a responsabilidade, e este processo é ainda, no seu resultado, uma consequencia bem pouca lisonjeira do estado da questão, pois os seus effeitos são desagradaveis ao credito do nosso paiz, visto que por nosso lado o assumpto não tem sido sufficientemente esclarecido no estrangeiro, ao passo que os queixosos não cessam de accumular publicações, e a sua causa deixa-nos em situação muito inferior á sua perante os que têem de julgar-nos. É necessario que nos desaffrontemos (pagando) ao menos por declarações terminantes e explicações (*sic*) muito claras, feitas pela maxima publicidade nos mercados monetarios onde nos aggridem».

Conclusão: é preciso pagar.

IV

Posteriormente á elaboração dos capitulos precedentes, nada vemos de notavel nas columnas do jornalismo portuguez em defeza do «patriotismo caloteiro». Apenas na *Voz do Povo,* — jornal portuense, que redigimos, — um liberal coevo dos prestamistas de 1832 nos offerece as suas luzes, por amor dos creditos do jornal e para esclarecimento da questão. Os creditos do jornal dispensavam o luzeiro novo e a questão era evidente para quem a olhava á luz da simples probidade. O liberal, recebido por imposições da cortezia e da consideração pessoal, que merece, é um homem eminentemente probo; mas distingue: incapaz de desconhecer os deveres da *sua* probidade pessoal, estabelece uma luz nova para os deveres d'uma nação. Excava nos velhos diarios officiaes e atira-nos braçadas de documentos; muito zelo, muita investigação. Infelizmente, tantos trabalhos nada provam, a não ser a boa vontade do trabalhador.

Descreve a seu modo — isto é, com o indispensavel cortejo de epithetos a D. Miguel — alguns episodios, por demais conhecidos, da *lucta liberal;* esquecendo que D. Pedro IV, a quem Portugal deve a perda prematura do Brazil e a quem os portuguezes n'aquelle imperio deveram as mais torpes affrontas, não é decididamente um modelo de virtudes civicas. Dá-nos uma declaração ou manifesto (*decreto,* diz) da regencia (!) da Ilha Terceira, documento irrisorio, por ab-

solutamente despido de auctoridade, tendente a annullar os direitos dos prestamistas que houvessem depositado confiança no *governo portuguez,* quando é certo que um manifesto de D. Pedro, o chefe do grupo liberal, garantia a fidelidade dos governos futuros do paiz no desempenho dos compromissos contrahidos (vid. as paginas precedentes). Contesta a validade dos tres estados que acclamaram o rei D. Miguel, attribuindo ao terror o procedimento dos seus membros, quando é certo que podemos discutir a validade das côrtes constitucionaes *eleitas* pela corrupção e dominadas pelos interesses de partido, mais ainda, por interesses dos individuos. Considera *boa preza* o dinheiro dos prestamistas de 32 encontrado pelo governo liberal: e todavia D. Pedro ordenara terminantemente que esse dinheiro fosse considerado um deposito e como tal destinado a uma restituição. Esse dinheiro — diga-se a cruel verdade — *foi devorado;* os *honrados devoristas* cerraram os olhos a cuidados; legaram ao seu paiz — uma nação honrada — essa nodoa que se pretende limpar com policias correcionaes por injurias ao soberano; fecharam-nos o credito francez e o credito hollandez; tornaram o nome de Portugal discutivel em assumptos de probidade. Ahi têem os *patriotas* de hoje o que fizeram os seus antecessores.

Que importam os protestos da regencia (!) da Terceira? Em França, os Bourbons — insistimos n'isto — protestaram contra a Revolução Franceza e mais tarde contra o imperio; os republicanos protestaram contra o homem de 2 de dezembro: e, todavia, a Convenção reconheceu as dividas dos Bourbons, Na-

poleão I as da Convenção, Luiz XVIII as do primeiro imperio, Luiz Filippe as de Luiz XVIII e de Carlos X, a Republica as de Luiz Filippe, Napoleão III as da Republica, e a França actual reconhece as de Napoleão III: porque acima de todas as *usurpações,* dos reis e das republicas *qui s'en vont,* está a França com os seus compromissos, com o seu credito, com a sua dignidade; não ha protestos de vencidos perante a nação cujo credito entrou em praça. Assim em Portugal: o emprestimo portuguez de 1832 foi citado nas principaes folhas da Europa, sem que nos boletins de Bolsa figurasse a sombra de um protesto! Conclusão: é um *emprestimo portuguez* e não ha sophismas que vinguem desnacionalisal-o!

Allega o liberal coevo das luctas civis da liberdade o retrahimento de algumas potencias em reconhecer o governo de D. Miguel. Antipathias! Os *Estados Unidos,* a Hespanha e a Santa Sé procederam de um modo contrario. Sympathias! Com isso nada tem o paiz. Portugal existia, nação autónoma, governada por um soberano eleito pelos tres estados, soberano que legislou e cunhou moeda, e a quem a contestação de posse pacifica não exauctora do facto consummado. Os reis Filippes, da dominação hespanhola, têem nos seus annaes os tumultos d'Evora; a Convenção Franceza tem a revolta permanente da Vendéa; o governo de D. Maria II teve a Junta do Porto, a Hespanha tem a ilha de Cuba: que importam esses factos á satisfação dos compromissos nacionaes? Coisa nenhuma! Os liberaes coevos, pretendendo appellar para a illegitimidade d'um soberano fazem lembrar Luiz XVIII que chamava ao anno de 1813 o

«vigesimo do seu reinado». O Bourbon estava em Gand e Bonaparte em Paris, no throno. O Bourbon chamava usurpador ao Bonaparte; o Bonaparte não lhe chamava coisa alguma; ria-se d'elle. Mas quando o imperio desabou, a Restauração reconheceu-lhe as dividas, acceitou-lhe a legislação e a moeda e não tolejou requerimentos de policia correccional, porque o cumprimento de seu dever a livrou de accusações á probidade.

A questão póde resumir-se n'estas palavras de M. Barboux, proferidas pelo eminente jurisconsulto em audiencia de 11 de dezembro p. p., no Tribunal Correccional do Sena:

«La vraie question c'est qu'il y a quelque part de l'argent, que cet argent est à nous, qu'il y a un gouvernement qui ne veut pas rendre ce qu'il a pris, encore bien qu'il n'ait touché que sous conditions et sous serment.

«Il y a, d'un autre côté, des hommes qui ont donné ces millions que vous gardez; ils veulent qu'on les paie».

Eis o ponto em discussão.

V

Ha, porém, uma série de perfidias, que revoltam o animo mais seguro. Indiquemol-as, para vergonha dos culpados, para ensinamento dos ignorantes que condemnam a nossa attitude, para confusão dos falsos patriotas e para base de um proceder futuro.

Por decreto de 31 de julho de 1833, estipulou

D. Pedro — que o dinheiro em discussão fosse conservado, como deposito, afim de ser restituido opportunamente aos prestamistas.

A opportunidade, perto de meio seculo decorrido, não é simplesmente adiada — o que seria absurdamente ridiculo; é completamente banida, *por todo o sempre!* Nem hoje, nem ámanhã, nem no seculo xxx: registrae bem esta resolução, homens que haveis confiado no decóro e na boa fé! *Lasciate ogni speranza* — á porta da caverna!

Allega-se que a D. Pedro escasseava a auctoridade, que só podia receber das côrtes. Essa auctoridade, ó illustres embusteiros, concederam-n'a implicitamente as côrtes, ao approvarem o orçamento, que continha, a par da somma em questão, as annotações de D. Pedro, que já conheceis: o destino *opportuno* d'aquellas sommas.

Ha mais, porém, e mais negro n'este mar de negruras!

Cedamos a palavra por um momento a M. Lachaud na sua eloquentissima defeza de 18 de dezembro p. p. Julgamos inutil a traducção aos portuguezes interessados n'estes assumptos:

— A peine entré à Lisbonne D. Pedro déclare vouloir respecter intégralement tous les engagements contractés par le gouvernement auquel il succède, envers les étrangers. Il institue une commission des finances qui ne devra pas «confondre» ce qui est propriété publique avec les fonds prenant leur source dans les emprunts contractés par le gouvernement usurpateur.

«A l'égard de ces fonds, dit le décret de Don

Pedro, la commission sera auctorisée uniquement à en opérer le recouvrement, parce qu'il répugnerait à ma générosité de mettre le moindre empêchement à leur remise entre les mains de ceux auxquels ils peuvent appartenir de droit, en temps convenable...

«31 juillet 1833.

«Don Pedro, duc de Bragance».

Ainsi la commission était chargée de recrouvrer les versements restant á faire sur l'emprunt de 1832. C'était, disait alors le gouvernement portugais, dans l'intérêt des obligataires et pour mettre en sûreté les fonds qui devaient leur revenir.

D. Pedro trouvait dans les caisses de l'Etat de l'argent, provenant des versements des souscripteurs de 1832. C'est ce qui résulte du rapport officiel fait aux Cortès par le nouveau ministre des finances, le 30 août 1834:

«Il me paraît, dit le ministre, devoir être déclaré ici que la somme trouvée dans les caisses publiques était une somme de 334 contos 2.412 réis provenant d'un emprunt contracté avec la maison Outrequin et Jauge, dont 25 contos 65.950 réis en espèces frappées antérieurement au 24 juillet 1833 et le reste en lettres de change sur Lisbonne et Londres.

«... Il résulte que la somme encaissée par la commission des finances nommée par décret du 31 juillet 1833 et provenant de cette transaction est de 255 contos 915.442 réis».

Autrement dit deux millions et demi á trois mil-

lions de francs dans la caisse centrale du Trésor seulement.

Les années suivantes ont constaté à la rubrique: «Recettes extraordinaires, emprunt Outrequin», un chiffre qui d'abord ne s'augmente guère, les souscripteurs voyant que le service de l'emprunt était suspendu et ne s'expliquant pas bien comment le gouvernement portugais invoquait le bénéfice d'un contract dont il répudiait les charges. Le gouvernement de Dona Maria s'occupe alors activement de poursuivre les souscripteurs de l'emprunt de 1832.

Et, à cet effet, seul, parmi les fonctionnaires du gouvernement précédent, le trésorier général, M. Couto Fernandès, avait été maintenu en fonctions aprés le 31 juillet 1833, dans le but de lui faire endosser les traites que la maison Outrequin et Jauge lui avait adressées et que seul il pouvait endosser. L'endos avait eu lieu au nom de M. Soarès, agent du nouveau gouvernement à Londres, le 7 août, et, le 9 août, M. Couto Fernandès etait révoqué.

En 1839, on envoie à M. Soarès l'ordre de poursuivre les versements en retard sur l'emprunt de 1832 et de les obtenir comme il le pourra; mais la Chambre des lords, saisie du procès, résistait à la demande et exigeait une déclaration, sous serment, de l'emploi ultérieur des fonds. Alors, en 1840, on expédie à M. Soarès l'ordre de faire la déclaration exigée par la Chambre des lords. M. Soarès prête donc serment:

«Qu'il est dans les intentions de la reine et du gouvernement actuel du Portugal de mettre de côté les fonds qui proviendront du paiement des lettres

de change, et, qu'autant que la totalité en sera réalisée et reçue par le gouvernement, d'en distribuer le montant entre les ayants droit. Il dit qu'il a reçu pour cet emploi équitable, du ministre de son gouvernement, l'ordre de poursuivre le paiement des lettres de change et d'en remettre le montant à la commission des finances de Lisbonne, où ces fonds seront tenus à part de tous autres fonds et revenus du royaume par la destination susdite, parce qu'il est à sa connaissance qu'en vertu du décret de D. Pedro du 31 juillet 1833, rendu ao nom de D. Maria, les fonds à provenir de ces traites doivent être mis à part pour être répartis en temps voulu à tous ceux à qui ils peuvent appartenir de droit».

Vous entendez bien cela, Messieurs, et vous allez vous en souvenir...

Lembraremos nós.

Em 1862, o governo presidido pelo marquez (depois duque) de Loulé enceta negociações com os portadores de titulos. O *non possumus,* que seria a base da resolução de um governo forte dos seus direitos, desappareceu. Implicitamente a divida reconheceu-se. Notae bem: encetadas as negociações com os portadores, a divida estava legalisada, quando porventura os factos anteriores dessem origem a discussões. Em 1879, o ministro portuguez em Paris, Mendes Leal, reata o fio das promessas, das reflexões, das esperanças; importava restaurar o credito perdido na praça de Paris. De subito, opera-se um reviramento; os portadores são postos na rua; e ás suas reclamações de homens a quem espoliam á face

do mundo inteiro — responde-se com uma policia correccional!

Em 1839 o agente Soares, em 1862 o visconde de Paiva, em 1878-79 Mendes Leal: ahi estão os tres agentes da *embrulhada* miseravel! O conde de S. Miguel tem papel secundario: zéla o nome do rei Luiz I *injuriado* pelos portadores...

Que nos dizeis á triste farçada, ó patriotas puros?!

VI

O regresso do snr. Mendes Leal a Paris, em 1880, produziu na farçada uma curiosa mutação de scena. O «Mémorial Diplomatique» sente-se possuido d'um ardentissimo affecto pelos interesses da nação portugueza. Tradul-os a seu modo. Contesta os direitos dos portadores. Historía a campanha liberal, com grandes gestos irritados contra o irmão do libertador do Brazil. Repelle, como desauctorisadas, as palavras da «Nação», e a uma carta do snr. conde de Reilhac, na qual se mencionava o nosso obscuro parecer, replíca — associando-nos á «Nação». Sim, o «Mémorial Diplomatique» chama-nos Miguelista...

Não nos desdoura a classificação; menos ainda a camaradagem que o jornal de Paris estabelece — forçadamente — entre nós e os jornalistas da «Nação». O nosso jacobinismo não se desata em safanões colericos, mas o nosso raciocinio preoccupa-se... O «Mémorial Diplomatique» inspira-se nas palavras do snr. Mendes Leal; recebe de s. exc.ª informações

— tão eloquentemente apresentadas que o prazo de uma semana e tanto bastou á *conversão* do jornal. É um habil propagandista e um bom director do espirito o ministro portuguez: confessamos porém que mais nos averga a espantosa contrição do neophyto. O «Mémorial» distinguira-se na cruzada em nome dos direitos aggravados, dos portadores. Estribara os seus protestos na consciencia e no patriotismo: impelliam-no — um dever e uma paixão. O snr. Mendes Leal, o nosso ministro, mediante uma exhortação paternal, amoravel, derrama a luz da divina graça n'aquella alma peccadora; demonstra-lhe que a illegitimidade de D. Miguel implicou, de um modo positivo, a não-existencia de Portugal durante o periodo d'aquelle governo e que as forças vivas da nação, a sua auctoridade e soberania achavam-se refugiadas na Terceira, consubstanciadas nos tres ou quatro chefes do movimento liberal: demonstrou isto — e o resto: e o bom do «Mémorial Diplomatique», todo contrito, cheio de uncção e candura, declara que se enganou, que peccou; edifica os tibios, inquieta os espiritos descrentes! E' assim que o proprio *Figaro,* o incorruptivel *Figaro,* o austero *Figaro* vae entrando no bom caminho: já se esquiva á defeza dos portadores, já se inclina á defeza dos nossos caloteiros... perdão — dos nossos patriotas. Ámanhã vêl-o-hemos na brécha, em defeza do snr. Mendes Leal, isto é, dos *nossos interesses.* O snr. Mendes Leal é um missionario-portento, mas o povo portuguez, não consultado para a distribuição do seu papel, terá de pagar as despezas das *missões.* E' o remate do escandalo.

O snr. Mendes Leal conhece-nos: sabe que o seu convertido, ao classificar-nos de *miguelista,* faltou indigna e burlescamente á verdade: mas que importa mentir de mais ou de menos no estendal de perfidias e de mentiras que ha perto de meio seculo se desenrola aos olhos dos portadores indignamente burlados?

Duas palavras e terminaremos:

A empreza jornalistica da *Voz do Povo* recebeu os tres primeiros capitulos d'este protesto e publicou-os, em lucta com a irritação comica enxertada na estupidez cornea de um milheiro de *patriotas* — d'uns patriotas que só vêem no passado o *cacete* que merecem, como só vêem na revolução o ferro em braza reclamado pela fétidissima ejaculação do pus: são uns *patriotas* que pediriam em berros o pagamento de mil dividas, se o pagamento houvesse de collocar em apertos dolorosos os adversarios politicos no poder. N'estas condições nenhum orgão jornalistico ousaria publicar este protesto; e a empreza d'aquelle jornal, publicando-lhe as primeiras palavras, não poude furtar-se aos arremessos d'aquella horda que lhe escornou a independencia, á conta de venalidade.

Mas, como fóra do orgão jornalistico existe, mais duravel, e sobranceiro aos embates da cascaria *patriotica,* o terreno inexpugnavel do *livro,* d'aqui protestamos — obscuro mas leal campeão do simples direito postergado — contra o edificio da indignidade escorado no cynismo absoluto.

1880.

«O GRANDE HOMEM»

(CRITICA RISONHA)

«O GRANDE HOMEM»

COMEDIA DE TEIXEIRA DE QUEIROZ [1]

PRINCIPIEMOS por aqui: — Na comedia *O Grande Homem* não ha escóla nem processos a discutir: ha simplesmente a desharmonia entre o *intuito* do snr. Teixeira de Queiroz e a traducção em *factos* — d'esse intuito. O dramaturgo propõe-se castigar no palco as nullidades triumphantes. É justo; mas importa que o bom publico veja na galeria dos triumphadores do seu tempo os *equivalentes* ao personagem exposto. Cumpre ao moralista (horrorosa palavra!) colher na galeria em questão dados positivos: arrancar ao ignobil estadista Moraes um escandalo impune e ap-

[1] Vide *A Folha Nova*, do Porto.

plaudido e ao ignorante estadista Silverio um disparate escandaloso e tolerado: do agrupamento de factos colligidos derivará o moralista — quero dizer o critico — á synthese do paspalhão triumphante; fórma-se o typo dramatico, que não é o Moraes, nem o Silverio, mas que é a essencia d'aquelles nullos trapaceiros. E então produz-se no espirito publico uma reacção de justiça, que constitue o correctivo applicado aos *taes* e o desideratum do *moralista*.

Ora, o GRANDE HOMEM é uma caricatura, — um mentecapto. Não temos *politicos* assim. No palco scenico, uma tal deturpação dos *factos* traz em si o mais deploravel resultado: um effeito negativo. Um publico sae do theatro, commentando: — «Os nossos politicos não são tão maus como se julga, pois que é preciso *calumnial-os*». Note-se que não ligo a este verbo intenção injuriosa. O que eu quero dizer é: — Se o snr. Teixeira de Queiroz pretendesse castigar no palco os escriptores mediocres que abusam da paciencia publica, não iria synthetisal-os no typo *Jayme de Belem,* porque, em tal caso, calumniaria os mediocres, errando o alvo. Na vereda da justiça, o snr. T. de Queiroz buscaria dados positivos em mediocridades: — em mim e n'outros collegas, de eguaes recursos... Eu bem vejo que s. exc.ª abre a bocca, para me dizer delicadamente — que não, — que não estou nos casos... Valha-me Deus! Eu tambem o creio; mas quero tirar a algum meu collega generoso o desgosto de me brindar com uma laracha pelintra e semsabor...

Afóra os pontos que deixo indicados n'um estylo desadornado até á pelintragem da laracha supra,

não me parece que alguem cite com justiça e bom juizo, á barra da discussão, os nomes de Zola e Flaubert a proposito da comedia discutida. Ou eu vejo pessimamente, ou no alludido trabalho nada existe que mereça a attenção da critica, a não ser o mallogrado intuito do dramaturgo. Não vingo perceber as coleras a que se refere no seu prefacio o snr. Teixeira de Queiroz, e quer-me parecer que o auctor do *Grande Homem* expiou as *culpas* do auctor dos *Noivos* e do *Amor Divino;* mas eu, no seu trabalho dramatico, não descubro o dissidente romancista; simplesmente se me afigura que a peça deve os poucos dias de existencia ao bom nome do romancista-critico.

Mas... prepara-se ruidosa pugna... Eu vou despendurar a lança e o escudo dos bons torneios alegres. Assim me deixe o Rheumatismo!

9 — 1 — 82.

II

Uma noite, ha perto de onze annos, ouvi em conferencia publica o professor Augusto Soromenho. Se me não trahe a reminiscencia fatigada, preoccupava-se no Realismo o erudito. É inutil dizer-se que Soromenho formava do Realismo exactamente a ideia que dos gozos do *amor impuro* formou durante setenta annos d'um viver casto o illustre José Boreas d'Araujo (vide *Barbosa Machado* e *Innocencio*). Augusto Soromenho conhecia os Barbaros, os Santos

Padres e os Heresiarchas; manuseava o Digesto, os Bullarios e os Chronicões: — todo o Indigesto! Mas o seu poderoso e opulento cerebro immobilisara-se em frente das questões novas. Os horrores que o sabio professor do Curso Superior de Lettras proferiu, n'aquella noite da conferencia, contra o Realismo e os realistas e a orientação moderna e a audacia da mocidade, vibram hoje, onze annos decorridos sobre o caso, nos meus ouvidos de peccador. Fez-me pena a colera d'aquelle homem; e ainda hoje não vingo desprender-me de funda lastima por elle e por outros irritados, se acerto em vêr a audacia com que uns adolescentes conquistam as esporas de cavalleiro, com grave escandalo de uns ratões que ha trinta annos sonham com as esporas e que realmente as sentem — nos ilhaes! Concebo as coleras dos *aquelles* e nitidamente vejo as origens d'ellas, quando Fialho d'Almeida — o poderoso cinzelador da Prosa, — á segunda hora do seu labor, opulenta a galeria profanada pelos gêssos de mil Napolitanos derrancados na faina da Arte pulha. Ah! não insulta nem deprime os *homens d'hontem* quem, como eu, saúda no maior de todos elles, o mestre de todos nós...

Envio-me novamente á prosa de Augusto Soromenho e ao porque d'esta evocação. Durante as duas horas em que o sabio conferente produziu o seu libello, afigurou-se-me que a energia, tão proverbial, do accusador afrouxara singularmente; notei que o olhar do professor — aquelle olhar terrivel que desnorteava os cábulas do *Curso* — errava pela sala, hesitante, receoso, como se o espirito critico da litteratura moderna houvesse perturbado o orador, se-

gredando-lhe certa coisa que o senso-commum segreda altas horas da noite a *Joaquim Gonçalves* — chapeleiro eleito. E, todavia, na sala não se divisava a menor sombra de hostilidade. Professores graves, do collegio da Conceição, approvavam conspicuamente, pitadeando narizes inexpressivos; estimaveis burguezas, repolhudas e tambem inexpressivas, resvalavam á somnéca dos justos — como se no logar de Soromenho se estadeasse *Moser,* intestino da deusa Parvoice. Apenas a cabeça leonina do doutor Sousa Martins punha uma formidavel nodoa de talento n'aquelle purissimo estendal de nullidade e de semsaboria. Fui á beira de Sousa Martins; participei-lhe o meu espanto motivado pelo *desnorteamento* do orador, e interroguei-o sobre o caso.

Então, o interrogado elucidou-me: — Augusto Soromenho achava-se dominado pela ausencia absoluta de adversarios. Para que elle, o dissidente, vingasse readquirir energia e vigor em toda a plenitude habitual, tornava-se mister uma forte contestação *que lhe sacudisse os nervos,* que o restituisse ao seu meio de discussão violenta e, por vezes, apaixonada. Com um auditorio pacato, indifferente, ou amigo, ou receoso, Soromenho sentia-se vagamente digno do escudeiro Sancho. Que diabo! Digam-lhe que mente; que se cale; que vá para o inferno! Nada: *moita!* Ahi tem vossê a explicação .....

.....

.....

Cá despendurei o escudo e a lança dos bons torneios alegres. É certo que não sou bem Soromenho: não conheço os *Bullarios,* nem os *Chronicões;*

mas, como elle, sinto-me triste e desnorteado se espero inutilmente a *pugna ruidosa, a temerosa pugna.*

10 — 1 — 82.

III

Hontem, disse-me um dos *novos:* — As suas referencias descortezes, se assim ouso exprimir-me...

— Exprima-se!

— Aos homens d'hontem com a exclusão de Camillo Castello Branco...

— ?

— Podem aggravar os melindres — hein? — de algum homem de lettras, que ha trinta annos as cultive...

E eu disse assim ao homem *novo:*

— Meu amigo; exceptuei incidentemente, pois que do mestre se tratava, o nome de Camillo Castello Branco. Ora, eu seria tão besta como o (aqui um nome modernissimo, que não reproduzirei)... se me occupasse em abrir excepções de alta estima que tributo a alguns homens que ha trinta annos escrevem superiormente. Se é preciso que eu repita os meus protestos de respeito e sympathia por Julio Machado, Bulhão Pato, Alexandre Braga e algum outro, declaro que, após a repetição, emigro para um mundo inferiormente parvo. Veja lá: repito?

E o homem *novo* disse-me:

— Não! Não é preciso.

Ora, pois...

. . . . . .

Se o theatro é mais difficil do que o romance: isto não é do «escriptor Branco Rodrigues»: é do snr. Teixeira de Queiroz. Dá-me a gana de espraiar agora em farfalhices a minha cruel misanthropia! *Se o theatro é mais difficil do que o romance...* mas decerto, se o theatro é o de Shakspeare e o romance é o de Montépin; se o theatro é o de Garrett e o romance é o de Pedro Ivo. Mas o romance é mais difficil do que o theatro, se o romance é de Balzac e o theatro é de Pixérécourt; se o romance é de Camillo e o theatro é de Sousa Bastos; se o romance é de Teixeira de Queiroz e o theatro é de... Teixeira de Queiroz. Como diabo se faz mister este conjuncto de trivialidades, em resposta ao romancista critico dos *Noivos* e do *Amor Divino?!* Isto disperta-me a recordação d'aquillo das *Guêpes* do bom Karr: — « O que é que vossê prefere: os espinafres, ou a *Iliada?!!*... Se o theatro é mais difficil do que o romance! »

Lucta o dramaturgo, no dizer grave do snr. Teixeira de Queiroz, contra uma serie de horrores: entre elles, a difficuldade de obter interpretes bem providos de dotes plasticos e de dotes intellectuaes á altura dos personagens respectivos. Está bem, mas podia estar melhor; e afigura-se-me que melhor estaria a observação amarga — firmando-a outro escriptor. Eu me explico: se ha dramaturgos prejudicados pelo *descmpenho,* ha outros que só ao *desempenho* devem a salvação. O snr. Teixeira de Queiroz entende-me perfeitamente; mas eu esclareço o caso — para o seu visinho mais pobre de phosphoro do que de enxofre. Se em logar de Joaquim d'Almeida no grotesco papel

do *conselheiro Pontino* e de outros artistas de primeira plana, como Virginia, E. dos Anjos, Brazão e Augusto Rosa, nos papeis secundarios: se em logar d'esses actores, o snr. Teixeira de Queiroz houvesse obtido a *collaboração* de interpretes cujo merito artistico fosse egual ao da comedia desempenhada, o snr. Teixeira de Queiroz teria de vingar-se, no seu Prologo, de um severissimo correctivo applicado por todo um publico. Assim, erguido nos braços dos seus interpretes, aggravou as maculas do seu trabalho com a mais positiva ingratidão. Não é moderno, e é feio!

Isto continúa.

12—1—82.

IV

O zelador officioso dos creditos não aggravados, a quem hontem me referi, disse-me hoje:—Porque foi vossê, homem de Deus, classificar *pelintra* o estylo do seu primeiro artigo? Essa modestia é velhaca, por mais que v. diga. É bonito, mas já não péga!...

E eu:—É velhaca, sim senhor! Chamei *pelintra* ao estylo, imitando certa bebeda que me dizia, d'olhos em alvo—« Não achas que sou feia? » É verdade que estas velhacadas téem um velho carimbo coevo dos primeiros hypocritas; mas está vossê enganado, quando affirma que já não péga o ardil. Ainda hontem o Ladislau, que bebe do fino, me dizia a proposito da minha modestia, tomando-a a sério, já se vê:—« Ora sebo! »

. . . . . .

O snr. Teixeira de Queiroz diz no seu prologo: — « . . . appareceram as criticas nos jornaes, que, confessamos agradecidos, quasi todos foram correctos e amaveis ». Isto vem na pag. VII. Na pagina seguinte diz — « Qual a differença entre Sardou e Molière? Em que progrediu Labiche e Scribe a respeito do Beaumarchais?! Ah! os senhores não sabem... Surriada! que não sabem e fallaram pomposamente d'isto! »

Não está correcto. Pouco importa que não esteja amavel; mas não está correcto, já disse! O snr. Teixeira de Queiroz só póde confessar-se agradecido a quem discutir com alguma sciencia e com muita consciencia a sua estreia de dramaturgo: e o snr. Teixeira de Queiroz contesta positivamente aos seus criticos aquelles predicados fundamentaes. — « Surriada! que não sabem e fallaram pomposamente! » Ignorantes e petulantes! Charlatães! E, ao mesmo tempo, « confessamo-nos agradecidos, porque foram amaveis e correctos — quasi todos ». E os que não foram uma nem outra coisa? Tiveram elles, AO MENOS, consciencia? Nem vale a pena fallar n'isso.

Vou-me á *Revista do Norte* (de 8 de março de 1881) e de lá extraio as seguintes linhas que lá escrevi sobre a comedia do mal agradecido:

« *O Grande Homem* »

— « D'esta comedia do snr. Teixeira de Queiroz, ao presente em scena no theatro de Maria II, diz um chronista lisbonense (no *Diario Illustrado*):

« O snr. Teixeira de Queiroz quiz provar o seu « pulso, que é vigoroso, n'este genero de litteratura, « ideou a sua peça durante um passeio e escreveu-a « em dois serões. Se dobra a parada ganhava a apos- « ta; assim não perdeu, mas apenas levanta a en- « trada ».

« Approvamos, — salvo a redacção.

« Quando o bello espirito do snr. Teixeira de Queiroz conceder a um trabalho dramatico alguns passeios e alguns serões mais, tributaremos a esse trabalho uma apreciação detida.

« Hoje limitamo-nos a saudar Joaquim d'Almeida pela brilhante *charge* que salvou a peça, e ainda a actriz Virginia que, n'um papel secundario, foi, como sempre, a nossa artista incomparavel de intuição critica e despretenciosa correcção.

« E nada mais.

« *S. P.* »

Como eu dóbro o joelho, reconhecido, perante a minha estrella funesta, que tão boa inspiradora me foi n'aquella hora de rudeza! Porque, emfim, eu não fui amavel, nem *correcto,* se bem nitidamente enxergo o alcance d'aquelle adjectivo proferido pelo snr. Queiroz. Ah! que raiva de mil diabos não sentiria eu, a esta hora, se me visse filado nos *quasi todos* — correctos, amaveis e charlatães! Que damnado estylo não seria o meu! Que vingadoras columnas não marchariam do luzido acampamento da *Folha Nova* sobre a esquina da Havaneza, predilecta do ingrato! Assim, estou bem; nada me obriga a batalhar; e se

entro na liça, é porque, verdade, verdade, o snr. Teixeira de Queiroz, com o seu Prologo a proposito da sua comedia, faz-me pensar entre sério e risonho, n'uns *cantares* do meu chorado Aguilera:

Á Dios un abogado
Le imita en esto:
Dios de nada hizo el mundo,
Y el hace un pleito.

Temos para mais uns dias.

13 — 1 — 82.

V

Alli em baixo dirige-me insinuações temerosas o *aquelle,* especie de noticiarista, que tem no craneo uma pata d'urso, chorumenta e uberrima, chuchada pelos philosophos da troça pura. O *aquelle* chama-me «invejoso, mysterioso e charlatão, sem talento e sem caracter...» O leitor admira a minha cynica pachorra, e mais alto iria o seu nobremente dolorido espanto, se eu lhe dissesse que, fingindo desconhecer as perfidias do rapaz, lhe aperto a mão que elle me estende afflicto, quando a minha presença inesperada lhe dá rebate ás orelhas sensitivas. O que elle teme é que eu lhe transforme as sensitivas em malaguetas: infundado pavor! Está livre de perigos emquanto não affirmar a coragem das suas parvoices...

*

N'esse dia hei de fazel-o em bifes, — se não preferir desfazel-o .....

.....

.....

Se o theatro é mais difficil do que o romance: decerto, se o theatro é de Calderon e o romance de Perez Escrich; mas o romance é mais difficil do que o theatro, se aquelle é de Julio Diniz e o theatro é de Carlos Borges... Mas, n'este ponto, o snr. Teixeira de Queiroz interrompe-me bruscamente: «E' preciso que me diga se ao pulso de Calderon se torna mais pesado o romance que o theatro; por outra, se ao pulso de Walter Scott se torna mais pesado o theatro do que o romance. Entendeu, *seu* incorrecto?»

E n'este ponto, eu digo ao snr. Queiroz (Teixeira de): — Entendi perfeitamente, e respondo: Não se nasce dramaturgo, nem romancista, mas o homem de lettras escolhe de preferencia uma das veredas: o livro, ou o palco scenico. O *palco* tem certos attractivos: a vida de bastidores, a ovação estrondosa, uma certa garantia de lucros; mas ha o reverso: a intriga dos bastidores, a estrondosa pateada, a perda absoluta do trabalho. Por outro lado, o *livro* tem compensações menormente ruidosas; mas o *fiasco* tambem é menos ruidoso... O homem de lettras escolhe, pois, e na escolha influem necessidades, temperamento, projectos varios. Note-se que quando digo o *homem de lettras* refiro-me a um homem de talento e de vocação litteraria e de nenhum modo a algum papa-fina que, no dizer de Camillo, vende artigos por meias solas... Dado, pois, que tenhamos, ao

fim da escolha, *um romancista,* importa examinar as suas vantagens sobre o *dramaturgo,* na elaboração do seu trabalho; e, examinando, vemos:

O romancista dispõe, como recursos auxiliares do descriptivo e dos commentarios, ou *considerações moraes:* e, como especial condição animadora, dispõe da *ausencia* do publico violento e precipitado em seus juizos. D'aqui resulta para o *artista* uma *independencia* cuja definição é inutil aos verdadeiros artistas, e aos profanos incomprehensivel. Pelo seu lado, o *dramaturgo* vê-se limitado ao dialogo, tem de desprender-se do seu estylo proprio e de sacrifical-o aos *estylos* dos personagens. Ora esses *estylos* são demonstrativos das respectivas entidades psychologicas e, o que é mais, dos cambiantes psychologicos das entidades supra. A razão por que o theatro colossal de Hugo não vingou ser humano consiste na invasão do estylo especial e caracteristico do grande poeta em todas as scenas dos diversos dramas. E' grandioso, mas não é humano. E' prodigioso, mas não é verdadeiro. Acceitou-se em 1830, como serie de protestos; acceita-se hoje, como série de grandes syntheses; mas repelle-se, como adverso á *verdade*...

Mas isto não vae a matar. Ámanhã proseguiremos.

14 — 1 — 82.

VI

O leitor já percebeu que o meu intuito é ser comprehendido em toda a linha intelligente que vae de *Moser* ao *visconde das Hortas*... passando por *Joaquim Gonçalves* — chapeleiro eleito. E' a minha ultima ambição, e prefigura-se-me realisada para consolação dos meus breves dias derradeiros. Convem-me declaral-o, porque não julguem, ou antes, porque não affirmem calumniosamente adversarios meus — que estou inhabilitado a escrever *fóra do alcance.* Quero dizer que vou elaborando estes artigos em estylo ordinarissimo; mas que me préso de saber dizer tudo o que deixo dito — em estylo que ninguem entenda... nem eu! N'este caso temeroso do *Grande Homem* quero-me com *Anselmo* e não desdenho *Apolino.* Ao brodio critico é chamado o bom juizo das Congostas; e, se não convido a rua de S. João, é porque não entra aqui o sexo grato aos commendadores d'aquella rua.

. . . . . .

Circumscrevendo-me ao *Grande Homem:* Se a comedia do snr. T. de Queiroz não houvesse determinado, mercê da publicação com Prologo e mercê do bom nome do *romancista,* a promessa d'uma pugna litteraria — promessa que ahi vimos na imprensa, em locaes repletas de gravidade, — se a comedia em questão houvesse resvalado, por todo o sempre, á aposentação nos theatros par-

ticulares, como tantas outras em condições similhantes, — se o *romancista* não invocasse Molière nem Beaumarchais, nem Balzac, nem Stendhal, a proposito do *conselheiro Pontino:* se, em conclusão, o *Grande Homem* fosse modesto na sua insignificancia, o processo *critico* a seguir com a peça do snr. T. de Queiroz seria d'uma simplicidade primitiva: — Tem graça? Tem senso-commum? Tem verosimilhança? Tem urdidura engenhosa? Tem grammatica? Isto discutido e assente, passariamos á ordem do dia. Mas, infelizmente para o socego publico, o snr. Teixeira de Queiroz conhece Molière e Beaumarchais, e affirma-o á pobre gente: — Sucia de parvos, que conhecem o Sardou e o Labiche! Quero que me digam a differença que ha entre Sardou e Molière... Não sabem? Surriada, charlatães! Surriada! e fiquem sabendo que não ha differença nenhuma, absolutamente nenhuma! Tenham-no assim entendido!

Tal disse *elle!*...

.....

Ámanhã fallarei eu, que tambem sou gente.

15 — 1 — 82.

VII

Qual a differença entre Sardou e Molière?...

Collegas amaveis e correctos — *quasi todos!* O snr. Teixeira de Queiroz está alli fóra a perguntar-vos *qual é a differença entre Sardou e Molière.* Tende a bondade de guindar o intellecto e o criterio á

conspicuidade do caso. Guindae! Mas tomae tento em vós: *elle* não pretende elucidar-se: *elle* chama-vos á lição, simplesmente. Se não tem férula, tem um feixe de ironias, que me põe negruras no coração que vos lamenta. Mas, que diabo! parece que não guindaes! Tomae tento: lá está *elle* a sorrir... é satanico! Lá vos diz: *Surriada!* Lá vai lavrando o diploma de charlatães! Ó pae do *grande homem,* por amor do bruto vosso filho, sêde misericordioso! Um prologo assim é um abuso da força; não se deve abusar do genio, nem do saber, nem da ironia — marca *H. Heine.* Sebo!

Mas, quer-me parecer que mourejo incorrectamente por chamar ao terreno da misericordia o snr. Teixeira de Queiroz. Ou não? Aquillo é o gorgulho da omnipotencia a atacar-lhe os sentimentos compassivos. Quando se chega ao vertice da gloria litteraria indiscutivel na *Havaneza* e no *Carmo* é-se cruel á similhança do outro *que fazia versos — sem dar por isso.* O snr. Teixeira de Queiroz não imagina as lagrimas choradas, as humilhações curtidas — salvo seja! — por *quasi todos,* quero dizer, pelos amaveis e correctos, tão duramente recompensados pelo genio mal agradecido!... «Pobres mosquinhas, como foi bom, ainda assim, que a aranha vos não comêsse!...» Isto é de *Picavinagre,* um philosopho dos *Mysterios de Paris,* tão verdadeiro como Ulurus.....

.....

.....

A pag. XII do Prologo do snr. Teixeira de Queiroz lê-se:

«Termino respondendo a um reparo, sem grande

«valor, mas sómente para me não taxarem de orgu-
«lhoso. Disse-se que o *Grande Homem* peccava por
«falta de enredo: Molière tinha em segunda conta a
«intriga das suas peças, porque fazia monographias
«de caracteres ou de recantos sociaes. Este prodigio-
«so mestre, como tinha ideias, não queria adoptar o
«*expediente* de as esconder. Se vós, meus senhores,
«um dia nos patenteaes (aliás *patenteardes*) o grande
«poder analytico do cerebro que Deus vos distribuiu,
«decerto perderemos alguns auctores de comedias en-
«cantadoras...»

Etc.

Ora, é tempo de perguntar ao snr. Teixeira de Queiroz se toma a responsabilidade d'estas linhas que eu transcrevi, bem como das que se referem a Molière e Sardou. Eu pergunto:

— Toma a responsabilidade?

— Ja se vê que tomo, seu incorrecto!

Pois então, ahi tem o snr. Teixeira de Queiroz, nas ultimas linhas do seu Prologo, *a differença que realmente existe entre Molière e Sardou:* aquelle fazia monographias de caracteres, desprezando a intriga das suas peças; este firma-se na urdidura das peças, consoante as exigencias do publico de hoje; não faz monographias, faz *enredos* e n'elles envolve a these; o moralista occulta-se no artista; o *prégador* eliminou-se, e, se o publico recebe hoje os sermões, é sob a condição de não vêr o pulpito...

Ahi tem o snr. Teixeira de Queiroz a demonstração de que, sendo *cruel sem o saber,* foi, ao mesmo tempo, *generoso sem dar por isso.* Formulou os horrores e, ao mesmo passo, o correctivo para elles. Não

tenho ideia d'outro caso assim; mas que não é novo quero crêl-o. Naturalmente já se deu no tempo de Molière; mas houve differença nos episodios.

Não vejo, por hoje, assumpto para *mais,* e fecho apressadamente o livro do snr. Teixeira de Queiroz, receando não vêr assumpto para *tanto.* Todavia, a minha força de vontade não se resigna a terminar a festa sem a *girandola final* que o leitor está esperando. Ámanhã terminarei.

16 — 1 — 82.

VIII

Começo a nutrir a suspeita de que o leitor é da minha opinião, se eu assevero que o livro do snr. Teixeira de Queiroz não merecia a *temerosa pugna* — que não obteve, nem sequer as bagatellas dos artigos — que á minha caturrice conquistou. O snr. Teixeira de Queiroz preoccupa-se na supposição de que o podem reputar *orgulhoso,* e defende-se como hontem vimos: «Molière tinha em segunda conta a intriga das suas peças *porque* (o grifo é meu) fazia monographias de caracteres ou recantos sociaes. Este prodigioso mestre como tinha ideias não queria adoptar o expediente de as esconder. . . » Não está correcto. O snr. Teixeira de Queiroz insinúa — *porque o não julguem orgulhoso, já se vê,* — que procedeu como prodigioso discipulo do mestre prodigioso. Como tinha ideias — as que nós vimos no *Grande Homem* —

não quiz adoptar o *expediente* de as esconder. Eu, quando vi em scena, durante umas estiradissimas tres horas, o actor Joaquim d'Almeida, — o principal salvador da peça, — logo vi que era elle o depositario das ideias do dramaturgo. Lá a dentro dos bastidores nada havia escondido: para logo o percebi. O snr. Teixeira de Queiroz dispensou-se de urdidura dramatica, de situações, de mil insignificancias que são o recurso dos ineptos. As IDEIAS alli estavam, nuas e cruas: *as nullidades triumphantes recebendo a flagellação!* E, na plateia, uma *claque* de Pancracios piscava o olho sagaz, e Pancracio da Costa dizia a Pancracio da Cunha: — «Lá estão ELLAS!»

Mas, então, pergunta a minha caturrice ao snr. Teixeira de Queiroz... mas, então, para que foi s. exc.ª incommodar a esplendida *troupe* do nosso primeiro theatro, se se tratava de romper altivamente, como prodigioso discipulo do prodigioso mestre, com as exigencias do theatro contemporaneo? Se o snr. Teixeira de Queiroz pretendia comparsas para a sua tentativa de *renascimento Molière,* que s. exc.ª os pedisse ao snr. Garraio! Se o bravo e brilhante artista Joaquim d'Almeida se prestava a exhibir no palco as IDEIAS do dramaturgo (bem premiado foi!), não era isso razão para este distribuir papeis (?) de figurante aos outros artistas de D. Maria II. Se o *enredo* é inutil e as *ideias* estão a cargo do protogonista, a missão dos restantes interpretes (?) desce ao mister da comparsaria; e em verdade não é justo que a nossa grande actriz Virginia *figure,* com outros artistas notaveis — Emilia dos Anjos, Brazão, Augusto Rosa, etc. — nas *coisas* do snr. Teixeira de Queiroz!

Como tinha ideias, não queria adoptar o expediente de as esconder... Pois olhe, meu caro admirador do *Grande Homem,* que está lendo raivoso os meus *atrevimentos estuuupidos,* se eu tivesse *ideias* d'aquellas comprava uma pêga, comprava duas, e pedia ao diabo que assoprasse os instinctos das ladras, por modo que eu não encontrasse as *ideias* quando porventura as procurasse. *Não, meu bom,* aquillo não são ideias que se tenha; e quando um homem apresenta no palco similhantes coisas, recebendo amabilidades em troca, esse homem não envia surriada aos jornalistas: recolhe-se ao silencio da humildade, e, se o clarão da boa critica lhe preluz no entendimento, faz o acto de contrição e agradece ao Deus de misericordia os bons subsidios de luz.

Sim, *meu bom,* que tens praça na *claque do dramaturgo:* o caminho é esse que ahi fica. Escrever Prologos de sensação é bella coisa, quando os Prologos téem por base um bello trabalho incomprehendido, generosas tentativas insultadas pela mediocridade petulante e besta... Mas um Prologo ao *Grande Homem* tolerado e coberto de amabilidades e salpicadinho de favores, — um Prologo recheiado de incorrecções e a suppurar um orgulho de mil diabos e umas pretensões patuscas a reformador, — um Prologo denunciado pelos compadres como um grito de guerra soltado por um innovador potente; — um Prologo assim, *meu bom,* não ha de passar impune: que o juro pela santa independencia que me salva dos marneis da idolatria...

E' preciso terminar, porém. Breves annotações ainda, e, depois, a paz dos tumulos...

«Para se ser um grande romancista é indispensavel ser um escriptor, — diz o snr. Teixeira de Queiroz, — isto é, ter o maravilhoso e ethereo poder de, por meio de palavras, simples combinações de sons, pintar todos os cambiantes infinitos das ideias e das coisas...» É magestosa a definição, mas não é mais correcta do que as suas libertinas irmãs. Se o snr. Teixeira de Queiroz quer dizer que para a formação do *Hamlet* e do *Rei Lear* e do *Cinna* e da *Athalie* e da *Marion de Lorme* não é indispensavel — ter o maravilhoso poder de, por meio de palavras, simples combinações de sons, pintar todos os cambiantes dos sentimentos, das paixões, das ideias e *das coisas,* como diz soberbamente: se s. exc.ª tal imagina, eu não lhe direi *Sebo!...* dir-lhe-hei *Cebolorio!,* e que Shakspeare, Corneille, Racine e Hugo lhe sejam propicios de hoje a cem annos, nos Campos Elysios, onde jantaremos todos.

O snr. Teixeira de Queiroz completa o seu pensamento dizendo: — «No theatro é preciso não ter es-«tylo, isto é, perder a individualidade, é preciso con-«feccionar o trabalho de certa maneira: — metter «mulheres na peça; cortar o dialogo d'um modo con-«vencional; não alongar muito as scenas e não fazer «actos nem demasiamente extensos, nem muito cur-«tos, ter bons finaes, arranjar as coisas de maneira «que o interesse esteja no fim por causa da ultima «impressão; ter graça e tristeza por conta e medida, «para não estragar a digestão do espectador. Depois «(segue a difficuldade de obter interpretes. Já ficou «discutido)...»

Está bem — no genero. Consoante o snr. Teixei-

ra de Queiroz é ponto grave *não ter estylo*. Pois é coisa que succede a muitos romancistas que, nem por isso, deixam de ser distinctos: citarei o proprio a quem me estou referindo — o auctor da *Comedia do campo*... Outro ponto grave: *metter mulheres na peça*. Bella coisa um romance sem mulheres! Eu entendo, por amor do bello e do moral, que as mulheres estão bem em toda a parte; mas salto *como gato por brazas* sobre assumptos que me enternecem. De que eu preciso agora é de muita gravidade, rigidez e conspicuidade á altura do temeroso pleito que se está julgando.

Que é preciso, no theatro, o *dialogo convencional*, as *scenas d'uma extensão regular, bons finaes, o interesse no fim, tristeza e graça medidas*... Mas ninguem impedia que o snr. Teixeira de Queiroz rompesse os diques da sua graça espantosa e fizesse morrer de riso a plateia inteira! Se s. exc.ª receou que os espectadores, agonisando em gargalhadas, lhe arremessassem maldições de moribundo (são as mais damnadas!) e, depois, o accusassem de horrorosamente engraçado, no tribunal do Eterno, eu entendo que taes escrupulos são de bom exemplo, e peza-me a natural semsaboria que me não permitte recolher espirito — por amor do proximo. Mas, não tenha s. exc.ª cuidado: os outros auctores de comedias não se excederão a si proprios. Farão rir, quanto puderem, sem que a legislação do theatro lhes ponha embargos em nome da sisudez. N'esse ponto errou s. exc.ª

O *interesse no fim* não está correcto. O interesse tem de estar em toda a *peça*, como em todo o *romance*. Se o snr. Teixeira de Queiroz quer dizer, porém,

que o *desfecho* tem de estar *no fim,* eu não digo nada e ao nada me recolho pensativo...

Que é preciso *bons finaes e dialogo convencional.* Em todo o trabalho litterario ha o que quer que seja convencional; mas eu não quero firmar-me em similhante argucia. Limito-me a dizer ao snr. Teixeira de Queiroz — que sim: que andou bem s. exc.ª, escrevendo um Prologo critico, para dizer ás gentes que *no theatro o dialogo é convencional.* Quando o *outro* annunciava um Prologo destinado á ruidosa pugna, armava um laço á credulidade dos simples; naturalmente cahi; tinha de ser: a minha vida é tristemente accidentada de crueis ciladas e de safanões por livrar-me d'ellas. Sou uma especie de tentilhão a cahir nas varas onde os sicarios põem como visco — o cerol do cerebro. Agora, ao concluir estes artigos, vejo distinctamente que mais uma vez cahi; — mas não tenho emenda...

Ao snr. Teixeira de Queiroz não peço que me desculpe estes horrores. S. exc.ª nunca me perdoará. Cá o inscrevo na lista.

17 — 1 — 82.

A VASANTE SCIENTIFICA

(CRITICA RISONHA)

A VASANTE SCIENTIFICA

Devo ao snr. Eugenio Gibert, um geographo — como o snr. Pequito, — o jubilo de registrar mais uns vinte e tantos nomes na minha lista de sabios portuguezes. Este mez passado fornecera-me algumas dezenas de varões illustres constituidos em corpo legislativo, afóra os empatados (*com patas*). O snr. Gibert explora a mina do meu pasmo, — em beneficio da novissima legião. Eu bem dizia, ás duvidas d'um collega — que cada parvoeirão portuguez continha um vidente, e ás vezes dois! O scelerado objectava-me — que os videntes estavam todos, menos um, no Tribunal de Contas! Vae d'ahi, o suffragio popular expelle seis duzias d'elles, e vem d'alli o snr. Gibert e arruma vinte e quatro na Estatistica! Eu interpello esta perdida, sobre o escandalo, e ella, saracoteando-se, diz-me — que é bom! É de casta — a bebeda!

Como quer que seja, envio-me aos pontos controvertidos, que, no trabalho do snr. Gibert, mais fundo me impressionaram. O illustre Ling-Look de ma-

ranhões lusitanos baptisou o seu livro — *Le Mouvement économique en Portugal et le vicomte de S. Januario.* De movimento economico — nem palavra! Duas paginas do *Manual Encyclopedico* sobre descobertas maritimas dos portuguezes, a relação dos varões excelsos, e a Odyssêa do snr. Januario, visconde do seu santo e correspondente da Sociedade Indo-Chineza, que tem por delegado em Portugal o horroroso Possidonio! O trabalho é este.

No tocante ao snr. Januario, diz o snr. Gibert: — «O snr. de S. Januario não é apenas um sabio «estimado, um escriptor de merecimento e um eco-«nomista importante; foi successivamente marinhei-«ro, soldado, engenheiro, administrador, diplomata, «homem politico e homem d'estado, e em todas es-«tas posições deu provas da mais alta capacidade...» Sim, elle affirmou-se um Littré e um Taine e um Bastiat, e depois um Nelson e um Annibal e um Lesseps e um Colbert e um Metternich e *un homme politique* e *un homme d'état!* Elle é um immenso! Elle encheu o mundo com os seus ruidos, mas, a respeito de careca, a do snr. Eduardo Coelho é mais roliça.

Os outros pontos... os outros pontos matam-me! O snr. Gibert assevera — que em Portugal existe «um grupo de homens esclarecidos que se preoc-«cupam em habeis reformas politicas e economicas» tendentes a regenerar a nação. Eu bem dizia ao tal collega: — «Olhe que elles preoccupam-se nas reformas politicas!» Mas, o satanico sujeito: «Elles preoccupam-se, mas é na palhada e na fava». Não discordo em absoluto; mas, o aquelle, que vae ao Rio e ao Pragal e a Veneza? Porque, — é evidente, —

se elle vae a Veneza, ao Pragal e ao Rio, não vae á fava — constantemente, e se isto não é dialectica seja eu Luciano! Aqui não diz mal uma pitada...

Triumphante, me vou agora aos varões illustres. Plutarcho assim não abicharam os tantissimos benemeritos de antigas eras, nem ao ingenuo Plutarcho se deparou tal grupo de heroes assim repletos, como estes meus, de semente d'aquella boa herva que dá a morte em risos! Que monta, porém, se os L'Angely vingaram empalmar as vestes de Richelieu e a corôa de Luiz — *o casto,* e se já não temos cardeal sublime, nem rei escravo a quem o brilho de eminentissimo vá dourar na penumbra? Ha, sim, uns palhaços varios, arreiados com as grinaldas dos cahidos, e tão miseraveis ao nascer que não ha para elles quéda!... Perdoae, varões excelsos, que mourejaes na applicação de fundilhos á sociedade portugueza: perdoae, ó Possidonio! ó Luciano! ó Samodães! ó...

Porque são estes os homens que um sabio francez indica, na lingua de Voltaire e de Hugo, á França, como os reformadores de Portugal!...

A um terço do caminho é força parar de vez! Assim nós, seduzidos pelo crystal das aguas, lá em frente do Senegal, onde eu estive, nos arremessamos ao seio d'ellas: queremos pilhar marisco... e as hervas finas prendem-nos os movimentos, e o que quer que seja, molle e pegajoso, ataca-nos a epiderme. Paz aos monstros e ao marisco! Fugir! Fugir! E' o nateiro, envenenado e fétido! Fugir, antes que elle nos sorva!

1881.

NOTAS

NOTAS

Nos diversos capitulos d'este livro não existe absoluta unidade: as paginas pacificas não vingaram persuadir os animos em favor das minhas inclinações para o viver do estudo sem intercadencias bellicosas. Creu-se que uma vida de amargura só produziria violencias — especie de iniquo desaggravo. Succede, porém, que o capitulo *Do Realismo na Arte* contraría o methodo de Taine e de Sainte-Beuve, se pretendemos, em homenagem aos methodistas, derivar do meio ao trabalho executado. Esse capitulo foi escripto nas doze horas d'uma noite de dezembro infernada pela miseria, pela doença e pelo isolamento, n'um casebre onde a chuva e o frio me visitavam pelas fendas do tecto e das paredes esboroadas; — e esse estudo é o mais sereno do livro e o menos imperfeito. Recordo-me, a proposito d'elle, do seguinte episodio triste: — Dois dias após aquella noite um meu collega feliz e

applaudido, meu antigo companheiro de trabalho e de pobreza, accusava-me de buscar na *chantage* as commodidades do meu viver. Alguns annos decorridos, não posso ainda perdoar áquelle galeote embryonario, castigado, o quinhão de amargura que elle levou á minha resignada miseria. Devo a esse futuro ministro uma parte d'esta misanthropia que outro ministro futuro classificou ha tempos — *falta de caracter e de talento, refugiada n'um viver de mysterio.* Ó santissimo nojo, que eu sinto, não me deixeis cahir em tentação!...

Tudo isto vem para dizer que não existe unidade absoluta nos diversos capitulos d'este livro. Um vinculo os prende entre si — o vinculo da sinceridade. Em pontos diversos apparecem, sobre algum homem de lettras, opiniões differentes; cuidou-se, porém, na justificação dos juizos posteriores. A falta de unidade depara-se exclusivamente na *fórma* — ora violenta, logo placida, a espaços quasi risonha. Um meu collega do jornalismo, estudante de instrucção primaria, em grandes luctas contra a Syntaxe e dotado de correcta orientação mental — um forte! — indica-me a *Theoria das emoções* como um resolutivo do meu caso. Pondéro ao vidente zanaga — que tal caso não vale a pena de manusear tal livro. Objecta-me o collega, generalisando, que taes livros são indispensaveis, no periodo contemporaneo, á definição de todos os casos. Demonstro ao meu joven collega — que, sendo a *fórma,* no terreno da polemica litteraria, a expressão do *momento psychologico* — quando a sinceridade constitue a base de operações do polemista, é evidente que as *fórmas* por mim indicadas correspondem

aos *momentos psychologicos* — por egual indicados na adjectivação. O meu joven collega, abusando do meu atrazo mental, cita-me Comte; eu cito-lhe Cambronne, — e ficamos n'isto.

Em geral, entre nós, é n'isto que fica a polemica. Concorrem para este resultado duas causas distinctas: a ignorancia de um dos contendores, salvo os casos da ignorancia de ambos; e a educação do auditorio. Homem que n'um momento justo affirme os resultados do seu estudo corre o perigo de ser accusado de pedantismo pelo mais charro garoto do noticiario indigena. O ornamento dos botiquins-soalheiros e dos camarins-alcouces não hesitará em dizer-lhe — «que não faz citações porque não quer fazel-as e que tem alli, á mão (modo de dizer *á pata*) um volume de citações em linguas mortas». O publico está n'esta corrente de imbecilidade porca até ao asco; não é para elle que um espirito culto póde appellar em desaggravo do senso-commum. Esta situação falsa produz o seguinte dilemma: ou o silencio — que anima a biltraria impune; ou a attitude militante — que a mergulha na vasa das insinuações covardes e que conquista para o combatente a reputação de *um auctor de verrinas*.

Não quero furtar-me á responsabilidade dos meus feitos. Se é mister á prudencia dos meus contrarios que eu acceite o diploma de guerrilheiro illustre, não hesitarei em recebel-o. *Lapidario de phrases causticas tartarizadas, lingua de prata com liga de dynamite* são classificações que eu devo ao snr. Camillo Castello Branco; mas este não é um contrario, nem um *prudente*: é um amigo, é o mestre e é tambem o

pratico superior em coisas de dynamite e n'outras — por egual temerosas. Acceito as classificações que justificam os prudentes, e agradeço a estes adversarios que delegam nos gaiatos das lettras o encargo de me apedrejar. O medo é tambem um tributo. Abençoado o meu desprezo — que não me deixa em dividas de gratidão!

Posto isto, annotêmos.

A

Pag. 89. *Entre nós, em toda a linha, os artistas estão completamente desnorteados.*

Quatro annos decorridos, é força descontar na severidade, que dictou aquellas palavras, um bom quinhão de descrença. Os esforços da *troupe* magnifica que hoje marca na primeira scena portugueza um bello periodo de renascimento artistico impõem-nos uma nova confiança no futuro do theatro portuguez. No capitulo que n'este livro se consagra ao drama *O Luxo,* de Antonio Ennes, affirma-se e largamente se explica tal confiança.

B

Pag. 139. *Este o nosso juizo sobre o apregoado drama do snr. Ennes. Apresentamol-o á discussão.*

Sobre esse juizo, a *Revista Litteraria do Porto*

apresentou, ao publical-o, o seguinte convite recebido pelo mais eloquente dos silencios:

«Sobre o *Saltimbanco* inserimos hoje um artigo do snr. Silva Pinto, que se nos afigura a mais completa e corajosa opinião que ácerca d'aquelle trabalho se apresentou até hoje. Por occasião da representação do drama no theatro Principe Real, publicou elle parte do seu apreciavel trabalho no jornal politico que redige (*Diario Portuguez*). O nosso estimavel collaborador reatando aquellas energicas affirmativas offerece-as á *Revista,* que as acceita com a consciencia de que é este um dos casos em que a reproducção póde ser admittida sem quebra dos bons creditos do jornal. Não queremos com isto declarar-nos solidarios de todas as opiniões emittidas, mas acceita-se o debate justo, consciencioso e leal de quem não concordar com o parecer do corajoso critico».

REDACÇÃO.

C

Pag. 203. *Guerra Junqueiro, Alfredo Carvalhaes e tantos outros...*

Tantos outros:

— *Custodio José Duarte,* de quem disse Guilherme Braga, o formidavel poeta de combate:

> Custodio, alguem que sonha e pensa todo dia
> Na egualdade e no bem, no amor e na poesia.

Coração que se abriu, como o lirio no val
Aos raios do luar, aos raios do ideal [1].

— *José Dias d'Oliveira...*

Dias, o scismador, alma de rouxinol,
Que se anda a lastimar por esta soledade,
Abrindo em cada peito um echo de saudade [2].

Este pobre e adoravel poeta morreu miseravelmente no Brazil. José Dias d'Oliveira, auctor da *Lyra intima,* raro viu preluzir na sua vida de tristezas um clarão consolador. Morreu porém a tempo de não sentir o derradeiro ultraje — o titulo do seu nobre livro roubado por um desprezivel embusteiro, e o larapio galardoado na sua charra nullidade pelas seguintes palavras de um critico: *O livro do snr...* (não mancharei esta pagina com similhante nome) *é o primeiro exemplar de verdadeiro lyrismo posto em linguagem nova.* O critico é o snr. Oliveira Martins, destinado, segundo o propheta Antonio Candido, a exercer *mais tarde* o primado das lettras portuguezas. Aqui lhe fica um documento para o concurso.

— Citarei ainda: *José Caldas, Cunha Vianna, João Penha, Nogueira Lima, F. Xavier de Novaes, Antonio Correia...* Perdôem-me os que ficam olvidados.

---

[1] *Heras e Violetas.*
[2] *Idem.*

D

Pag. 248. *Entre nós, o logar de João de Deus está, por igual, definido.*

É opportuno o ensejo para a reproducção do nosso juizo, ampliado, sobre a recente lucta de João de Deus com os apostolos da Rotina e da exploração desenfreada. Registre-se com muito nojo pelos aleijões da especie humana...

«A CARTILHA MATERNAL E O APOSTOLADO»

João de Deus publíca e remette-nos um livro que tem por titulo o do nossso artigo d'hoje. Na primeira pagina do livro ha um pelourinho. Quando os bemfeitores da Humanidade consideram util á sua obra uma execução, não ha verdugos mais formidaveis: vid. os *Châtiments* de Hugo.

Na pagina em questão, João de Deus executa um homem — transcrevendo-lhe uma phrase:

«A *Cartilha Maternal* é parto d'um miseravel que faz d'isso uma especulação vergonhosa.

«THEOPHILO FERREIRA».

Dolorosamente nos commove, como um episodio cruel da lucta pela civilisação contra a rotina, o livro de João de Deus. Ao tremedal desceram os *apostolos,* e as espadanas de lama constituiram a argu-

mentação que a mediocridade sóe tributar ao homem de genio que denuncía, a ondas de luz, a acolheita do charlatanismo. Lá estão, na dolorosa obra que annunciamos, os documentos do processo: lá está João de Deus infamado por uns que lhe oppõem Castilho, esquecendo que o auctor do Methodo repentino tosquiou em hora de justiça um camêlo progenitor dos camêlos d'hoje; lá se desmascara a repulsão dos pastores politicos do rebanho portuguez pela invasão de luz nova nos cerebros dos pastoreados; lá vem a opposição mascarada d'esses hypocritas que no Bairro Alto de Lisboa legislam *incolôrmente* para os pobres de espirito, em prosa lerda, nos intervallos do mexerico imbecil. Que o povo folheie os autos d'aquelle processo e saiba quanto custou ao doce revolucionario, ao amigo da infancia, ao benemerito da humanidade a sua propaganda sagrada n'este paiz que ha de galardoal-o — trezentos annos decorridos — com as festas d'um tricentenario.

Ao livro de João de Deus arrancamos duas paginas que em seguida transcrevemos:

S. P.

«Ha mezes veio o mestre José dos Santos Pinto, morador na travessa do Falla Só, n.º 5, pedir-me o favor de lhe ensinar o filho que andava na escóla havia annos e ainda não sabia lêr. Para avaliar o seu estado, abri os *Deveres dos Filhos* na parte syllabada e logo o rapazinho na primeira linha, á palavra *pensamento* estacou, ficando a mexer os beiços em profunda meditação.

— Que estás ahi boquejando, menino? Que estás dizendo comtigo mesmo de mansinho?

— Soletrando.

— Pois soletra de rijo; dize lá: soletra á tua vontade, não temos pressa.

— *Pê é éne pen, éce á sá, éme é éne men, tê ó tó...*

— Vamos... *pê é éne, pen... éce á, sá... éme é éne, men... tê ó, tó...* que vem a ser isso?

Silencio. E explica-se: era-lhe mais facil saber que *pensée* quer dizer pensamento, era-lhe mais facil traduzir francez, que traduzir aquillo. Que lingua haverá no mundo em que a palavra que significa *pensamento* tenha quatorze syllabas, e faça do *pensamento* a differença que faz aquella dirideira enorme?

— Pois lastíma o tempo que tens andado na escóla, e vem cá um dia sim e outro não, um bocadinho.

Dei-lhe a lição das vogaes, como se elle não soubesse nada, passei-lhe a primeira lição de escripta, e assim fomos indo, mostrando-me sempre a criança muita comprehensão. Cada dia uma nova lição. Á decima-quinta, na do *c*, ensinei-lhe a fórmula dos bafejos, fiz-lh'os distinguir claramente, formámos juntos o nome que se havia de dar áquella lettra, leu a lição, e no fim, ao recordar-lhe a doutrina, falha-me a algumas perguntas, parecendo-me distrahido.

— Ai! o menino está a pensar na morte da bezerra? perguntei eu com um ar sério.

Tanto bastou para que a criança, que já a primeira vez me tinha apparecido com uma physionomia mortificada, se anciasse e lhe rebentassem as lagrimas.

— Aqui não se dão palmatoadas. Levavas muitas lá na escóla?

— Sim, senhor.

— Levavas todos os dias?

A criança hesitou, e depois disse:

— Todos os dias... não, senhor.

— Mas levavas todas as semanas?

— Todas as semanas... tambem não, senhor.

Parecia ter medo de dizer a verdade.

— Mas em summa o snr. mestre chegava-te muita vez?

— Era o snr. Machado.

— Pois o snr. Machado não é o snr. mestre?

— O snr. mestre é o snr. Brito.

— Então quem é o snr. Machado?

— O snr. Machado é um coxo que está lá na escóla e dá palmatoadas com uma palmatoria de coiro; e não dá só nas mãos; dá ás vezes na cara e na cabeça; e tem um junco... que a *gente* vem ás vezes com cada vergão nas costas e nos braços...

— E que mais faz o snr. Machado?

— O snr. Machado não faz mais nada.

— Que escóla é essa do snr. Brito e do snr. Machado?

— É uma que ha na rua de S. José, da Camara.

— E que tempo andaste n'essa linda escóla?

— Mais d'um anno, e já tinha andado n'outras.

— E ias todos os dias, ou faltavas muitas vezes?

— Eu não faltava nunca, que o meu pae obrigava-me.

E a criança bem mostrava nos seus progressos... a regularidade da frequencia.

Aqui se vê que n'uma escóla da camara de Lisboa, que é a principal cidade do reino, regida pelo *Brito* que é o principal pedagogista do reino — abaixo do *Raposo* (senão a par) ha um empregado que não faz mais senão zurzir os alumnos, conforme a sentença da commissão pedagogica quando disse (pag. 101 §. 7.º) que — *o ensino depende pouco do livro adoptado, mas muito do* methodo *e* processos... *que o professor empregar.*

Com este methodo e estes processos chega-se no fim d'um anno ao *pê é éne pen,* tirando-se aos olhos d'uma pobre criança a limpidez por continuado pranto, enchendo-a de terror a ponto que ao primeiro signal de desagrado, que lhe dei, mudou de côr e vieram-lhe as lagrimas aos olhos!

Safa!... que o diabo do inferno ensina a lêr por methodo e processos mais suaves.

E dizem ainda que só algum professor da era dos Affonsinhos ensina pelo *bê a ba*...

João de Deus.

Mais duas palavras nossas:

Portugal inteiro conhece o *Diario de Noticias* — a mais lucrativa empresa d'esta boa terra, onde os especuladores jornalisticos florescem, favorecidos pelo sôpro animador da boa-fé e da estupidez nacional. O que ao orgão supra devem em bons, leaes e permanentes serviços a corrupção e a bestificação do povo portuguez está ainda por estabelecer e definir. É assumpto urgente: estabeleça-se e defina-se.

*

O curioso orgão jornalistico é a chronica permanente e capciosa de todas as torpezas praticadas do norte ao sul de Portugal, com todas as minuciosidades que as enfloram e sobredouram. Na mais opulenta cidade, como na mais obscura aldeia do paiz, commette-se um assassinato, um roubo industrioso, um suicidio, um parricidio: todas as circumstancias tendentes ao bom exito d'estes crimes são, pelo *Diario de Noticias,* reveladas; a espaços, a revelação do crime e das suas peripecias é acompanhada pela descripção do castigo. N'este ultimo caso, o criminoso embryonario aprende no *Diario de Noticias* a furtar-se á vindicta publica; se, porém, a descripção do crime apparece isolada, a impunidade alimenta as intenções do futuro criminoso.

Tem-se estabelecido, por mais de uma vez, uma propaganda, com intuitos apparentemente generosos, no sentido de eliminar da chronica jornalistica a descripção d'aquellas torpezas. Tudo inutil. Os jornaes que ámanhã realisassem a suppressão de tal monstruosidade perderiam no conceito publico a porção de *credito* que reverteria em favor do *honesto* «Diario», mercê da superioridade noticiosa d'este *benemerito* ornamento da imprensa.

Não ha luctar contra similhante expediente: as moedas de *dez reis* do populacho prevalecem no animo do *Diario de Noticias* contra todos os sentimentos generosos: é assim que aquelle apostolo da illustração publica comprehende e executa a sua missão. Faz todos os annos, no acto da distribuição do seu Brinde, a apologia dos proprios meritos: põe a tres quartos os seus serviços diarios á causa popular: es-

quece-lhe apenas declarar que a sua propaganda activa o constitue, mercê funesta do seu triste mexerico, o grão-mestre dos corruptores mais funestos do juizo e da consciencia publica.

Tal é o mais encarniçado inimigo de João de Deus e da sua obra, — o protector e animador dos lebreus que esvurmam dislates e torpezas na sombra do benemerito. Seja esta pagina de probidade um pelourinho em que o publico veja o criminoso.

S. P.

E

Pag. 330. *Dir-lhe-hei que na vida ecclesiastica eu nunca desceria a bispo, como na vida jornalistica não desceria a «academico»*.

Cumpre-me ampliar, em homenagem aos *bispos* e aos *academicos* veneraveis. Eu nunca desceria a bispo nem descerei a academico — pela via da intriga e pela exploração da indignidade. E, porque estas palavras não impliquem a suspeita de um reviramento, cumpre-me accentuar o meu juizo, algures exposto, sobre as Academias em geral: considero-as condemnadas á luz do espirito moderno e nunca seria academico pelas vias legaes, como não desceria a sêl-o illegalmente.

F

Pag. 334. *Á cruzada, se é tempo ainda!*

Um anno decorrido sobre a publicação das palavras que ahi ficam e das paginas que as precedem, a cidade do Porto despertou para a *cruzada* urgente. Dos resultados d'esse depertar e dos episodios que se lhe prendem dissémos na folha dissidente *Revista do Norte* — por nós fundada e hoje em interino silencio. D'esse jornal destacamos para este livro a narrativa dos successos e as considerações que nós lhes tributámos.

OS JESUITAS

E

O COMICIO DO PORTO

A lucta vigorosa, iniciada e sustentada no Porto contra a reacção ultramontana, pelo *Diario da Tarde,* como que afrouxou por morte d'aquelle jornal. A voz de Guilherme Braga extinguiu-se no tumulo, os seus companheiros de combate levaram a outros campos de batalha a sua energia e os seus recursos, e a corrente da opinião desviou-se do primitivo terreno. Surgiram preoccupações novas: as luctas politicas dos diversos grupos liberaes, as crises monetarias, e outras questões de momento. A Associação Liberal creou-se entre uns restos de fervor e concorreu para extinguil-os, mercê funesta da sua indolencia e da sua inutilidade. Entretanto, o partido

clerical, animado pela indifferença dos liberaes, redobrava de actividade e vigor; multiplicava as suas escólas, accentuava as affirmações de revolta: *descarava-se.* A audacia impudente dos Americos, dos Samodães e das camarilhas da Catholica e do Paço Episcopal firmou-se, nos ultimos tempos, na protecção dos governantes: as urgencias eleitoraes reclamavam o auxilio da sotaina. Ella por ella: os homens do governo fecharam os olhos ás machinações da «santa gente», em troca do apoio na obra das tropelias politicas. O povo não reparava na traição dos seus senhores, nem nos avisos dos raros homens vigilantes. De visionario nos accusaram por vezes, quando da nossa obscuridade erguiamos a voz sobre o triste caso. Entretanto, *elles* caminhavam.

Recentemente, a ideia de um comicio anti-jesuitico aventou-se em especiaes condições: o nome de Alexandre Braga foi pronunciado, e para logo contámos com o despertar da Opinião. Aquella voz eloquente que estrondeia entre acclamações nas grandes luctas do foro acudia na hora do perigo extremo. Contámos com vigoroso e prolongado grito de *álerta* e não foi illudida a nossa esperança.

Chegámos tarde para saudar o causidico, e vedado nos foi applaudir a luminosa allegação: longe estavamos, mas o echo chegou até nós; não podia despertar surpreza em nosso espirito: tudo esperavamos. Seja-nos licito esperar que a generosa e grande voz de Alexandre Braga se faça ouvir até ao dia do triumpho.

Mas... com os homens «politicos» contamos pouco, a não ser que a energia — renascida — dos

filhos do Porto imponha a esses homens a marcha decisiva e, para estes, nova, no caminho recto e honrado.

Registramos em seguida a representação, ora eloquente, ora inepta, que, apoz a realisação do comicio, foi dirigida ao chefe do Estado. Depois irão breves considerações que um *incidente* de ultima hora está reclamando.

Eis o documento alludido:

Representação apresentada no comicio popular promovido pela Associação Liberal Portuense em 17 d'abril de 1881, contra a invasão jesuitica em Portugal.

SENHOR (*sic*):

A Associação Liberal Portuense, plenamente confiada na desvelada solicitude com que V. M., a exemplo dos seus augustos predecessores desde el-rei o snr. D. José I, deseja preservar a nação portugueza da perniciosa influencia da Companhia de Jesus, ha annos introduzida subrepticiamente entre nós, vem com os mais vivos sentimentos de respeito perante V. M. manisfestar a urgentissima necessidade de que o governo de V. M. mande, como lhe cumpre, afastar sem demora, d'estes reinos, os membros d'essa Companhia.

Extincta em toda a Christandade pelo proprio chefe da Egreja catholica, o Papa Clemente XIV, na bulla *Dominus ac Redemptor* de 4 de julho de 1772; banida de Portugal pela carta de lei de 3 de setembro de 1759, e por decreto de 28 de maio de 1834

novamente exterminada do territorio portuguez, onde conseguira reapparecer apoiada por um governo intruso, esta criminosa e funestissima instituição é de todo o ponto incompativel com as luzes do seculo e com as crenças sociaes e politicas (?) dos subditos de V. M., e como tal não póde, nem deve ser attendida e tolerada.

Dispensa-se a Associação Liberal de fazer a demonstração d'esta verdade. Ella está profundamente gravada na consciencia publica, e não escapa ao alto espirito de V. M.

Tambem pelo lado religioso se não justifica a existencia do jesuitismo em Portugal.

A religião, Senhor, só póde florescer na liberdade. Só pela liberdade póde engrandecer-se e fructificar o espirito religioso, tão accendrado ainda, mas tão mal dirigido na nossa patria.

O instituto jesuitico, orgão terrivel do ultramontanismo, é o maior inimigo da verdadeira religião de Jesus.

Fazendo d'esta vida um tormento e de Deus um verdugo, elle secca e esterilisa o sentimento do Infinito, esta eterna e fecundissima raiz de toda a crença religiosa!

Trata da religião esse formidavel partido? Não! Elle trata, ao calor da ideia religiosa, do que ha de mais caduco em politica, e de mais nocivo em disciplina social; trata de restaurar o obscurantismo, o privilegio, a theocracia, a inquisição, a censura prévia, todos esses enormes cadaveres, restos putridos de uma sociedade naufraga, que temos visto fluctuando no mar encapellado da revolução moderna, e

que a muitos, aos ingenuos, têm parecido grandes, pela simples razão de estarem hirtos e inchados!

Isto é insensato, chega mesmo a ser sacrilego!

Senhor! Se o divino fundador da religião christã, se Jesus voltasse a este mundo para de novo exaltar os opprimidos e maldizer os oppressores, para esmagar a tyrannia e proclamar a liberdade; estes phariseus religiosos, que impiamente tomam o seu nome, estes hypocritas de segunda raça, chamados jesuitas, tornariam a crucifical-o n'aquelle mesmo calvario, onde redimiu o genero humano, onde nobilitou as crenças e os destinos de todos nós!

Em vez de affirmar o eterno ideal de Jesus, em vez de repetir essas dulcissimas palavras: Amae-vos uns aos outros; sêde perfeitos como vosso pae celeste é perfeito: esse nefando e tenebroso instituto só se occupa de negar: nega impudentemente a lei do progresso na historia, a lei da consciencia na moral, a lei da razão na politica, a lei do bello na esthetica, e de todas essas negações malditas faz uma hecatombe horrorosa nas aras divinas do christianismo.

Isto assim não póde ser: com este estado de coisas é impossivel a paz das consciencias, e mais impossivel ainda a harmonia social.

Temos um conflicto perenne, embora latente, temivel, embora occulto.

Se não baixam, Senhor, providencias radicaes sobre esta provocação constante, o governo faltará á sua missão.

Uma portaria não cura nada; é um remendo inutilmente lançado sobre a ferida da liberdade!

Senhor! esta Associação Liberal bem sabe que ha prevenções contra esta doutrina, mas nem por isso será ella menos verdadeira. Em todo o caso cumpre não occultar o mal: urge pôr o dedo na chaga e supplicar (!) para ella prompto medicamento.

Os poderes publicos não se organisaram para outro fim.

A religião tem um lado social, uma influencia social, um valor social; e esta influencia e este valor é nefastamente aproveitado contra nós pela Companhia de Jesus.

O governo que lhe frustrar os planos e cortar as investidas está no seu direito, ou, melhor, cumpre o seu dever.

A lei, Senhor, que aboliu as ordens regulares em Portugal, é tambem offendida com a existencia de um instituto, que é regular em todo o rigor do termo, e o mais potente e perigoso, o melhor organisado e disciplinado de todos os institutos ou congregações religiosas.

É verdade que a constituição do Estado proclama altamente a liberdade da palavra, a liberdade do pensamento e a liberdade da associação; mas, tambem, é certo que taes liberdades só podem ser entendidas n'um sentido limitado.

É preciso, absolutamente preciso que ellas não offendam o direito, o bem-estar e a livre acção dos outros: e todos sabem que o vicioso instituto jesuitico apoda radicalmente de erros, de blasphemias e de heresias as sãs doutrinas exaradas na Carta constitucional da monarchia portugueza.

Todo o estrangeiro que nos visita ou vem viver

entre nós tem incontestavel direito á nossa estima e á nossa protecção; fica, porém, constituido na obrigação inolvidavel e imperiosissima de reconhecer e acatar as leis d'este paiz.

Se não faz isto, e tenta contrastar estas leis, deve ser immediatamente cohibido, expulso como subversivo e perigoso.

Mas a introducção do jesuitismo em Portugal não significa apenas uma offensa gravissima á liberdade; toma todas as proporções de um ultraje insanavel á legitima jerarchia ecclesiastica e ao magisterio official d'este reino.

Os bispos e os parochos, o alto e o baixo clero portuguez são por este facto julgados inhabeis, insufficientes e inuteis para satisfazerem as momentosas e delicadissimas funcções do seu ministerio. O horrivel e implacavel instituto tende abertamente á destruição da liberdade e ao aniquilamento, ou, pelo menos, á desauctoração do pessoal legitimo da verdadeira Egreja.

Depois, a sua interferencia mais ou menos disfarçada, mais ou menos astuta, mas sempre poderosa e constante na educação da mocidade, é ainda uma offensa irreparavelmente feita á moralidade e ao ensino publico e particular do paiz.

Incompativel com as leis e instituições vigentes, a Companhia de Jesus compromette a liberdade no presente e a liberdade no futuro.

A doutrinação clerical substituindo o professorado secular; o ensino e educação ministrados por homens ou por mulheres filiadas n'esse instituto perigosissimo é o maior dos escandalos sociaes; e se não

tratarmos de oppôr, desde já, barreiras formidaveis a este enorme poder occulto, dentro em pouco teremos Portugal uma imagem do Paraguay. Só não vê isto quem nada vê.

Desde o collegio de Campolide, em Lisboa, até ao collegio do Espirito Santo, em Braga; desde a notavel congregação de S. Fiel do Campo á vigorosa succursal de Santa Quiteria de Felgueiras, manifestam-se á luz do dia os movimentos estrategicos e audaciosissimos d'este poderoso inimigo.

Descabido seria desenhar agora aqui o quadro inteiro das ramificações do jesuitismo em Portugal e principalmente no Porto. Se o tentassemos fazer, sobrar-nos-hiam téla e tintas.

Não era mister ir a Mocambo e ao Varatojo, á Covilhã e ao Louriçal do Campo. Bastava procural-as nos collegios dos Martyres da Liberdade e Coronel Pacheco, nos palacios das Aguas Ferreas, da Bandeirinha e de Villar, e nas duas poderosas casas filiaes de Cucujães e da Formiga. Se porém formos forçados a desenrolar perante o paiz o mappa de todas estas associações essencialmente jesuiticas, apresentaremos as suas estatisticas e os seus programmas, as suas regras e estatutos.

Considerada pelo lado pedagogico, sem satisfazer ás verdadeiras exigencias do ensino e do desenvolvimento popular, a seita jesuitica instilla por toda a parte o veneno corrosivo do ultramontanismo extremo, corrompe o espirito e o coração da mocidade, minando assim pelos fundamentos, ou, melhor, devorando antecipadamente a sociedade futura.

Ao governo cumpre precatar-se seriamente. O

dogma liberal da tolerancia tem seus limites definidos. Quando é excessivo degenera em laxidão; e com governos laxos é impossivel a ordem e a segurança publica.

As leis do reino e todos os principios do credo liberal não permittem o jesuitismo entre nós, qualquer que seja o modo por que se apresente, a denominação que tome, ou a astucia com que tente illudir-nos.

O governo, qualquer governo que o consentisse, tumultuaría, seria réo de traição contra a liberdade.

Não é esta uma questão politica, é uma altissima questão social.

Tem este paiz um clero seu e um magisterio seu, que ministram a religião e o ensino sem pensamento reservado, sem compromissos mysteriosos com poderes estrangeiros.

O jesuitismo deve ser já banido d'entre nós como uma excrescencia, como um insulto e como uma ruina.

Senhor! Quando uma nação que não está moralmente perdida, vê assim deslustrada a sua historia e ameaçada a sua existencia, a corrente electrica do patriotismo inflamma todos os brios e alevanta todos os caracteres.

Quando um povo tem uma vontade e essa vontade quer; quando tem hombridade e essa hombridade se afervora; quando tem abnegação e essa abnegação faz o seu dever: esse povo deve ser attendido, porque, sem ser ameaçador, é formidando nos seus exemplos. E d'esses exemplos é o Porto o mais assombroso monumento. Pedra milliaria onde estão

escriptas as nossas glorias; epopêa sublime que compendia a energia do caracter e os milagres do valor; arca santa da honra; eterno numen do heroismo, olvidal-o seria um crime, porque seu é o esforço maior, seu o sacrificio mais espantoso que jámais tem sido feito pela patria.

Foi o Porto, Senhor, que renovou em nossos dias os prodigios de Sagunto e de Numancia; foi o Porto que viu quebradas contra seus muros as baionetas de um exercito de 80:000 homens; foi o Porto, que, tocado no coração pela sublime demencia do heroismo, amontoou as ruinas das suas casas e os cadaveres de seus filhos por entre o fumo do incendio, o furor da guerra e o açoute da peste, para cimentar o throno de V. M.; e que, eternamente sagrado, porque o seu sólo está empapado com o sangue de heroes e o seu ar impregnado dos suspiros dos martyres, deve ser sempre respeitado como o brasão o mais precioso da corôa (*sic*) portugueza.

E o Porto, que assim tem dado exemplos a povos e lições a reis, tem, por mais de um titulo, direito ás vossas complacencias. Senhor! fostes o seu duque e sois o seu rei (*sic*).

O jesuitismo envolve, como aranha gigante em seus braços potentissimos, esta cidade heroica que é o presidio, o berço e a esperança da liberdade.

Paira sobre nós um cartel de desafio, e esse cartel tem os nossos brios offendidos.

Póde um homem tolerar uma affronta: não póde fazel-o um povo sem lavrar no mesmo momento o epitaphio da sua deshonra.

Acossado e perseguido na França, o monstro do

jesuitismo veio fazer, d'esta cidadella da liberdade, jaula acastellada, onde, meio escondido, está afiando as suas garras e dardejando ascuas vivas. E a invicta cidade, que por entre o estourar das bombas e o lampejar das pelejas tornou a patria livre e foi o alcaçar da nossa emancipação politica, não póde tolerar a horrenda serpe que, batida pela clava da civilisação, veio colleando até a enleiar afouta, para a impregnar do seu halito exicial e lhe instillar os seus subtilissimos venenos.

Senhor! As advertencias que magôam são ás vezes remedios que salvam. A paciencia, que é o dever do homem, nem sempre póde ser a virtude das sociedades.

V. M., que em seu alto espirito tão bem germanisa o respeito da justiça com a pureza do systema representativo, relevará a corajosa lealdade com que advogamos a nossa causa.

Na limpida historia da hodierna vida portuense negreja uma nodoa; esta nodoa representa com a negação do progresso a irrisão da liberdade!

E velada de luto estará entre nós a imagem da Liberdade, emquanto o governo de V. M. não aniquilar, sob o imperio da lei, a seita ignominiosa que tão nefastamente nos opprime.

Senhor! Esta Associação, e com ella todos os liberaes, não só os que pelejaram em pró da liberdade, mas os que se abrigam á sombra d'esta arvore frondosissima que, como a religião de Jesus, póde ser combatida mas nunca derribada, esperam que o governo de V. M. não se negará a tomar as mais energicas providencias para que a hydra jesuitica se-

ja expulsa, sem a menor perda de tempo, da nossa patria.

Deus guarde a V. M. (*Amen!*)

Porto, 17 de abril de 1881.

A *Lucta* de 19 do corrente insere uma carta de *um assignante,* gravida de considerações funebres sobre as fitas que ornavam a corôa offerecida ao snr. Alexandre Braga. O homem vê no *caso* «ovação republicana»; umas palavras do offerente robusteceram no cauto espirito do sujeito a suspeita crudelissima: «... queria o referido cavalheiro significar que ao partido do illustre orador (o partido republicano) estava reservada a gloria de entornar sobre nós todas as *cornocopias* da *felecidade?*»

Pouco feliz na *felecidade* e muito duro nas *cornocopias* — o «assignante» da *Lucta!* Se elle, menos duro e mais feliz, raciocinasse um pouco, ou, pelo menos, prestasse ouvidos ás nossas reflexões serenas, eis o que elle diria no primeiro caso: eis o que elle ouviria no segundo:

Se ideia de burla existiu, só a descobrimos n'umas cartas convocatorias, nas quaes se lia que o «comicio tinha por fim defender as instituições vigentes»: quer dizer — os snrs. monarchicos, sem orador pouco menos de burlesco, aproveitavam o nome do grande orador republicano para o prestigio da reunião *mo-*

narchica. Abstivemo-nos de alludir ao assumpto — aguardando os acontecimentos. Felicitamo-nos hoje pela nossa moderação: a burla não se realisou; o comicio não perdeu a legitima feição *anti-jesuitica*, e as instituições *vigentes* (?) ficaram com o prestigio que tinham. Mas a estranheza do *assignante* da *Lucta* em face do que se lhe afigura cruelmente uma « ovação republicana » tem *cornocopias* de ridentissima chalaça. O assignante — regenerador provavel — estranha que um republicano prestasse um tributo de admiração ao orador eminente, que lá do seu gabinete de trabalho, longe das tricas politicas, viera dar importancia superior ao comicio liberal com a sua extraordinaria eloquencia e com o prestigio do seu nome. *Elle*, ao mesmo passo que se congratula pelo exito do comicio, irrita-se, porque, a seu pezar, reconhece a cruel verdade: — se os liberaes *monarchicos do Porto* quizeram dar fóros de eloquencia á expressão dos seus sentimentos revoltados, foi-lhes mister um interprete de altissimos recursos — e tal interprete só podia vir das fileiras republicanas.

O « assignante » da *Lucta* reconhece a cruel verdade. Está a meio caminho. Ha de reconhecer o restante...

Ha de reconhecer que nada temos a esperar do governo regenerador que apadrinhou as auctoridades miseraveis do Porto, quando ellas espancavam os liberaes ás portas da Sé d'esta cidade, com applauso de todos os biltres de sotaina e de todos os gatunos da imprensa: ha de reconhecer que, estando á testa do governo *o mais liberal dos monarchicos* — réo de

traição á Liberdade, — nada é licito esperar dos outros vultos da monarchia: elles nem sequer possuem como Rodrigues Sampaio o merito (?) das tradições renegadas.

Ha de reconhecer que já é tempo de sahir dos velhos chavões do *baluarte da liberdade,* da *Carta constitucional* e de todas as miserias exploradas, ha perto de 50 annos, pela rhetorica dos sentimentalistas e pela gula dos traficantes de mil côres. E não nos tragam os nomes venerandos dos homens de boa-fé que combateram, com o braço ou com o espirito, nas luctas civis do nosso periodo constitucional: Manoel Passos morreu desilludido, Herculano morreu desilludido; os honestos assim morreram. Lá está o snr. Rodrigues Sampaio, que viveu, trepou e engordou; os outros como elle assim fizeram.

Ha de convencer-se o *assignante* de que, se os esforços dos combatentes honrados da lucta liberal — esses ingenuos heroes — fôram adulterados pela exhibição d'um idolo e d'uma carta de alforria, a geração de hoje não limita as suas ambições ao *papelão do immortal Dador,* nem está disposta a curvar-se reverente perante os filhos ineptos do *idolo* que, em troca dos sacrificios da nação, inundou esta de sangue com as suas teimosias miseraveis e levou o cynismo ao ponto de ostentar a sua personalidade sobre as pôças de sangue da guarda nacional espingardeada no Rocio de Lisboa.

Em conclusão, ha de convencer-se de que a geração constitucional cumpriu o seu fado, a sua missão transitoria. Trabalhou por nós: agradecemos-lhe; mas, como estamos emancipados, hão de permit-

tir todos os *assignantes* que dispensemos a sua rhetorica, as suas *cornocopias* e as suas indignações.

E — tractar da vida.

29—4—81.

SILVA PINTO.

OS JESUITAS

O DISCURSO DE ALEXANDRE BRAGA

A dolorosa experiencia que nos deu, em face dos nossos homens publicos, a duvida systematica, deixou-nos entrever uma completa indifferença dos nossos governantes de hoje para com o protesto dos filhos do Porto contra os inimigos da Liberdade. Avultavam, por egual, aquella duvida e a recordação de factos que o Porto não esqueceu ainda — oito annos decorridos sobre a clamorosa infamia. Indicámos esses factos — o espancamento e a prisão dos liberaes e a recompensa ministerial ao commissario-mariola, de singular memoria miseravel. Hoje, como então, *Antonio Rodrigues Sampaio,* o transfuga resvalado á demencia, conspurca o ministerio do reino: hoje, como hontem, os liberaes do Porto nada teem a esperar d'esse abscesso da monarchia moribunda. Não ha declamações, nem hyperboles: o comicio realisou-se, a representação *desceu* ao rei, os jesuitas encheram de crimes a chronica do mez que findou, os orgãos jornalisticos dos lupanares-sacristias desentranharam-se em immortaes infamias contra os promotores do

comicio: conclusão — a reacção ultramontana progride e o governo auxilia-a com a sua descarada impassibilidade.

Entretanto, os senhores constituintes alliam-se ao ridiculo *Samodães,* o padre-mestre da *Associação Catholica;* e o analphabeto visconde de Fragozella, membro da *Associação Liberal,* põe as suas salas d'elle á disposição do grupo *José Dias, Samodães* e o mais da *troupe.*

Quatro jornaes archi-tolos applaudem tudo isto — e ahi está a situação!

E, comtudo, o protesto obteve — na defeza de Alexandre Braga — a brilhante consagração. Que monta, porém, o nome do illustre causidico aos biltres que espojam os suados coiros aos pés d'esse rei balofo cuja mãe infamaram e calumniaram? Que importa aos renegados da vergonha que o Porto firme esse protesto com o direito que se estriba em sacrificios excepcionaes, em singular dedicação e em patriotismo inexcedivel? Que representam hoje, aos olhos d'esses bandoleiros da politica latrinaria, as palavras *decoro, respeito á Lei, amor á Liberdade, vergonha, probidade* e *pudor?*

E, todavia, nós — pouco exigiamos. Evidentemente, o governo que tem por chefe um Rodrigues Sampaio, esse que ha pouco dizia: « Não sei o que é a ideia nova »: — tal governo está abaixo de exigencias que sóem ouvir e satisfazer homens sérios, espiritos progressivos. Não pediamos ao velho pamphletario convertido, que espirra citações de Horacio na *Revolução* soporifera, um passo na vereda nova. Pe-

diamos-lhe simplesmente a simplicissima vergonha, que não é moderna e que o velho transfuga possuia na vigorosa mocidade. No resvalo de torpezas politicas do grão-sabujo havia um meio de salvação perante a Posteridade: a homenagem de ultima hora, perto da sepultura, á Liberdade que affrontara e renegara. Mas o arrependimento não veiu, — como se a grandeza da infamia sem *macula* de remorso houvesse de attestar perante o futuro a grandeza da traição!...

O discurso de Alexandre Braga é um monumento: dar á narração de factos incontroversos um cunho de novidade; commover sem um resvalo sentimental; arrebatar sem explosões de effeito: ser a um tempo o artista, o historiador e o critico — impeccavel na entidade triplice: — tudo conseguiu o orador eminente, para gloria da causa defendida e para accrecimo de ignominia dos indifferentes.

« Vão ouvil-o defender a viuva e o orphão, no tribunal, e verão que poeta alli está ». Citamos de memoria as palavras de Camillo Castello Branco sobre o caudilho liberal que dos trabalhos do foro sahiu para a brecha na hora do extremo perigo. É *o poeta* — se é sêl-o abrir a alma a todas as amarguras e a todas as desgraças — do individuo e da patria — e ter para ellas o consolo, o alento e a revigoração, que brotam do talento culminante retemperado na summa bondade inesgotavel. Ah! se um sopro d'aquella chamma generosa alentasse os tantissimos corações frios da mocidade, para a lucta, para o trabalho, para a dignidade e para o dever, não haveria materia

para desalentos e tristezas entre os crentes no bem, no futuro e na humanidade libertada...

Ainda ha n'este Porto quem nutra a esperança e a acalente, á beira d'essa realeza miseravel. E, todavia, ahi estão os factos na sua logica inflexivel e clamorosa: — o partido progressista apoiando a reacção e apoiando-se n'ella; o partido regenerador disputando-lhe a influencia junto aos padres galopins e tendo no alto os *Americos,* e no fundo, no lodo da vasante — os *Barrozos* fétidissimos. Á ultima hora, o embryonario partido constituinte, que tem por chefe o maior dos cynicos, allia-se ao tal *conde de Samodães,* o heroe da *Catholica;* e o tal membro da Associação Liberal abre as suas portas aos fusionistas, para as sessões preparatorias d'essa imbecil iniquidade! A miseravel politica de soalheiro não trepidou em enxovalhar o partido liberal e a Associação que diz represental-o, no contacto com o reaccionario confesso, official, e tristemente reconhecido!

Alexandre Braga vem do seu trabalho de cada dia e parece dizer-nos no seu Discurso — que para lá volta, e que a tribuna popular o não terá tão cedo! Enganou-nos um temor doloroso, ou vingará realmente a cynica indifferença dos poderes publicos afastar da brécha o poderoso defensor da Liberdade em perigo? Ah! que elle não abandone essa tribuna, tão pobre desde a morte de Guilherme Braga! Que elle seja o protesto permanente em meio dos desanimos, o aviso aos incautos, o conselho aos neophytos, a luz aos myopes de intelligencia ou de são juizo!

Não é a hora dos simples vivas á Liberdade nas salas de espectaculo, dos enthusiasmos faceis que uma noite dissipa. Estamos na hora da suspeita que se robustece e que importa esclarecer! Ha TRAIÇÃO em toda a linha: no paço, no governo, nos centros politicos! A inepcia d'uns declamadores, suppostos revolucionarios, que levam aos botiquins e aos bordeis a *pose* da insignificancia assoprada, — essa inepcia dá vida e alento aos conspiradores, desanima o povo, perde o ensejo de alevantal-o para a lucta, faz retroceder a revolução! É preciso que os bons espiritos se unam. Em face da *santa alliança* do rei e dos seus partidos com a reacção ultramontana — alliança tão evidente, tão estreita e tão fertil em affirmações continuas, é dolorosa a suspeita de que esse bom espirito de Alexandre Braga volte ao que elle chama «a obscuridade do seu viver». Se é do Porto que mais uma vez tem de partir o grito de alarme, que esse grito se perpetúe, soltado pelo tribuno — até ao dia da acção!

17 — 5 — 81.

SILVA PINTO.

G

Pag. 420. *N'esse dia hei de fazel-o em bifes, se não preferir desfazel-o.*

Allude-se a um pobre diabo noticiarista que pede charutos á porta da Havaneza e que daria um

olho ao diabo (perdoae o plebeismo) em troca d'uma surra que lhe graduasse o nome em redondo. Elle góza, é certo, diariamente, a graduação supra; mas o instincto assevera-lhe que tal *caso* diario é assumpto para galhofa da gente séria que assiste ás cabriolas das bestas do noticiario, — sua mercê entre ellas.

Afóra, porém, o troca-tintas que mendiga charutos e pontapés, ha um sapateiro de escada que me consagra dichotes, *ás vezes,* n'uma papeleta jornalistica. Os dichotes são obra de encommenda. Eu tenho esperado, com a proverbial pachorra que Deus me deu, um coice que vingue offender-me. No dia em que tal succeder, não farei o sujeito *em bifes:* hei de fazel-o *em raspa!*

INDICE

	Pag.
Dedicatorias	V e VII
Silva Pinto e a sua obra	IX
Do Realismo na Arte	1
Camillo Castello Branco e « A Corja »	49
Do Estado do Theatro em Portugal	85
O « Hamlet » e a régia traducção	93
Celestina de Paladini	111
« O Saltimbanco »	129
« Um Divorcio »	141
« O Luxo »	151
« O Padre Gabriel » e a Critica	161
O « Kean »	171
« O Arco de Sant'Anna »	183
Ristori e Emilia das Neves	191
Os « Canticos da Aurora »	201
Os « Canticos da Aurora » e a Critica de sacristia	213
« Reflexos e Penumbras »	225
João de Deus	241
« Alexandre Herculano e o seu tempo »	251

	Pag.
Os Jesuitas	261
« Os Homens de Roma » e a Critica	337
Da Propriedade Litteraria	371
O Emprestimo de D. Miguel	383
« O Grande Homem »	407
A Vasante scientifica	433
Notas	439

ERRATAS

Pag. 3 e outras

Onde se lê *Comedia no Campo* leia-se *Comedia do Campo.*

Pag. 51

Dado que não vingue purificar-se leia-se *dado que não vinguem purificar-se.*

Pag. 79

Rénan leia-se *Renan.*

Pag. 147

Que a abnegação d'ella lhe destinara leia-se *que a abnegação d'ella lhes destinara.*

Pag. 168

Tenho horas para o estudo leia-se *Tenho horas para tudo.*

Pag. 200

As meditações do nosso collega leia-se *Ás meditações do nosso collega.*

Pag. 215

Esta allusão do kágado leia-se *Esta allusão ao kágado.*

Pag. 295

Ut est incognitus ad lupanar leia-se *Ut est incognitus ad lupanares.*

Pag. 405

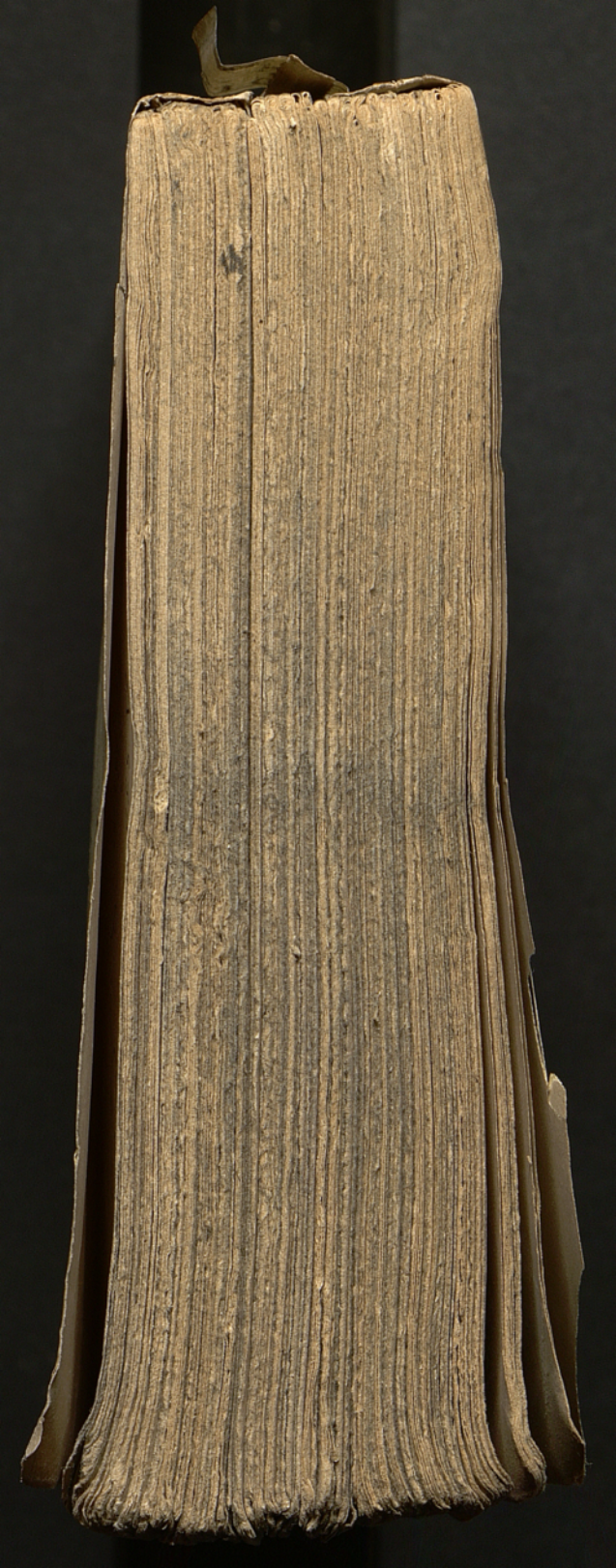
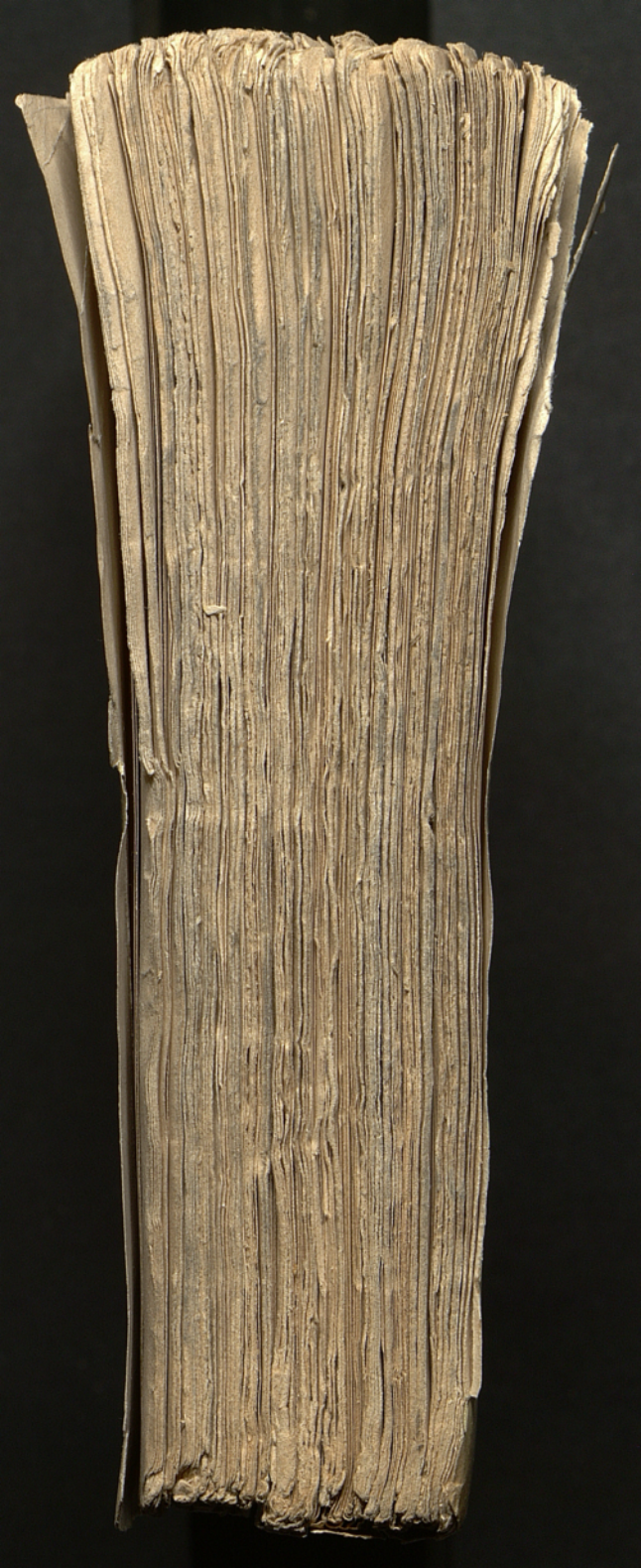
1880 leia-se *9 a 13 de janeiro, 1880.*

Pag. 418

Se me visse filado leia-se *se me visse filiado.*

Typographia de Antonio José da Silva Teixeira
62, Cancella Velha, 62

Obras de Silva Pinto

Questões do dia. 1870.
Sciencia e Consciencia. 1870.
Farçadas Contemporaneas. 1870.
Novas Farçadas Contemporaneas. 1871.
A Questão de imprensa. 1871.
Theophilo Braga e os Criticos. 1871.
Á hora da lucta. 1872.
Horas de febre. 1873.
O Espectro de Juvenal. 1873.
Eugenia Grandet. 1873.
O Padre maldicto. 1873.
Balzac em Portugal. 1873 — 2.ª edição.
Noites de vigilia (edição mensal). 1874.
Noites de vigilia (edição quinzenal). 1875.
Emilia das Neves e o Theatro portuguez. 1875 — 2.ª edição.
Contos Phantasticos. 1875.
Os Homens de Roma. 1875.
A Questão do Oriente. 1876.
Revista Litteraria. 1876.
Os Jesuitas (ao bispo Americo). 1877 — 3.ª edição.
Do Realismo na Arte. 1877 — 3.ª edição.
Nós e a alfandega do Porto. 1877.
O Padre Gabriel. 1877 — 2.ª edição.
Controversias e Estudos Litterarios. 1878.
No Brazil. 1879.
O Emprestimo de D. Miguel. 1880.
Realismos. 1880 — 2.ª edição.
Combates e Criticas. 1882.

△
536
PI